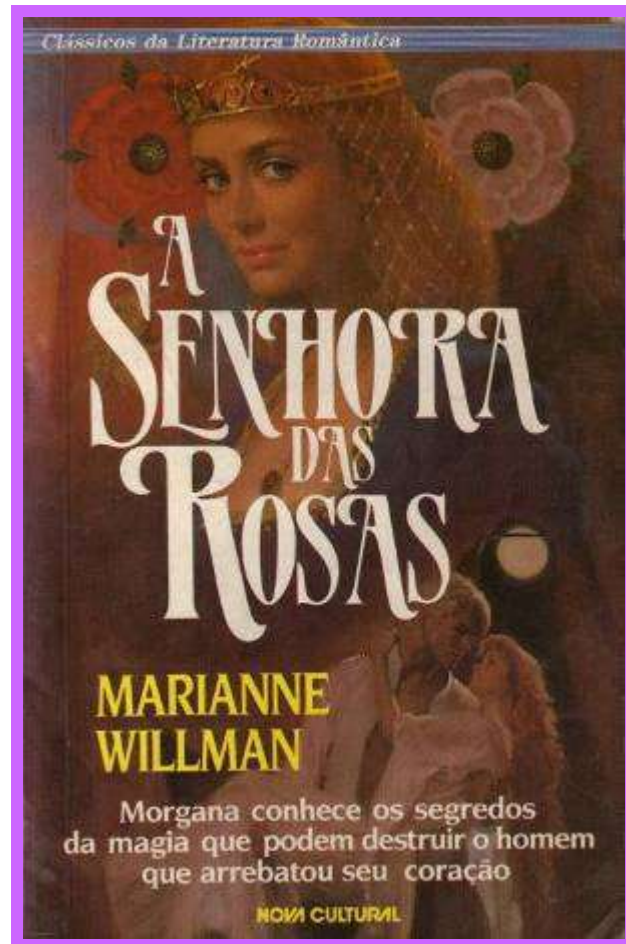




Com uma revolta incontida Morgana recebeu a ordem de casamento do rei. Era inadmissível aquela intromissão em sua vida. Afetiva ainda nem havia se refeito da dor e da humilhação do primeiro casamento.

A raiva da passional herdeira do castelo de Griffin voltou-se então contra o futuro marido, Ranulf de Orkney. Resolveu odiar com todas as forças o guerreiro rude e dominador que não tinha terras nem nobreza. E sua rebeldia cresceu quando se deu conta de que esse homem, com sua vibrante sensualidade, possuía uma arma preciosa para derrotar uma mulher nascida para a paixão.

As chamas do desejo e da traição se alastraram e envolveram Morgana e Ranulf num círculo de perigos. Amantes e inimigos, não escaparam das intrigas, das bruxarias... nem do amor



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Digitalização e Revisão: Cris Andrade

Título original: Rose Red, Rose White

Copyright: Marianne Willman
Publicado originalmente em 1989 pela
Harlequin Books, Toronto Canadá.

Tradução: Vera M. D. A. Renoldi

Copyright para a língua portuguesa: 1990
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000, 3º andar
CEP 01452 — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda.
Impressa na Artes Gráficas Parâmetro Ltda.



INTRODUÇÃO

A Inglaterra vivia dias trágicos. Após a longa e custosa Guerra dos Cem Anos, o país sofre a humilhação de perder seus territórios na França, e a privação das rendas provenientes desses ricos domínios. Os impostos aumentam para pagar as despesas da derrota, e o rei não controla mais os senhores feudais que ignoram

O poder real e fazem sua própria justiça. Os mercenários, agora sem o soldo de guerra nem o lucro obtido por meio do saque, percorrem o interior, pilhando fazendas e aldeias.

O clima de caos e violência propicia a guerra civil, o conflito mais dilacerante que a Inglaterra já sofreu: "a Guerra das Duas Rosas".

Duas famílias nobres reivindicam o direito divino de reinar: a casa de Lancaster, já há décadas no poder e cujo símbolo é a rosa vermelha, e a casa de York, a rosa branca. Ambas descendem de Henrique III e julgam-se herdeiras legítimas da Coroa Inglesa.

Para o povo, a dinastia de Lancaster significa a desonra nacional diante da França e um período de tumultos e injustiças. Cansados da sucessão de reis sem vigor, aceitam com entusiasmo a vitória de York.

Edward IV retrata o ideal dos reis de sua época: "corajoso como o leão e vestido como um pavão". Jovem, belo e dotado de um encanto irresistível, ele luta para consolidar seu poder. Atrás do amante dos prazeres mundanos, existe um soberano autoritário, inteligente e mais hábil que seus rivais. Domina as sucessivas revoltas, põe fim à anarquia e a Inglaterra volta a florescer sob seu reinado longo e, após os conflitos iniciais, de paz e prosperidade.

CAPÍTULO I

Torre de Londres

Sombria e sinistra torre, sempre envolta pela neblina densa. A fortaleza centenária evocava sofrimento e morte, cárceres lúgubres, torturas e o tétrico algoz de capuz negro e coração empedernido.

Nenhum barqueiro subia o Tâmesa depois do pôr-do-sol. Ninguém tinha coragem de passar diante do célebre Portão dos Traidores e acidentalmente vislumbrar a grade que se erguia para receber as vítimas, sem jamais devolvê-las com vida. À noite, só o velho Grym chegava até o fúnebre calabouço. A idade avançada amortecera seus sentimentos, provocando indiferença diante das ameaças, mais imaginárias do que reais. E, por ser o único, podia impor condições.

— Espero até a lua nascer, nem um minuto mais.

A voz do barqueiro não demonstrava a habitual rispidez. Quando a figura coberta por um manto negro pôs os pés em sua barcaça, desconfiou que uma mulher pretendia ir a um local onde poucos homens ousavam sequer se aproximar. Embora a capa fosse longa e ampla, escondendo sexo e idade do viajante, e o Ctpuz ocultasse seu rosto, o velho Grym não tinha dúvidas. Sentia pena da sua passageira porque só o desespero a levaria à fatídica masmorra, durante a noite e em um período de terror.

A Inglaterra vivia dias intranquilos. Na última conspiração, ceifada antes de se alastrar pelo país, a Rosa Vermelha de Lancaster fora brutalmente esmagada. Eduardo IV assumira novamente o poder, demonstrando a força da Rosa Branca de York. Apesar da vitória arrasadora, a traição pairava no ar e continuaria ameaçando a paz enquanto não terminassem as prisões e se executassem todos os implicados na revolta.

Com a resignação de quem já se acostumou às fatalidades do destino, o velho passou sob o arco do Portão dos Traidores, parando no cais de pedra gasta e coberta de limo. Apesar do escuro, notou a mão alva e de longos dedos que lhe entregou duas moedas de ouro.

— Não perca tempo, milady.

Assustada, a passageira anônima apressou-se em sair do barco. Seu vulto esguio foi envolvido pela neblina e logo desapareceu na sombra projetada pelas altas muralhas da torre. O velho barqueiro afastou-se do cais, procurando proteção na névoa baixa da margem do rio.

Quando perdeu de vista o barco, ela esgueirou-se ao longo da muralha. Seus passos furtivos não rompiam o silêncio da noite, mesclando-se com o suave bater da água nas pedras do cais. Ao longe ecoou um grito agudo, um grito de dor. O vulto

indistinto imobilizou-se por uma fração de segundo e, em pânico, começou a correr para o pátio externo.

Existia apenas uma entrada para visitantes clandestinos. Após as três batidas convencionais, a porta entreabriu-se sem ruído. Já fora destrancada e os gonzos estavam bem lubrificados. Então, fechou-se às suas costas, convertendo-a temporariamente em uma prisioneira da torre.

— Não tire o capuz antes de entrar na cela.

A voz rude pertencia ao zelador das portas da prisão que estendia a mão para receber seu pagamento. O homem corpulento, de traços duros e olhar indiferente, não se moveu enquanto não colocou as moedas de ouro no bolso do capote sujo.

Ela o seguiu em silêncio pelo labirinto de corredores estreitos, escadas em caracol e ante-salas úmidas. Perdendo a noção de quantos andares tinham subido, imaginou que estava no alto da Bloody Tower, a sangrenta prisão destinada aos traidores.

Seu guia finalmente parou e, erguendo a lamparina, apontou-lhe uma porta de ferro. A luz oscilante permitia apenas a visão das grades enferrujadas e o brilho metálico de uma armadura, no canto da ante-sala.

— Não se preocupe, o guarda tomou muito do meu vinho especial e vai dormir por algum tempo. Tem meia hora, e então eu baterei na porta para avisá-la que é hora de ir embora.

Depois de percorrer escadas e corredores imersos em trevas, a visitante ficou momentaneamente cega pela claridade ofuscante da cela. Um enorme candelabro com oito velas pousado sobre a toalha de linho iluminava os pratos de estanho polidos com restos de um lauto jantar. O prisioneiro continuava à mesa, saboreando um copo de vinho.

Ninguém duvidaria que nas veias daquele homem corresse sangue real. Como os Lancaster e os York, ele também descendia dos Plantagenetas, e, portanto era parente de Henrique II. herdara de seus ancestrais o físico bem-proporcionado, a altura, os cabelos loiros e encaracolados e a tez clara. A maioria das pessoas ficava fascinada com os olhos azuis excepcionalmente brilhantes e nem notava a boca sensual e dissoluta. Poucos percebiam as prematuras linhas que marcavam o rosto jovem e atraente.

O prisioneiro ergueu-se a fim de receber a visitante, fazendo um sinal para que o criado se dirigisse para a cela ao lado.

— Peço-lhe mil, perdões, bela dama. Como pode observar, já jantei, pois não ousei sonhar que teria o prazer de sua sublime companhia.

Após a saída do criado, ele homenageou a recém-chegada com uma galante reverência, cujo requinte destoava do ambiente sinistro.

— Espera que eu lhe diga como me sinto comovido diante de sua solicitude? Um tanto tardia, concorda?



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Com um gesto rápido, ele afastou o capuz que escondia o rosto da visitante e imobilizou-se, paralisado pela surpresa. Só uma mulher tinha cabelos de um ruivo dourado: a senhora de Griffin! Nenhuma outra possuía olhos comparáveis a águas-marinhas, oi a verdes, ora azuis, em mutação constante como o mar de Gales.

— Morgana!?

A exclamação refletia espanto e o silêncio prolongado demonstrou que ele esperava outra visitante e não a própria esposa.

— Vim trazer-lhe seus objetos de uso pessoal, Robin! Ela colocou uma pequena trouxa sobre a mesa. — E também achei que esta capa o ajudaria a suportar o frio. A primavera mostra-se relutante em chegar à Inglaterra neste ano terrível.

Enquanto tirava o pesado manto de lã, Morgana examinou a cela. Apesar de parcialmente mobiliada e com apenas uma fresta servindo de janela, o lugar não era tão sinistro como imaginara. Sobre o catre, repousava um colchão de penas e não de palha. Ao lado de uma cômoda entalhada, havia uma mesinha de xadrez com peças de marfim e ébano. Ela já percebera a comida boa e farta, portanto a situação não podia ser desesperadora.

Robin observava a expressão de Morgana ao avaliar os detalhes da cela. Seu sorriso, que conquistara tantos corações femininos, continuava fascinante e despreocupado como se estivesse em um salão da Corte e não na fatídica Torre de Londres.

— Seja bem-vinda ao meu reino, milady Hartley. Embora não seja extenso ou rico como o que eu esperava conquistar, não pertence a ninguém, só a mim.

Morgana ignorou o tom ferino de Robin.

— Ao menos está sendo bem tratado, não é?

— Tão bem quanto os traidores que sejam parentes do rei, minha cara. Edward não esqueceu que temos o mesmo sangue real. — Robin deu um sorriso cínico. — Desculpe-me a falta de modos, milady Hartley. Nem lhe perguntei a que devo a honra de sua visita.

— Triste é o casamento em que o marido precisa fazer essa pergunta. Estou aqui porque sou sua esposa e meu dever é ampará-lo em todas as circunstâncias, inclusive na adversidade.

Só os nobres entenderiam a fidelidade de Morgana, pois conheciam o lema de sua família: "Leal até a morte". Também compreenderiam a situação de Robin, visto que a divisa dos Hartley era: "Eu quero, eu tomo".

— Avise-me se precisar de algo além do que eu trouxe. Voltarei na terça-feira e...

— Ora! Então você não sabe? — A expressão de Robin revelava um cinismo amargo. — É estranho que um traidor, preso e afastado da Corte, receba notícias antes dos confidentes do rei.

— Que notícias? Eu não ouvi nada a seu respeito.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Meu querido primo Edward assinou minha sentença de morte. Amanhã, ao meio-dia, tenho um encontro marcado com o carrasco.

A mente de Morgana recusava-se a admitir a verdade. Atônita, ela permaneceu calada, fitando o marido com um olhar perplexo.

— Justiça poética, cara esposa! — prosseguiu Robin. — Nós nos casamos por ordem do rei e nosso divórcio se consumará através da espada do carrasco real. Ou será que sofrerei a humilhação dos traidores e terei a cabeça decepada por um vulgar machado? Bem, de qualquer forma, usarei minha nova túnica escarlate. É a cor ideal para que não se notem as manchas de sangue.

— Por Deus! Não zombe da tragédia, Robin! Deve haver algum engano. Edward teria me alertado se...

— Você sempre o amou, não é verdade? — O sarcasmo de Robin deu lugar à cólera. — Essa lealdade seria comovente se não conflitasse com seus deveres de esposa!

— Se existe algum amor, é o de um súdito em relação a seu soberano. Quanto à lealdade... jamais desonrei os juramentos proferidos no dia de nosso casamento.

— Realmente, querida esposa? Foi louvável de sua parte porque eu nunca respeitei promessa alguma, sempre a traí. Mas você ficou sabendo do meu comportamento infiel desde o início, não é?

Morgana perdera a conta das vezes que se sentira humilhada pelo sarcasmo ferino de Robin. E, como costumava acontecer, seu temperamento explosivo veio à tona.

— Se sua espada fosse tão afiada quanto sua língua, hoje você não estaria aqui, Robin!

— Tem razão, cara esposa. Agora só me resta rezar para que o machado do carrasco seja igualmente cortante.

— Sinto muito, Robin. — Ela envergonhou-se de sua falta de caridade. — Perdoe as minhas palavras impensadas.

Afastando-se da esposa, Robin foi até a janela estreita e fitou o céu.

— Hoje consigo enxergar duas estrelas. Meu diminuto reino duplicou seu tamanho porque ontem eu só divisava uma. Ah! Amanhã verei todas elas ou talvez nenhuma. Acredita que seja possível avistá-las no inferno?

— Por favor, Robin... Desculpe-me.

Quando ele voltou-se para fitá-la, seu rosto não demonstrava amargura ou desprezo e nem o eterno sarcasmo.

— Eu é que preciso de perdão, Morgana. Estou me referindo ao passado e não às palavras de momentos atrás. Só busquei prazeres e poder e meus desejos egoístas provocaram uma situação trágica para nós dois.

Robin colocou as mãos nos ombros da esposa. Seu rosto refletia uma seriedade inusitada e em seu olhar lia-se um apelo indefinível. Pediria para ser condenado pelo desatino cometido ou perdoado pelos erros do passado?

O casamento dos dois havia sido uma união exclusivamente política. O feudo de Morgana no País de Gales proporcionaria a Robin a posse de terras e propriedades que nunca tivera, e, em troca, ele ofereceria à esposa o benefício de sua proteção. Segundo o rei Edward, um contrato judicioso e lucrativo que satisfaria as duas partes.

Morgana queria um casamento feliz. Tentaria construir uma vida em comum, sem pensar nas esperanças e sonhos desfeitos pela ordem real. Na noite de núpcias, descobriu que fora derrotada antes de iniciar a luta. Após a consumação, o marido deixara o leito matrimonial a fim de passar o resto da noite nos braços da amante. As humilhações sucessivas atingiram o limite quando Robin usou toda a fortuna da esposa para financiar sua insurreição contra Edward. Por esse ato de irresponsável loucura, ela quase perdeu todas as propriedades, que passavam às mãos do rei em casos de traição.

Agora Robin estava colhendo os frutos amargos de sua ambição desmesurada.

— Talvez Edward escolha melhor o seu próximo marido, Morgana.

— Não pretendo casar-me de novo. Prefiro entrar- para um convento.

— Você merecia alguém que a idolatrasse — continuou ele, ignorando a interrupção. — Não fui um marido ideal porque amava outra mulher e sonhava em casar-me com ela.

— Eu sei...

— Sabe apenas que eu queria lady Anne por esposa, Morgana. Jamais conseguirá avaliar a dor de desejar uma mulher e ser obrigado a desposar outra!

A raiva de Morgana, como sempre, a levava a reagir impulsivamente.

— Sua autopiedade o cegou, Robin. Nunca lhe ocorreu que você não era o único a amar a pessoa errada?

A expressão chocada de Robin seria cômica em outras circunstâncias. Nunca passara por sua cabeça que Morgana também tivesse motivos para se revoltar contra as ordens de Edward. Ele esforçava-se visivelmente para controlar o orgulho ferido e a surpresa.

— Então você honrou os juramentos matrimoniais com mais dignidade do que eu.

— Robin ofereceu um copo de vinho à esposa, desviando o olhar antes de prosseguir: — Posso saber o nome dele?

— É tolice voltar a um passado extinto, Robin. Ele casou-se com outra e morreu para mim.

Morgana surpreendeu-se com sua frieza ao mencionar o amor da juventude. A antiga mágoa desaparecera sem deixar vestígios. Quando ergueu a cabeça para esclarecer melhor suas palavras, notou que Robin já não pensava mais naquele assunto.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Acho surpreendente que você continue na Corte. Seria bem menos embaraçoso se permanecesse no seu castelo em Gales, até este triste episódio terminar.

— A decisão não está em minhas mãos. Fui convocada para vir a Londres como "convidada" do rei. Edward é cauteloso, quer certificar que não lhe darei herdeiro póstumo, Robin.

— Espanta-me que ele tenha permitido a sua visita.

— Não, Edward proibiu-me de sair do palácio.

O silêncio de Robin demonstrou a extensão de sua surpresa.

— Você desafiou a autoridade real por minha causa, Morgana?

— Eu jurei, diante de um padre, que o confortaria todos os dias de nossa vida em comum. Nunca quebro minhas promessas. Também pensei que conseguiríamos nos aproximar, superar velhas mágoas e... recomeçar.

Robin lutou contra uma emoção inesperada e intensa. Como conhecia pouco a mulher com quem se casara há quase quatro anos! Durante esse período, não tinham passado nem seis meses juntos e por culpa sua. Morgana o surpreendia com a nobreza de suas atitudes e mostrava-se digna de admiração pela coragem.

— Ah, minha esposa... se ao menos tivéssemos nos conhecido melhor!

Morgana procurou em vão pelo olhar sarcástico de Robin. Ele demonstrava apenas arrependimento e respeito. Infelizmente, não haveria um novo começo para os dois e lhes restavam alguns minutos apenas. Ouvindo a primeira batida à porta, retirou um frasco de cristal do bolso da capa leve que havia vestido sob o manto negro. Incapaz de falar, ofereceu-o ao marido.

— Você pensou em tudo, não? É suficientemente letal?

— Sinto muito. Não consegui nada mais forte. Apenas ajudará a diminuir o medo e a dor.

O frasco de cristal lapidado cintilava na mão de Robin, um brilhante precioso com o coração escuro e amargo. Ele examinou o veneno como se tivesse em seu poder uma pedra de raro valor. Então, erguendo a cabeça, devolveu-o à Morgana.

— Agradeço-lhe a lembrança generosa mas não preciso mais fugir. Você desafiou o rei para ajudar um marido que só a humilhou. A sua coragem deu-me as forças que eu necessitava para enfrentar a morte com dignidade.

Impulsivamente, Robin tomou a esposa nos braços e beijou-a com paixão. Morgana teve a certeza de que, pela primeira vez, o marido não a beijava pensando em outra mulher. Era tarde demais. Além da emoção da despedida, ela não sentiu nada, a não ser uma piedade infinita.

Então Robin a soltou bruscamente.

— Não se arrisque mais, Morgana. Vá logo embora, e que Deus a acompanhe.

Chegando à porta, ela lançou um último olhar, seu adeus final à esperança de recomeçar.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

O carcereiro a esperava, com uma expressão de contrariedade no rosto rude.

Acho melhor apressar-se. Houve um imprevisto e a torre está cheia de estranhos. São homens do rei...

Morgana seguiu a luz da lamparina que se afastava rapidamente. Cega pelas lágrimas, não pensava no perigo de ser desmascarada pelos guardas de Edward. Sofria por Robin, por seus sonhos de poder que teminariam no cadafalso. Apesar de não amá-lo, jamais tinha desejado que o marido morresse nas mãos de um carrasco.

Ela mal percebeu a chegada ao vestíbulo no final das escadas.

Quase foi ao encontro às costas do carcereiro que parara desubi-lamente e estendia a mão para receber o resto do pagamento.

— Nossos caminhos separam-se aqui, milady. Vá tateando a parede. Quando o corredor terminar, dê dez passos à frente. O portão estará aberto, é só sair...

Antes que Morgana pudesse protestar contra a mudança de planos, o homem desapareceu, deixando-a em plena escuridão. Lutando contra as lágrimas e o pânico crescente, ela tentou Orientar-se sem precisar pôr as mãos na parede. Infelizmente, não havia outro meio.

À sua volta, ouvia-se o ruído de ratos e teias úmidas prendiam-se em seu rosto. O medo apagou os últimos vestígios de prudência e Morgana correu, desesperada. Sem fôlego e coberta de suor frio, ela alcançou o pátio interno. Suspirando aliviada, reuniu toda a energia para chegar até a porta.

Então, Morgana bateu de encontro a um obstáculo inesperado. A poucos passos da liberdade fora capturada por um dos homens do rei.

— Peguei o fugitivo! — gritou uma voz ríspida. — Tragam as tochas!

Subitamente, o pátio iluminou-se. Os guardas formavam um círculo em torno do prisioneiro.

— Por São Jorge, senhor! — exclamou um deles. — É apenas uma mulher.

Fortemente presa de encontro ao peito amplo de seu captor, Morgana não podia vê-lo. Enxergava apenas o tom azulado da túnica bordada e percebia a rigidez dos elos metálicos da cota de malha sob o tecido. Sem condições de lutar contra a mão brutal que segurou seu queixo, ela sentiu a cabeça sendo forçada para trás.

Morgana reconheceu o homem que a capturara. Apesar de não terem sido apresentados, já vira o "Cavaleiro Dourado" na Corte. Aliás, mulher alguma deixaria de olhar para o atraente e célebre guerreiro de cabelos muito loiros e olhos de um azul-escuro como o mar do Norte. Seu nome era Ranulf, o nórdico, companheiro de armas e fiel amigo do rei.

Ele porém não reconheceu sua prisioneira. Poeira, limo e teias de aranha acentuavam a palidez do rosto e apagavam o brilho acobreado dos cabelos. O jogo de luz e sombras deformava os traços perfeitos de Morgana, transformando-a em uma criatura envelhecida, esquelética e suja.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Estava se escondendo de quem, mulher? — perguntou ele, sem soltá-la. — Então? Perdeu a língua?

— Por favor... deixe-me ir...

— Só quando me disser o que a traz a estas horas ao pátio da torre. Veio a mando de sua senhora ou por conta própria?

Morgana controlou-se para não demonstrar seu alívio. Ele a confundira com uma criada. Ainda havia uma chance de escapar sem ser reconhecida e não provocar a fúria do rei diante de sua desobediência.

— Meu bondoso senhor... — Ela disfarçou a voz, forçando-se a falar com humildade. — Não tive intenção de causar nenhum problema. Vim visitar... meu homem.

— Então trate de voltar para sua casa. — Ranulf começou a rir e soltou-a de seus braços. — A noite é perigosa para mulheres desacompanhadas.

Ouvindo as risadas e os comentários grosseiros dos guardas, Morgana fugiu para o portão, sem olhar para trás. Do lado de fora da torre, o nevoeiro aumentara e uma claridade colorindo o rio indicava que a lua logo nasceria. Com medo de perder o barqueiro, ela correu até o cais.

— Esperem! Detenham a mulher! — gritou o capitão da Guarda Real, chegando ao pátio interno.

Ranulf escancarou o portão e tentou alcançar a fugitiva. Seus homens o seguiram em meio ao nevoeiro denso e todos ouviram o som do barco se afastando da Torre.

— Tarde demais, capitão. Quem era ela?

— Vi-a de longe, sir Ranulf. No entanto, tenho quase certeza de que era lady Morgana Hartley, a esposa do traidor condenado à morte. Se o rei souber disso...

— O que importa é o prisioneiro. Ele, está bem guardado?

— Sim... — O capitão suava, apesar do frio. — Ele continua em sua cela.

— Então esqueça-se do que viu. Amanhã, Robin Hartley será executado e ninguém se interessa pela vida amorosa de um cadáver. Basta manter-se vigilante até a hora marcada, capitão.

Ranulf permaneceu no pátio enquanto os guardas voltavam para seus postos. Ele conhecia Robin Hartley e não entendia como um homem atraente e disputado por belas damas casara-se com alguém tão sem atrativos e muito mais velha que o marido. Sem dúvida, devia ser uma mulher rica e senhora de algum feudo poderoso.

Palácio de Westminster

Centenas de velas iluminavam o salão, acentuando o colorido das tapeçarias flamengas que adornavam as paredes e dos tapeies sarracenos sobre as esteiras de junco que recobriam o chão de pedra. O brilho das baixelas de ouro e prata refletia-se nos trajes luxuosos e nas jóias resplandecentes dos cortesãos.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Havia muitos anos a corte inglesa não demonstrava tanto fausto. Havia anos também que não reinava um soberano como Edward IV.

Pousado sobre a túnica de veludo escarlate e preso a uma grossa corrente de ouro, refulgia o célebre sol de brilhantes perfeitos, presente do rei da França ao vencedor da Guerra das Rosas. Edward de York triunfara, esmagando a casa de Lancaster e consolidando seu poder. Ele continuava fascinando homens e mulheres, principalmente sob a luz suave das velas que escondia os primeiros sinais de envelhecimento no rosto sensual. Também não perdera o desejo de gozar todos os prazeres da vida, adorando banquetes luxuosos, música e danças até o raiar do sol e as intrigas amorosas de uma Corte que refletia o temperamento flamejante de seu rei.

Sentado ao lado direito de Edward, Ranulf não demonstrava a mesma satisfação diante da alegria geral. Não se sentia-se bem no ambiente sufocante dos salões e trocaria de bom grado os trair, requintados pela armadura. Já se cansara da vida artificial da Corte e preferia o vinho e o aroma agreste dos campos aos perfumes exóticos dos cortesãos.

Obedecendo às ordens do rei, o harpista começou a tocar uma canção de amor. Os acordes suaves do instrumento despertaram em Ranulf a costumeira sensação de perda. Em um passado distantes, na longínqua Irlanda, ele acreditara que seu talento o levaria a ser um famoso trovador. Não lhe faltara o dom musical e sim os recursos necessários para mantê-lo no Colégio dos Bardos. A força das circunstâncias o impedira de usar suas mãos para dedilhar a harpa ou o alaúde. Aprendera a manejar as armas, tornara-se um guerreiro famoso, o paladino do rei.

Sem perceber os olhares femininos que não perdiam nenhum dos seus movimentos, Ranulf suspirou, entediado. Precisava de ação, não era um cortesão delicado e queria a vida rústica das campanhas militares. Tinha de conversar com o rei e pedir-lhe permissão para partir.

Edward não ignorava o estado de ânimo de seu companheiro de armas. Percebera havia meses que o irrequieto Ranulf já não suportava o confinamento da Corte e uma idéia germinara em sua mente. Tinha chegado a hora de colocá-la em prática!

— Está muito silencioso, companheiro de lutas. Aliás, sua companhia começa a nos entediar. — A expressão de Edward era nitidamente maliciosa. — Passou a noite inteira com a expressão melancólica de um amante frustrado. Por acaso alguma dama conseguiu derreter seu coração de ferro, sir Ranulf?

— Não se trata disso, meu senhor. Eu gostaria...

— Então o problema só pode ser de natureza oposta! — continuou Edward, ignorando a interrupção. — Seu bem-estar nos preocupa, sir Ranulf. Talvez tenha chegado o momento de escolher uma esposa e levar uma vida mais acomodada.

— Peço-lhe perdão antecipadamente por contradizê-lo, meu senhor. Falta-me vocação para a vida conjugal e não preciso ou sequer desejo uma esposa.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— No entanto, suspira e se comporta com a inquietação de um adolescente apaixonado, velho amigo.

— Garanto-lhe que o amor não é o motivo de minha agitação, senhor. Na verdade, luto contra o tédio porque estou parado há quase seis meses. Confesso que anseio pela vida ao ar livre e gostaria de ir para o Norte. A defesa das fronteiras deveria ser reorganizada e eu sinto falta de ação.

— Agora tenho certeza absoluta, sir Ranulf. Precisa de uma esposa que desperte o seu desejo de permanecer no lar. — Recostando-se na cadeira, Edward apontou para a multidão ricamente vestida. — Não encontrou nenhuma mulher atraente entre minhas damas?

— São todas belas, mas... — Ranulf não disfarçou seu enfado — não gosto de mulheres pintadas, ambiciosas e de língua afiada, senhor. Prefiro tipos mais doces.

— Então seu ideal feminino não é uma dama da Corte.

— Não, senhor — respondeu Ranulf, começando a se inquietar com a insistência de Edward.

— Deve ser bela, certo?

— É claro.

— E criada no campo?

— Talvez...

— Uma rica herdeira, sem dúvida.

Preocupado com o brilho malicioso no olhar de Edward, Ranulf tentou encerrar a conversa, zombando daquele assunto perigoso.

— Sem dúvida! Se existir alguma tola que aceite casar-se com um cavaleiro sem terras ou fortuna e se contente apenas com dois braços fortes. Conhece uma mulher bela, rica e... pouco ambiciosa?

— Bem... prefiro que você tire suas próprias conclusões, meu caro amigo!

O rei chamou um jovem pajem e transmitiu-lhe uma ordem. Tinha a expressão satisfeita de um garoto travesso que se orgulhava de sua esperteza e habilidade em preparar armadilhas.

Ranulf disfarçou o pânico crescente, certo de que Edward pretendia divertir-se à sua custa. Já fora alvo das brincadeiras reais e imaginava que o pajem retornaria ao salão trazendo uma novilha ou talvez uma velha mendiga para apresentá-la à corte como sua futura esposa.

No entanto, desta vez o feitiço se voltou contra o feiticeiro. Após meia hora, o pajem voltou, pálido de medo, e ajoelhou-se diante de um rei que não escondia seu desagrado com a demora.

— Fale! Por que não a trouxe, rapaz?

— Ela não quis vir comigo, meu soberano.

— O quê?



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

A voz do rei ecoou pelo salão, imobilizando dançarinos e músicos. Todos disfarçaram seu medo diante da cólera que se apossara de Edward, recomeçando a tocar com mais vigor e a dançar com olhos baixos.

— Guardas! — gritou o rei, batendo com o punho fechado sobre a mesa. — Sigam este rapaz. Ele os levará até o quarto de uma certa dama. Tragam-na imediatamente à nossa presença.

Um murmúrio excitado dominou o salão. Ninguém prestava atenção aos passos do parceiro de dança, aguardando a chegada da misteriosa dama que se recusara a obedecer o rei. Quando os guardas retornaram trazendo uma mulher vestida de negro da cabeça aos pés, todos pararam, à espera da explosão real.

A brincadeira terminara. O rosto de Edward perdera o ar travesso, assumindo uma autoridade que não admitia ser contrariada. Rubro de cólera, ele apertou o cálice de ouro até dobrar a haste delicada.

Agora era Ranulf quem se divertia. Escondendo o riso, examinou a figura esguia e graciosa que se curvou respeitosamente diante do rei.

— Levante-se, milady. — Edward mal controlava a fúria. — Poderá nos explicar por que se recusou a obedecer uma ordem real?

— Julguei que fosse um pedido, meu soberano. — Embora delicada, a voz revelava firmeza. — Preferi não empanar o brilho da festa com meu luto fechado.

— Realmente! Como ousa vir à nossa presença com esses trajes? — Com um gesto brusco, Edward arrancou o véu que cobria o rosto de sua convidada.

A jovem, cuja beleza igualava-se à sua ousadia, estava pálida de emoção. Os olhos azuis-esverdeados faiscavam de raiva e o queixo desafiante demonstrava sua obstinação.

Como sempre, o rei foi incapaz de resistir à beleza feminina. Diante do seu sorriso, os cortesãos respiraram aliviados.

— Aproxime-se, lady Morgana.

Atônito, Ranulf olhou novamente para a recém-chegada. Só havia uma lady Morgana na corte: a esposa de Hartley, o traidor. Quem seria a mulher sem atributos que encontrara na torre? E qual o motivo da presença dela após as inquietantes insinuações de Edward?

Morgana segurou a mão que o rei lhe estendia e subiu os degraus da plataforma para sentar-se à mesa real. Já presenciara numeras vezes as cóleras devastadoras de Edward, porém sempre dirigida contra outros. Enfrentara-o algumas vezes sem nunca ultrapassar os limites da prudência. Agora temia ter colocado sua vida em perigo. Estranhamente, o rei a fitava com um sorriso bem-humorado.

— Pode nos esclarecer sobre a razão de seus trajes enlutados? Ainda não ficou viúva, lady Morgana.

— Apenas antecipei-me, majestade. Amanhã terei motivos suficientes para vestir-me de preto.



CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

— Nós discordamos, lady Morgana. A Corte não é lugar para cores sombrias. Aliás, nós detestamos tons lúgubres!

A excitação nos olhos de Edward desmentiam sua expressão severa. Ele mal controlava o riso quando pediu a Ranulf para aproximar-se.

Lado a lado, estavam os dois mais belos homens da corte inglesa. À luz das tochas e velas, os cabelos brilhavam como ouro e ambos retratavam o ideal do cavaleiro másculo. Todas as mulheres do salão dariam alguns anos de suas vidas para serem escolhidas como esposas ou amantes de um deles.

Para surpresa geral, Edward tomou as mãos de Morgana e Ranulf entre as suas.

— Querida lady Morgana, nós conhecemos de longa data o seu lado temperamental que precisa ser guiado por um homem firme. Também não ignoramos que suas extensas propriedades são vulneráveis e cobiçadas, portanto necessitam da proteção de um guerreiro leal ao rei.

Com um sorriso triunfante, Edward fingiu não notar a expressão consternada de seu leal e mais dedicado cavaleiro.

— Reconhecemos seus valores, sir Ranulf. Ninguém lutou e esforçou-se pela vitória de nossa causa com lealdade comparável a sua. Como diz a Bíblia, um homem precisa do conforto de uma mulher, não lhe convém viver sozinho. Nós decidimos dar-lhe uma esposa que traga consigo as terras e a fortuna que você nunca possuiu. — Juntando as mãos de Ranulf e Morgana, ele prosseguiu: — É uma bênção divina que as necessidades de ambos se completem nesta união desejada pelo soberano da Inglaterra!

Os dedos de Ranulf apertaram involuntariamente a mão delicada de Morgana. Seu rosto severo exprimia um horror tão nítido que ela teria rido se a situação não fosse trágica. Também sentia-se chocada e furiosa com a falta de sensibilidade de Edward. Como podia obrigá-la novamente a casar-se sem amor e por conveniência real? Mais uma vez não seriam levados em conta seus sentimentos, forçando-a a aceitar um desconhecido por marido antes mesmo da morte de Robin?

A atitude de Edward demonstrava uma total indiferença diante das emoções tumultuadas dos participantes involuntários do drama. Sua única reação era sorrir alegremente, divertindo-se com a reação do choque dos futuros cônjuges. O poder real, que significava a aceitação incondicional de responsabilidades, deveres e obrigações, tinha ao menos um lado gratificante. Ele adorava o direito divino de manipular o destino de seus súditos.

— É nosso desejo que este casamento se realize o mais brevemente possível. Portanto, nós decidiremos agora a data do noivado

Ranulf e Morgana prenderam a respiração à espera do golpe final.

— Nós oferecemos a cerimônia de noivado que se realizará durante a festa de São Elgin.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Morgana sentiu-se presa numa armadilha fatal. No rosto de seu futuro marido lia-se o mesmo pânico diante do inevitável. A festa de São Elgin seria dentro de quatro semanas, apenas vinte e oito dias os separavam de um casamento que ambos repudiavam.



CAPÍTULO II

Desde cedo, o povo começou a dirigir-se para Tower Hill. O sol pálido da primavera iluminava a esplanada da torre, agora tomada pela multidão que jamais perdia o espetáculo de uma execução pública. Comerciantes e mestres-artesãos ricamente vestidos misturavam-se a vendedores, aprendizes e diaristas em trajes humildes. Não faltavam peixeiros malcheirosos, debochadas mulheres que freqüentavam as tavernas do cais nem cavalaria de botas enlameadas.

Do alto da colina, Ranulf procurava, em vão, o brilho de ouro acobreado dos cabelos de Morgana. A porta da Bloody Tower, seu primo Desmond ergueu a mão, avisando-o de que o prisioneiro chegava ao pátio. O toque fúnebre dos tambores silenciou a multidão que permanecia estática à espera do carrasco. Aproveitando a imobilidade geral, ele abriu caminho entre os corpos que se apertavam para chegar mais perto do cadafalso. Abram caminho em nome do rei!

Os mais jovens afastavam-se imediatamente, fascinados com o dragão dourado sobre a túnica branca e azul. Quem não reconheceria sir Ranulf, o paladino do rei? Todos admiravam o célebre guerreiro, nascido nas ilhas Orkney, de linhagem nórdica e irlandesa, que chamavam de "Cavaleiro Dourado".

Lancas e alabardas rebrilhavam ao sol. Os guardas estavam checando com o condenado à morte.

Frustrado, Ranulf ia chamar seus guardas para ajudarem a encontrar Morgana quando a reconheceu a menos de dez passos dali. Ninguém notara a jovem esguia, com uma capa marrom e discreta que cobria a cabeleira flamejante. No entanto, logo perceberiam os traços aristocráticos e a postura nobre ou entreveriam Uma mecha dos cabelos sedosos. Havia centenas de nuances que iam do vermelho quase negro ao ruivo-alourado, mas só uma mulher tinha aquele tom raro de ouro e cobre.

Mesmo com raiva, Ranulf admirava a coragem dela. A teimosia obstinada de lady Morgana era uma fonte inesgotável de problemas que ameaçava a segurança de ambos. No entanto, ele sentia a força daquela mulher frágil e sem parentes poderosos que desafiava a cólera real para estar presente à execução do marido.

De queixo erguido e olhos secos, ela fitava os guardas que conduziam o prisioneiro.

Ranulf nunca se apaixonara e imaginava que só um amor muito profundo provocaria essa demonstração de fidelidade. Ele prezava a lealdade acima de todas as virtudes desde que não chegasse às raias da loucura. E Morgana certamente perdera a cabeça ou não teria desafiado Edward, arriscando-se a conseqüências imprevisíveis.

Além disso, damas não estavam preparadas para cenas sangrentas como a execução de um traidor!

Morgana não percebeu a aproximação de Ranulf. Via apenas o quadro funesto diante de seus olhos: os guardas com suas túnicas vermelhas, o carrasco de capuz negro e Robin.

Apesar de pálido, ele enfrentava o algoz com uma expressão despreocupada. O condenado, sedutor e sem medo, conquistou a simpatia da multidão com a mesma facilidade com que atraía um exército de fiéis seguidores para traírem o rei. Robin deu um passo à frente e seu olhar cruzou-se com o de Morgana. Um leve sorriso tocou seus lábios. Era o último adeus.

Mesmo admitindo que jamais esqueceria um único detalhe daquele dia trágico, Morgana recusava-se a ir embora. Em suas veias corria o sangue de lendários reis celtas e deles herdara o orgulho e a coragem. O casamento com Robin fora um fracasso, e só lhe trouxera humilhação. No entanto, continuava sendo esposa daquele homem insensato e não o deixaria enfrentar a morte sozinho.

O toque dos tambores acelerou-se. O padre aproximava-se do condenado para dar-lhe a absolvição. Todos os olhos porém se dirigiam ao machado que brilhava nas mãos do carrasco. Há muitos anos, os traidores de origem nobre não sofriam essa desonra, sendo decapitados com uma espada. Robin não merecera tal cortesia e enfrentar ia a morte do modo mais humilhante.

A angústia de Morgana impediu-a de gravar os últimos momentos daquela cena mórbida. Viu Robin ajoelhar-se, distinguiu vagamente o brilho do machado que se erguia e mais nada. Uma sombra ergueu-se à sua frente e braços fortes a forçaram a virar-se de costas. Ela ouviu o baque surdo da lâmina, o murmúrio crescente da multidão e desmaiou.

Quando ela recuperou a consciência, tentou afastar o homem que a arrastava em direção ao rio. Não precisava ver-lhe o rosto para adivinhar quem era: só Ranulf teria a audácia de assumir essa atitude autoritária. Enfurecida, mordeu a mão que cobria sua boca impedindo-a de pedir ajuda.

Sem soltá-la, Ranulf empurrou Morgana de encontro à muralha enquanto examinava o ferimento.

— Como ousa interferir? — explodiu ela, deixando cair o capuz. — Com que direito põe as mãos em mim?

— Cale a boca ou não escaparemos vivos de sua aventura alucinada — resmungou Ranulf, jogando-a sobre os ombros. — Não pretendo morrer por causa dos caprichos de uma mulher mimada, milady.

— Ponha-me no chão! — Morgana batia nas costas dele, revoltada com o tratamento grosseiro. — Deixe-me em paz!

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Surdo aos protestos, Ranulf continuou caminhando até se afastarem da multidão. Ele só a soltou quando chegaram à beira do rio, onde seus homens o esperavam.

Subitamente, Morgana conscientizou-se do perigo. Robin morrera por desafiar a autoridade real e ela tinha cometido a mesma loucura. Edward recusara seu pedido, proibindo-a terminantemente de comparecer à execução do marido. Agora estava rodeada por um grupo de homens, entre os quais Desmond de Orkney, O primo de Ranulf. Será que iriam entregá-la ao rei?

— O que pretende fazer? — reagiu ela, ao notar que Ranulf a colocava sobre seu cavalo. — Não tem direito de me obrigar..

— Pare de falar e pense, milady.

Não adiantava protestar. Rodeado por seus homens, Ranulf cavalgava ao longo do cais, e os habitantes de Londres, sempre teimosos e briguentos, afastavam-se para dar caminho aos guardas do rei.

Ranulf não sentira remorsos em colocá-la nas mãos de Edward. Ele deixara bem claro que não a queria como esposa, mas sem dúvida desejava suas terras e sua fortuna. Se a denunciasse ao rei, Morgana seria enviada para um convento e teria as propriedades confiscadas. Que plano perfeito para livrar-se de um casamento indesejável sem perder o dote da noiva!

Ao perceber o caminho escolhido por Ranulf, sua revolta transformou-se em pavor. Estavam em algum lugar do porto, e no cais deserto não havia ninguém para ouvir os gritos de uma mulher desesperada. Talvez seu corpo fosse encontrado quando a maré subisse, pois então o Tâmis jogava os detritos humanos nas margens lodosas.

Mais uma vez o pânico a impedia de notar os detalhes. Morgana só percebeu a barcaça quando Ranulf a empurrou sobre as almofadas do banco.

Era um barco de luxo, com cortinas de brocado ao redor do recinto de passageiros. Divãs e bancos cobertos de cetim ofereciam conforto e privacidade às convidadas de Ranulf, o nórdico.

Morgana continuava convicta de que seria jogada em algum ponto do rio. Quando Ranulf colocou as mãos sobre seus ombros, teve certeza de que chegara sua hora. No entanto, não desistiria de lutar!

— Não pode ficar quieta, mulher?

— E deixar que você me estrangule sem encontrar resistência?

— Por Deus! Eu nunca senti uma tentação tão forte como esta antes! Você é a mulher mais infernal que tive o infortúnio de encontrar!

Morgana fitou o rosto muito próximo ao seu e sentiu o pavor crescer. Os olhos de Ranulf, azuis e frios como o mar do Norte, revelavam seu temperamento selvagem e violento. Ele arrancou-lhe a capa e jogou-a no rio. Então iria espalhar suas roupas pelo Tâmis a fim de dificultar o reconhecimento do corpo?



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— A capa pertencia à minha criada. — Ela tentou manter a voz calma. — Pedi-lhe que me emprestasse...

— Eu comprarei outra. Agora, preste atenção, por favor! Quero que confirme minhas declarações quando chegarmos ao palácio. Nós dois passamos a manhã no barco a fim de... nos conhecermos melhor, entendeu?

— Lógico. — Morgana lorriu desdenhosamente. — Só que ninguém acreditará em suas palavras. Todos presenciaram nosso...encantamento ao sermos apresentados. Vão rir à nossa custa!

— Acha mesmo?

A rapidez de Ranulf tomou Morgana de surpresa. Antes que pudesse reagir, foi jogada sobre o divã e presa de encontro às alumiadas pelo peso do corpo dele. Impossibilitada de mover-se, não pôde impedi-lo de retirar as presilhas de marfim de seus ca-belos, que se espalharam no veludo azul.

— Pare! Ficou louco?

— A loucura é toda sua, milady. Acho que ainda não percebeu a gravidade da situação, sabe? O rei ficou fora de si hoje cedo ao descobrir a sua ausência no palácio. Se pretende sobreviver a essa aventura insensata, precisa convencer Edward de que nós dois passamos a manhã juntos... no rio e não na torre!

Enquanto Morgana tentava assimilar o perigo que corria, Ranulf continuou executando seu plano. Pretendia retirar a renda que orlava o decote do vestido para dar a todos a impressão de terem trocado carícias íntimas. Infelizmente, não calculou a ten-são provocada pelos acontecimentos da manhã nem avaliou sua força. Junto com o enfeite, ele arrancou a frente do corpete.

— Animal! — gritou Morgana, cobrindo os seios nus com uma das mãos e defendendo-se com a outra. — Bárbaro selvagem!

Ranulf não sentiu as unhas de Morgana arranhando seu rosto. Nunca forcara nenhuma mulher a suportar suas carícias, sempre bem recebidas, nem vira antes essa expressão de repulsa incontrolável.

— Lady Morgana... Eu não pretendia...

Mortificado, ele quis ajudá-la a cobrir os seios nus, puxando o lecido das costas do vestido para a frente. A precipitação agravou ainda mais o problema. Seus dedos tocaram a pele cálida, provocando uma onda de desejo tão inesperado quanto intensa. Morgana empurrou-lhe as mãos e o movimento brusco rasgou o resto do corpete.

Os dois tinham perdido a noção do tempo e a capacidade de raciocinar. Morgana estava certa de que ele pretendia violentá-la e procurava algo para servir-lhe de arma. Ranulf lutava contra a vergonha e um desejo jamais sentido antes. Não conseguia desviar os olhos dos seios alvos e perfeitos.

O som de vozes o trouxe de volta à realidade. Apavorado, Ranulf percebeu que se aproximavam do palácio e um grupo os esperava no cais. O perigo despertou seus

instintos de sobrevivência, pois sabia que a vida de ambos dependia da naturalidade de suas ações.

— Vista a minha capa! Rápido!

A capa de veludo azul apenas cobriria o vestido rasgado. Seria impossível disfarçar o rosto arranhado de Ranulf ou a cabeleira revolta de Morgana. Antes de descerem do barco, ela já ouvia as risadinhas maliciosas e as exclamações escandalizadas.

— Vamos, milady. — Ranulf puxou-a para a proa do barco. — Trate de agir como se estivesse encantada comigo ou não escapará da cólera de Edward.

Um pouco antes de a barca atracar, ele abraçou Morgana e beijou-a apaixonadamente diante de toda a Corte.

Ela não reagiu contra o beijo, paralisada pela raiva. O primeiro marido que Edward lhe destinara tinha sido um traidor. O segundo era um guerreiro rústico e selvagem, que a humilhava em público. Triste sina a das mulheres! Se fosse homem, não seria tratada como uma mercadoria que é trocada, vendida ou dada sem direito a uma opinião sobre seu próprio destino!

Morgana ia empurrá-lo para dentro do rio quando o grupo afastou-se, dando passagem a Edward. Ela sentiu o braço de Ranulf apertá-la com mais força e estremeceu. O rei os fitava com frieza. O amigo benevolente e brincalhão desaparecera diante do soberano que tinha em suas mãos o poder de vida ou de morte sobre seus súditos.

Ranulf e Morgana curvaram-se diante do rei. Pela primeira vez desde que o conheceu ela sentiu-se segura ao lado de um homem tão sereno e forte com Ranulf. Os dois precisavam se unir para escapar de uma terrível punição.

— Então? — Perguntou Edward, ainda desconfiado. — Passaram horas agradáveis no rio?

— Bem... fui aconselhado por vossa majestade a conhecer melhor minha futura esposa. — Ranulf sorriu com a inocência de um anjo. — Como sou um súdito obediente, segui as ordens reais.

O comentário provocou risos nervosos. Criados e cortesãos não ousavam aproximar-se antes de saber qual seria a reação do rei.

Edward porém não se manifestava. Examinou atentamente as marcas no rosto de Ranulf e os cabelos despenteados de Morgana e o sorriso voltou a pairar em seus lábios.

— Ambos têm muito a aprender. Precisa ensinar esta dama a ser mais dócil e obediente aos seus desejos, sir Ranulf. E você deve obrigá-lo a comportar-se com menos impetuosidade, lady Morgana. Ah! As noites perfumadas da primavera serão ideais para aprofundarem seus conhecimentos.

Dando uma gargalhada maliciosa, Edward afastou-se do cais, com um braço sobre os ombros de Ranulf. Morgana enfrentou sozinha e rubra de vergonha os olhares curiosos dos cortesãos que continuavam imóveis.

— Venha, milady. Acompanhe-me até o jardim e arrumarei seus cabelos.

Bronwen, a jovem de Gales que servia a família Griffin desde menina, puxou sua senhora para um recanto isolado do jardim. Nos canteiros impecáveis, cresciam ervas medicinais e aromáticas. Embora fosse perita no preparo de poções, tônicos e até cosméticos, Morgana estava prestes a sapatear sobre os delicados pés de salsa, lavanda, rosmaninho e tomilho. Só não destruiu a bem cuidada horta porque ouviu vozes se aproximando e reconheceu a de Edward.

— Ah, Ranulf! Lady Morgana foi sempre temperamental e fogosa. Concorde que não a dominará facilmente, mas conheço muitos cavaleiros dispostos a tentar essa proeza. Você deve imaginar como será doce a vitória. Se usar a cabeça, engravide-a antes do casamento, caro amigo. Assim garantirá seu domínio sobre o feudo de Griffin.

Morgana segurou as mãos de Bronwen, impedindo-a de trançar seus cabelos. Edward e Ranulf estavam muito próximos e ouviriam o menor ruído.

— Não me considero muito inteligente, meu senhor. Sou um cavaleiro que prefere a rusticidade da vida de guerreiro às sutilezas de um casamento. Acho melhor esperar pela bênção do padre antes de invadir a cama de minha noiva. Ah! Também aguardarei a cicatrização dos meus ferimentos para tentar novamente essa difícil conquista. Os dois homens afastaram-se, rindo e gracejando. Morgana permaneceu imóvel até os dois desaparecerem a distância. Então, levantou-se do banco de pedra e descarregou sua fúria sobre os canteiros verdes.

— Vai esperar muito, cavaleiro rústico e sem modos! Você não me terá enquanto a marca de minhas garras não sumir de seu rosto! Só conseguirá me dominar quando o inferno congelar!

Erguendo a cabeça, Morgana caminhou sem pressa para o santuário de seu quarto, seguida pela dama de companhia. Bronwen estava apavorada. Conhecia sua senhora e a considerava gentil, compreensiva e generosa até o momento em que perdia a cabeça. Então, o mundo vinha abaixo, e mesmo os trovões emudeciam, apavorados.

Ranulf não podia descarregar sua raiva sapateando sobre os canteiros reais. Disfarçou a contrariedade ao ouvir a recusa de Edward diante de seu pedido.

— Acabarei engordando como esses cortesãos que não sabem mais empunhar uma espada, senhor. A vida na Corte é uma sucessão de prazeres e temo acostumar-me a tais delícias. Um pouco de exercício renovaria minhas energias, e as fronteiras do Norte precisam...

— Não seja ingrato, sir Ranulf. Nós o presentearmos com uma potranca de Gales, de sangue nobre e que o desafia a domá-la. Gaste suas... energias na cama de lady Morgana.

CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

Como qualquer argumento aumentaria a irritação do rei, Ranulf engoliu os comentários ferinos. Edward também permaneceu em silêncio, preocupado com algum assunto grave. Depois de alguns minutos, ele sorriu para o amigo.

— Existe um convento muito rico em Gales, Ranulf. As freiras têm inúmeras fontes de renda, mas dependem da proteção da senhora de Griffin.

Ranulf não ousava dizer ao rei que não se interessava por lady Morgana nem por sua riqueza. Edward estava muito enganado se acreditava que a fortuna de sua futura esposa o reconciliaria com um casamento forçado.

Absorto em seus pensamentos, o rei nem notou a fisionomia tensa do amigo.

— O arcebispo nos visitará esta tarde, a fim de apresentar uma petição. Talvez uma troca de favores seja o ideal. O que acha?

— Peço-lhe perdão por minha obtusidade, senhor. Como não entendo os motivos, não posso achar nada. Sou um simples cavaleiro e no meu mundo de guerreiro não existem arcebispos nem mosteiros cheios de freiras ricas.

Edward estava encantado demais com seus planos para irritar-se com a insolência de Ranulf. Continuou a explicar sua tática como se não o tivesse ouvido.

— O povo de Gales nos preocupa porque sempre demonstrou ser temperamental, inconstante e propenso a revoltas contra o poder inglês. Nosso reino depende da submissão dos senhores feudais à autoridade central, concorda? É por esse motivo que precisamos de sua habilidade militar para garantir nossa tranquilidade. Assim sendo, nós vamos apressar a cerimônia nupcial. Queremos que vocês se casem o mais brevemente possível.

A inquietação de Ranulf transformou-se em pânico. Edward percebera sua relutância, conhecia o temperamento de Morgana e decidira impedi-los de encontrar um modo de escapar de uma união desagradável.

— Antes das chuvas de outono?

— Ah! Bem antes, meu amigo! — Edward abraçou Ranulf com entusiasmo. — Exigirei que o arcebispo dispense os proclamas e realize o casamento hoje mesmo!

Edward não permitiria que o casamento de seu fiel paladino fosse um acontecimento sem brilho. Como não havia tempo para preparativos elaborados, ele ofereceu aos noivos uma cerimônia digna de reis.

Antes do pôr-do-sol, a Corte reuniu-se na magnífica capela do palácio onde o arcebispo uniria o jovem casal. O próprio Edward, luxuosamente vestido, conduziu a noiva ao altar, uma honra reservada apenas a príncipes de sangue real. Lorde Hastings e lorde Morttimer, os nobres mais poderosos da Inglaterra, foram convocados às pressas para serem os padrinhos.

Só os noivos mantinham-se alheios à cerimônia faustosa, deslocados na capela iluminada por velas perfumadas. Como se fossem realmente fantoches manipulados pelas mãos do rei, os dois ouviam com uma expressão indiferente as palavras do

arcebispo. Até os trajés escolhidos por eles evidenciavam a relutância em ceder aos caprichos do rei, que exigia roupas coloridas de todos os cortesãos.

A túnica de Ranulf, cor de vinho e sem bordados ou jóias, realçava sua expressão severa sem no entanto diminuir a beleza máscula que conquistara tantos corações femininos. Morgana também recusara-se a usar tons alegres, escolhendo um vestido de cetim creme que acentuava sua palidez e dava-lhe uma beleza etérea e quase angelical.

—... aqui reunidos perante Deus e os homens, os noivos... Diante do inevitável, Ranulf começou a conformar-se. Afinal, se todo homem precisa casar-se, ele teria ao menos uma esposa bela, educada e vestida como uma princesa. A simplicidade do vestido era um artifício para destacar o precioso bordado das mangas e do decote onde se mesclavam pérolas rosadas e ametistas.

—...para se unirem pelos laços sagrados do matrimônio...

Apenas um diadema de pérolas adornava a magnífica cabeleira da noiva que caía pelas costas como uma nuvem de ouro acobreado.

As noivas sempre usavam cabelos soltos para demonstrar pureza, mas em Morgana o efeito era erótico. Ranulf jamais sentira antes esse impulso incontrollável de entrelaçar os dedos nas mechas brilhantes, de mergulhar o rosto entre os fios sedosos.

—... até que a morte os separe!

O arcebispo inclinou a cabeça, num gesto impaciente. Envergonhado, Ranulf percebeu que se distraíra admirando os cabelos de Morgana.

— Sim.

— Lady Morgana, aceita este homem...

Por uma fração de segundo, ela pensou em recusar, negando-se a participar daquela farsa arquitetada pelo rei. A tentação durou pouco, não podia dar-se o luxo de seguir apenas seu coração. Como senhora do Castelo de Griffin, os privilégios de Morgana vinham acompanhados de pesadas, responsabilidades. Edward se mostrara generoso ao permitir-lhe que conservasse seu feudo. Os traidores sempre perdiam suas propriedades, que se convertiam em domínios da coroa inglesa por obediência às Leis do confisco. Seria loucura irritá-lo agora, pois a ameaça de perder todos os bens ainda pairava sobre sua cabeça.

Na vida de um senhor feudal, não havia lugar para sentimentos pessoais. Um homem talvez conseguisse exigir os direitos que lhe permitiriam dirigir seu próprio destino. Infelizmente, as mulheres não passavam de peças no jogo de comando. Quantas pessoas dependiam dela? Além dos senhores menores, existiam centenas de vassalos além dos servos que precisavam de sua proteção. Não os trairia por sonhos românticos.

Resignada, Morgana repetiu as palavras do arcebispo, evitando pensar no significado do juramento que a prenderia para sempre a um estranho.

— "... até que a morte os separe."

Quando Ranulf colocou o anel de safira e brilhantes em seu dedo, Morgana não conseguiu mais fechar os olhos e ignorar seu destino. A jóia, pesada e impessoal, era o símbolo da servidão nos desejos e caprichos do seu senhor!

— Eu os declaro marido e mulher.

A farsa terminara e a realidade começava agora ao lado de um marido que não desejava. Erguendo os olhos, Morgana fitou o homem que as mulheres consideravam excepcionalmente belo. Por Que então os magníficos olhos azuis e o sorriso sedutor só despertavam nela a sensação de perigo?

Quando Ranulf beijou-lhe a mão, esse pressentimento inquietante intensificou-se. O rosto másculo, de traços aristocráticos demonstrava inteligência, determinação e disciplina. Apenas a boca revelava uma sensualidade contida e ameaçadora.

Estremecendo, Morgana preparou-se para lutar contra uma ação que significaria a perda definitiva de seu poder como senhora de Griffin.

Com uma escova de prata nas mãos, Bronwer tentava, sem sucesso, pentear sua senhora.

— Por favor, milady. Se não ficar quieta, não conseguirei escovar seus cabelos.

— Pouco me importa! — levantando-se da banquetta, Morgana começou a andar pelo quarto. — Edward revelou-se um bárbaro desprovido de sentimentos. Entre o nascer e o pôr-do-sol de um mesmo dia, ele arrancou-me um marido e forçou-me a aceitar outro. Viuvez e noite de núpcias em menos de vinte e quatro horas! É um crime!

— Por Deus... não fale alto, milady. Eles devem chegar a qualquer momento.

Morgana perdera a conta do número de vezes que seu olhar fora atraído pela imensa cama de mogno. Os lençóis de cetim rosa refletiam a luz das velas espalhadas pelo quarto. Nessa noite, pela primeira vez em quase três anos, não dormiria sozinha. Até agora, conseguira não tomar conhecimento do que significava a presença de um homem ao seu lado. Por quanto tempo mais evitaria pensar no que aconteceria quando todos se retirassem do quarto?

O ruído que chegava do salão no final do corredor aumentou de intensidade. Gargalhadas, música e gritos entusiasmados avisaram-na de que o banquete terminara e os convidados escoltavam o noivo até seu quarto.

Erguendo a mão, Morgana fitou a safira que Ranulf colocara em seu dedo havia menos de três horas. Bastavam algumas palavras vazias, um anel e uma festa para que ela revelasse a intimidade de seu corpo a um desconhecido. Não tinha condições de saber se o novo marido seria ardoroso, frio, indiferente ou cruel. Era demasiado revoltante submeter-se aos desejos físicos de um homem que demonstrara claramente sua relutância em aceitá-la como mulher!

Clarins estridentes, vozes embriagadas e risadas maliciosas acompanhadas por violentas pancadas na porta indicavam que o cortejo chegara.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Abram! O noivo veio reclamar sua bela prometida! Lívida, Morgana aproximou-se da cama. Bronwen, tão pálida

quanto sua senhora, ajudou-a deitar-se, ajeitando o lençol de modo a preservá-lhe a modéstia, e, impulsivamente, segurou-lhe a mão.

— Vou mandá-los embora, milady. Direi que a senhora está doente e...

— Não adianta, querida. — Morgana beijou o rosto transtornado da dama de companhia. — É melhor enfrentar logo a realidade.

A jovem retirou a tranca e quase foi atropelada pela multidão que se comprimira de encontro à porta. A luz oscilante das tochas carregadas pelos criados alterava as expressões dos músicos e dos cortesãos, transformando suas risadas em esgares grotescos. Gargalhadas, canções maliciosas e brincadeiras obscenas moviam-se pelo quarto, mas não eram apenas os homens que demonstravam uma licenciosidade provocada pela embriaguez. Até lady Southly, sempre discreta e comedida, estava despenteada e rindo da libertinagem geral. Só Margot de Maurais permanecia alheia aos festejos, fitando Morgana com ódio.

Quando os clarins soaram novamente, anunciando a chegada do rei, a algazarra cessou. Edward entrou no quarto, conduzindo o noivo sorridente e de olhos brilhantes. Ranulf avançou até o meio do aposento e então parou, fascinado.

Subitamente, ele queria que todos fossem embora e o deixasse a sós com Morgana. Sua revolta contra o casamento precipitado desapareceu ao constatar a beleza da esposa. Não podia esperar pelo momento de afastar o lençol que a cobria até os ombros e tocar a pele alva e macia. Lembrou-se dos seios rijos que entrevira no barco e seu desejo se intensificou. Agora tinha o direito de tomá-los em suas mãos e cobri-los de beijos.

Morgana notou a mudança de expressão no rosto de Ranulf e estremeceu, incapaz de analisar suas emoções. Estaria com medo ou simplesmente repugnada pela intimidade do ato que a uniria a um desconhecido? Assustada, recuou para o lado oposto da cama quando percebeu que os amigos dele o preparavam para deitar-se no leito nupcial.

Infelizmente para Morgana, todos constataram a evidente excitação do noivo e os gracejos recomeçaram, explícitos e grosseiros. Sem fitar o marido, sentiu o colchão ceder ao peso do corpo dele. Ranulf era mais alto e mais pesado do que Robin. Certamente existiriam outras diferenças físicas sobre as quais recusava-se a pensar.

Agradecendo a Deus pela autodisciplina, Morgana suportou o humilhante ritual em que a Corte testemunhava o primeiro gesto de intimidade conjugal. Ranulf colocou sua perna sobre as de Morgana, todos gritaram entusiasmados, e, tão rapidamente quanto haviam surgido, desapareceram do quarto.

Enquanto o ruído dos convidados afastava-se, Bronwen serviu os recém-casados de vinho e retirou-se. Suspirando aliviado, Ranulf esvaziou a taça com um único gole. Finalmente estava a sós com aquela mulher magnífica. Mesmo sem conhecê-la muito,



pressentira um temperamento ardente e sensual. E agora descobriria os segredos daquele corpo perfeito.

— Venha para os meus braços, mulher...

Morgana colocou sua taça sobre a mesinha-de-cabeceira, tentando ganhar tempo. Não adiantaria lutar contra Ranulf porque ele era forte demais, portanto... precisava ser astuciosa.

Ranulf julgou que a hesitação da esposa fosse um sinal de timidez e aproximou-se dela. Apesar de não estar diante de um virgem, imaginava a vergonha de Morgana, que o considerava um desconhecido. Controlaria o desejo até senti-la ceder à suas carícias e então traria à tona a sensualidade daquela mulher temperamental.

Em vista da experiência no barco, Morgana esperava um marido sem consideração, que se apossaria dela apenas para satisfazer seus desejos urgentes. Surpreendeu-se com o beijo lento, com as mãos que acariciavam seu rosto sem pressa de possuí-la e, involuntariamente, entreabriu os lábios.

Quando Ranulf percebeu que Morgana correspondia ao beijo, soltou os laços da camisola de seda, buscando os seios rijos.

Os planos de Morgana se desfaziam, sem força para resistir ao desejo. Estava sozinha havia tanto tempo! Como lutar contra a paixão que a dominava, impedindo-a de pensar em qualquer coisa que fosse? Se ao menos ele não percebesse que seu corpo estremecia de prazer, que estava prestes a se entregar sem reservas!

Morgana só recuperou a noção do perigo quando sentiu os lábios de Ranulf deslizarem sobre seu seio. O desejo foi tão intenso que ela recuou e, tomada pelo pânico, levantou-se da cama.

— Ficou louca, mulher?

Ranulf levou alguns segundos para recuperar-se da surpresa e então seguiu-a, indiferente à sua nudez.

Infelizmente, a nudez de Ranulf não deixava Morgana indiferente. Ela precisou desviar os olhos do corpo bem proporcionado e musculoso para levar adiante seus planos. Não sentia medo da ideia que se evidenciava nos olhos azuis do marido e sim do desejo que a impelia para os braços dele.

— Por favor, milorde. — Morgana ajoelhou-se, cobrindo o rosto com as mãos. — Eu não tive tempo de prantear meu falecido esposo. Suplico-lhe que me dê uma noite, apenas uma, para rezar pela alma de Robin. Só até o amanhecer...

Se Morgana tivesse chorado, Ranulf certamente a levaria de volta para a cama, surdo a suas súplicas. Não se comovia com lágrimas femininas, considerando-as um artifício desleal porque convertiam os homens em carrascos cruéis. No entanto, ela conservara a dignidade e lhe fizera um pedido justo. Ficara viúva naquela manhã e tinha o direito de guardar luto por algumas horas. Afinal, já passava da meia-noite e em breve amanheceria. Seu desejo podia esperar.

— Vou chamar sua dama de companhia para ficar ao seu lado durante a vigília — resmungou Ranulf, apanhando suas roupas. — Eu dormirei na cama dela.

A satisfação de ter agido com dignidade durou pouco. A visão do corpo nu de Morgana o impedia de dormir, pois o desejo aumentava com o passar do tempo. Revia os cabelos brilhantes cobrindo o corpo alvo como um manto de seda, queria tocar os seios rijos e beijar os mamilos rosados que se erguiam à espera de seus lábios. Quantas horas faltariam para tomá-la novamente nos braços e reiniciar as carícias que os levariam ao delírio?

A madrugada se aproximava quando o vinho consumido no banquete nupcial venceu o desejo e Ranulf finalmente adormeceu. Foi um sono agitado, pois Morgana continuava atormentando-o em seus sonhos. Ele só percebeu que dormira demais ao acordar com o sol forte batendo em seus olhos.

Ranulf levou alguns minutos para orientar-se. Não sabia onde estava e a cabeça doía como se fosse explodir. Aos poucos, lembrou-se da noite anterior e amaldiçoou o vinho que tomara. Ao aproximar-se da janela, percebeu que a manhã chegava ao fim e, apesar da indisposição, decidiu procurar Morgana.

Sem dúvida, até a mulher mais piedosa já teria cansado de rezar pelo marido morto! Mas se a sua esposa ainda pretendia chorar a viuvez, só teria tempo para lágrimas depois que o casamento fosse consumado. Concedera-lhe uma noite para dedicar ao luto, agora queria tomar o que lhe pertencia.

Pelo silêncio do quarto, ele deduziu que Morgana interrompera a vigília para repousar. Depois de bater várias vezes sem ouvir nenhuma resposta, entrou no aposento pouco iluminado. As cortinas continuavam fechadas e o cortinado em volta da cama também não fora aberto. Um roupão de seda verde-esmeralda estava jogado sobre a banqueta da penteadeira, onde se viam potes de creme e escovas com cabo de marfim. A aparência de normalidade, que iludiria um observador menos alerta, despertou as suspeitas de Ranulf. Como guerreiro, ele desenvolvera instintos apurados e teve certeza de que havia algo errado naquela cena de tranqüila domesticidade.

— Quando afastou o cortinado da cama e viu a forma sob os lençóis, censurou-se por ser desconfiado e não acreditar na lealdade da mulher que prometera honrar os votos feitos diante de um padre.

— Ora! Não pensei que você fosse uma dessas damas preguiçosas, lady Morgana. Desistiu de rezar porque ficou com sono? — Ele sorriu, antecipando o prazer de deitar-se ao lado da esposa. — Já que terminou a vigília, vamos comemorar nossa união, milady. Vou deitar-me ao seu lado.

A forma sob as cobertas continuava imóvel. O choque da realidade atingiu Ranulf com o impacto de um golpe físico. Ele fora enganado! Enfurecido, arrancou os lençóis apenas para constatar a traição com seus próprios olhos, e viu as roupas arrumadas de modo a simular um corpo de mulher.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Com igual violência, abriu as janelas e encontrou o lençol que descia até o jardim. Sim, sua formosa e devotada esposa escapara como uma criminosa no meio da noite. Enquanto ele a imaginava rezando pela alma do marido morto, Morgana fugira para não consumir um casamento que fora forçada a aceitar. Preferira arriscar-se mais uma vez a ser punida pelo rei a partilhar sua cama com um homem que não tinha sangue nobre.

Desejo frustrado, raiva por sua falta de previsão e ódio pela traição de Morgana impediam Ranulf de raciocinar com clareza. No entanto, esperaria até recuperar o sangue-frio, porque tinha medo de estrangular a esposa no primeiro dia de casado!



CAPÍTULO III

Em formação de ataque, doze cavaleiros armados percorriam a estrada a oeste da capital com a pressa e a determinação de sol dados que perseguem um fugitivo perigoso. Estavam bem longe das muralhas de Londres, já haviam cruzado muitos vilarejos e vilas, mas Ranulf dera rédeas livres ao seu veloz garanhão negro que continuava galopando. O cavalo, contagiado pela urgência de seu dono, não afrouxara o passo.

Preocupado com a exaustão das outras montarias, Desmond de Orkney forçou seu cavalo a aumentar a velocidade a fim de alcançar o primo.

— Com os diabos, Ranulf! Quer matar os animais antes do meio-dia? Tem de ir mais devagar ou...

— Quanto antes eu alcançá-la, melhor! É preciso que ninguém fique sabendo dessa loucura!

— Será muito fácil encontrar duas mulheres viajando desacompanhadas. Também não teremos problemas para alcançá-las, pois são frágeis e se cansarão bem antes de nós. — Desmond sorriu maliciosamente. — Fique tranqüilo, primo! Logo sua doce esposa estará em seus braços.

— Doce como o vinagre! — explodiu Ranulf. — Prefiro abraçar uma fera selvagem àquela feiticeira de Gales!

Desmond suspirou desanimado. Apesar de bem-intencionado seu comentário provocara um resultado oposto, irritando Ranulf, que esporeou o cavalo. Admitindo a culpa, só lhe restava esperar os demais para tranqüilizá-los.

— Ele terá de parar ou seu cavalo morrerá de sede. A Hospedagem das Quatro Plumas fica perto daqui, e então o alcançaremos.

Os homens sorriram despreocupados. Conheciam o temperamento inflamável de Ranulf e sabiam que ele se acalmava tão rapidamente quanto se enfurecia. Preocupavam-se mais com Desmond, um companheiro sempre bem-humorado e que custava muito a perder a calma. Quando o "Ruivo" se enfurecia, preferiam não estar por perto, porque suas explosões de cólera eram assustadora e de longa duração. Para alívio geral, não ocorriam com frequência nem diminuía a confiança que os homens depositavam nele. Seguiriam os dois primos em qualquer aventura, por mais arriscada que fosse.

Muito adiante deles, Ranulf continuava tomado pela fúria, assustando todos à sua passagem. Os homens mais prudentes saíam correndo da estrada e os menos cautelosos erguiam o punho fechado e praguejavam contra o alucinado cavaleiro que ameaçava suas vidas. Mas as mulheres, velhas, moças ou meninas paravam para admirar

a visão fugaz. Naquela noite, sonhariam com um nobre de cabelos loiros e pele dourada que passara por elas como um anjo vingador, cintilando sob o sol da manhã com eu traje azul e prateado.

Ranulf não via ninguém, desviando-se automaticamente dos vultos à beira da estrada. Em sua mente, continuava gravada a imagem de Morgana, com a pele alva e os cabelos brilhantes espalhados nos lençóis de cetim. De bom grado estrangularia aquela feiticeira de olhos claros e traíçoeiros como o mar.

Como sempre acontecia, a velocidade do galope, o vento em m a rosto e a amplidão dos campos abertos acabou dissipando na raiva. Livrara-se novamente da etiqueta sufocante e das intrigas da Corte. Consequira escapar do tédio e da inatividade, voltando a a ser um homem livre. Deveria punir ou agradecer Morgana por ter fugido dele e do palácio?

Do alto de uma colina, ele avistou as montanhas a oeste, para onde sua esposa estava se dirigindo. Não tinha dúvida de que ela fugira para seu castelo, à beira-mar, procurando a segurança do lur. Pois iria ter uma surpresa! Pretendia alcançá-la e termina-riam a viagem juntos, confirmando a história que,contara a Edward.

Ao descobrir a fuga da noiva, Ranulf procurou um modo de salvar Morgana da punição severa por ter deixado a Corte e, ao mesmo tempo não revelar a humilhação que sofrera. Contou a Edward que a senhora de Griffin fora chamada às pressas para defender seu castelo, ameaçado por um grupo de revoltosos. Ele pedia o consentimento do rei, a fim de que ambos pudessem dirigir-se imediatamente para Gales.

Sem desconfiar de nada, Edward deu-lhe permissão para deixar a Corte o mais rápido possível. Em menos de uma hora, Ranulf e seus companheiros partiram, escoltando a liteira onde viajavam Morgana e sua dama de companhia. Quando as mura lhas de Londres desapareceram a distância, as duas "mulheres" tiraram os vestidos que haviam colocado muito a contragosto. A indignidade de usar roupas femininas só fora aceita para evi tar a humilhação de Ranulf diante da Corte. O estratagema funcionara. Ninguém suspeitou que lady Morgana tivesse fugido no meio da noite para evitar a consumação do casamento.

— Ela vai se arrepender até o fim da sua vida de ter desafiado a minha autoridade! — resmungou Ranulf, antecipando o prazer de vingar-se. — Aprenderá, pelo método mais difícil, que não é prudente desrespeitar o marido a quem jurou obedecer!

Apesar da raiva e do orgulho ferido, Ranulf conseguia raciocinar com frieza. Esperaria até chegarem ao castelo, onde seu primeiro ato como senhor de Griffin, seria levar sua relutante esposa para a cama e consumir o casamento. Quem tinha razão era Edward! Sua posição de domínio só se consolidaria quando Morgana ficasse grávida. E quem sabe ela criaria menos problemas quando fosse obrigada a dedicar-se ao filho.

Um sorriso desanuviou a expressão sombria de Ranulf. Ele mostraria a Morgana que, num casal, o homem é o senhor absoluto. Fora enganado uma vez e não cairia em outra armadilha, pois não cederia diante de lágrimas ou súplicas falsas. As altas muralhas do Castelo de Griffin o ajudariam a não perdê-la de vista, como podia acontecer nos pátios e corredores dos palácios reais ou nas ruas e vielas de Londres. Longe dos banquetes e das festas constantes, sobraria tempo para ensiná-la a se submeter aos desejos do marido, cumprindo seus deveres de esposa. Nada lhe daria maior prazer do que levá-la para a cama e dar-lhe a primeira demonstração de domínio.

Menos tenso, Ranulf refreou o cavalo, dirigindo-se à melhor hospedaria da região. Sem dúvida, Morgana tinha parado ali para alimentar-se, bem como para repousar as montarias. Alguém lhe daria informações sobre as duas mulheres que viajavam sozinhas.

— Ei, garoto! — gritou ele para o menino que o fitava com admiração. — Duas damas passaram por aqui hoje cedo. Você as viu?

O menino continuava olhando para Ranulf, sem responder.

— Por acaso você é surdo? Eu perguntei se...

— Ele não escuta nada, senhor — explicou uma velha que surgira inesperadamente ao lado do garoto. — O bom Deus esqueceu-se de colocar algumas coisas na cabeça do pobre Moolly. Mas, apesar de surdo-mudo, tem muito jeito com cavalos.

Envergonhado, Ranulf jogou uma moeda de ouro para o menino, que saiu pulando de alegria diante daquela fortuna.

— Perdoe minha ignorância, senhora. Estou à procura de duas damas que se dirigem para a fronteira de Gales.

O olhar penetrante da velha perturbou Ranulf. Sentia-se como se ela estivesse lendo os seus pensamentos.

— Ah! Fugitivas? — A velha deu uma risada maliciosa. — São suas irmãs, nobres cavaleiros? Ou será que maltratou sua esposa e ela fugiu com o amante?

Ranulf enrubesceu-se de cólera. A impertinência de uma estranha o irritava menos do que a insinuação maldosa. Ele desafiaria o homem que lhe dirigisse palavras tão ofensivas. Mas não podia descarregar sua raiva em uma mulher.

— O motivo da fuga interessa apenas a mim. No entanto, acho melhor esclarecer que não costumo maltratar mulher alguma.

— Que estranho! Eu notei uma aura de perigo ao seu redor, sabe? Como se estivesse disposto a matar alguém... — Ainda rindo, a velha encaminhou-se para a hospedaria. — Venha matar a sede com uma caneca de cerveja, senhor.

Ranulf permaneceu no pátio, lutando para controlar o ódio. A atitude irresponsável de Morgana o colocara em uma posição humilhante, expondo-o a insinuações insolentes! Entretanto, ele estava mesmo com sede e não perderia muito tempo se tomasse apenas uma caneca.

A criada que veio servi-lo não escondeu sua admiração. Seus olhos azuis o examinavam com ousadia enquanto colocava pão e queijo sobre a mesa. Aquela jovem de seios fartos e braços roliços demonstrava que saberia como satisfazer um homem e nunca fugiria do marido na noite de núpcias.

Se Ranulf tivesse tempo, não hesitaria em levá-la até um monte de feno para desfrutar os prazeres daquele corpo robusto que emanava sensualidade. Infelizmente, precisava alcançar Morgana. Desta vez só pediria à jovem que lhe desse informações.

— Procuo duas damas que viajam sozinhas e com pressa. — Ele jogou um punhado de moedas sobre a mesa. — Recompensarei quem me ajudar...

— Não passou nenhuma dama por aqui, senhor, nem hoje nem ontem...

A informação da jovem destruía a teoria de Ranulf sobre a rota das fugitivas. Será que Morgana não estava indo para seu castelo? As palavras da velha voltaram à sua mente e ele quase engasgou de raiva. Existiria um amante à espera de sua esposa? Como nunca sentira ciúme, imaginou que aquela emoção destrutiva fosse apenas ódio.

— Bem, é uma pena. Eu pagaria muito por qualquer indício... A jovem mordeu os lábios, lutando contra a tentação. Nas mãos daquele homem, havia mais dinheiro do que seu salário de um ano! Com tantas moedas de ouro, teria um dote que lhe permitiria casar-se com Alwyn, o atraente filho do moleiro e escapar do trabalho na hospedaria. Sentiu um desejo incontrollável de mentir, mas sua consciência e o medo que aquele gigante loiro inspirava nela, a impediram de inventar uma história falsa.

Ranulf notou o dilema da jovem e teve certeza de que ela sabia de algo. Talvez o medo fosse um incentivo mais convincente do que o suborno e decidiu forçá-la a falar.

— Não tenho piedade com as pessoas que me contrariam, moça! Diga o que sabe ou se arrependerá.

— Sinto muito, senhor. Eu bem que gostaria de tê-las visto e poder ganhar essa fortuna. Só que seria mentira, entende? Trabalho desde o raiar do sol e só vi dois rapazes, magros e muito pálidos. A velha achou que eram aprendizes ou criados fugindo de seus patrões.

Ranulf levantou-se com tanta rapidez que derrubou a cadeira.

— Por acaso esses rapazes tinham cabelos vermelhos como cobre?

— Sim, senhor. — A jovem persignou-se apavorada, e afastou-se da mesa. Aquele gigante devia ter parte com o diabo. Como poderia saber desse detalhe se não fosse amigo do Satanás? Estava determinada a não abrir mais a boca quando o magnífico cavaleiro empurrou as moedas para ela.

— Vamos, pegue-as. Darei o dobro se me disser a cor de seus cavalos e a direção que tomaram.

— Eram éguas, uma castanha e a outra cinzenta. Eles afirmavam várias vezes que seguiriam pela estrada do leste.

— Ah! Para o leste! — Ele deu uma gargalhada satisfeita. — Partiram há quantas horas?

— Quase duas, senhor. Ficaram aqui menos de meia hora, só esperaram que cozinhassemos alguns ovos.

Ranulf jogou o resto das moedas em cima da mesa e desapareceu antes que a jovem pudesse agradecer-lhe. Ela permaneceu imóvel, sem saber se encontrara um parceiro de Satanás ou um anjo benevolente.

Saltando sobre a sela, Ranulf preparou-se para reiniciar o galope desenfreado, agora com um sorriso nos lábios. Sua esposa demonstrara astúcia e criatividade, disfarçando-se de homem e deixando pistas falsas com a criada da hospedaria. Logo Morgana descobriria que seu marido era muito mais esperto e conhecia todos os artifícios usados pelos fugitivos da justiça. Mal agüentava esperar pelo momento de demonstrar a ela que não conseguiria enganá-lo com truques ingênuos!

Desmond e o grupo chegavam ao pátio da hospedaria quando viram Ranulf. Todos estavam com fome e sede; Perry começou a sorrir para a criada de olhos provocantes quando a voz do comandante os obrigou a esquecer das necessidades físicas.

— Não temos tempo a perder. Elas saíram daqui há poucas horas e suas montarias são lentas. Devem estar a menos de dez quilômetros na nossa frente.

— Com os diabos, Ranulf! — Desmond precisava tentar. — Os homens têm de comer e os cavalos não agüentam mais. Se continuarmos a perseguição daqui a uma hora, não fará a menor diferença.

— Primeiro alcançaremos as duas e depois vocês podem até se embriagar! A caminho!

A busca recomeçara e Ranulf sentia a excitação do caçador que pressente a proximidade da presa.

Bronwen acompanhara Morgana porque jurara servi-la com dedicação e fidelidade. Amava sua senhora, é claro. Infelizmente, não havia nada em comum entre suas personalidades e ela detestava as aventuras perigosas que atraíam a temperamental castelã de Griffin.

— Por Deus, milady. A minha montaria já não tem mais forças. Mal se agüenta em pé.

— Então a largaremos no caminho e você montará na minha garupa.

À beira das lágrimas, Bronwen esperou o animal que andou alguns metros e parou novamente.

— Será pior, milady. A sua pobre égua não agüentará duas pessoas e então...

— Então continuaremos o resto do caminho a pé!

Morgana arrependeu-se imediatamente de sua falta de controle provocada pela tensão que aumentava com o correr das horas, em vez de diminuir, por se afastarem de Londres. Aliás, a confiança e o entusiasmo inicial tinham dado lugar a um medo irracional. Não havia razão para tremer: a fuga do palácio fora ridiculamente fácil, deixara pistas falsas ao longo do caminho e ninguém notara a passagem de dois rapazolas mal vestidos. Por que essa sensação de perigo iminente? Sua intuição a

avisava de que Ranulf aproximava-se com rapidez e chegava a sentir as vibrações de ódio que emanavam dele.

— Se descobrirem que somos mulheres antes de chegarmos a Griffin, eu morrerei de vergonha, milady.

— Você se preocupa demais com detalhes insignificantes, Bronwen. Lembre-se que nasceu em Gales e portanto é corajosa como todos os celtas!

Morgana não se sentia, como Bronwen, mortificada por estar vestida com roupas masculinas. Pagara caro pelas túnicas remendadas e pelas meias gastas só porque exigira que fossem largas. A amplidão dos trajes esconderia os contornos de seus corpos e ninguém as molestaria. Dois rapazes podiam passar despercebidos em lugares onde mulheres desacompanhadas chamariam a Menção de todos.

Apesar do cansaço provocado pela cavalgada sem interrupções, ela não duvidava que chegariam sãs e salvas ao santuário de Griffin. Fora criada no campo e só precisava recuperar a forma física a que perdera com a vida sedentária da Corte. Confiava em suas loiças e nas moedas de ouro que abririam todas as portas e solucionariam qualquer problema. Com a ajuda de Deus e de sua mente astuciosa, as duas voltariam ao lar sem contratempos.

Quando conseguia afastar a visão de Ranulf se aproximando velozmente, Morgana deliciava-se com o inebriante sabor da aventura. Desde menina, tinha se revoltado com as restrições impostas às mulheres e com as entediantes obrigações que as prendiam ao lado da roca, do tear e na cozinha ou no herbário. Sonhava com a liberdade concedida aos rapazes que partiam para o excitante mundo além das muralhas do castelo. Nunca imaginara que um dia o destino lhe permitiria satisfazer esse desejo antigo e quase esquecido.

Com o cantar do galo, ela e Bronwen haviam fugido do palácio. A volta delas, reinava o silêncio e apenas a claridade rósea do sol ainda por nascer iluminava os jardins cobertos de orvalho. As duas atravessaram as ruas desertas de Londres, banhadas por uma luminosidade difusa que dava às pedras do chão o brilho de estanho polido. A névoa matinal ainda pairava sobre o Tâmis como uma cortina de prata, ocultando a ameaçadora torre.

Morgana reconhecia as dificuldades e os perigos daquela viagem longa e sem conforto. Mas o objetivo valia todos os sacrifícios, porque o Castelo de Griffin as esperava no final do caminho.

As muralhas sólidas a acolheriam e seus cavaleiros lhe dariam a proteção necessária para resistir a qualquer tentativa de levarem-na de volta a Londres. A lealdade de seus vassalos lhe permitiria desafiar até o rei!

Os perigos diminuía à medida que se afastavam de Londres. Agora chegavam aos campos verdejantes do Gloucester e cruzavam bosques sombreados que as protegiam do sol forte do meio-dia. A fome porém não se satisfazia com belas paisagens ou sombras aprazíveis. A comida comprada na Hospedaria das Quatro

Plumas já fora consumida havia horas e precisavam alimentar-se ou não teriam forças para prosseguir.

Quando Morgana começava a se desesperar, avistou uma fazendola sobre a colina mais próxima.

Apesar das inúmeras rebeliões, a habilidade administrativa de Edward restaurara a paz e a prosperidade da Inglaterra. Livres dos soldados sem lei que arrasavam as colheitas e saqueavam as propriedades rurais, os fazendeiros recuperavam-se de um período trágico de insegurança e penúria. Por todo o percurso, as fazendas retratavam a possibilidade de novamente usufruir as bênçãos de uma natureza pródiga. Casas pintadas de branco e com tetos de colmo recém-cortado, gado lustroso pastava no capim luxuriante e no pátio de terra batida porcos e galinhas demonstravam o renascimento dos tempos de fartura.

Fechando os olhos, Morgana imaginou a mesa de madeira antiga e rústica, os pratos transbordando com fatias douradas de tocinho, pão quente e potes de manteiga fresca. Seu estômago doía de fome e ela decidiu perder alguns minutos para saborear uma refeição apetitosa.

— Acho que podemos cuidar de nossas necessidades, Bronwen. Se eles estivessem nos perseguindo, já teriam nos alcançado. Vamos até aquela fazenda para comer e dar água aos cavalos.

As duas sentiram-se revigoradas com a perspectiva e forçaram suas montarias a subir a suave encosta. Do alto da colina, Morgana virou-se para trás a fim de certificar-se que realmente teriam tempo para um breve descanso e seu coração quase parou.

O vale verdejante que lhes custara quase três horas para atravessar estava desaparecendo sob uma nuvem de poeira. Ainda não se poderia ouvir o tropel dos cavalos, mas a velocidade com que se aproximavam era assustadora. A distância também não permitia uma visão mais nítida da feição dos cavaleiros armados que seguiam o líder, montado em um magnífico corcel negro.

Morgana não precisava vê-los com clareza. Sabia que eram os homens de Ranulf. A fuga voltara a ter mais importância do que a fome e o repouso.

Menos de uma hora depois, Ranulf chegou à bifurcação da estrada. Um atalho estreito levava à fazenda na colina e ele desceu do cavalo para examinar os rastros das inúmeras montarias que tinham passado pela encruzilhada. Não demorou muito para fitar seus homens com um sorriso de triunfo.

— Eu sabia que elas logo se cansariam e procurariam abrigo em alguma casa do caminho. Mulheres são frágeis demais e não dispensam conforto.

A expressão de Ranulf só não assustou Desmond, porque este já a vira vezes sem conta. Aquele sorriso cruel surgia nos lábios do primo quando percebia que o inimigo estava acuado e sem esperanças de fugir do perseguidor implacável. Apesar da

lealdade ao seu senhor, ele sentiu pena da mulher que demonstrara coragem ao desafiar o marido indesejado e as ordens do rei.

No entanto, que outra opção teria Ranulf? Um homem de honra não podia permitir que a esposa tomasse decisões próprias e abandonasse o leito conjugal, recusando a se dobrar aos desejos do marido. Essa mulher rebelde precisava ser punida ou continuaria desrespeitando seu senhor.

Os cavaleiros chegaram ao pátio da fazenda, assustando os porcos e as galinhas, cujo alarido enfureceu a robusta e corada fazendeira.

— Tomem cuidado! — gritou ela da porta da casa. — Vão matar meus animais.

Realmente, uma ninhada de porquinhos soltava guinchos estridentes como se estivesse sendo degolado. As pragas de Desmond aumentaram a algazarra, que só cessou quando Ranulf ergueu a mão pedindo silêncio. Até as galinhas pararam de cacarejar diante da figura imponente que atravessou o pátio com passos firmes.

— Nós a indenizaremos se algum de seus animais tiver sofrido qualquer dano. Portanto, fique tranqüila e responda às minhas perguntas. Estamos procurando... — Ele hesitou por uma fração de segundo — ... Dois aprendizes que fugiram de seu mestre. Eu pagarei bem se receber informações úteis.

Os olhos da fazendeira brilharam de cobiça.

— Dois rapazes, bem jovens? Se for assim, posso ajudá-los, milorde. Logo depois do meio-dia, eles chegaram aqui e pediram um pouco de comida. Servi-lhes meu ensopado de carneiro... que é delicioso, torta de marmelo e pão de centeio. Comeram como se estivessem mortos de fome e saíram em seguida. Não irá machucá-los, não é? Pareciam tão bonzinhos!

— Sabe qual a direção que tomaram, boa mulher? — Ranulf entregou-lhe uma moeda de prata. — E tem noção de quanto tempo se passou desde que partiram?

— Bem... o tempo que eu levo para ordenhar uma vaca, milorde. Quanto à direção... acho que seguiram pela estrada do oeste.

Desmond suspirou desanimado. Não tinha a menor idéia de quantos minutos eram necessários para ordenhar uma vaca!

— Vamos embora — ordenou Ranulf, animado. — Elas estão cerca de vinte minutos na nossa frente.

Os cavaleiros afastaram-se da casa, acompanhados pelo olhar satisfeito da fazendeira. Os dois rapazes tinham contado histórias assustadoras sobre as maldades que sofriam nas mãos de um mestre cruel. Ela evitava envolver-se nos problemas alheios e arriscaria toda a família se interferisse no relacionamento rígido que liga os aprendizes a seus patrões. No entanto, não admitia que maltratassem criaturas inocentes. E o garoto de cabelos ruivos afirmara que o cavaleiro loiro era um verdadeiro carrasco, apesar de sua aparência aristocrática.

Ranulf reiniciara a perseguição sem pressa. Os homens o seguiam em silêncio através dos bosques, campos arados e prados floridos, certos de que logo alcançariam

as fugitivas. Ninguém falava ou brincava por respeito à evidente irritação de seu senhor.

Agora que a vitória estava próxima, a raiva diminuiu e ele pôde analisar todos os aspectos da situação em que Morgana o colocara. Sem dúvida, sua aristocrática esposa o considerava um guerreiro rude e de um nível social inferior ao dela. Esse desprezo por suas origens feria seu orgulho tão profundamente que talvez nunca a perdoasse.

Apesar de não ser pretensioso, Ranulf reconhecia o quanto se destacava dos demais, não só aos olhos das mulheres como diante de toda a sociedade. Não tinha títulos de nobreza nem fortuna, porém superava a maioria dos paladinos do rei por sua força, habilidade em combate e capacidade de liderar os homens nas batalhas, que sempre vencias. Sua família descendia de guerreiros nórdicos e nobres irlandeses dos quais herdara um corpo saudável e de proporções perfeitas. Se essas qualidades não bastassem, cru considerado atraente por todas as damas da Corte que lutavam para atrair sua atenção.

Com exceção de sua esposa, é claro! E o pior é que ele jamais desejara casar-se e muito menos com Morgana Griffin. Aquela mulher, viúva de um traidor, representava a essência do temperamento rebelde dos celtas que não desistiam de ameaçar a estabilidade conseguida por Edward. Como ninguém desafiava o rei, ele se resignara, e entre a cerimônia nupcial e a hora de consumar a união, aceitara a situação inevitável. Era um homem de natureza racional, mas queria acreditar nos juramentos que ambos haviam feito diante do arcebispo. No entanto, também considerava-se honesto e por isso devia admitir que a necessidade de aceitar o casamento forçado nascera do desejo. Ainda na capela sentira vontade de mergulhar os dedos e o rosto naquela cabeleira sedosa que depois vira espalhada sobre o travesseiro como labaredas brilhantes.

As tranças acobreadas, em contraste com a pele alva, os seios delicados com bicos de coral o enfeitaram por completo. Recebera uma esposa bela e sensual, tinha o direito de usufruir seus encantos femininos agora proibidos a todos os outros homens. Sentira orgulho, desejo e até respeito, mas fora vergonhosamente traído e humilhado.

Em nenhum momento, ele cogitou que Morgana tivesse se sentido ferida pelas ordens do rei. Pensava apenas em sua própria humilhação e ansiava pela vingança. Iria ensiná-la a se curvar aos seus pés, dobrando-se à sua autoridade como uma esposa submissa.

Ranulf e seus cavaleiros atravessaram o vilarejo de Little Nording, sem diminuir a velocidade. Os cascos dos cavalos ecoavam nas ruas estreitas, apavorando todos à sua passagem. Cansados, famintos e suados, os homens o seguiam sem reclamar, mas à medida que a perseguição chegava ao fim, todos começaram a se inquietar.

O que faria Ranulf quando pusesse as mãos na esposa fugitiva? Iria surrá-la ou levá-la de volta a Londres amarrada como uma prisioneira de guerra? Exigiria a

anulação do casamento ou a entregaria às freiras de algum convento, a fim de manter as propriedades de Gales para seu uso próprio?

As indagações seriam logo esclarecidas pois Ranulf, dez metros na frente dos demais, acabava de agarrar as duas fugitivas.

— Por que se esconde debaixo dessa capa velha e suja em um dia tão ensolarado, milady! Mostre sua face ao mundo para torná-lo mais belo.

Com um gesto brusco, ele puxou a capa de lã gasta e viu um camponês de cabelos vermelhos e sardas que o fitava apavorado.

A esta altura, os outros tinham se aproximado e Desmond tirou o capuz do outro viajante. Era um menino de aproximadamente doze anos, ainda mais trêmulo que seu companheiro.

Desmond sempre acreditara em feitiçarias, e, por um instante, imaginou que Morgana tivesse poderes mágicos. Certamente ela mudava de forma quando lhe convinha.

— Cuidado, Ranulf. Ela tem poderes sobrenaturais!

O grito assustado do primo não afetou Ranulf, que compreendera imediatamente a situação. Morgana e a dama de companhia deviam estar bem longe dali, seguindo pela outra estrada que saía da encruzilhada no sopé da colina onde ficava a fazenda. De algum modo, ela convencera os dois rapazolas a ajudarem-na, criando pistas falsas.

O rapaz mais velho notou a fúria do cavaleiro de cabelos loiros e estremeceu.

— Pelo amor de Deus, milorde. Tenha piedade de dois pobres camponeses. Juro por Deus! Só concordamos com a moça porque ela nos disse que era uma brincadeira. Afirmou que o senhor acharia graça e não nos trataria mal.

Ranulf afastou-se do garoto e ergueu o punho cerrado para o céu muito azul.

— Por Deus e todos os santos do paraíso! — explodiu ele, enfurecido. — Não acredito que nenhum homem neste mundo tenha sido amaldiçoado com uma esposa tão difícil de suportar como a minha!

CAPÍTULO IV

A voz lamentosa de Bronwen ecoou novamente no silêncio da noite que começava a cair, criando sombras assustadoras.

- Quando vamos parar, milady!
- Quando encontrarmos abrigo.

A paciente resposta de Morgana ocultava uma irritação profunda. Bronwen vinha repetindo aquela pergunta com uma regularidade exasperante nas últimas duas horas. A dama de companhia seguira-a voluntariamente, insistindo que morreria por sua senhora. O idealismo e a dedicação foram se desgastando a cada quilômetro de estrada empoeirada e atalhos tortuosos. Agora atravessavam uma região agreste, quase deserta e até Morgana começava a perder o ânimo que a sustentara durante o longo dia.

No meio da tarde, ela tinha sugerido que Bronwen ficasse em uma das fazendas de Gloucester, antes de chegarem ao trecho mais árduo do percurso. Quando ela chegasse ao castelo, enviaria uma escolta para buscar sua dama de companhia e conduzi-la de volta ao lar com segurança e conforto. A jovem se ofendera com a oferta, insistindo em continuar. Apesar de terem apenas dois anos de diferença, ela fora entregue à família Griffin antes de completar sete anos. Cresceram como irmãs, e Bronwen realmente daria sua vida por Morgana.

Mas a noite chegava, a exaustão e a fome aumentavam e nenhuma das duas estava agasalhada para suportar o vento frio que começava a soprar. No final da tarde, o céu azul fora coberto por nuvens cinzentas que prenunciavam uma tempestade violenta. A garoa fina era o primeiro sinal da chuva que não tardaria a cair.

Morgana estava prestes a perder o sangue-frio quando avistou ao longe uma luz acolhedora. Só podia ser uma hospedaria. As duas recuperaram as energias e o entusiasmo como peregrinos exaustos que chegam às portas de Jerusalém.

A hospedaria, rústica e malcuidada, teria horrorizado Morgana se as circunstâncias fossem diferentes. Naquela noite fria e chuvosa, ela agradeceu a Deus por encontrar um teto, os restos de um ensopado de coelho e algumas fatias de pão preto. Aliás, as duas comeram a carne dura como se estivessem saboreando um petisco digno da mesa de Edward IV.

A situação complicou-se logo depois do jantar. Só havia um quarto na hospedaria e já fora ocupado por dois ricos comerciantes, um alfaiate e um padre vindo de Londres. A gorda e exigente proprietária não tinha intenções de colocar dois rapazes

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

sujos e mal vestidos junto com seus bem-sucedidos hóspedes. Quando ela viu as moedas de prata na bolsa de Morgana, mostrou-se menos prepotente.

— Está bem. Um de vocês pode partilhar a cama do alfaiate, que é bem magro, ou a do padre. O outro dorme na cozinha com Audre e Hayes.

— Nós dois preferimos ficar no mesmo quarto — insistiu Morgana, assustada.

— Só existe um e já tem ocupantes, rapaz.

— Então dormiremos aqui na cozinha, se a senhora nos der sua permissão, é claro.

— Pois não dou! Acha que vou deixar dois rapazes solteiros no mesmo aposento que minha Audre, só com o pobre Hayes para guardar a virtude da irmã?

Morgana percebeu a expressão atemorizada de Bronwen e segurou-lhe o braço com firmeza para impedi-la de protestar.

— Você fica na cozinha, ao lado do fogão. Eu vou para o quarto.

Demonstrando uma tranquilidade que não sentia, Morgana seguiu a proprietária até o sótão. Ela considerava-se mais corajosa do que Bronwen e capaz de enfrentar qualquer problema. Sua tímida dama de companhia não teria condições de passar a noite em um quarto cheio de homens estranhos e acabaria entrando em pânico.

Pela escada estreita e sem iluminação, ecoavam vozes alteradas e, ao entrar no sótão, Morgana compreendeu o motivo da discussão.

O quarto oferecido aos viajantes por um preço absurdamente caro ficava sob o telhado e tinha o teto muito baixo. Apesar de amplo, só continha três camas bem largas e um pequeno vão onde podiam ser colocados colchões sobre o chão duro. Havia também uma pequena janela, na área destinada à bagagem dos viajantes onde, em caso de extrema necessidade, uma pessoa pequena poderia se acomodar. Morgana dirigiu-se imediatamente para ese cantinho isolado, disposta a impedir que os outros colocassem seus baús no único lugar protegido de olhares indiscretos.

Os criados dos ricos mercadores já estavam no diminuto vão, cansados demais para participar da discussão que não lhes dizia respeito. Pouco lhes importava se seus patrões não queriam dormir para agüentar a exaustiva jornada do dia seguinte. Sentindo-se segura em seu refúgio junto à janela, Morgana observava a briga. Com ela, o padre rezava em voz alta, ignorando discussão exaltada. De acordo com os costumes da época, um sacerdote sempre tinha prioridade e não precisaria partilhar sua ama com ninguém. Portanto, o problema também não lhe dizia respeito.

A alteração continuava porque os dois mercadores recusavam-se dormir com o alfaiate que, segundo eles, cheirava mal porque não tomava banho havia meses. O mais rico, gordo e com trajes luxuosos de veludo verde, acrescentava que não se rebaixaria a partilhar a cama com um reles artesão. O dono da hospedaria tentava acalmar os ânimos, sem sucesso, quando o padre resolveu interferir, usando sua sabedoria de religioso para solucionar o dilema.



— Lembrem-se que Deus ama os humildes, irmãos. Sei que estão cansados e a exaustão os impede de ser complacentes, mas e nada adiantará essa disputa mesquinha. — Ele voltou-se para mercador de aparência abastada. — Se o senhor dignar-se a partilhar sua cama comigo, eu cederei meu direito de dormir sozinho para manter a harmonia entre nós. O amor fraternal deve reinar sempre!

Envergonhado, o mercador aceitou a sugestão do padre e deixou que os outros dois decidissem qual das duas camas restantes era a melhor e mais macia. Logo as vozes se acalmaram e em poucos minutos, todos dormiam, menos Morgana. Ela ouvia a chuva batendo no telhado e, pela primeira vez naquele dia longo e tenso, teve tempo para pensar nas conseqüências de seu ato de rebeldia.

O que estaria acontecendo na Corte?

Não subestimava a extensão da cólera do rei. Sem dúvida, Edward a puniria, exilando-a da corte por um longo período, o que lhe traria uma grande alegria. Morgana detestava a vida artificial do palácio real e sempre preferira as atividades bucólicas de seu castelo em Gales. Ela imaginava que uma outra mulher também se sentiria feliz com seu afastamento: Margot de Maurais. Se os boatos continham alguma verdade, a atraente dama de origem francesa usara todas as artimanhas femininas para conquistar o inatingível e atraente sir Ranulf. Faziam-se apostas sobre quem seria o vencedor dessa batalha amorosa, pois ninguém sabia se o disputado "Cavaleiro Dourado" já caíra na teia da bela cortesã.

Talvez Margot fosse a solução de seus problemas. Ranulf poderia ficar no palácio, desfrutando os encantos da formosa francesa, pois bastava pedir ao rei que anulasse o casamento. Ele não precisava vir atrás da fugitiva para reconduzi-la à Corte como uma prisioneira. O abandono do leito conjugal dava ao marido o direito de repudiar a esposa. Infelizmente, Morgana não tinha esperanças de escapar com tanta facilidade.

Naquele momento, ela daria todas as moedas que lhe restavam em troca de algumas horas de sono repousante. E como dar descanso ao corpo exausto se a mente continuava alerta, recordando todos os detalhes do dia? Deixara dezenas de pistas falsas, trocara de cavalos e de roupas, escurecera a pele alva do rosto e das mãos e até mudara o tom de voz, adotando o sotaque da região rural. Mas tudo fora em vão.

Como uma hábil jogadora de xadrez, Morgana usara toda a sua astúcia para prever os movimentos de seu oponente, neutralizando o ataque. Agora pressentia que não sairia vencedora desse jogo perigoso. Cada batida de seu coração marcava a passagem de mais um segundo, de mais um metro vencido pelas patas velozes dos cavalos que a perseguiam. Não tinha explicações para justificar sua certeza, mas estava convencida de que a derrota se aproximava a passos rápidos.

Os minutos se arrastavam, a noite demorava a findar. Morgana ouvia ratos correndo no chão de tábuas soltas, passos furtivo, o som de uma porta se abrindo e o bater ritmado da chuva no telhado. Finalmente, a exaustão venceu o nervosismo e ela

adormeceu por alguns minutos. O sono, ainda leve, foi interrompido pela chegada de novos viajantes.

Os cascos dos cavalos batiam nas pedras do pátio e o som metálico de armaduras e espadas indicava que os recém-chegados não eram meros viajantes. Ouvindo as vozes, baixas mas autoritárias, Morgana encolheu-se no seu canto, cobrindo o rosto com o capuz. Então, a porta se abriu com o estrondo de um trovão.

— Agora conseguimos agarrá-la!

Desmond foi o primeiro a entrar no quarto. As tochas carregadas por outros cavaleiros iluminavam uma cena de grotesca confusão. Tentando recompor os trajés de dormir e buscando seus sapatos, os hóspedes procuravam encontrar seus pertences. Ninguém ousou reagir contra a invasão do ameaçador cavaleiro com uma espada na mão.

— Estamos vivendo dias difíceis! — reclamou o mercador. — Os homens honestos já não podem dormir em paz sem serem perturbados por estranhos armados.

Escondida atrás de um baú, Morgana esforçava-se para recuperar o controle e pensar em um meio de fugir. Desmond atravessou o sótão e, ignorando as reclamações, aproximou-se do único ocupante que não se movera durante a invasão do quarto.

— Acho que encontramos nossa fugitiva.

Ele chamou um dos soldados que arrancou os acolchoados do mercador mais gordo. Como o homem continuava imóvel, os cavaleiros ergueram as tochas e todos recuaram diante da visão macabra.

O colchão de palha estava embebido pelo sangue que escorria de um corte profundo na garganta do mercador.

— Com os diabos! — gritou uma voz. — Este homem está morto!

— Assassinado! — afirmou outra voz, nitidamente nervosa. — E o pobre sacerdote? Também o mataram?

Não demorou muito para descobrirem que o padre desaparecera e com ele a bolsa e os anéis de ouro do mercador.

— Vocês tiveram sorte — declarou Desmond, irritado com a gritaria dos ocupantes do quarto. — Esse padre era um ladrão assassino e poderia ter matado a todos.

A balbúrdia aumentou em vez de diminuir. Apavorada, Morgana lembrou-se dos passos furtivos que ouvira durante a noite. Escapara da morte nas mãos de um assassino e agora pretendia aproveitar a confusão para escapar de seus perseguidores. Se Desmond se virasse de costas, ela fugiria pela janela. Precisava tentar, era sua última chance!

Suas preces foram atendidas. Depois de dar ordens ao soldado para que conseguisse informações, ele saiu do quarto, provavelmente indo ao encontro de Ranulf. Morgana não perdeu tempo e, esgueirando-se pela janela estreita, caiu sobre o telheiro que cobria a entrada da hospedaria. Estava escuro, a chuva continuava caindo

e ela não sabia como alcançar o chão sem se ferir. Agarrando-a às telhas de ardósia, chegou até um imenso carvalho cujos galhos encostavam no beiral do telhado.

Morgana fora uma criança travessa que vivia subindo em árvores. Só esperava que essa habilidade de saltar de galho em galho não tivesse desaparecido com a idade. Respirando fundo, pulou do telhado e sentiu que suas mãos alcançaram um ramo frondoso e sólido. Infelizmente, ela não calculara que seus dedos escorregariam na casca molhada e despencou no vazio.

Certa de que morreria de encontro às pedras do pátio, Morgana ficou aliviada quando foi agarrada por braços fortes. Então, sentiu um objeto frio e metálico encostado em seu pescoço. O alívio transformou-se em pânico: escapara dos homens de Ranulf para ser capturada pelo assassino do mercador. Ela sabia que qualquer movimento significaria sua morte e permaneceu imóvel. A mente porém continuava ativa e sua maior preocupação era com Bronwen.

O que faria a pobre e tímida jovem se não tivesse mais a sua proteção? O assassino também a mataria e enterraria os dois corpos em um bosque qualquer onde não teriam nem uma cruz para marcar seus túmulos. E os vassalos e servos do Castelo de Griffin? Cairiam nas mãos cruéis do ambicioso Lindsey? À espera da morte, Morgana sentiu-se profundamente arrependida por ter fugido de Londres. Se Ranulf estivesse por perto, nenhum mal lhe aconteceria.

— Que sorte a minha! — disse uma voz familiar ao seu ouvido. — Você não perdeu o mau hábito de pular janelas de madrugada, mas, desta vez, caiu bem nos braços do seu marido.

— Graças a Deus é você!

A reação inesperada de Morgana desarticulou os planos vingativos de Ranulf. Em vez de censurá-la asperamente, tomou nos braços a esposa apavorada e tentou acalmá-la.

— Deus deve ter feito mais um milagre, lady Morgana. Nunca pensei que fosse se tornar tão carinhosa e com tanta rapidez.

— Oh! Foi horrível... o sangue...

Antes que Morgana pudesse explicar, Desmond chegou até eles relatou o trágico acontecimento. Dando ordens para que mantivessem um soldado de sentinela enquanto os outros repousavam, Ranulf puxou-a para longe do pátio,

— Para onde está me levando? — Ela tentou escapar das mãos o marido. — A hospedaria fica do outro lado e...

— E você pretende dormir em um colchão ensangüentado, milady! Ou talvez queira deitar-se no chão, rodeada pelos meus homens? Eu prefiro o isolamento e o feno perfumado do celeiro, com minha esposa, você virá comigo. Chegara a hora de pagar pelos seus erros. Morgana não podia mais fugir do marido que, por lei, tinha o direito de surrá-la ou castigá-la como lhe aprouvesse. Apesar do medo, ela ainda pensou na segurança de sua gentil dama de companhia.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Onde está Bronwen?

— Dormindo calmamente junto da lareira, lady Morgana. Deixei um cavaleiro ao lado dela para protegê-la. Não corre perigo algum.

— E eu, sir.

— Ah! Está com medo, cara esposa? Realmente, tem motivos válidos para sentir-se amedrontada. Basta esperar e logo saberá...

Ranulf caminhou rapidamente para o celeiro e, só depois de colocar a tranca na porta, voltou-se para fitar a esposa.

Onde estava a dama arrogante que o desprezara diante da Corte? Onde ficara a beldade sensual que esperara o marido entre lençóis de cetim? Agora ele só via uma jovem frágil, molhada e maltrapilha. A sedutora senhora de Griffin se transformara em um rapazola sujo e sem formas.

E apesar de todas as atribulações, Morgana continuava a mesma jovem destemida, capaz de desafiar o mundo para defender seus direitos. Ranulf a vira enfrentar Edward na noite do banquete e também na esplanada da torre. Como guerreiro, admirava a coragem física, mas o poeta que existia sob a armadura e as cicatrizes de batalhas antigas encantava-se com a nobreza da alma. E o homem, soma de guerreiro e poeta, esquecia-se das qualidades espirituais porque desejava fisicamente aquela mulher sensual.

No entanto, Morgana demonstrara do modo mais insultante que o desprezava e seria capaz de apunhalá-lo pelas costas se ele tentasse possuí-la. Controlando o desejo, ele estendeu sua capa sobre o monte de feno.

— Está desmaiando de cansaço, milady. É melhor deitar-se pois temos poucas horas até a madrugada chegar.

Morgana o fitou, tentando descobrir quais seriam as intenções de Ranulf. Iluminado pela tocha, o rosto atraente revelava firmeza, determinação e uma vontade tão férrea quanto a sua.

— Eu tive um dia exaustivo, correndo atrás de uma esposa fugitiva, lady Morgana. — Ranulf percebera que ela hesitava em deitar-se ao seu lado. — Meu único desejo incontrollável é repousar em paz!

Aliviada, Morgana não perdeu tempo. A cama improvisada era convidativa como um colchão de plumas. Mesmo sem confiar completamente no marido, deitou-se ao lado dele e adormeceu. Infelizmente, os acontecimentos daquela noite provocaram-lhe pesadelos e ela tentou sentar-se. Então percebeu que Ranulf também não pretendia arriscar-se e atara uma tira de couro ligando seu pulso ao dela.

— Por Deus! Ficou louco? Não posso dormir com o braço amarrado ao seu. O que significa essa... prisão?

— É a primeira lição, querida esposa. Precisa aprender que não deve desafiar seu marido.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

A expressão ameaçadora de Ranulf convenceu Morgana de que ela cometera um erro irreparável. Desafiara um homem cuja coragem em batalha era lendária, como também o era sua frieza implacável ao tratar com os inimigos. Diziam que jamais se esquecia de uma ofensa, e ela o desprezara, colocando-o em uma situação ridícula diante da Corte e de seus próprios homens.

— Como já lhe disse, desejo apenas algumas horas de paz e, se for preciso, eu a amordaçarei para dormir sossegado.

— Mas não é necessário amarrar meu braço ao seu. — Ela mudou de tática, usando um tom doce e aparentemente submisso. — Solte-me, por favor. Prometo-lhe que não fugirei.

— Ah! Dá-me sua palavra de honra?

— Exatamente, milorde.

Ranulf aproximou-se dela e seu sorriso era pura expressão de desprezo.

— Sua palavra não tem valor, senhora. Jurou honrar e obedecer seu marido e o fez diante de Deus e dos homens. Se minha vida dependesse de promessas como as suas, eu estaria morto há muito tempo.

Morgana não tinha argumentos para convencer Ranulf. Aprendera a sentir remorsos por uma ação indigna, a primeira de toda a sua vida. Nascera em uma família que se orgulhava de sua lealdade e, no entanto, humilhara o marido, cobrindo-o de vergonha. A maioria dos homens teria punido com violência uma esposa igual a ela. E estava disposta a enfrentar qualquer punição física. Evitaria ridicularizar um homem digno de respeito, mas não seria dominada por ninguém. Agora o cansaço a impedia de raciocinar e só poderia fazer novos planos quando recuperasse as energias.

Ranulf também estava exausto, mas, ao contrário de Morgana, não conseguia dormir. Passara a maior parte de sua vida perseguindo fugitivos ou lutando contra os inimigos do rei, e sempre se recuperara do cansaço com poucas horas de sono. Agora amaldiçoava Edward que o colocara nessa situação humilhante. A raiva que o invadira ao descobrir a fuga da esposa fora crescendo com o passar das horas e não desaparecia simplesmente porque a encontrara.

Revoltava-se contra o direito real de manipular o destino de seus súditos. Ele não queria uma esposa nem se julgava pronto para aceitar as responsabilidades do casamento. Amava a vida livre de cavaleiro que cruzava o país de ponta a ponta para defender o rei de seus inimigos. Sempre encontrava mulheres atraentes e dispostas a algumas horas de prazer sem compromisso. E, acima de tudo, pretendia escolher a sua companheira por conta própria e Morgana não era o tipo que o atraía.

Então como explicar o desejo que o impedia de dormir? Na inocência do sono, Morgana aconchegara-se a ele como se não tivesse embarcado em uma louca aventura para fugir de um marido que desprezava. Delicada e frágil, ela galopara o dia inteiro sem descansar, demonstrando uma resistência rara, e agora aninhava-se em seus



braços. As mulheres eram incompreensíveis e misteriosas demais para a mente masculina, precisa e racional!

Ranulf mal controlava a ânsia de rever o corpo alvo e tocá-lo até despertar-lhe a paixão. Tinha o direito de possuí-la quando desejasse e no entanto hesitava. Se consumasse o casamento em um celeiro sem conforto, a poucos passos dos cavaliços, confirmaria a opinião de Morgana de que ele não passava de um bárbaro sem refinamento. A necessidade de ser aceito pela esposa o inquietava porque considerava as mulheres como objeto de prazer, sem preocupar-se com suas almas.

Como se deixara prender com tanta rapidez? Quando a teia se fechara sobre ele, impedindo-o de fugir? Admitia que fora enfeitado pelos olhos ora verdes ora azuis, límpidos e brilhantes, pelos cachos rebeldes e sedosos, mas acima de tudo pelo temperamento indomável da feiticeira Morgana.

A luz rósea da madrugada começava a entrar pelas frestas das tábuas quando Morgana acordou, envolvida pelo bem-estar de um sonho agradável. Logo percebeu que a sensação de segurança fora provocada pelo corpo quente ao qual se aconchegara durante a noite. Se Ranulf estivesse dormindo, ela permaneceria em seus braços, sem preocupar-se com uma intimidade perigosa. Ao erguer a cabeça, encontrou o olhar do marido que a fitava com uma intensidade perturbadora. Envergonhada, afastou-se o mais possível, sem conseguir se desviar dos olhos dele.

— A noite esfriou tanto... e eu... precisava de calor — tentou justificar seu ato inconsciente. — Por acaso está com febre?

— Estou ardendo, milady... mas os motivos são outros.

A voz sussurrante e as palavras perturbadoras transtornaram Morgana. Se Ranulf a tocasse naquele momento, não tinha certeza se encontraria forças para fugir de uma atração inexplicável. Ela não costumava perder o controle de suas emoções e assustou-se com a impossibilidade de resistir ao desejo físico.

Morgana acompanhou a chegada da manhã que coloria o celeiro com tons rosados. Uma revelação surpreendente a mantinha acordada: seu marido não era o guerreiro rude e desprovido de sentimentos que julgara à primeira vista. A aparência inflexível como o aço de Damasco disfarçava uma personalidade complexa que raramente vinha à tona. Sentia-se ameaçada pelo interesse que Ranulf despertava nela porque nunca tivera vontade de descobrir os segredos da alma masculina.

Essa reação, nova e inquietante, preocupava-a bem menos que a atração física. Precisava ser honesta consigo mesma e admitir que homem algum provocara nela um desejo tão intenso. A masculinidade de Ranulf obrigava-a a reconhecer sua própria sensualidade, até então adormecida. Morgana pretendia lutar contra essa mulher ardente, vencer a volúpia que a consumia ou seria derrotada por uma paixão fatal.

Sem saber, Morgana identificava-se com o marido, amaldiçoando Edward por colocá-la em uma situação humilhante.

A estrada para sudoeste cruzava bosques frondosos, campos ondulantes e vales muito verdes que separavam as suaves colinas de Gales. Morgana sentava-se mais ereta sobre a sela, tentando vislumbrar, antes de todos, o mar, a ampla baía e a vila que crescera à sombra do magnífico Castelo de Griffin.

— Não falta muito, Bronwen!

Morgana não se surpreendeu ao constatar a transformação no rosto cansado de sua dama de companhia. Ela também sentia-se imensamente feliz com a proximidade do lar. Logo se livrariam das roupas sujas e, depois de um banho perfumado com pétalas de rosa, vestiriam trajes limpos e graciosamente femininos.

No entanto, só um Griffin avaliava a intensidade da emoção provocada pela visão das imponentes muralhas que se alçavam no espaço como se fossem um prolongamento dos rochedos à beira-mar. O castelo fora um dos primeiros a ser erguido na costa do sul de Gales e era um dos mais belos. Através das gerações, a pequena fortaleza rodeada por uma barreira de pedras soltas se convertera em uma construção majestosa, estendendo-se por dezenas de acres.

A cada etapa vencida, o coração de Morgana batia mais forte. Há dois dias, tinham cruzado Offa's Dike, a vala protegida por um muro de terra e rochas que fora construída pelo rei Offa no ano de 796. Essa barreira, de quase duzentos e quarenta quilômetros, separava a Inglaterra das terras célticas. Os ingleses batizaram de Gales essa região que os nativos chamavam de Cymru.

Agora ela pisava o solo regado pelo sangue de seus antepassados. As montanhas azuis e coroadas por nuvens prateadas lembravam batalhas heróicas, e, a oeste, as árvores centenárias dificultavam a passagem de intrusos e conquistadores. Logo a floresta se abriria como uma cortina verde, revelando o oceano indômito e a primeira visão de seu lar.

Até agora, a viagem decorrera sem incidentes. Morgana reconhecera a inutilidade de continuar lutando contra o inevitável. Estabelecera-se uma trégua temporária, pois só aceitaria a cessação de hostilidades durante a viagem. Ranulf não iria vencê-la só porque era atraente e porque sua virilidade a perturbava. Repetia dezenas de vezes por dia que só sentia-se vulnerável ao fascínio do marido porque estava sozinha há muito tempo. Quem sabe acabaria se convencendo de que o desejo se originava da solidão?

Então por que não podia ver as mãos de Ranulf sem lembrar-se que vibrara ao senti-las sobre seus seios? Recordava cada detalhe do corpo vigoroso e sua imaginação vencia a prudência, levando-a a pensar na consumação do casamento. Aquele homem possuía uma arma poderosa, contra a qual ela não tinha defesas. O marido conseguiria derrotá-la através do desejo, só que jamais lhe revelaria sua fraqueza.

A brisa leve do fim de tarde trouxe o aroma característico do mar. Respirando fundo, Morgana sentiu que o perfume não era revigorante e puro como de costume.

Tentava identificar a substância que se mesclara ao odor de iodo e maresia quando Ranulf parou subitamente, praguejando em voz alta.

— O que houve? — perguntou Desmond.

Problemas sérios! Os dois primos lideravam o grupo que os seguia com a mesma velocidade. A apreensão de Ranulf e a urgência de Morgana contagiaram os outros, criando um ambiente tenso e um pressentimento funesto.

Ranulf foi o primeiro a alcançar o topo da colina e sua postura rígida indicava que ele não se enganara.

A colina coberta por um bosque descia suavemente até os campos arados que chegavam quase à beira-mar. Uma barreira natural de rochas escarpadas recebia o impacto das ondas que erguiam em espirais de espuma branca. Mais longe, além o promontório que avançava mar adentro, a sólida muralha às torres imponentes do Castelo de Griffin brilhavam ao sol.

Infelizmente não fora a beleza do cenário que impressionara Ranulf. Ele vira apenas as colunas de fumaça que se elevavam o céu azul e centenas de homens de uniforme laranja empunhan-o aríetes. O castelo estava sendo atacado!

— Envie Ripley e Forester para reconhecer o terreno. — Ranulf deu suas ordens a Desmond. — Um deve chegar à colina mais próxima do castelo no lado sul e o outro investigará a retaguarda do inimigo, ao norte.

Morgana aguardou a partida dos cavaleiros para aproximar-se de Ranulf e verificar com seus próprios olhos a situação, inquieto, ele preparou-se para suportar a inevitável crise de história e enfrentar lágrimas, lamentações e gemidos de desespero. Ainda não conhecia bem a esposa e surpreendeu-se ao constatar sua reação equilibrada e diferente da maioria das mulheres.

Mais um vez Morgana adquiriu uma nova imagem diante de seus olhos incrédulos. Seria uma feiticeira de Gales? A altiva e elegante dama da Corte tinha sido suprimida para dar lugar a um rapazola de rosto sujo e sem modos que desaparecera como se nunca tivesse existido. Embora maltrapilha, a senhora de Griffin demonstrava a coragem de uma lutadora que só se renderia à morte.

Os olhos desafiantes, agora completamente verdes como a floresta que os protegia, fitavam o exército inimigo. A voz ecoou no silêncio com a força indomável dos galeses que nunca haviam desistido de defender sua liberdade e suas tradições centenas de anos.

— Lindsey! Seu maldito infeliz!

CAPÍTULO V

Não se vislumbrava nenhum vestígio de medo no rosto pálido de Morgana. Era o ódio que alterava suas feições delicadas, convertendo-as numa máscara de frieza.

— Então ele já recebeu a notícia de que fiquei viúva. Não perdeu tempo em atacar meu castelo para reclamar seus direitos de bastardo!

Quando Morgana cessaria de surpreendê-lo com suas reações inesperadas?

Ranulf lembrou-se de Boadicea, a rainha ruiva que liderara seu povo contra os romanos. Como ela, Morgana representava a essência da coragem, uma beldade intrépida que preferia a morte à humilhação de abandonar seus súditos nas mãos do inimigo. E essa mulher magnífica lhe pertencia. Sentia-se tão orgulhoso de sua destemida esposa que perdoou o maquiavelismo de Edward e começou a ter esperanças no futuro.

— Esse nobre é da casa de Lancaster?

— Não. Lindsey é apenas um estúpido cego pela ganância. Vai surpreender-se porque o Castelo de Griffin tem recurso secretos ara frustrar seus possíveis conquistadores.

Antes que Ranulf pudesse exigir mais explicações, Morgana soltou um grito de triunfo.

— Olhe! Uma flecha incendiária ateou fogo nos tetos dos colmos das estribarias, mas meus homens dominaram as chamas!

Sem dúvida, os defensores do castelo tinham sido bem treinados, mas o equipamento do exército que os sitiava era poderoso demais. Um perfurador já abrira um rombo na base da torre norte e os aríetes continuavam martelando a muralha externa. Em menos de três dias, a brecha seria suficiente para que o exército ultrapassasse a primeira barreira. Ranulf ia explicar a situação para Morgana quando a viu afastar-se. Ela esporeava o cavalo que avançou apenas alguns metros e estacou subitamente. O faro apurado do animal detectara o cheiro da morte.

Do alto da colina, avistava-se a aldeia que se formara à sombra da proteção do castelo. As casas bem cuidadas agrupavam-se em torno da praça central, onde ficavam a igreja e o cemitério. Agora, pouco restava do vilarejo próspero e tranquilo.

Um terço das casas fora queimado, a porta da igreja tinha sido rompida ao meio e um odor nauseante espalhava-se por toda a redondeza. Cadáveres decompostos de cães, porcos e bois jaziam entre os escombros, mas essa visão repugnante não era a mais dolorosa. De cada um dos carvalhos que circundava a pracinha singela, pendia um homem, e seus corpos oscilavam à brisa da tarde.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

A distância impedia Morgana de distinguir as feições dos enforcados. No entanto, seu coração sangrava pois conhecia cada um dos habitantes da aldeia. Quem seriam os mortos? O velho Powys, que tratava o couro como um artista, junto com seus aprendizes? O sorridente Loyd, o ferreiro hábil, cujos três filhos saudáveis e vigorosos ajudavam o pai? Talvez até Duer, de mente simples e fala confusa, que ajudava o padre Kelwyn?

Morgana começou a tremer, como se tivesse mergulhado no mar gelado do inverno. Se ao menos esse torpor alcançasse o coração e a mente, impedindo-a de sofrer e pensar na tragédia que atingira seus dependentes!

Acostumado às batalhas, Ranulf reconheceu a expressão apática e ao mesmo tempo angustiada de Morgana. Já vira centenas de vezes essa reação de choque diante da primeira visão da cruel realidade da guerra. Homens fitavam com incredulidade os corpos mutilados como se não acreditassem em seus próprios olhos. Só havia um modo de ajudá-la: ocupar-lhe a mente com planos de vingança, pois só assim se apagaria a cena macabra. O ódio a sustentaria com mais eficiência do que palavras de consolo.

— Deus do céu! O que faremos agora?

— É preciso avaliar a situação, milady. Não existe lei alguma que proíba um cavaleiro sem terras de conquistá-las através da força. Se o seu inimigo tiver armas, homens e muita coragem, conseguirá vencer.

Com a rapidez de um perito, Ranulf percebera que o Castelo de Griffin não estava bem defendido. Havia no máximo vinte arqueiros, trinta soldados e um número impreciso de criados. Precisava saber o poderio bélico do inimigo antes de fazer planos.

— Quem é Lindsey e quantos homens o seguem?

— Lorde Lindsey é um primo distante, o resultado de uma ligação extra-conjugal e em sua veias corre sangue inglês e francês. — A expressão de Morgana revelava um profundo desprezo pelas origens do parente. — Ele deseja fortuna e poder, mas não cuida de seus vassalos. Come em pratos de ouro enquanto o povo morre de fome, pois não consegue pagar os impostos exorbitantes que ele exige para mantê-lo cercado de luxo.

Ranulf conhecia a fama de Lorde Lindsey e nunca ouvira uma opinião favorável a respeito dele. Bryce casara-se com uma viúva extremamente rica e muito jovem que tinha um filho do primeiro marido. Após o casamento, levava a pobre noiva para morar em uma mansão isolada, que era controlada por sua amante. A infeliz esposa morrera de uma queda na escada e as suspeitas aumentaram quando o garotinho também não resistiu a uma doença desconhecida. Em menos de um ano, lorde Lindsey tornou-se um homem livre e com uma respeitável fortuna.



No entanto, essas mortes inexplicáveis não tinham a menor importância naquele momento. Ranulf precisava de informações sobre a força bélica do inimigo, não sobre seu caráter.

— Bryce tem quarenta arqueiros e duzentos soldados de infantaria — explicou Morgana. — Conta com a lealdade de dez cavaleiros, entre eles Llewelyn, "o destemido", e gaba-se de ser capaz de reunir mais trezentos homens sob sua bandeira.

— Um inimigo perigoso, sem dúvida. — Ranulf franziu a testa, preocupado. — No entanto, é cedo ainda para perder as esperanças. Há alguns anos, um punhado de homens defendeu o Castelo de Grantley contra duzentos soldados. Desmond e eu iremos explorar os arredores, mas antes você precisa colocar-me a par da planta do castelo e suas defesas.

A esperança renasceu no coração de Morgana. O desespero causado pela destruição de sua aldeia já não representava a derrota final. O destino do castelo, de seus vassalos e sua própria sobrevivência estava nas mãos do marido que ela desprezara. E não tinha a menor dúvida de que eram mãos capazes de atos heróicos. Os olhos de Ranulf brilhavam de excitação diante da bata lha e sua expressão não demonstrava o menor sinal de medo. Afinal, sua vida se resumiria a combater os inimigos, o que lhe valeria o título de "Cavaleiro Dourado", o paladino do rei. Animada, Morgana começou a descrever a estrutura do castelo.

— Como pode ver, as muralhas do sul e do leste são protegidas pelo mar. A oeste há uma rampa íngreme e o lago artificial, formado pelos alicerces do antigo forte. Tem cinco metros de profundidade e por ser de água salgada nos fornece peixes além de servir como defesa. A única maneira de aproximar-se do castelo é através da faixa de terra ao norte.

Descendo do cavalo, Morgana apanhou um graveto para desenhar na terra fofa a planta do castelo. Ela traçou um retângulo com um círculo em cada canto e um maior na linha central.

— Estas são as muralhas externas com suas quatro torres de quina e o torreão maior no muro que protege o lado norte. É bem defendida e tem uma sala de armas própria sobre a ponte levadiça.

Então ela fez um outro retângulo menor dentro do primeiro.

— Entre as muralhas externas e as internas que defendem o castelo há um amplo pátio. — Morgana hesitou antes de prosseguir. — Esse espaço é bastante inclinado e as portas de acesso ficam quatro metros acima do nível da rampa.

Desmond, que acompanhava com atenção as explicações de Morgana, franziu a testa.

— Que maneira estranha de construir um castelo, o desnível entre as portas de saída e o solo dificultam a movimentação dos soldados.

CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

— Mas tem uma grande vantagem. — Ranulf sorriu para o primo. — Se não me engano, esse espaço pode ser alargado e se transformar em um fosso intransponível.

— Acertou, milorde. — Morgana alegrou-se com a rapidez de raciocínio do marido. — Existe um portão de ferro que se abre para o oceano. Se for erguido, o mar invadirá o espaço entre as muralhas externas e as internas. Como o castelo tem poços que fornecem água potável, pode resistir a um cerco prolongado.

— Infelizmente o cerco termina quando as muralhas cederem aos aríetes e nem as mais sólidas resistem por muito tempo. — Ranulf calou-se por alguns segundos. — Esse recurso já foi usado antes?

— Nunca houve necessidade de abrir o portão marítimo, milorde. Ninguém ousa atacar o Castelo de Griffin há séculos.

— Quantas pessoas conhecem esse detalhe?

— Eu, Robin... — Ela abaixou a cabeça perturbada e continuou com a voz trêmula. — Eu, meu intendente, sir Dyllis, e a esposa dele, lady Winifred, que assume a direção do castelo quando me ausento. Ah! Owain, o capitão da guarda também sabe sobre o portão.

Mais tarde, Ranulf pensaria no significado do engano cometido por Morgana ao mencionar o nome do marido morto. Agora, tinha assuntos prementes para dedicar sua atenção.

— E as saídas secretas?

A hesitação de Morgana foi indisfarçável. Todo castelo tinha : saídas ocultas ou mesmo portões que permitiam a passagem de centenas de soldados. Esse recurso era usado para a fuga ou para enviar uma tropa que atacasse o inimigo pela retaguarda.

Revelar esse segredo a um desconhecido provocava em Morgana a sensação de estar traindo seus antepassados. No entanto, Ranulf agora era seu marido, prometera defendê-la e proteger suas propriedades com a própria vida. Se confiasse nele, seria obrigada a admitir a existência dos laços íntimos do casamento. Por muitos anos, fora a senhora de Griffin, a única responsável e detentora de toda a autoridade sobre seus vassalos. Como era difícil entregar o poder que lhe pertencia por direito a um estranho!

A expressão de Ranulf endureceu. Imaginava as dúvidas e conflitos que perturbavam Morgana e ressentiu-se. Ninguém que duvidara de sua honra vivera para repetir esse erro! Ele fitou a esposa e seu olhar demonstrava raiva e autoridade. Ela foi a primeira a desviar os olhos.

— Há uma porta na muralha leste, oculta atrás do altar da capela das damas. A outra fica na base da torre oeste e é uma rota através da água. Só pode ser usada na maré vazante, e mesmo assim é perigosa.

Morgana mantinha a cabeça abaixada, mas Ranulf notou uma expressão fugidia que logo foi disfarçada. Ela estava escondendo informações!

— Mais nada, milady!



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Não, isso é tudo que precisa saber.

Voltando para seu cavalo, Morgana sentiu as mãos de Ranulf sobre seus ombros. Forçada a encará-lo, assustou-se com a raiva que ele não tentava disfarçar.

— Suas palavras desmentem sua expressão, lady Morgana. Embora não acredite muito em suas promessas, jure que não me oculta nada!

— Como ousa duvidar da minha palavra? Veio de uma ilha tão bárbara que não aprendeu o significado da honradez? Eu jamais arriscaria a vida e o futuro de meus dependentes, pois jurei protegê-los!

— Saiba que até um camponês humilde e faminto da minha terra natal tem mais honra do que os habitantes de sua ilha, milady!

O rosto de Ranulf demonstrava tanto ódio que Morgana estremeceu. Como pudera sentir-se segura ao lado dele?

— Acredito em traição porque não desconheço seu desejo de livrar-se de um marido desprezível — continuou ele, tomado pela fúria. — Sem dúvida, espera que eu derrote o exército inimigo, salve o seu castelo e me transforme em um conveniente cadáver depois de cumprir meu dever. Por isso, acho melhor preveni-la de que estarei atento e não cairei em nenhuma armadilha. Se algum fato despertar minhas suspeitas, garanto-lhe que pagará muito caro por tentar me atraí-lo. Juro que suplicará por clemência, lady Morgana!

Ranulf soltou-a tão abruptamente que ela quase caiu. A trégua fora breve e se desfizera diante de uma desconfiança mútua. Morgana prometeu a si mesma que nunca mais se iludiria com palavras suaves, gestos gentis ou falsas aparências. Robin, Lindsey, Edward e Ranulf eram todos iguais!

Que triste destino o das mulheres em um mundo dominado pelos homens! Elas, suas propriedades e até pertences pessoais não passavam de peças a serem manipuladas pelas mãos dos poderosos, num jogo que sempre perdiam. Morgana fora usada duas vezes por Edward, que desejava recompensar seus amigos com propriedades ricas e extensas e ao mesmo tempo garantir a paz de um feudo de importância vital para a paz de Gales. Submetera-se ao casamento com Robin por ignorância e pelo idealismo da juventude. A realidade a amadurecera e não suportaria mais ser um brinquedo do destino. De algum modo, encontraria o caminho certo para manter o controle de suas propriedades, conservar sua fortuna longe de olhos cobiçosos e se libertaria da teia de ganância que haviam tecido em volta dela. O primeiro a descobrir que a senhora de Griffin não cederia seus direitos seria o arrogante sir Ranulf, seu querido esposo!

— Ripley voltou com informações — disse Desmond, aproximando-se de Ranulf. — Os atacantes trouxeram torres móveis para alcançar o topo das muralhas e estão abrindo um rombo no paredão do lago artificial para esvaziá-lo e alcançar a muralha oeste.



CLR - A Senhora das Ruínas - Marianne Willman

— Então o tempo corre contra nós. Precisamos fazer planos rápidos e colocá-los em ação imediatamente. — A voz de Ranulf ficou mais dura ao dirigir-se a Morgana. — Que construção é aquela?

Na colina a leste da aldeia destruída avistava-se uma torre de igreja, rodeada por cabanas rústicas.

— É o mosteiro de St. Tristan, uma ordem religiosa de origem irlandesa. O local destina-se aos padres que procuram solidão.

— Eles nos ajudarão?

— Sim, se os mercenários de Lindsey não tiverem assassinado todos...

— Ótimo. Tenho um plano. Vamos até lá.

O percurso até o mosteiro, embora curto, levou mais de uma hora. A proximidade do inimigo obrigava-os a não se afastarem da proteção dos bosques que já não recebiam mais os raios do sol. Só o horizonte a oeste continuava claro, espalhando uma luz rubra que tingia o mar de vermelho.

Um vento frio começava a soprar quando o grupo parou dian-te do portão de carvalho do mosteiro.

— Somos viajantes procurando um santuário — gritou Cerdic. Um frei desconfiado os espreitou através do visor e fez uma pergunta em gaélico. Cedic, impaciente bateu com a espada no portão.

— Não entendo essa língua pagã! Abra logo a porta.

— Deixe comigo, Cerdic.

Ranulf desceu do cavalo e aproximou-se do portão. Num tom de voz suave, ele conversou com o religioso no dialeto que aprendera em sua infância na Irlanda.

Aliviado, o frei abriu o portão, permitindo-lhe a entrada no pátio pequeno e em ruínas.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Morgana, retirando o capuz que cobria seus cabelos.

— Mulheres? Você não disse que eram só homens? — o religioso abanava as mãos como se quisesse enxotá-los do pátio. — Não permitimos a presença de mulheres em nosso mosteiro. Fora! Fora daqui.

Apesar das circunstâncias trágicas, Morgana precisou controlar o riso diante da figura patética que se agitava diante dela.

— Não me reconhece, frei Ewen? Sou lady Morgana e assisti missa em sua capela dezenas de vezes.

— Lady Morgana? — O velhinho aproximou-se da figura mal vestida. — Deus seja louvado! É verdade! Mas... o que faz na companhia desses desordeiros?

A risada cristalina de Morgana ecoou no pátio silencioso. Surpreso, Ranulf percebeu que nunca a ouvira rir e o som melodioso alegrava seu coração.

— Estou de volta ao lar, frei Ewen. Acompanhada por meu marido.

O velhinho persignou-se rapidamente.



— Graças a Deus! Ouvimos boatos tristes de que seu esposo sofreu um destino cruel nas mãos de Sua Majestade. Sejam bem-vindos, lorde e lady Hartley.

As palavras de frei Ewen provocaram um silêncio constrangedor. Ranulf só controlou a irritação porque compreendia o engano do pobre velho. Tinham recebido notícias da traição de Hartley, mas ainda não sabiam que Morgana ficara viúva e casara-se novamente.

— Infelizmente os boatos não mentiram, frei Ewen. — Ranulf assumiu o controle da situação. — Lorde Robin Hartley foi decapitado como traidor. Sou sir Ranulf, que alguns chamam de "O Nórdico". Lady Morgana é agora minha esposa, está sobre minha proteção.

A severidade da voz de Ranulf refletia sua expressão dura e desprovida de emoção.

— Então... que Deus os abençoe — murmurou o velho religioso, confuso com a atitude austera de um recém-casado.

À luz das tochas, Morgana contemplava a figura máscula do marido. Não conseguia desviar os olhos do rosto atraente nem evitar o ressentimento causado pelo tom rude de Ranulf. Por que ele a odiava tanto? Seriam suas ações que o enfureciam ou o fato de ser obrigado a suportá-la como esposa?

Desde o início, ficara muito evidente que Ranulf não aceitara de bom grado as ordens de Edward, obrigando-o a casar-se com uma mulher que não o atraía. Tinha sido uma reação normal e que acabaria se modificando diante da fortuna da esposa. Quem não se reconciliaria com um destino aparentemente injusto ao avaliar a extensão da fortuna? Afinal, o jovem e atraente lorde Dentlough casara-se com uma herdeira trinta anos mais velha e vivia feliz, desfrutando o luxo que ela lhe proporcionava. O feudo de Griffin, poderoso e lucrativo, fora o maior atrativo para Robin e...

Subitamente, Morgana caiu em si. Ranulf declarara sem rodeios que ela não era o tipo de mulher com quem manteria qualquer ligação. Qual seria o tipo feminino que o atraía? Estaria apaixonado por outra e o casamento forçado destruíra seus planos de um futuro feliz? Ela notara os olhares de ciúme e inveja vindos de Margot de Maurais e agora imaginava se a atraente francesa tinha direitos de amante. Robin casara-se com ela porque desejava ser o senhor de Griffin, mesmo amando outra. Continuava apaixonado até a morte. Seria esse o caso de seu novo marido?

O som de vozes obrigou Morgana a enfrentar o problema principal: retomar seu castelo. Ela voltou a prestar atenção na conversa, revoltando-se com a invasão do mosteiro pelos mercenários de Lindsey.

— Eles chegaram como um bando de lobos famintos. — Frei Ewen continuava a relatar o ataque, ajudado por outros religiosos que se haviam juntado a ele. — Queriam ouro e jóias preciosas, mas não encontraram nada. Somos uma irmandade que ta/ voto de pobreza e nossa única peça de valor era um cálice de pia ta que só usamos nos dias

CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

de festa. Os bandidos o levaram e, como acharam pouco, destruíram tudo que puderam.

— Então tiveram sorte de escapar com vida — disse Ranulf

— Poucos sobreviveram, milorde — afirmou um religioso mais jovem. — Padre Kelwyn morreu aos pés do altar, fulminado por uma apoplexia. Os nossos irmãos mais fortes fugiram daqui para escapar do massacre e só quatro retornaram. O frio foi o pior inimigo e eles estavam sem agasalhos, escondidos nas florestas.

— Pelo sangue dos mártires! — exclamou Ranulf, chocado. — Não posso devolver-lhes a vida de seus irmãos, mas juro que serão vingados. Quando eu retomar o castelo, perseguirei os culpados e eles pagarão pelos crimes cometidos na casa de Deus. Prometo ajudá-los a restaurar as construções destruídas e os presenteari com um novo cálice... de ouro!

Ouvindo as exclamações de alegria dos religiosos, Bronwen franziu a testa. Ela até simpatizava com o marido de lady Morgana, embora não suportasse o convencido e autoritário Desmond. No entanto, achava estranho que sir Ranulf mudasse tão frequentemente de opinião. Ora exaltava sua vida de cavaleiro sem fortuna, ora agia como se tivesse nascido em berço de ouro. Um homem honesto devia avaliar bem as suas posses antes de distribuir presentes caros que talvez não pudesse pagar.

Preocupada com sua senhora, Bronwen fitou-a para ver como ela reagia às promessas do marido. Pálida e impassível como uma estátua, lady Morgana não demonstrava seus sentimentos. Essa ausência de emoções não iludiu a dama de companhia, que reconhecia, na expressão de indiferença, um sinal evidente de cólera contida.

Como Bronwen, Desmond também preocupava-se com seu senhor, por quem daria a vida. Leal e devotado, sentia-se magoado ao presenciar a humilhação de Ranulf nas mãos daquela nobre arrogante que o tratava com desprezo e o expunha ao ridículo. Sofria ainda mais por constatar que o primo estava sendo envolvido na teia perigosa dos encantos de lady Morgana. Como nenhum homem reconhece o feitiço que o escravizará, ele iria defender seu primo, o mais nobre cavaleiro do Reino, vigiando cada passo daquela feiticeira ruiva.

Morgana não notou o ódio no olhar do cavaleiro de Orkney porque estava cega de raiva. Seu marido sem tostão e sem terras prometia fortunas que não lhe pertenciam. Onde pretendia encontrar a riqueza necessária para cumprir suas promessas? Como pagaria suas pródigas oferendas? Com o ouro dos cofres da esposa, com os frutos da colheita dos campos da aldeia ou com impostos pesados que exigiria dos vassalos de Griffin?

Uma educação rígida ensinara Morgana a ser disciplinada e esconder suas emoções. Ela controlou o ódio causado pelas palavras de Ranulf e só Desmond notou o brilho enfurecido e passageiro em seus olhos. Por que ter pressa? Esperaria até ficar

la sós com o marido e então esclareceria sem deixar dúvidas sobre qual era a posição do homem que se casara com a senhora de Griffin.

A emoção de Ranulf era bem diferente. Estava embaraçado com os agradecimentos efusivos dos religiosos e procurou mudar de assunto.

— Precisamos de abrigo para esta noite e...

— Ah, milorde! — exclamou, frei Ewen, desconcertado. — Seu pedido nos coloca em uma situação difícil. Temos camas de sobra no mosteiro, mas nosso regulamento não permite a presença de mulheres após o pôr-do-sol.

— Há momentos em que precisamos contornar as regras — disse Morgana com uma voz muito doce. — Não nos obrigará a dormir na floresta, não é?

Antes que frei Ewen pudesse responder, Ranulf assumiu novamente o controle.

— As leis de Deus sempre têm precedência e uma delas é o direito de oferecer proteção aos perseguidos. Peço-lhes que me concedam permissão para refugiar-se na capela com minha esposa e sua criada.

Satisfeitos com a solução encontrada pelo cavaleiro do rei, os religiosos ocuparam-se em alojar os soldados, enquanto Ranulf conduzia as duas mulheres para a capela.

Morgana lembrava-se bem da pequena igreja de pedra cinzenta com vitrais preciosos e um altar muito simples. Tinha vindo com sua avó assistir à missa no mosteiro tantas vezes que recordava até o perfume do incenso e a luz rubra da lamparina de cristal. Só faltavam as roupas coloridas do cortejo que as acompanhava. A ausência de cor realçava as sombras dos altos pilares.

Não havia bancos nem genuflexórios e a noite seria longa e desconfortável no chão de pedra. No entanto, a falta de comodidade não preocupava Morgana que continuava enfurecida.

— Vamos! Fale logo! — resmungou Ranulf, ao notar a expressão dela. — Estamos sozinhos e pode usar as palavras que quiser.

— Agradeço sua generosidade em permitir que eu abra a boca em sua presença, meu senhor. No entanto, eu não deveria surpreender-me porque fui testemunha de sua... "generosidade" ao oferecer ajuda para reconstruir o mosteiro e um cálice de ouro!

— Não nasci em Gales e percebo que cometi um engano. Os costumes desta região são diferentes e talvez eu tenha ofendido a sensibilidade dos nativos.

O rosto de Morgana ficou rubro de vergonha.

— Não cometeu nenhum engano, milorde. Eu usaria as mesmas palavras... se não tivesse usurpado o meu direito de pronunciá-las.

Mesmo enfurecido, Ranulf mantinha-se controlado e tentava entender um código de honra que lhe era desconhecido. Marido e mulher se enfrentaram sem notar a sombra de Desmond, que acompanhava a discussão.

CLR - A Senhora das Rãs - Marianne Willman

— Seja "generosa" também e explique-me o que fiz para provocar sua ira, milady.

— Sou responsável pelo mosteiro e só eu tenho direito de ajudá-los como sempre fiz desde a morte de meu pai. Nosso casamento é uma união recente e se resume a algumas assinaturas num documento sem valor em meu território. Apesar disso, você usurpa minha autoridade, colocando-me na posição humilhante de esposa subserviente e sem autoridade própria. Sou a senhora de Griffin e não suportarei seus desmandos.

Morgana ficou deconcertada ao notar que sua explosão de cólera não afetara Ranulf, que sorria maliciosamente.

— Como tem duas queixas contra mim vamos esclarecer a primeira, milady. Sinto muito, mas não posso voltar atrás e pedir nos religiosos que me dispensem de uma promessa feita diante de testemunhas, concorda? — O sorriso de Ranulf se acentuou. — Quanto ao casamento sem valor... pretendo retificar essa situação, consumando-o o mais depressa possível.

O olhar de Ranulf percorreu o corpo de Morgana com uma lentidão deliberadamente ofensiva, detendo-se nas curvas reveladas pelas roupas masculinas. Ele só tornou a sorrir quando a viu enrubescer.

— Só lamento estarmos em um recinto sagrado ou demonstraria agora que é muito fácil transformar uma união formal em um casamento de fato. Infelizmente, amanhã também teremos assuntos graves para resolver e ambos seremos obrigados a esperar pela parte mais satisfatória do contrato nupcial. Como bom soldado, eu sempre me mantenho em prontidão... você logo perceberá o quanto me agrada exigir meus direitos.

Como na noite passada no celeiro, a voz e o olhar de Ranulf afetaram Morgana de tal modo que ela se apavorou com sua reação. Não precisava lutar contra o marido e sim com o desejo incontável de sentir-se frágil e entregar-se à proteção e às carícias daquele homem sem medo ou fraquezas. Intuitivamente, sabia e ele seria um amante perfeito, capaz de dar e receber prazer e humilhá-la como Robin. A necessidade de ser protegida e amada quase derrotou sua disciplina férrea. Então, lembrando de que perderia a liberdade se o deixasse perceber sua vulnerabilidade, forçou-se a encará-lo com indiferença.

— Não temos tempo para discutir banalidades, milorde. Assuntos gravíssimos exigem nossa atenção.

— Sem dúvida, lady Morgana — retrucou Ranulf, furioso. Por um instante, percebera que ela estava a ponto de ceder ao desejo. Então lembrava-se que era uma dama de nobre estirpe e que o marido não passava de um cavaleiro sem sangue azul. Pertenciam a mundos diferentes e o desnível entre suas origens jamais seria superado.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— É preciso descobrir um modo de surpreender Lindsey. — Ranulf voltara a ser apenas um guerreiro, frio e sem emoções. — Se ao menos existisse uma outra entrada secreta!

Surpresa, Morgana sentiu-se frustrada com a transformação de Ranulf. O marido ávido por consumir o casamento desaparecera como se nunca tivesse existido.

— Bem... há uma outra rota mas é perigosa demais. Fica no lago artificial e não creio...

— Deixe que eu julgue os perigos, milady. Continue, sim?

— No passado, construiu-se um túnel sob a muralha norte e essa saída secreta terminava em uma grade de ferro que foi habilmente disfarçada. Com o passar do tempo, o nível do mar subiu, e na época de meu avô as águas cobriram a abertura, impossibilitando seu uso para uma fuga segura. A passagem fica alagada até a altura dos ombros de um homem de estatura média.

— Se existe a entrada, eu a descobrirei. Bastará achar a grade e penetrarei no túnel para chegar.

Morgana ergueu as mãos num gesto de protesto.

— Não! É um plano arriscado, uma verdadeira loucura. E se você falhar, não escapará com vida.

— Então seu desejo será satisfeito, madame. Ficar novamente viúva e, se não voltar a Londres e aproximar-se de Edward, poderá escolher um marido que lhe agrade mais. Como é bem possível que eu não volte, conceda-me a graça de uma despedida sem ódios.

Sem esperar pelo consentimento da esposa, Ranulf tomou-a nos braços.

— Beije-me, Morgana. Talvez seja o adeus final.

Contagiada pela emoção da partida, ela entreabriu a boca e ofereceu os lábios ao marido. Sem saber se voltariam a se encontrar, não lutou contra o desejo e foi envolvida por uma onda de volúpia. Lábios sobre lábios, corpos unidos sem barreiras e a paixão que os consumia como uma chama voraz. Ele exigia, apossava-se dos sentidos de Morgana que perdeu a consciência da realidade. O mundo se resumia aos braços que a rodeavam, ao toque ardente das bocas e à vontade incontrolável de abandonar-se ao prazer.

Quando Ranulf afastou-se, Morgana sentiu-se mergulhar no abismo, desprotegida e abandonada. Ele a fitava com um olhar que revelava um desejo infinito.

— Se eu morrer, lembre-se deste momento, Morgana. Lembre-se do que poderia ter existido entre nós...

— Não vá! — pediu ela, angustiada. Queria continuar nos braços de Ranulf para sempre e temia que ele não retornasse daquela missão suicida.

— Não me olhe assim, Morgana. Se não tivesse que salvar a sua vida, eu ficaria aqui e nos amaríamos até saciarmos esse desejo.



CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

Cobrindo com as mãos a boca que ainda mantinha o calor dos lábios de Ranulf, Morgana deu-se conta de que não errara ao sentir medo do marido. Conhecera apenas as carícias de Robin que, apesar de ser um amante experiente, só tocara superficialmente sua sensualidade. Ela percebia agora que o desejo podia ser uma força vital, um delírio dos sentidos. E o homem que despertara essa emoção primitiva talvez estivesse caminhando para a morte!

Com medo de não resistir ao apelo de Morgana, Ranulf correu para fora da capela. Estava perturbado, ouvindo ainda a voz que lhe pedia para ficar e sentindo, pela primeira vez, a tentação de fugir ao dever de um guerreiro e desistir da luta.

— Sir Ranulf? — A voz tímida de Bronwen soou ao lado dele. — Sir Desmond disse que não devo ter medo porque o senhor encontrará um meio de nos levar de volta ao castelo.

— Amanhã vocês dormirão no Castelo de Griffin. Antes, porém, precisamos descobrir se o desejo de Lindsey é mais forte que o nosso.

Desmond saiu da sombra dos pilares e aproximou-se de Ranulf.

— Lorde Lindsey não deseja apenas o castelo, ele quer lady Morgana, Ranulf. Pelo menos, foi isso que essa jovem afirmou.

O olhar magoado de Bronwen foi notado apenas por Ranulf. Desmond fitava seu senhor, indiferente à presença da tímida e inofensiva criada da perigosa lady Morgana.

— Consta que Lindsey foi tomado por um acesso de fúria quando soube do primeiro casamento de lady Morgana com lorde Harthey. Sem dúvida, irá reagir ainda mais violentamente ao ser frustrado pela segunda vez.

Aproximando-se de Bronwen, Ranulf segurou-a pelo braço.

— É verdade? Ele queria casar-se com sua senhora?

— Sim... há muito tempo, é claro. Os dois ainda eram crianças e, de acordo com lorde Lindsey, juraram que se casariam. Até tocaram a pedra...

Ranulf sentiu um ciúme tão violento que quase agrediu a pobre Bronwen. Ele conhecia aquele costume centenário em que o casal de namorados, seguindo um ritual pagão, tocava a pedra sagrada dos druidas e consagrava sua união. Em muitas regiões, ainda se considerava esse compromisso válido e tão legal quanto o casamento celebrado pelos padres. Subitamente, admitiu que desejava Morgana com uma intensidade assustadora.

Então, no fundo de sua mente, surgiu a suspeita de que talvez ela preferisse unir-se a lorde Lindsey a ser esposa de um cavaleiro sem títulos de nobreza. O dilema seria decidido no túnel e as águas do lago resolveriam por eles.

Os soldados começaram a se organizar bem antes de o sol iluminar as torres do Castelo de Griffin. A disciplina rígida e a experiência de inúmeras batalhas transparecia nos movimentos precisos e silenciosos. Todos já haviam assumido suas posições de ataque quando três cavaleiros surgiram da floresta. As sentinelas soaram



o alarme e interromperam-se todas as atividades à espera de uma decisão vinda de lorde Lindsey.

O comandante do exército, acampado às portas do castelo, aproximou-se sem pressa dos inesperados visitantes. Alto e moreno, lorde Lindsey era um comandante que impelia seus homens a atos heróicos, mas nunca arriscava desnecessariamente sua própria pele. Ele não tinha intenções de desgastar suas forças lutando como um reles guerreiro se podia pagar para que outros executassem as duras tarefas de soldado. Apesar da extrema prudência, não temia os religiosos do mosteiro.

— Concedo-lhes permissão para se aproximarem. — Lindsey só dava ordens a seu capitão da guarda, que as transmitia aos demais.

As sentinelas abaixaram as espadas e ficaram ainda mais tranquilas diante do cavaleiro que trazia um crucifixo erguido sobre sua cabeça. Se os soldados zombavam das montarias esqueléticas e dos trajes maltrapilhos dos monges, Lindsey não escondia o sorriso cínico. Provavelmente aqueles tolos que viviam em um universo místico e irreal acreditavam na possibilidade de convence-lo com orações e improváveis ordens divinas.

Decidido a demonstrar seu desprezo por essas táticas sentimentais, ele aproximou-se do monge mais alto e o saudou como se estivesse diante de um comandante a serviço do rei.

— Aconteceu alguma tragédia que os obrigou a abandonar suas orações matinais, irmãos?

O monge a quem Lindsey se dirigira não retirou o capuz que ocultava parcialmente seu rosto.

— A paz esteja convosco, milorde. Realmente, viemos tratar de um assunto urgente.

— Por acaso avistaram um navio sinistro lá do alto de seu refúgio nas nuvens? — Lindsey continuava a zombaria. — Não tenham medo, irmãos. Os viquingues não chegam a estas praias há mais de um século.

O monge retirou um pergaminho da ampla manga de seu hábito de lã grosseira.

— Temos uma mensagem de lady Morgana que deve ser entregue ao intendente do castelo.

— Que absurdo! — Lindsey perdeu o bom humor. — Ela está a corte de Edward.

— Não mais, milorde. — O monge apontou para a colina além da aldeia destruída e todos os homens de Lindsey voltaram os olhos para o local que ele indicara.

Uma mulher de postura majestosa permanecia imóvel sobre seu magnífico cavalo. A cabeleira, brilhante como ouro acobreado, caía sobre suas costas como um manto digno de uma rainha. Ao lado dela estavam quatro cavaleiros armados e um pajem levava a bandeira branca e azul de lady Morgana, a herdeira legítima do Castelo de Griffin.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Mesmo se não tivesse uma excelente visão, Lindsey reconheceria a silhueta esguia e aristocrática de Morgana, e ainda que ela estivesse mais distante, o tom raro de seus cabelos a identificaria entre centenas de mulheres. Preocupado e curioso, ele quebrou o lacre do pergaminho para ler a intrigante mensagem.

Cerdic, o monge disfarçado o fitava, percebendo as expressões conflitantes no rosto de lorde Lindsey. Surpresa, incredulidade e assombro deram lugar a um sorriso de satisfação. Lady Morgana dava ordens ao intendente de entregar o castelo aos inimigos.

"É preciso evitar o derramamento de sangue", dizia a surpreendente mensagem.

Lindsey aceitou a rendição de Morgana sem remorsos ou suspeitas. Uma viúva, com terras em uma região distante e longe de proteção real, estava sempre à mercê de qualquer cavalheiro ousado e forte que conseguisse tomar suas propriedades e estabelecer-se como novo senhor do feudo conquistado. Por intermédio da posse das terras, ele dominaria Morgana e a convenceria a casar-se. Logo Edward aceitaria seu juramento de lealdade e se esqueceria do assunto. A história comprovava que a audácia de um guerreiro era perdoada quando prometia fidelidade ao rei.

Se ainda tivesse alguma dúvida, Lindsey a ignoraria diante de um desejo tão forte quanto a ambição pelo poder. Lembrava-se do verão dourado em que cortejara uma ingênua jovem de dezesseis anos. Os pais da adolescente tímida tinham viajado para Londres e não foi difícil convencer o senescal a permitir que ele a visitasse. Provara ao velho mordomo que sua presença sempre fora aceita, pois seu avô e o de Morgana eram primos de primeiro grau. Afinal, não costumava ser convidado para todas as cerimônias do castelo?

Livre para conquistá-la, Lindsey rodeou lady Morgana de atenções, escrevendo-lhe poemas, enviando-lhe flores até sentir que a resistência diminuía. Não almejava apenas a imensa fortuna nem o poderoso feudo que ela herdaria após a morte do pai. Queria a jovem que desabrochava e logo seria uma mulher bela, temperamental e ardente. Agiu como um trovador romântico, controlando o desejo que crescia a cada encontro. E quando se despedia de sua amada, sempre encontrava alguma criada disposta a satisfazer sua volúpia.

O primeiro beijo, no roseiral perfumado, convenceu-o de que a vitória não tardaria. Morgana entregou-se às suas carícias, demonstrando a sensualidade que ele pressentira existir sob o exterior sereno e disciplinado. Já planejava o último ato de sedução quando lorde Griffin retornou e, enfurecido com a ousadia de Lindsey, levou a filha para Londres. Dois meses depois, ela casou-se com lorde Hartley, destruindo seus planos ambiciosos.

Durante três anos, Lindsey usara todas as armas, honestas ou imorais para conseguir poder e bens materiais. O primo sem recursos transformou-se em um senhor poderoso, um homem temido e invejado. Por uma ironia do destino, a rica

herdeira que ele tanto desejara voltava a seu castelo em desgraça. Viúva de um traidor e expulsa da Corte, Morgana se sentiria grata ao receber sua proteção.

Antes do pôr-do-sol, Lindsey teria alcançado os dois objetivos que haviam se tornado uma obsessão por anos a fio. Entraria no castelo onde fora desprezado e expulso após ter declarado seu desejo de casar-se com Morgana: o parente sem qualidades se estabeleceria para sempre como senhor de Griffin.

Ele planejava minuciosamente o que faria quando triunfasse. A segunda parte de sua vingança seria dominar Morgana como subjugaria os vassalos de Griffin. Não perderia tempo para assumir o comando do castelo nem para demonstrar a ela quem era seu novo senhor. Pretendia vingar-se do pai, possuindo a filha na cama que o velho Griffin ocupara e antevia os passos necessários para levá-la à rendição total.

Erguendo os olhos para a colina distante, lorde Lindsey sorriu triunfantemente para a figura imóvel entre as árvores do bosque. "Logo a terei, bela dama... Logo será minha!" Ele sempre considerou a vingança o manjar dos deuses e Lindsey pretendia saborear esse raro prazer em muito pouco tempo. Todas as humilhações do passado seriam revividas e a mulher que simbolizava o poder do Castelo de Griffin receberia de volta cada desacato, cada gesto de repulsa e aceitaria a punição com a passividade de uma esposa obediente e submissa aos desejos do marido.

"Em breve, bela dama... muito em breve!"

CAPÍTULO VI

"A sorte está lançada".

O murmúrio rouco de um soldado soou aos ouvidos de Morgana semelhante ao sussurrar das folhas agitadas pela brisa amena. Com a natureza, que não alterava seu ritmo imutável, Morgana aprendera a ser paciente, herdara a disciplina férrea de seus ancestrais de sangue nobre. A aparência calma e confiante não passava de uma máscara que lhe custava manter. Enquanto sorria a fim de tranquilizar a angústia nítida na expressão de Bronwen, lutava desesperadamente para controlar o pânico crescente. Era difícil demonstrar serenidade quando a cada minuto aproximava-se a hora de agir.

Com gestos comedidos, ela arrumou as pregas do vestido de damasco branco. A necessidade de encontrar um traje adequado para a ocasião a levava a examinar os baús de doações enviadas ao mosteiro. Uma arca muito antiga, de mogno entalhado com arabescos de madrepérola, chamou sua atenção. Aquela peça rara pertencera à bisavó de sua mãe, uma lendária Morgana da qual ela herdara o nome. O traje pertencia a uma época que se perdera nas brumas do passado e o estilo severo adaptava-se perfeitamente à ocasião. Precisava projetar uma imagem de autoridade e nobreza quando chegasse o momento de desempenhar sua parte nos planos de Ranulf.

No sopé da colina, o exército de Lindsey continuava a organizar-se para o ataque como se não tivessem recebido a mensagem da senhora de Griffin. Se Ranulf estivesse ao seu lado, não se sentiria sem esperanças e perdida em um mundo sombrio. Ela não desejava nenhum marido e muito menos o que lhe fora imposto por Edward, mas aquele homem forte e destemido era o companheiro ideal numa situação de perigo iminente.

Ranulf arquitetara um plano ousado demais, subestimando obscuras que dificilmente seriam transpostos. O medo de Morgana aumentava cada vez que pensava nos problemas quase insuperáveis. Logo não controlaria mais o pânico.

Tinha sido o bisavô de Morgana que aumentara a pequena fortaleza, erguendo novas alas e muralhas, transformando o rústico ortim no magnífico Castelo de Griffin. Seu ancestral, vivendo em uma época de guerras constantes, demonstrara o talento de um arquiteto astuto, construindo quartos e escadas secretas, além e inúmeras rotas de fuga. Na sala dos tesouros, existia uma porta issimulada por um grupo de estátuas de onde saía o túnel que chegava até a grade submersa no lago artificial. Ranulf partira do mosteiro muito antes de o sol nascer, a fim de chegar ao lago sem ser visto pelos mercenários de Lindsey. A retomada do Castelo de Griffin dependia dele e, infelizmente, Morgana não se sentia confiante. Talvez a grade estivesse enferrujada e

não pudesse ser removida ou até nem existisse essa entrada. O segredo lhe fora revelado pelo pai, mas não sabia se ele verificara a veracidade da lenda.

— Oh, Deus! — suspirou Morgana, angustiada. — Ele está demorando demais!

— Tenha paciência, milady. — Um dos soldados se comovera ao ouvir o desespero na voz dela. — Essas missões não costumam ser rápidas e sir Ranulf é muito cauteloso.

Morgana forçou-se novamente a não ceder ao pânico. Jurara Ranulf que seguiria os passos previstos sem alterar nenhum detalhe, mesmo se ocorresse algum incidente. Por sua vez, ele prometera enviar-lhe um sinal de que o plano triunfara: o estandarte azul onde brilhava o leão dourado, emblema de seu avô, seria basteado na torre leste, anunciando sua entrada no castelo.

Por que não via a gloriosa bandeira tremular ao vento? As horas corriam, o sol, agora forte, iluminava a superfície do lago, plácida e brilhante como um espelho. Nenhum movimento, nenhuma ondulação perturbava as águas sem transparência. Lindsey, dando as costas ao castelo, já voltava para sua tenda luxuosa, seguido pelos humildes monges, e na torre leste divisavam-se apenas os arqueiros posicionados nas seteiras. Então, a aparência serena de Morgana, mantida através de um esforço supremo, sofreu um abalo arrasador. A paisagem ensolarada diante de seus olhos desapareceu, dando lugar a uma cena assustadora. Envolvida por uma luminosidade esverdeada, ela avistou uma rede de metal enferrujado, envolta por uma teia gelatinosa, uma cortina de algas e detritos. Mãos fortes e brônzeadas moviam-se com urgência e se crispavam nas barras sem conseguir erguê-las. Com absoluta nitidez, viu os dedos afrouxarem, perdendo a força e finalmente flutuando inertes.

Os pulmões de Morgana não tinham mais ar, ela não recuperava o fôlego e sentiu-se arrastada para um abismo escuro. Estava prestes a perder a consciência quando a visão dissipou-se e o sol voltou a brilhar. Atônita, enxergou a silhueta imponente do Castelo de Griffin recortada contra o céu azul. O calor do meio dia não afastava o frio que a envolvera.

Morgana sempre tivera esperanças de ser como algumas mulheres de sua família que escapavam desse dom amargo. Agora sabia que não poderia fugir da visão. Uma lendária ancestral, a Senhora do Lago, possuía esse estranho talento que reaparecia através das gerações. Sem dúvida, a ansiedade dos últimos dias e a preocupação com a segurança do marido haviam trazido à tona o poder místico que ela tanto reprimia.

Os olhos de Morgana encheram-se de lágrimas. O plano falhara e Ranulf estava morto!

Por que Desmond não permanecera em seu posto? Duas horas antes de o sol nascer, ele também desaparecera do mosteiro para executar alguma missão misteriosa e ainda não retornara.

Torturada pela visão, Morgana precisava de um homem corajoso que lhe infundisse ânimo para enfrentar a próxima etapa a ser vencida. Continuava sendo

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

responsável pela vida de seus vassallos, mas não conseguia concentrar-se e seguir o plano inicial. As emoções provocadas pela morte de Ranulf a impediam de agir com serenidade.

Ela ficara novamente viúva e antes de se tornar uma esposa. O seu marido perdera a vida tentando salvar um castelo que não lhe pertencia das mãos ambiciosas de um homem com quem ele nunca se encontraria em outras circunstâncias. Seria impossível negar que sua impetuosidade provocara aquela tragédia. Se não tivesse fugido de Londres, Ranulf não viria até Gales sem trazer consigo todos os seus soldados. Portanto, a única culpada pela morte do "Cavaleiro Dourado" era ela, a orgulhosa castelã de Griffin.

Agora não adiantava arrepender-se das palavras ofensivas proferidas na capela. Ranulf partira após ouvir suas acusações e fora ao encontro da morte pensando que se casara com uma megera. Não mais descobriria seu lado doce, e ela também não conheceria o homem complexo que se escondia atrás da armadura de guerreiro sem emoções.

A culpa era uma emoção fácil de ser reconhecida. Morgana não conseguia e nem poderia analisar a sensação de ter perdido um bem precioso, pois tinha de voltar à realidade. Mesmo entorpecida pela visão trágica, precisava levar adiante os planos de Ranulf e acompanhar até o fim o drama que começava a se desenrolar.

Os três monges cruzavam as fileiras do exército de Lindsey, levando a ordem de rendição do castelo. A ponte levadiça foi baixada e um cavaleiro veio recebê-los. Sempre preocupado com sua segurança, Lindsey recuara para o sopé da colina, rodeado por seus guerreiros mais destemidos.

O cavaleiro recebeu a mensagem dos monges e desapareceu no interior da muralha externa. Morgana mal suportava a espera, pois o próximo passo exigiria sua participação.

Em menos de dez minutos, o cavaleiro retornou, acompanhado pelo mensageiro que atravessaria o exército inimigo, sem armas, e arriscando-se a ser sacrificado por um capricho de Lindsey. Ele tomou a direção da colina, flanqueado por dez arqueiros, pouco à vontade sobre a sela e pela companhia de soldados inimigos.

O grupo já estava próximo da clareira onde Morgana os espetarava, quando Bronwen soltou uma exclamação de surpresa.

— Daffyd!

Ao constatar que a dama de companhia não se enganara, Morgana ficou enfurecida. Como sir Dyllis ousava colocar a vida de seu jovem músico em perigo? As mãos de Daffyd, mãos de artista, sabiam dedilhar a harpa e não manejar armas, e além disso, só tinha dezesseis anos. Logo, a raiva deu lugar à gratidão pela coragem demonstrada por ele ao oferecer-se como voluntário para aquela missão. Esperou até que se aproximassem a fim de elogiar sua bravura.



CLR - A Senhora das Roubas - Marianne Willman

— Sinto-me envaidecida — disse ela, agora dirigindo-se aos soldados de Lindsey.
— É preciso um destacamento composto por dez lacaios ingleses para acompanhar um único galês que nunca manejou uma espada, só as cordas da harpa e mal deixou a infância. Pergunto-me quantos serão necessários para acompanhar um homem que saiba se defender.

Todos os soldados ingleses sentiram a ironia ferina de Morgana, menos o rude e ignorante sargento.

— Engana-se, milady. O rapaz é inofensivo. Os soldados vieram para protegê-lo e também para acompanhá-la de volta ao castelo.

Descendo do cavalo, Daffyd ajoelhou-se diante de Morgana. Seus olhos castanhos exprimiam admiração pela coragem de sua senhora e tristeza pela situação em que ela se encontrava.

— Trago-lhe saudações de todos, milady. Temendo um ato de traição, sir Dyllis entregará o palácio aos inimigos se a senhora der essa ordem diretamente a ele.

— Então terei que comunicar-lhe minha decisão. Vamos até o castelo.

Morgana guardou uma lembrança vaga daquela jornada tensa e recordava-se apenas de alguns detalhes. Cavalgara ao longo do mar, acompanhada por Bronwen e Daffyd, e depois já estava chc gando à ponte levadiça junto com os três monges. Ouvia o casco dos cavalos ressoando sobre as tábuas sem saber onde ficara o destacamento que a acompanhava desde o alto da colina. Então viu a porta levadiça sendo aberta e sir Dyllis ajoelhou-se diante dela.

— Entristece-me encontrá-la nessas circunstâncias, lady Morgana.

— Meu castelo foi defendido com bravura e devo-lhe agrade cer pela coragem demonstrada, sir Dyllis. Agora... conduza-nos a fim de que possamos concluir este triste episódio... — Ela sorriu com cinismo ao apontar os guardas ingleses. — Como vê, trouxe companheiros indesejáveis.

O ambiente familiar renovou as energias de Morgana, que renperou o espírito de luta. Agora enfrentariam o passo mais di-ii. il do arriscado plano de Ranulf e precisava manter-se alerta.

Os sinos do mosteiro chamavam os fiéis para a missa enquanto o cortejo atravessava o pórtico da muralha externa. Sir Dyllis e Morgana lideravam o grupo, seguidos de perto por Bronwen e Daffyd. Diante deles, estendia-se o pátio inferior, um espaço Berto com mais de cinquenta metros de largura que separava as luas muralhas do castelo. Da muralha externa descia uma rampa íngreme e profunda. Na parte mais baixa da descida, começava a rampa ascendente, que se estendia até a muralha interna e à segunda porta levadiça.

Inesperadamente, os quatro primeiros a chegar à rampa não a atravessaram para alcançar a porta levadiça da muralha interna. Sir Dyllis e Morgana seguiram pelo caminho de ronda à direita, Bronwen e Daffyd para a esquerda e, ao mesmo tempo, as



portas de saída da muralha externa se fecharam. Confusos, os soldados do destacamento desceram a rampa, impossibilitados de seguir adiante ou de recuar.

Eles tentavam reorganizar-se para perseguir os quatro residentes do castelo quando se ouviu um som sibilante que aumentava rapidamente até ecoar como um trovão. Não houve tempo para fugir da torrente de água barrenta que avançava com o ímpeto de uma inundação. Homens e cavalos se debatiam, lutando para não serem arrastados pela torrente, mas era impossível resistir à violência do turbilhão.

Morgana mantinha sua montaria sob controle, seguindo sir Dyllis pelo parapeito ao longo da muralha externa. Ela estava apavorada, pois o cavalo poderia escorregar nas pedras atingidas pelos respingos ou a água talvez subisse demais e os arrastasse para o rio que se formara entre as rampas. O portão para o mar precisava ser fechado para que o nível não atingisse as portas levadiças.

Bronwen e Daffyd tinham seguido na direção oposta e os quatro só se veriam novamente diante da entrada secreta no lado oeste do castelo. Antes de ir ao encontro deles, sir Dyllis colocara uma tábua larga que serviria de ponte sobre o fosso ainda não alagado.

Os quatro chegaram ao mesmo tempo e então Morgana percebeu que dois soldados haviam escapado das águas e aproximavam-se deles. Apesar do pânico, obrigou Bronwen e Daffyd a cruzarem a ponte antes dela e só a atravessou quando viu que sir Dyllis conseguira desvencilhar-se do primeiro atacante.

Só ela conhecia o segredo da entrada secreta. Com mãos trêmulas, girou a pedra móvel que se abria para um amplo salão sob a torre oeste. Bronwen e Daffyd entraram e Morgana ajudou sir Dyllis a deslocar a tábua que lhes servira de ponte. O segundo atacante que começava a atravessar o fosso caiu nas águas revoltas e foi arrastado pela torrente.

A tensão desgastara as energias de Morgana a ponto de provocar-lhe uma tontura incontrolável. Sentiu que alguém a retirava de cima do cavalo e a carregava para o pátio superior, banhado pelo sol. Reanimada pelo calor e pela luz, ela abriu os olhos e encarou o soldado que a retirara do sombrio quarto secreto a fim de agradecer-lhe.

— Sir Ranulf!

Sem acreditar no que via, julgou estar diante de um fantasma criado por seu complexo de culpa. Passara por experiências as sombrias nas últimas vinte e quatro horas, e não se surpreende ria com mais nada. No entanto, nenhum espectro tinha braços tão fortes nem seria tão quente e sólido.

— Eu... pensei que tivesse morrido, milorde.

A surpresa e o choque de ver ressurgir o marido, que julgara morto, a impediam de falar. Apenas o fitava com um olhar incrédulo, movendo a cabeça como se negasse a realidade.

Ranulf só poderia interpretar a reação de Morgana do modo mais racional. Arriscara a vida de seus homens para ajudá-la a recuperar o castelo e, em vez de agradecer, ela não escondia sua decepção ao encontrá-lo vivo. Uma onda de ódio o envolveu e sua expressão alterou-se radicalmente. Agora não tinha mais dúvidas de que aquela mulher bela e arrogante nunca o aceitaria.

— Peço-lhe desculpas pelo sofrimento que estou causando, milady. Sem dúvida, estraguei seus planos ao sobreviver. Não ficou novamente viúva como planejava. — Ele sorriu com cinismo. — Não perca as esperanças. A batalha ainda não terminou e talvez seu desejo seja atendido. Aliás, faltou pouco para livrar-se de mim porque quase morri na primeira tentativa de abrir a grade enferrujada.

Então ela não se enganara! A visão fora verdadeira e revelara o perigo que Ranulf correria ao mergulhar no túnel. Ia explicar o que acontecera quando ouviu a voz ríspida dando ordens aos soldados.

— O castelo está seguro. Retirem as armas dos corpos que ficaram no fosso e depois os coloquem nas carretas. À noite, levem os mortos para o campo norte.

— Com que direito dá ordens aos meus soldados? Como ousa negar aos mortos um enterro cristão?

A resposta de Ranulf foi abrir a camisa e expor o peito amplo e musculoso.

— Isto me dá o direito, milady. Logicamente, não preciso repetir que o casamento também propicia certos privilégios além de obrigações.

A exclamação de Morgana diante do corte profundo, mal coberto no por trapos ensangüentados, foi suplantada pela voz enfurecida de Ranulf.

— Quanto ao enterro dos mortos, minha gentil esposa, dispenso sua opinião sobre o assunto. Corpos insepultos provocam doenças e meus homens têm outras tarefas mais importantes do que cuidar de ferimentos dos soldados de Lindsey. Há ainda um outro motivo. Todos saberão que não poupamos a vida dos prisioneiros e pensarão muito antes de tentar escalar as muralhas durante a noite.

Pálido de raiva, Ranulf chamou Cerdic, seu ajudante-de-ordens.

— Acompanhe lady Morgana até o torreão e mantenha-a lá. A força, se for preciso!

— Sir Ranulf, por favor!

Sem dar atenção ao chamado da esposa, Ranulf afastou-se. Morgana sentia-se envergonhada e queria pedir-lhe desculpas por sua reação de indesculpável arrogância. Ele tomara as decisões corretas e só o contestara porque estava descontrolada pelas emoções daquela manhã atribulada. Estendendo as mãos, ela insistiu no apelo.

— Espere, por favor!

— Pelos santos mártires! Tenho de defender o seu castelo, milady. Por que não assume sua posição de castelã e se ocupa com os afazeres domésticos? Deixe os problemas bélicos serem resolvidos por mãos mais capazes que as suas!

CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

Havia centenas de homens no pátio do castelo e todos ouviram a explosão de Ranulf. Rubra de vergonha, Morgana acompanhou Cerdic, já planejando um modo de retribuir aquela humilhação.

"Pelos bosques mágicos, ele a levou Ah, os pássaros cantam o sentimento. Ofereceu-lhe corpo, alma e coração. Ah, os pássaros louvam a devoção! E ela, sem reservas, o aceitou. Ah, os pássaros celebram o encantamento!"

A voz cristalina de Daffyd acompanhava a melodia suave da harpa, transmitindo paz e serenidade aos guerreiros cansados da batalha. No enorme salão, iluminado por dezenas de tochas, velas e lampiões a óleo, duas lareiras espalhavam calor, enquanto javalis inteiros giravam nos espetos. O ambiente, festivo revelava a alegria dos vencedores e a extensão de sua gula.

O inimigo fora derrotado. Metade dos mercernários de Lindsey tinham sido feridos ou mortos, mas os defensores do Castelo de Griffin não haviam perdido nenhuma vida. E, como bons guerreiros, festejavam a vitória abrindo incontáveis barris de cerveja. Sendo um banquete, a comida também ocupava um lugar de destaque. Vitelas, leitões e carneiros assados vinham das grelhas diretamente para as mesas. Da cozinha, quase tão grande quanto o salão, chegavam os pratos mais elaborados. Enguias em molho de vinho, peixes recheados com cogumelos e alecrim, faisões e gansos conservados na gordura de tocinho, tortas de nabo e miúdos de frango disputavam o apetite de homens cuja vida exigia coragem que merecia ser recompensada com prazeres.

No alto da plataforma, ficava a mesa principal onde a comida era servida em pratos de ouro e prata. Sir Dyllis fora convidado a sentar-se ao lado de Ranulf, e sua esposa junto a Morgana, homenageando a coragem do intendente durante a retomada do castelo. No nível mais baixo, espalhavam-se mesas longas que acomodavam cavalheiros de menor importância, soldados e os outros serviçais. Grossas fatias de pães redondos serviam de prato e sobre eles se colocava a iguaria mais apreciada: ovos, cebolas e cenouras picadas em molho de creme azedo e temperadas com menta, alho, manjerona, pimenta e mel. Senhores e vassalos comiam em silêncio, saboreando as criações primorosas dos cozinheiros.

Arvil, o senescal de Morgana, indicou aos criados, por meio de um sinal discreto, que servissem os doces. Ele não tinha as características típicas dos mordomos encontrados em outros castelos. Nascera de família pobre e começara a vida como auxiliar de cozinheiro. Com o tempo, demonstrara sua capacidade, e qualquer duque se orgulharia de ter um serviçal tão eficiente.

Com a chegada dos doces, Ranulf pediu a Arvil que trouxesse outra qualidade de vinho. O novo senhor do castelo de Griffin, ricamente vestido, comportava-se com a mescla de autoridade e benevolência típica dos príncipes e nobres de sangue azul. Nin-



guém imaginaria que sir Ranulf não passava de um cavaleiro sem terras e dependente do soldo real ou da fortuna de uma esposa.

Morgana evitava fitá-lo, irritada com a transformação do marido. O homem que a beijara com uma sensualidade primitiva na capela do mosteiro não tinha nada em comum com o cavaleiro dominador sentado no lugar de honra. Os olhos revelando desejo e volúpia, a boca suavizada pelo calor da paixão não pertenciam ao senhor feudal de rosto duro, talhado em pedra fria. Ranulf não tomara conhecimento de sua presença desde o início do banquete, agindo como se a esposa não existisse. Ele acreditava piamente que Morgana desejara sua morte e ela não conseguira dominar a raiva para poder contar-lhe a verdade.

Ranulf também perdera o controle sobre suas emoções. Tinha esperado gratidão, mas só recebera insultos e sua fúria fora aumentando com o passar das horas. Morgana o aceitava como um aliado valioso que demonstrava coragem e astúcia para salvar sua arrogante esposa das mãos de mercenários assassinos. Julgava-o merecedor de sua justa fama, bastante ousado e hábil para mergulhar nas águas escuras do lago, arriscando-se a morrer afogado, capaz de forçar a entrada no castelo e organizar a defesa. Só não o considerava suficientemente digno para ser o marido da altiva senhora de Griffin.

A expressão deliberadamente impassível destinava-se a não revelar que Morgana ocupava sua mente. Se seus braços se tocassem por acidente, ambos recuavam como se o contato queimasse suas peles. No entanto, seria impossível não ouvir a voz melodiosa, sentir o perfume floral daquele corpo feminino cuja proximidade o atormentava.

Nenhum dos dois prestava atenção na conversa, respondendo mecanicamente às perguntas. Só voltavam a concentrar-se quando sir Dyllis insistia em recordar os eventos do dia.

— Sua astúcia merece ser louvada, sir Ranulf. Achei que o senhor queria manter lady Morgana em segurança no castelo, enquanto aguardava a chegada de reforços, em um ou dois dias. Quando avistei suas tropas atacarem de surpresa a retaguarda dos mercenários de lorde Lindsey, bloqueando sua fuga e assim forçando-os na direção do fosso alagado, mal pude acreditar no que via. Esperávamos doze homens para fortificar nossa defesa e fomos presenteados com sessenta!

Colocando a caneca de estanho sobre a mesa, Desmond apressou-se em responder, percebendo que o primo mal ouvira o elogio de sir Dyllis.

— A melhor arma de um comandante sábio é manter em segredo um trunfo vital. Antes de partirmos da Corte, sir Ranulf reuniu seus homens e avisou-os de que deviam nos seguir sem perda de tempo. Sempre estiveram a menos de um dia atrás de nós.

— Ah! Lindsey não previu essa possibilidade.

— Sem dúvida. — Ranulf já não podia furtar-se a participar da conversa. — Ele terá uma surpresa ainda mais desagradável quando nos encontrar acampados diante de



suas muralhas. Pretendo atacá-lo tão logo consiga restaurar as defesas e reorganizar a rotina do castelo, o que não demorará muito. A rapidez é importante porque Lindsey perdeu a maior parte dos armamentos e metade de seus homens e não terá condições de repelir um ataque antes de alguns meses. Eu não esperarei tanto tempo.

Desde o início do festim triunfal, a conversa girava em torno das peripécias da vitória e a algazarra aumentava à medida que se abriam novos barris de cerveja. Só os dois participantes de maior importância, os castelões de Griffin, mantinham-se alheios à alegria geral. Falavam-se apenas quando a cortesia obrigava-os a se manifestarem.

Ranulf tinha um motivo para não participar do ambiente festivo. O ferimento no peito causava-lhe dores intensas e só conseguia continuar à mesa graças à disciplina de guerreiro experiente e acostumado a ignorar o sofrimento físico. Sem dúvida, o vinho abundante ajudava-o a não sentir as pontadas agudas e constantes.

Ao seu lado, Morgana retratava a imagem perfeita do requinte e do luxo de uma nobre de alta estirpe. O vestido verde, de damasco bizantino, dispensava enfeites, mas ela colocara um colar de esmeraldas que refulgiam em seu colo alvo. A castelã altiva e trajada com uma princesa não tinha nenhuma semelhança com o rapazola cansado e maltrapilho que chegara ao mosteiro na tarde anterior. Até Ranulf, que se cansara de conviver com as damas da Corte, admitia a contragosto a beleza excepcional de sua esposa. Infelizmente, ela era tão atraente quanto irritante!

Morgana cortava o faisão em seu prato, empurrando os pedaços de um lado para o outro, sem levá-los à boca. Continuava dominada pela raiva, e o orgulho ferido tirava seu apetite. A admiração indisfarçável de seus vassalos diante de Ranulf piorava seu estado de espírito. Tinha imaginado que ele seria recebido com desconfiança e precisaria esforçar-se para demonstrar seu valor. Estava profundamente irritada com a aceitação entusiástica e o respeito que ele conquistara de imediato.

Nunca duvidara que ela e Ranulf enfrentariam verdadeiras batalhas sobre a questão de quem ocuparia a posição de autoridade absoluta no castelo. Não poderia supor que o primeiro conflito se realizaria imediatamente após a batalha e diante de todos os seus vassalos como testemunhas de sua humilhação. Morgana não esqueceria com facilidade aquele insulto imperdoável.

A ousadia de Ranulf atingira o limite do insuportável quando, ignorando a presença da esposa, dera ordens a Owain, o seu capitão da guarda. Naquele momento, Morgana sentira que o marido arrancava de suas mãos o poder, os privilégios e as obrigações pertencentes à senhora do Castelo de Griffin. Seu pai não tinha primos ou sobrinhos, e ela, a única herdeira, fora educada como um filho, treinada desde o berço a assumir as responsabilidades de administrar seu feudo. Em Gales não existiam vassalos e servos tão satisfeitos com a autoridade sábia e equilibrada de sua suserana, como os súditos de Griffin. E agora, por ser mulher, seria obrigada a ceder seus direitos a um desconhecido? Não era justo!

Revoltava-se com a arrogância de Ranulf, que assumira o comando da situação sem prestar-lhe contas das decisões tomadas. A raiva crescia ao constatar que as ordens tinham sido as mais adequadas! A irritação estava transformando aquela noite em um martírio. Quando terminaria esse maldito banquete?

Daffyd não tirava os olhos de sua senhora. Cantava baladas que falavam de amores eternos e paixões infinitas apenas para a dama de seus sonhos. Cada nota cristalina da harpa transmitia uma mensagem sentimental, nascida em seu coração romântico.

*"Meus suspiros são só teus, senhora, e também meu coração.
Minha vida te darei, senhora, sem nenhum hesitação."*

O objeto de seu amor não ouvia as trovas pungentes nem as conversas ao seu redor. Morgana enfrentava um problema sério e que precisava ser resolvido com urgência: a atitude ofensiva do marido. Ranulf continuava ignorando-a deliberadamente, enquanto mostrava-se simpático e comunicativo com os outros convivas. Ela percebia que todos já tinham notado o constrangimento existente entre o casal e não podia sujeitar-se a esse tratamento insultante diante de seus vassalos.

O ferimento de Ranulf lhe proporcionaria uma oportunidade de escapar do festim sem provocar comentários. Ao revelar sua preocupação com o bem-estar do marido, sua dignidade não sofreria ao abandonar a festa antes do final.

— Deve estar com dores intensas, milorde. Vou retirar-me para meu quarto e prepararei uma pomada feita com ervas especiais que aliviarão seu sofrimento. Logo mandarei minha criada trazê-la até o salão. Agora irei.

Morgana ainda não conhecia bem o marido. Já se erguia da cadeira quando foi rudemente forçada a sentar-se novamente e a ouvir a voz muito baixa de Ranulf.

— Continue agindo como uma criança mimada e sem consideração, mas cumpra suas obrigações e disfarce seu temperamento irascível como puder. Ficará ao meu lado desempenhando seu papel de castelã bem-educada.

— Não há necessidade de usar métodos violentos — retrucou ela, no mesmo tom sussurrante que só o marido poderia escutar. — Se realmente quer que eu fique, bastaria pedir, milorde.

— Não ignoro sua opinião a meu respeito, lady Morgana. Todavia, ousei pensar que não me considera sem inteligência ou sem juízo. — Ranulf usava o sorriso como uma arma. — O pedido seria atendido com o mesmo respeito demonstrado até agora em relação aos meus desejos e ordens. Logicamente, ainda não se deu conta de como detesto a indisciplina. Você terá de suportar minha desprezível companhia enquanto durar o banquete. Só se levantará da mesa quando eu lhe der permissão para se retirar.

— Devo sentir-me envaidecida, milorde? Nem suspeitei que minha presença ao seu lado o agradasse tanto. Na verdade, suas atitudes demonstravam exatamente o contrário... um desprazer evidente até para quem ignora a nossa "incontrolável" alegria por estarmos em lua-de-mel.

— A vaidade é filha da ignorância e sinal de cegueira, milady. Abra os olhos! Nós dois preferiríamos estar sentados ao lado do próprio Satanás, não é verdade? Como o destino não nos concedeu essa chance, só nos resta suportar a realidade. Aprenda a comportar-se, espelhando-se na minha conduta. Finja que compartilha a felicidade de seus vassalos diante da derrota do inimigo. Exijo que me obedeça porque não serei respeitado como senhor deste castelo se minha própria esposa não demonstrar a submissão devida ao marido.

Certo de que a situação estava sob controle, Ranulf soltou o braço de Morgana.

— Suas palavras foram muito esclarecedoras, milorde. Devo lhe revelar sem demora que se deixou levar por fantasias românticas ou talvez acredite em poemas líricos. Eu não tenho de aprender nada! Quem precisa abrir os olhos e bem rapidamente é você, meu caro esposo. A única pessoa com poderes para dirigir este castelo é a senhora de Griffin, que jamais aceitará ser dominada por homem algum.

Morgana não deu tempo a Ranulf para recuperar-se da surpresa, levantando-se precipitadamente. Sua cadeira caiu e o som ecoou no salão onde só se ouviam vozes alegres. Todos os olhares se voltaram para a mesa senhorial em tempo de ver a expressão de fúria no rosto de Ranulf e a saída intempestiva de Morgana. Ela não se preocupou com o efeito de sua atitude, dirigindo-se para a escada que a levava ao andar dos quartos, sem olhar para trás ou apressar seus passos deliberadamente lentos, Ranulf não se rebaixara diante de seus homens, correndo atrás da esposa que o desafiara.

Ranulf agiu como ela tinha previsto. Permaneceu sentado no lugar de honra, sorrindo com uma serenidade que não sentia. Sob o exterior controlado, o sangue fervia em sua veias. Aquela feiticeira de Gales acabaria destruindo sua sanidade mental. Todos os seus atos, palavras e até uma imperceptível mudança de expressão a ofendiam, provocando uma demonstração de agressividade. Precisava descobrir como dominar o temperamento explosivo de Morgana e exigir a submissão e a obediência que toda esposa deve ao marido.

Menos disciplinado, Desmond não controlou como Ranulf a fúria provocada pela humilhação pública a que Morgana submeteu seu senhor.

— Por São Jorge! — esbravejou Desmond. — Você arriscou a vida dezenas de vezes em um único dia só para salvar-lhe as terras e o castelo de seus ancestrais e ela não agradeceu nem foi capaz de demonstrar o menor sinal de cortesia! Apesar da fortuna considerável e das extensas propriedades, Edward não agiu como se fosse seu amigo. Prendeu-o para sempre a uma megera irascível e importuna, impedindo-o de

escolher uma entre as mais formosas mulheres da Inglaterra que embelezam a corte com seus encantos!

Quando Desmond começara a falar, Ranulf continuava acalentando o sonho impossível de apertar o pescoço alvo de sua esposa até calá-la para sempre. Então, a visão do primo sobre seu problema obrigou-o a examinar com mais atenção os seus sentimentos e a realidade desesperadora ficou subitamente clara e definitiva.

Ele jamais quisera escolher uma beldade da corte. Nunca se sentira atraído pelas damas sofisticadas, fossem elas temperamentais ou dóceis. Só desejava uma mulher: Morgana de Griffin, a feiticeira de cabelos de fogo que incendiava seus sentidos... a única beldade insensível a suas carícias, a altiva esposa que o desprezava.

O impacto da verdade atingiu-o com a violência de um golpe físico. Desorientado, pensou em invadir-lhe o quarto e exigir seus direitos conjugais. Pelas leis dos homens e pelas de Deus, ele não seria condenado e, pela força, não seria derrotado. Como a única maneira de livrar-se de uma tentação é ceder a ela, Ranulf chegou a levantar-se da cadeira. Então, o bom senso prevaleceu e desistiu de forçá-la a se submeter. Não lhe convinha ganhar uma batalha e perder a guerra.

Embora nenhum dos dois desejasse aquele casamento, não precisavam passar o resto da vida enfrentando-se como inimigos mortais. Talvez estivesse cometendo erros que, apesar de involuntários, criariam barreiras intransponíveis entre eles. Devia existir um caminho menos espinhoso para dobrar o orgulho e a rebeldia da esposa e ensiná-la a ser dócil e amorosa. Morgana correspondera com uma paixão idêntica à sua quando haviam se beijado na capela e até lhe pedido que não fosse ao encontro do perigo. Se ao menos a tivesse ouvido! Os campos prateados pelo luar proporcionariam o cenário ideal para criar um laço que a prenderia a ele. Onde não havia amor, o sexo serviria de base para uma união da qual não podiam fugir.

Ranulf começava a dar-se conta de que agira com a impetuosidade de um guerreiro e não com a galanteria de um gentil cavalheiro. As mulheres sensibilizavam-se com atitudes lisonjeiras, cediam à magia das palavras doces e cativantes. O temperamento passional de Morgana facilitaria a conquista que ele agora julgava menos improvável. Fora tolo ao esquecer que o sexo frágil pensa com o coração e não com a cabeça. Seu objetivo seria atingir o romantismo existente sob o exterior altivo e logo a harmonia reinaria entre eles.

Uma onda de otimismo tomou conta de Ranulf, que esqueceu a excitação da batalha e o latejar constante do ferimento. Tinha encontrado a fórmula mágica para demonstrar a Morgana a realidade do casamento. Ao dominá-la através de carícias e subjugá-la pela paixão, ela compreenderia que a esposa não cede ao marido por obrigação e sim porque admira seu companheiro.

Com os olhos brilhantes de antecipação, Ranulf levantou-se precipadamente, derrubando o cálice de vinho.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Desejo-lhes uma boa noite, cavalheiros. Já esperei demais para ir ao encontro de minha esposa.

Os apartamentos senhoriais ocupavam quase todo o andar sobre o salão. Duas gerações de amantes de arte tinham transformado o cômodo que seus contemporâneos usavam apenas para dormir num aposento requintado e confortável. Uma enorme lareira aquecia o quarto amplo e iluminava a cama de dossel de onde pendiam cortinas de veludo.

Após a morte do pai, Morgana passara a ocupar o quarto, considerando-o seu santuário. Ali ela se refugiava para meditar e renovar as energias gastas em seus intermináveis deveres de castelã de Griffin. As habituais esteiras de palha trançada que amenizam a umidade do chão de pedra mal podiam ver vistas sob os preciosos tapetes orientais e as paredes também tinham sido recobertas por tapeçarias francesas ou feitas por suas prendadas ancestrais. Uma cômoda alta, um baú e a mesa onde ela colocava seus cremes completavam o mobiliário do aposento mais luxuoso do castelo.

Do outro lado da ante-sala, ficava um quarto menor, mas igualmente bem decorado. Morgana o ocupara quando menina e mandara prepará-lo para Ranulf. Agradava-lhe o costume de aposentos separados para o casal porque prezava sobremaneira os momentos de isolamento.

Morgana dispensou Bronwen, que demonstrava nitidamente sua exaustão. Mas Elva, sua velha aia, recusou-se a deixá-la.

— Sir Ranulf ficou enfurecido com sua retirada, menina. Não quero deixá-la sozinha.

— Que tolice! Eu não tenho medo dele — mentiu Morgana. — Estarei segura.

A personalidade forte de Ranulf não a preocupava tanto como suas reações em relação a ele. Tinha certeza absoluta de que o marido não representava uma ameaça à sua integridade física. No entanto, pressentia que sua paz de espírito seria irremediavelmente afetada por ele, embora não compreendesse por que devia temê-lo.

Elva hesitava em obedecer sua senhora. Cuidara de lady Morgana desde os primeiros dias de vida e não queria deixá-la sozinha com um marido encolerizado.

— Não é com vinagre que se apanham moscas, menina. Uma infusão de rosmaninho e camomila adoça o mau humor de um marido descontente e desperta-lhe paixão pela esposa.

— Pouco me importa o estado de humor de sir Ranulf, Elva! E não preciso nem quero despertar-lhe paixão alguma!

A velha aia tranqüilizou-se ao constatar a emoção na voz de Morgana. Uma mulher indiferente ao marido não sente raiva nem demonstra que seu orgulho foi ferido. Já não tinha dúvidas que a evidente tensão entre o casal não passava de uma rusga amorosa e seria resolvida no leito conjugal. Mesmo assim, insistiu na infusão de camomila antes de se retirar.



Finalmente sozinha, Morgana sentou-se na banquetta com almofadas de veludo e suspirou aliviada. Apesar das circunstâncias, sentia-se feliz por estar de volta. Naquele aposento lia-se a história de sua família e a sua. A cômoda entalhada, trazida de Jerusalém por seu avô, lhe fora dada pela mãe a fim de acomodar as peças bordadas do enxoval. O enfeite mais antigo era uma tapeçaria flamenga de tons quentes e desenho rebuscado, que ocupava o lugar de honra do salão. Os dois candelabros de bronze já estavam ao lado da cama quando ela nascera naquele quarto. O mundo, por mais fascinante e repleto de aventuras, não substituíra o lar.

Diante do espelho de estanho polido, Morgana começava a trançar seus longos cabelos, quando ouviu a porta se abrir. Acreditando que fosse Elva, com a infusão destinada a transformar seu marido em um cordeirinho, continuou penteando-se sem olhar para trás. Então, o som metálico do ferrolho sendo fechado avisou-a do que acontecia.

Ranulf estava encostado na porta e, apesar da expressão cansada, demonstrava uma perigosa determinação.

— Temos assuntos inacabados a resolver, milady.

O momento do confronto chegara e agora não havia como escapar. Morgana arrependia-se de ter dispensado as damas de companhia. Devia ter pedido a Bronwen que dormisse aquela noite em um colchão ao lado de sua cama. Sem dúvida, Ranulf não se despiria diante da jovem.

— Este é meu quarto, milorde. — Ela ficou em pé diante de Ranulf, fitando-o com altivez. — Pedi aos criados que preparassem o seu, mas sem dúvida esqueceu-se. Fica do outro lado da ante-sala e basta cruzar o corredor.

As boas intenções de Ranulf desapareceram diante da arrogância de Morgana. Será que ela não conseguia dar-lhe uma resposta bem-educada?

— O primeiro assunto a resolver, milady, refere-se a seu inconveniente comportamento em público. No futuro, confine suas explosões temperamentais às quatro paredes deste quarto. Não tolerarei que se comporte com insolência e grosseria diante de um salão repleto de testemunhas.

Se Ranulf não suportava a arrogância da esposa, Morgana também revoltava-se contra a atitude despótica do marido.

— Não admito ser tratada como um de seus criados, milorde! Sou a senhora de Griffin e só eu tenho autoridade neste castelo. Há anos tomo todas as decisões, sejam econômicas, judiciais ou militares. Não existe nada no mundo que me obrigue a assumir o papel de esposa dependente dos caprichos do marido e sem permissão para expressar suas opiniões.

— E eu não assumirei o papel de consorte sem autoridade e poder. Se minha posição como senhor deste castelo não for respeitada por minha esposa, logo os vassalos e os servos a imitarão e não será possível manter a disciplina e a ordem. Em

muito pouco tempo, seremos uma presa fácil para qualquer aventureiro que for informado de nossa fraqueza.

A lógica irrefutável de Ranulf atingiu Morgana como uma ducha de água fria. Apesar de furiosa e revoltada contra a necessidade de ceder o poder que lhe pertencia por direito, não podia fechar os olhos à verdade. Sentia-se ainda mais humilhada por ter de admitir o raciocínio equilibrado do marido.

Ranulf notou a mudança de expressão no rosto de Morgana e lembrou-se que decidira mudar de tática e agir como um cavalheiro galante.

— O casamento envolve emoções, não leis, Morgana. Até os reis despem-se de sua autoridade suprema quando estão com suas esposas. Neste quarto, podemos esquecer quem é a senhora de Griffin e lembrarmos apenas que somos marido e mulher... Sozinhos e longe dos problemas do mundo.

A voz acariciante de Ranulf evocava o ardor de suas carícias. Perturbada pelas lembranças, Morgana caminhou até a janela, sem perceber que o luar delineava suas formas sob o tecido fino da camisola. Os movimentos graciosos e o corpo esguio aumentavam o desejo de Ranulf, que conteve o impulso de tocá-la e permaneceu imóvel, admirando a beleza perfeita da esposa.

Morgana procurou na serenidade da noite o bálsamo para sua inquietação. O luar transformava o castelo em um palácio de sonho, rodeado pelo mar prateado. A harmonia da natureza permitiu que ela analisasse, sem exaltar-se, os rumos de sua vida. Se não fosse a astúcia e a coragem de Ranulf, teria perdido seu castelo, suas terras e a vida de seus vassalos. Devia ao marido a salvação do feudo que lhe fora legado por seus ancestrais e ele merecia sua gratidão. Não a rendição completa, apenas mais uma trégua...

— Não posso refutar seus argumentos, sem comportar-me como uma déspota. Aceitaremos juntos os juramentos de lealdade na próxima cerimônia de homenagem. Só lhe peço que entenda os costumes de Gales. Há séculos, os vassalos de Griffin prometem obediência e fidelidade à minha família e, aceitando a linha feminina de sucessão, consideram-me sua suserana. Não posso obrigá-los a demonstrar o mesmo respeito pela autoridade de um homem que, apesar de ser meu marido, não foi criado dentro de nossas tradições.

Morgana calou-se assustada ao sentir as mãos fortes que seguravam seus ombros. Surpreendera-se com a aproximação do marido, pois não imaginava que um homem alto e musculoso pudesse mover-se tão silenciosamente. O sobressalto inicial logo deu lugar ao já conhecido descontrole emocional. Perdia-se em sensações atordoantes, incapaz de raciocinar ou reagir àquela proximidade perigosa. Ranulf não podia descobrir a extensão do poder que exercia sobre ela.

— É essencial demonstrar que existe uma autoridade indivisível. — Ranulf forçou Morgana a virar-se de frente para ele. — Só você pode orientar seus vassalos a me aceitar, convencendo-os de que mereço respeito e tenho direitos de senhor.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

As mãos de Ranulf, deslizando suavemente em sua cintura, impediam Morgana de raciocinar.

— E como eu os convencerei?

— Por intermédio do exemplo. Você precisa demonstrar a todos que aceita o homem, respeita o marido e se curva às vontades do seu senhor.

Ranulf se expressara com clareza cristalina sem exigir ou forçá-la a assumir seu papel de esposa. No entanto, a consumação do casamento provocava um pânico incontrollável em Morgana. Não tinha medo de Ranulf, temia suas próprias emoções. Se o simples contato das mãos dele em seu corpo paralisava sua mente e vencia suas defesas, como reagiria diante de uma intimidade completa? Perderia a liberdade de espírito, a consciência de si mesma, submetendo-se ao marido sem questionar a validade de suas ordens ou defender o que julgava certo?

— Vamos para a cama, Morgana. Chegou o momento de nos conhecermos como marido e mulher.

Obstinada, ela tentava fugir de uma situação que a amedrontava. Apesar do prazer causado pelas carícias de Ranulf, relutava em entregar-se ao homem que a escravizaria através do desejo físico.

— Mas... e seu ferimento?

— Foi um simples arranhão.

— Talvez seja melhor trocar as ataduras. Eu aprendi a preparar uma pomada que ajuda no processo de cicatrização. — Morgana esforçava-se ao máximo para convencê-lo. — A pomada e alguns dias de repouso apressarão seu restabelecimento e não gostaria de ser responsável por uma piora em seu estado de saúde.

— Nós dois sabemos como você se alegraria se eu tivesse morrido no túnel alagado. Também não me esqueci de que preferiu fugir da Corte para não se entregar a um marido indesejável. No entanto, também me lembro que seus lábios aceitaram meu beijo ontem na capela do mosteiro. — Ranulf apertou a esposa de encontro ao seu peito. — Apaguemos o passado, Morgana. Nossa vida começa aqui e agora.

Ela percebia vagamente o frio da parede de pedra às suas costas. As carícias de Ranulf, mais ousadas, provocavam sensações intensas, e a voz sussurrante ecoava em sua mente, impelindo-a a aceitar a fusão de seus corpos.

Aproveitando o momento de fraqueza, evidente nos olhos brilhantes e no corpo trêmulo de Morgana, Ranulf tomou-a nos braços, levando-a para a cama suavemente iluminada pelas velas. Ele apagou-as, mergulhando o quarto numa penumbra amenizada apenas pelo fogo da lareira e pelo luar que penetrava através das janelas. Ouro e prata coloriam os corpos nus que se encontravam pela primeira vez.

Morgana não mais resistiu à ânsia de sentir-se amada e protegida. Passara anos dependendo unicamente de sua força, sem apoio ou sequer um amigo com quem pudesse partilhar seus problemas. Agora podia ser apenas uma mulher, frágil e até

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

frívola, porque encontrara um homem forte que assumiria a carga de suas responsabilidades.

A paixão de Ranulf a envolveu, despertando um desejo primitivo que surpreendeu Morgana. Nos braços dele, surgia uma mulher livre que se entregava sem reservas. O prazer ultrapassou os seus sonhos mais ousados.

Muito mais tarde, Morgana continuava acordada e protegida de tudo nos braços do marido. Ele teria sentido a mesma explosão de prazer que os transformara em um único ser? Seria impossível não compará-lo com Robin. O primeiro marido acariciava-a apenas para demonstrar que conseguia excitá-la, apesar de não se desejarem, e a possuía pensando em outra mulher. O sofrimento inicial evoluíra para uma indiferença fria e ela aprendera a dominar as sensações físicas.

Essa experiência amarga dera-lhe condições de avaliar a felicidade de ser amada por si mesma. Ranulf possuía Morgana de Griffin e não uma outra mulher. Ela não calculara a emoção inebriante de entregar-se a um homem que a desejava com ardor e fora envolvida em um turbilhão de sensações desconhecidas e delirantes.

Seu corpo estava saciado. Se ao menos a mente também aceitasse a plenitude da paixão! A intensidade do prazer representava um perigo contra o qual precisaria defender-se. Nos braços de Ranulf, ela perdia a identidade, não tinha forças para resistir aos desejos daquele amante arrebatador. Só havia um meio de não ser dominada e entregar-se até a alma ao marido.

A liberdade de Morgana dependia de sua capacidade de lutar contra uma terrível escravidão. Suas armas seriam uma calculada indiferença e a mais absoluta discrição. Se revelasse ao marido o poder que ele possuía sobre uma mulher sensual e dependente de suas carícias, ela estaria diante da derrota final. Como a altiva senhora de Griffin poderia aceitar com prazer o papel de esposa passiva? Nunca! Ela jamais se resignaria à submissão!

CAPÍTULO VII

A voz trêmula da velha Elva não chegou a acordar Morgana. Ela ouviu o som da porta abrir e fechar, relutando em abrir os olhos. Havia muitas noites não dormia confortavelmente e não existia lugar mais aconchegante que a própria cama. Mais uma vez, saboreou o prazer de estar em seu quarto, repousando num colchão de plumas e...

A lembrança da noite anterior tirou-a do estado de agradável sonolência. Ranulf já não dormia ao seu lado e Morgana ficou em dúvida se devia sentir-se aliviada ou desapontada. O primeiro contato depois daquela noite seria embaraçoso se o marido estivesse em sua cama ou não. Pelo menos, pensou, conseguiria tempo para analisar a situação e alcançar uma certa serenidade se o encontrasse em público.

A maior preocupação de Morgana era impedir que o desejo despertado por Ranulf distorcesse sua capacidade de julgamento. Precisava esclarecer, sem sombra de dúvida, que o castelo e seus vassalos continuariam sendo responsabilidade exclusiva da senhora de Griffin. Entre as paredes do quarto, desapareciam as barreiras de suas posições, a paixão igualando-os na condição de amantes. Ao ultrapassar a porta, o mundo permanecia inalterado e mantinha-se a hierarquia.

Uma hora mais tarde, ela considerou-se pronta para testar sua determinação.

O desjejum, de pão e queijo de cabra e cerveja, não lhe tomou muito tempo, bem como o banho que já fora preparado antecipadamente. Mas a escolha do vestido foi demorada e cuidadosa. Morgana conhecia seus súditos e sabia que aquele dia ainda seria considerado uma festa de celebração à vitória. Além deles, os cavaleiros de Ranulf precisavam ter uma boa impressão da senhora de Griffin.

Depois de muita hesitação, ela escolheu um vestido branco de crepe bordado. Optara por um traje simples a fim de realçar a jóia preciosa que nunca usara na Corte por simbolizar o orgulho obstinado dos galeses. Delicadas folhas de ouro se entrelaçavam, formando um grosso cordão que refletia com raro brilho a luz do sol. O colar, um exemplo da arte céltica, pertencia à família Griffin havia séculos, sendo passado de geração em geração à filha mais velha. Seu valor não podia ser avaliado pela quantidade de ouro nem pela excepcional criatividade do joalheiro. Acima de tudo, representava o poder e a autoridade que Morgana recebera de seus ancestrais.

Bronwen, que também se vestira com apuro, aproximou-se de sua senhora para colocar-lhe o véu preso à armação de veludo.

— Nunca a vi tão bela, milady — exclamou a jovem. — Sir Ranulf ficará encantado.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Descansei bastante. — Morgana corou, lembrando-se da noite passada nos braços do marido. — Ah! Não quero usar esse véu. Traga-me a rede de pérolas e a coroa de Viviane.

Quando estava no campo, Morgana não usava penteados elaborados nem adereços preciosos. Naquela manhã, porém, pretendia projetar uma imagem de majestade, demonstrando diante de Ranulf e seus homens quem era a herdeira legítima e detentora da autoridade no Castelo de Griffin.

Bronwen retirou do cofre o delicado diadema de ouro e brilhantes, encimada por um rubi precioso. A cabeleira rebelde foi confinada pela rede de delicados fios e pérolas.

— Ah! Agora a senhora parece uma rainha!

O elogio de Bronwen apenas confirmava uma verdade que não se realizara por um acidente histórico. O bisavô de Morgana tinha sido um príncipe de Cymru e lutara com coragem e por muitos anos a fim de não permitir que os ingleses dominassem Gales. Seus feitos heróicos provocaram a admiração e o respeito do rei inimigo.

Em reconhecimento à sua coragem e evidentemente para evitar novas revoltas, Owain Griffin recebeu o "perdão" real pelo crime de lutar para defender a independência de seu povo. Ansioso por mantê-lo como seu aliado, o rei da Inglaterra permitiu-lhe manter suas propriedades em troca de uma esposa de origem inglesa. Owain curvou-se aos desejos do vencedor, mas exigiu que seu filho e seu neto casassem com mulheres galesas para diluir o sangue dos conquistadores.

O passado de Morgana a impedia de trair sua linhagem, entregando as terras defendidas até a morte por seus antepassados a um desconhecido. Na Inglaterra, a lei transferia ao marido toda a fortuna e as propriedades da esposa. Senhor absoluto, ele podia prendê-la, maltratá-la e humilhá-la, forçando-a a receber suas amantes. Só o assassinato ou a morte por causas naturais a livrariam do cativeiro conjugal.

A situação de Morgana era completamente diversa. O castelo e as propriedades da família Griffin podiam ser herdados por uma mulher que os legaria a seus filhos. Se ela morresse sem herdeiros diretos, o feudo passaria para o parente mais próximo, pois o marido não tinha direitos sobre as posses da esposa. Sua posição sólida exigia uma postura de autoridade e a imagem de senhora justa, poderosa e sempre disposta a proteger seus vassalos. Ranulf e seus homens precisavam dar-se conta, através de sua aparência, que ela detinha o poder e não o dividiria com ninguém.

Só faltava prender a tradicional adaga ao cinto formado por inúmeras correntes de ouro. Armada com a dignidade e a determinação de que homem algum a dominaria, Morgana finalmente desceu a escadaria que a levava ao salão principal.

Sua primeira obrigação era verificar o estado dos feridos que haviam sido alojados em um pequeno salão circular, parte do antigo torreão. Ela foi recebida por lady Winifred, a sorridente esposa de sir Dyllis, que a tranqüilizou a respeito dos



homens ainda retidos na enfermaria improvisada. Enquanto Morgana dava uma palavra de conforto a cada um deles, descobriu que o marido a precedera.

— Ah, milady! Sir Ranulf veio reconfortá-los antes mesmo de quebrar o jejum. Ele sabe tudo a respeito de curativos para ferimentos de batalha. Depois de sair daqui, passou um bom tempo na sala de armas conversando com sir Dyllis e agora deve estar acompanhando os exercícios de seus soldados.

Deixando os feridos nas mãos competentes de lady Winifred e Elva, que recebiam a ajuda de Cerdic e outros cavaleiros, Morgana decidiu ir à procura do marido. Só estranhou o silêncio de Bronwen e a sua relutância em permanecer na enfermaria, pois a jovem sempre demonstrara um profundo interesse em aprender as artes medicinais. Estaria evitando algum dos homens de Ranulf?

Como castelã, preocupava-se com o bem-estar de todas as pessoas que viviam no castelo e as considerava sua responsabilidade. A atitude de Bronwen a intrigava e pretendia descobrir a causa dessa mudança de comportamento. Ranulf confiava em seus homens e tomava a defesa deles, mas ela não permitiria que agissem de modo desrespeitoso com as mulheres sob sua proteção. Talvez fosse melhor cortar o mal pela raiz, abordando o assunto assim que o encontrasse. Apesar da insistência da dama de companhia, conseguiu convencê-la a ajudar Elva, fazendo ataduras para os feridos, pois queria conversar a sós com o marido.

O pátio superior, delimitado pelas muralhas internas, estava banhado de sol. Caminhando lentamente para a arena dos torneios, Morgana ouviu o tinir das espadas se chocando. Certa de que Ranulf permanecia apenas como espectador, Morgana surpreendeu-se ao avistá-lo em plena atividade. Embora a maestria do marido fosse digna de admiração, ela irritou-se com a imprudência daquele homem que não pensava nas conseqüências do esforço excessivo. Ao notar a palidez que se acentuava visivelmente no rosto dele, tentou interromper a disputa.

— Parem! Abaixem as espadas! Em nome de Deus, sir Ranulf, ficou louco?

Os dois homens não ouviram sua voz, suplantada pelo tinir das armas. Impaciente, Morgana aproximou-se de Ranulf e sentiu o deslocamento de ar provocado por um golpe muito próximo de sua cabeça. Então, o marido empurrou-a com violência, jogando-a com brutalidade de encontro a parede.

Enfurecido, ele abaixou o braço e virou-se para Morgana. O outro combatente, menos rápido, não conseguiu deter o golpe e atingiu Ranulf no ombro, derrubando-o ao chão de pedra.

— Por São Jorge! — urrou Ranulf, antes que os demais se recuperassem do susto. — Com que direito interfere em atividades masculinas?

A irritação de Morgana desapareceu ao presenciar o esforço de Ranulf para levantar-se do chão. O braço esquerdo estava sem movimento e ele precisou apoiar-se na espada a fim de ficar em pé.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— O golpe que sofreu agora irá reabrir o ferimento, milorde. Deixe-me ajudá-lo a voltar ao salão e...

— Não se intrometa, mulher! — A raiva de Ranulf escapara ao seu controle. — Você é que devia estar no salão cuidando de seus afazeres e não interferindo em assuntos que não são de sua conta.

A aparência de Ranulf assustou Morgana a tal ponto que ela custou a absorver o sentido das palavras do marido.

— A intromissão foi sua, milorde. Tenho o direito e a obrigação de controlar tudo que acontece em meu castelo e ninguém me diz onde devo estar ou o que devo fazer.

— Encare a realidade e deixe as atividades militares nas mãos de quem entende do assunto, madame. Volte aos seus bordados e às tarefas domésticas.

Poucas vezes Morgana sentira tanto ódio e nunca conseguira controlar-se como naquele momento. Não se rebaixaria a agir com a mesma grosseria do marido que, à noite, rodeava-a de atenções e delicadezas e sob a luz do sol tratava-a como a mais humilde das criadas!

— Não sairei daqui enquanto insistir em ficar sem cuidados. Quero que me acompanhe pois preciso fazer as ataduras.

Ele teria ignorado as palavras da esposa se não sentisse uma tontura incontrolável que obrigou-o a apoiar-se em seu oponente.

— Dê-me o braço, John Potter — resmungou ele, pálido e coberto de suor frio.

Assumindo o controle da situação, Morgana chamou um escudeiro para ajudar Potter a levar sir Ranulf para o quarto e, dando ordens à sua passagem, cruzou o salão. Quando os dois homens chegaram ao quarto carregando o seu senhor, ela já preparara ataduras, agulhas e uma grande variedade de ervas medicinais e unguentos.

Se a palidez de Ranulf preocupava todos que o haviam acompanhado até o quarto, a visão das ataduras ensopadas de sangue provocaram um início de pânico. O ferimento reabriria e a hemorragia o enfraquecia rapidamente, embora não o impedisse de praguejar. Morgana, a única a manter a calma, também apavorou-se quando o marido emudeceu após um gemido de dor.

— Não gaste suas energias falando desnecessariamente — ordenou Morgana, com serenidade. — Estancarei a hemorragia em poucos minutos.

A reação de Bronwen ao entrar no quarto com uma bacia de água quente trouxe o pânico de volta ao ambiente mais calmo após as palavras de Morgana. Dando um grito de horror, ela quase derrubou o líquido escaldante sobre John Potter, que não se conformava com o trágico resultado de sua inabilidade.

— Oh, Deus! Ele está morrendo, milady.

— Se não tem nada menos idiota para falar, fique de boca fechada, Bronwen — explodiu Morgana, que não suportava fraquezas femininas. — Preciso de uma ajudante capaz de se controlar.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Então... devo chamar Elva?

— É melhor. Ah! Também avise lady Winifred.

Morgana nem percebeu a saída de Bronwen, concentrada em limpar o ferimento. A apreensão provocada pelo excesso de sangue desapareceu ao verificar que o corte não aumentara com o impacto do novo golpe e não havia sinais de infecção. A constituição saudável de Ranulf reagiria à perda de sangue com rapidez e logo recuperaria as forças.

— Vou dar alguns pontos e cobrirei o corte com uma pomada cicatrizante. Ele só precisa de alguns dias de repouso e...

— Ele precisa cauterizar o ferimento — disse uma voz ríspida atrás de Morgana.

Ela virou-se, disposta a defender seu ponto de vista e deparou com a fisionomia taciturna de Desmond.

— Não creio que haja necessidade, sir Desmond. A cauterização pode provocar cicatrizes malformadas e o tecido não se recuperará. Garanto-lhe que meus métodos produzirão o efeito desejado.

— Acho melhor que funcione, milady.

Apesar da expressão sombria, Desmond permaneceu ao lado de Morgana, ajudando-a a obrigar Ranulf a engolir um chá tranqüilizante que o faria dormir. Ambos ficaram aliviados ao constatar que a situação dele não inspirava cuidados. Mesmo assim, Desmond não acompanhou os outros que saíram do quarto, con-ininando ao lado da cama como um anjo vingador, disposto a defendê-lo das duas mulheres. Só quando viu a cor retornar ao rosto do primo, sentiu que podia deixá-lo nas mãos de Morgana e de sua inseparável dama de companhia.

— Se algo acontecer a Ranulf, milady, eu a denunciarei como responsável pelo acidente.

— Não seja ridículo, sir Desmond. Como ousa culpar-me pela falta de juízo de sir Ranulf? Se ele tivesse agido com mais prudência, não estaria nessas condições.

— Lembre-se de que eu testemunhei o acidente, milady. Sir Ranulf foi ferido porque preferiu salvar sua vida a defender-se do golpe de Potter.

— Está passando dos limites, sir Desmond. — Morgana sentia-se prestes a perder o controle. — Sua acusação é absurda e fruto de uma imaginação muito fértil.

Desmond a fitou com desprezo.

— O espelho será o melhor juiz, milady. Ele não tem imaginação, apenas reflete a verdade.

O grito de Bronwen soou quando Desmond fechava a porta do quarto.

— Oh, milady! O seu cabelo!

Sem compreender as palavras de Desmond nem o grito de Bronwen, Morgana sentou-se diante do espelho. Realmente, seu cabelo escapara da frágil tela, caindo em ondas suaves pela cintura. Ao aproximar-se mais, viu a rede seccionada de ponta a



ponta e uma mecha ao lado do rosto que fora cortada na altura de seu pescoço. Se Ranulf não tivesse agido com rapidez, a espada a teria atingido e ela estaria morta. De acordo com Desmond, ele preocupara-se em salvá-la, descuidando-se de sua própria segurança.

Ansiosa por ficar sozinha, Morgana enviou Bronwen à sala das ervas sob o pretexto de preparar mais infusões tranqüilizantes e sentou-se ao lado da cama do marido. Ranulf dormia. Não se ouvia um ruído no quarto e ela não conseguiu mais se iludir e desculpar suas ações inconseqüentes. Desde o início, comportara-se como uma mulher mimada, incapaz de dominar um orgulho arrogante e a impulsividade. Não controlara sua língua afiada nem hesitara em tratar o marido como um camponês rústico e sem refinamento. Demonstrara com insolência que o considerava abaixo de seu nível social e o expusera ao ridículo.

Apesar de tantas ofensas, Ranulf mantivera-se cortês, revelando coragem, competência e força de espírito diante de seus homens e dos vassalos de Griffin. Em seu relacionamento íntimo ele fora paciente, generoso e controlara seus impulsos até a noite anterior. Então Morgana conhecera mais uma faceta do homem com quem se casara sem desejar. Descobrira a ternura, um sentimento doce que não esperava encontrar em um amante possessivo e passional.

Do alto da muralha, Morgana contemplava seus domínios que lentamente voltavam à normalidade. Os aldeões, que haviam sobrevivido e conseguido fugir dos mercenários de Lindsey, retornavam às suas casas e aos campos. Magros e de olhos fundos, surgiam das florestas e dos rochedos escarpados para retomar a rotina diária como se a morte e a destruição não tivessem interrompido suas vidas metódicas.

Inclinando-se sobre o parapeito, ela tentou distinguir quem acompanhava Bronwen, que se afastava do castelo. Sua atenção fora atraída pelas cores da túnica do cavaleiro que ostentava o dragão de sir Ranulf e, para sua surpresa, reconheceu o ruivo Desmond de Orkney. Por que aquele homem, que raramente se afastava do primo, estaria ao lado de sua dama de companhia?

Desde o início, Desmond deixara bem claro sua antipatia pela senhora de Griffin e demonstrava desprezo pelo que ela simbolizava. Sem dúvida, sua aversão se originara nas atitudes da esposa arrogante que humilhara Ranulf. E, aparentemente, Bronwen escapara de sua condenação. Morgana decidiu investigar aquela súbita simpatia, pois sua dama de companhia era ingênua e inexperiente. A tímida jovem seria uma conquista fácil para um atraente cavaleiro que se tornara um símbolo de ousadia e coragem.

Infelizmente, só Bronwen poderia se desincumbir daquela missão. Morgana a enviara à cabana de um velho estranho mas famosa por seu conhecimento profundo sobre as plantas medicinais. Precisava de uma erva rara para misturar ao unguento que preparara para Ranulf a fim de acelerar o processo de cicatrização. O tratamento não

estava progredindo com a rapidez costumeira e ela culpava o marido que se recusava a responder.

Porém, tanto o problema da recuperação de Ranulf como o do comportamento de seus cavaleiros teriam de esperar para serem resolvidos. Um assunto mais importante exigia a atenção de Morgana nesse dia importante: a cerimônia anual da homenagem, em que seus vassalos vinham ao Castelo de Griffin renovar o juramento de lealdade e receber o compromisso de proteção por parte de seu suserano. Após a troca de promessas, Morgana receberia vassalos e servos que apresentavam seus problemas para serem julgados por ela.

No salão principal, um verdadeiro exército de criados limpava os enfeites de prata, cobre e estanho, trocava as esteiras de palha, encostava as mesas nas paredes para abrir um espaço diante do estrado onde Morgana presidiria a cerimônia. No meio deles, lady Winifred dava as últimas ordens entre as quais a de colocar a cadeira de Ranulf sob o vão da escada.

— Não! Deixe as duas lado a lado!

A voz de Ranulf, muito próxima, irritou Morgana. Ele devia estar na cama! Lady Winifred porém não disfarçou seu deslumbramento.

— Que homem magnífico! É um verdadeiro príncipe. Não concorda comigo, milady!

Embora a contragosto, Morgana teve de admitir a verdade. Quem não o conhecesse, acreditaria estar diante do rei. A severidade do traje azul-escuro realçava o brilho do bordado em ouro de seu emblema: o dragão. De um grosso cordão, presente de Edward, pendia o símbolo real, o sol de brilhantes. Mas nem as roupas elegantes nem as jóias disfarçavam o físico de guerreiro. Ranulf jamais seria um cortesão galante, era antes de tudo um vigoroso lutador.

— Alegro-me muito por seu restabelecimento, sir Ranulf. — Lady Winifred aproximou-se, sorridente. — Não esperava que encontrasse forças para nos fazer companhia ainda hoje, embora tenha rezado pedindo a Deus que o ajude na sua recuperação.

— Agradeço-lhe a gentileza, lady Winifred.

Lady Winifred enrubesceu como uma jovem donzela diante do elogio de Ranulf. Ele emagrecera nos últimos dias e, no rosto mais fino, os traços perfeitos se evidenciavam, aumentando sua beleza máscula.

— Cerdic recebeu ordens para não dexá-lo levantar-se da cama hoje, milorde. — Morgana notara o esforço despendido pelo marido ao descer a escadaria. — Ainda não está em condições de reassumir as atividades.

— É por isso que me forçou a ficar na cama como se eu fosse um inválido? Sua atenção me comove, cara esposa.

Morgana procurou algum sinal de ternura nos olhos frios que a fitavam com cinismo. Desapontada assumiu a costumeira atitude de desafio.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Não entendo por que me acusa. Do que eu seria culpada agora, milorde?

— Ora! Estraguei seus planos, levantando-me da cama antes que você presidisse, sozinha, a cerimônia de homenagem, não é verdade? Para infelicidade sua, Cerdic não é um vassalo da senhora de Griffin e não lhe deve obediência. Ele pertence a um destacamento de cavaleiros sob o meu comando e só recebe ordens minhas.

— Então deverá assumir também a culpa se houver uma recaída. Aliás, não tenho a menor dúvida de que o esforço de hoje lhe custará muito caro. No entanto, a saúde é sua e eu não o impedirei de participar da cerimônia.

— Só a morte me impediria de participar desse acontecimento solene, milady.

Morgana cederia facilmente porque tinha certeza que Ranulf não suportaria o dia exaustivo e perderia as forças antes do meio-dia. O salão, sempre frio, ficava insuportavelmente abafado e quente quando a multidão entrava para jurar sua lealdade à senhora do Castelo de Griffin.

Com o passar das horas, ela reconheceu a extensão de seu engano. A surpreendente resistência de Ranulf deu-lhe a impressão de que ele não era igual aos outros homens: ou possuía uma saúde de ferro ou a teimosia de uma mula! Manteve um sorriso nos lábios durante os juramentos, pronunciou as palavras rituais sem hesitação e em nenhum minuto perdeu a aparência majestosa de um príncipe que recebe seus súditos. Só Morgana e possivelmente Desmond perceberam suas mãos que não se soltavam dos braços da cadeira e a palidez resultante da dor e não da solenidade da cerimônia.

Preocupada, Morgana olhava para o marido, imaginando por quanto tempo mais ele resistiria. E a cada olhar, lembrava a expressão apaixonada do rosto agora impassível e sofria uma sensação de perda. Essa melancolia a inquietava, impedindo-a de se concentrar nos juramentos e precisava de toda a sua atenção para a segunda parte da cerimônia. Chegara a hora de vassalos e servos apresentarem seus problemas para serem julgados pelos senhores de Griffin.

As disputas giravam sempre em torno de uso ilícito das terras ou contratos insatisfatórios. Acostumada a resolvê-los, Morgana encontrava a sentença justa, estabelecia multas para os culpados e exigia o cumprimento de promessas com rapidez e eficiência. Quando notou a surpresa de Ranulf diante de sua capacidade, ofendeu-se, pois demonstrava o baixo conceito que ele tinha da esposa. O arrogante paladino do rei a julgava uma mulher frívola e incompetente para dirigir seus domínios? Afinal, fora educada desde que nascera para assumir as responsabilidades de uma castelã e poucos homens possuíam propriedades tão extensas.

Então surgiu um problema de difícil solução, que proporcionaria a oportunidade ideal para vingar-se da falta de confiança do marido.

Um arqueiro galês e um soldado inglês julgavam-se com o direito às armas de um mercenário de Lindsey. A flecha perfurara a armadura e a cota de malha do inimigo,



derrubando-o de seu cavalo. Mas fora o machado do inglês que desferira o golpe de misericórdia e ambos reclamavam os despojos.

Morgana enfrentava uma decisão perigosa, pois sua sentença poderia criar uma divisão séria entre os homens do castelo. Se entregasse esse caso a Ranulf, escaparia dos desafetos de ambas as partes e seu marido descobriria que as funções de um senhor poderoso, que ele desejava ardentemente assumir, nem sempre eram agradáveis.

— Milordel — Ela sorria com uma doçura angelical. — Creio que gostaria de julgar este caso em meu lugar. — O incidente envolve um de seus soldados e ocorreu em suas terras — Ranulf disse percebendo a malícia da esposa. — Não me agradaria usurpar seu direito de autoridade.

Um murmúrio de aprovação ecoou no salão, como Morgana esperava permitindo-lhe completar a armadilha que só a favoreceria.

— Ah, sir Ranulf... Suplico-lhe que aceite esse encargo, porque a disputa se prende a assuntos militares e a sua experiência nesses assuntos ultrapassa a minha.

Morgana ainda não terminara de falar quando notou o olhar triunfante de Ranulf e se deu conta de que cometera um erro fatal. O feitiço voltara-se contra a feiticeira! Embora involuntariamente, admitira diante de senhores menores, vassalos e soldados que reconhecia a superioridade do marido em assuntos relativos à defesa e proteção de seu povo e suas terras.

Enquanto ela cerrava os punhos de raiva, Ranulf a fitou com um sorriso complacente.

— Prometo-lhe que sua confiança em meu discernimento não será concedida em vão, milady.

As armas que provocaram a disputa foram colocadas diante de Ranulf. Uma espada de aço de Damasco com a empunhadura de ouro e um punhal cujas proporções perfeitas e detalhes dignos de uma jóia realçavam a aparência letal da lâmina longa e pontiaguda.

Depois de ouvir várias testemunhas, Ranulf pronunciou sua sentença.

— Ambos contribuíram para a morte do inimigo e têm o mesmo direito aos espólios. Portanto, darei a cada homem a arma mais adaptada para salvar-lhe a vida durante uma batalha. O arqueiro receberá o punhal que o defenderá de um inimigo a curta distância. Para o soldado, que luta em campo aberto, concedo a espada, pois precisa atingir um combatente mais afastado. Usem-nas como cavaleiros, na paz ou na guerra.

Morgana devia sentir-se agradecida ao marido pela decisão sensata que evitara desentendimentos no castelo. Entretanto, a perda fora maior que o lucro. Em menos de três dias, e com algumas frases banais, Ranulf usurpara sua autoridade. Quando terminaram os julgamentos, os homens reuniram-se em torno dele pedindo conselhos e demonstrando um respeito que Robin jamais recebera em mais de três anos.

A sensação de ter sido traída por seu povo abalou Morgana. Ranulf já conquistara um lugar no castelo e em breve seria o único a tomar decisões. Ela assumiria o papel de esposa passiva, limitando-se a dar ordens na cozinha e dedicar-se aos entediantes afazeres domésticos. Essa tragédia precisava ser evitada, e a senhora de Griffin não cederia seus direitos sem lutar até a morte!

No entanto, havia certas obrigações às quais não podia se furtar. Embora enfurecida, não permitiu que a velha Elva, visivelmente exausta, acompanhasse Ranulf até o quarto. Seu dever de esposa e castelã tinha prioridade sobre todos os sentimentos pessoais.

— Vá descansar, Elva. Eu farei os curativos de sir Ranulf com o novo unguento. Bronwen já me trouxe os ingredientes que faltavam.

Curvando-se diante de Ranulf, Morgana demonstrou em público um respeito pelo marido que contrariava suas convicções.

— Tem de descansar, milorde — ela insistiu, ao notar que Ranulf ia recusar-se a acompanhá-la. — Haverá uma grande festa hoje à noite e precisará de todas as suas energias.

Pela janela do oeste, entravam os últimos raios de sol, acentuando os tons quentes de tapeçarias flamengas que brilhavam com jóias. Aproveitando a luz natural, Morgana apressou-se em acrescentar as ervas especiais ao unguento que já preparara pela manhã.

— Pronto! Pode ficar tranqüilo que serei gentil como Elva.

Quando o marido não deu sinal de tê-la ouvido, Morgana aproximou-se da cama, alarmada. Ranulf estava lívido, com o rosto coberto de suor frio e seu pulso batia irregularmente.

— Não se assuste, é só o efeito da dor — murmurou ele, com a voz transtornada. — Vai melhorar se eu permanecer imóvel por alguns minutos.

Recuperando a presença de espírito, Morgana preparou-lhe um copo de vinho com um suco de papoulas, que o ajudaria a relaxar. Depois de obrigá-lo a tomar o líquido amargo, acomodou-o e sentou-se ao seu lado na cama. O efeito foi rápido e ele adormeceu logo, mas a palidez continuava intensa e alarmante.

Só agora Morgana teve uma noção exata da força de vontade e da disciplina do marido, que conseguira disfarçar seu estado durante uma cerimônia interminável e exaustiva. Ele já havia demonstrado coragem e superioridade física em situações de perigo e hoje revelara inteligência, uma mente justa e habilidade em despertar uma lealdade imediata em todos que o conheciam. Uma combinação de qualidades raras e muito valiosas para a segurança do feudo de Griffin e extremamente perigosa para um coração vulnerável como o seu.

Com um toque leve para não acordá-lo, ela enxugou o suor do rosto de Ranulf. Independente da sua vontade, os dedos deslizaram pelo queixo forte até tocarem a pequena cicatriz no centro da sobrancelha esquerda. A necessidade de saber mais

sobre ele a atemorizava. Como uma mariposa inconsciente de sua fragilidade sente-se atraída pelo brilho do fogo, ela estava perdendo a capacidade de resistir ao perigo.

Robin a magoara e a humilhara diante da Corte e de seus vassallos, através de escândalos e infidelidade. Seu orgulho fora ferido, mas o coração permanecera intocado e ela nunca se sentira vencida. Tinha sobrevivido a um casamento infeliz sem ceder ao desespero, porque o marido não atingira suas emoções mais profundas. A recém-casada bem-intencionada logo encarou a realidade e ergueu uma barreira que a protegia do sofrimento. Morgana aprendera a substituir confiança por suspeita, esperança por paciência e amor por indiferença.

A inevitável comparação entre os dois homens realçava a superioridade de Ranulf e, como consequência, representava uma ameaça mais séria a sua paz de espírito do que o breve e trágico relacionamento com Robin. Amigo do rei e desejado por todas as mulheres da Corte, Ranulf só aceitara Morgana de Griffin porque ambicionara sua fortuna e suas propriedades. Não havia nada de anormal em casamentos de conveniência e esperava-se que as mulheres de seu nível aceitassem essas uniões políticas. Elas só precisavam lembrar-se sempre que o amor existia apenas nos poemas e canções dos trovadores românticos.

Morgana tivera tempo para analisar seus sentimentos e não podia deixar que a gratidão e o respeito pelas qualidades de Ranulf se convertessem em uma emoção mais íntima. Se não lutasse contra a atração crescente, seria destruída. E, apesar de reconhecer o perigo, também admitia que nenhum homem despertara um desejo tão intenso nem a enfeitiçara a ponto de perder a consciência de si própria. O único antídoto era a raiva!

— Se não tivesse sido teimoso e levantado da cama antes da hora, não estaria nesse estado lastimável — censurou-o em voz baixa, certa que não seria ouvida. — Como eu adoraria se você usasse pelo menos a metade da inteligência que Deus lhe deu.

Ranulf abriu os olhos azuis como o mar, e sorriu maliciosamente.

— E eu adoraria que suas palavras tivessem, pelo menos, a metade da delicadeza de suas mãos.

Ele amenizou o tom crítico de seu comentário, beijando a mão da esposa e a conservou entre as suas até adormecer novamente. Morgana não se afastou do marido, lutando contra suas emoções e contra o destino que a unira a esse homem perigosamente sedutor. Horas depois de tê-lo deixado dormindo e sob os cuidados de Elva, ainda sentia o toque dos lábios quentes e a sensação de prazer que o beijo lhe causara.

A inquietação a levou a procurar seu derradeiro refúgio. No último andar da torre oeste ficava o quarto que fora seu esconderijo predileto na infância e durante as crises de adolescência. Ali fizera planos, sonhara, chorara um amor perdido, e as horas passadas no aconchegante abrigo afastavam o sofrimento e o medo do futuro.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

O quarto pertencera à bisavó, Morgana como ela, e infinitamente sábia. Chamavam-na de Senhora do Lago e atribuíam-lhe poderes místicos e dons sobrenaturais. Para a bisneta, a velha dama representava amor incondicional, segurança e meiguice.

Bastava abrir a porta do cômodo circular para sentir-se amparada pela presença que permanecia através das décadas. Morgana não permitia que ninguém entrasse ali, limpando-o sem ajuda dos criados. A cama, muito antiga e modesta, contrastava com duas magníficas arcas entalhadas que constituíam o único mobiliário do quarto sem enfeites. A menor e mais antiga tinha vindo da Irlanda havia século e era considerada por seu avô como a peça mais preciosa do castelo por seu conteúdo.

Ajoelhando-se no chão sem tapetes, Morgana levantou a tampa do baú e fitou por alguns minutos o objeto envolto em um xale de seda que amarelecera com o tempo. Com o cuidado de quem toma nas mãos uma jóia frágil, ela retirou o tecido de cobertura e segurou a harpa dourada.

Não existia em toda a Inglaterra um instrumento musical tão precioso nem tão antigo. Pertencia à Casa de Griffin há tanto tempo que sua história se perdia nas brumas do tempo. Morgana porém ouvira dos lábios da bisavó que a harpa fora feita pelo próprio Merlin e dada a seu amigo Gwydion. A lenda dizia que os descendentes de Morgana e Gwydion continuariam poderosos e abençoados pelos deuses enquanto a mantivessem na família.

Embora Morgana tivesse herdado o talento musical da bisavó, não conseguia tocar essa harpa, grande e pesada demais para sua figura esguia. Fora construída para as mãos de um cavaleiro mais alto e mais forte que a maioria dos homens. Seu avô tinha sido o último a tocá-la, mas Morgana continuava preservando-a e mantendo-a pronta para ser usada.

A educação cristã não apagara por completo o misticismo dos celtas, que permaneciam na alma de Morgana. Ela realmente acreditava que a segurança do Castelo de Griffin e a felicidade de seus senhores dependiam da harpa de Merlin. Sempre tocava as cordas e, se as julgasse desafinadas, trocava-as como se alguém fosse usá-la em breve.

Depois de guardá-la, Morgana foi até a janela, preocupada com o nervosismo que não desaparecera. Naquele quarto, sentira-se sempre envolvida por uma sensação de paz que afastava as tristezas e os problemas. Por que naquele momento não conseguia encontrar a mesma serenidade que a ajudara a suportar tantos sofrimentos?

O mar recoberto pela bruma não despertava agora o desejo de partir em aventuras heróicas e descobrir novos mundos como quando Morgana o fitava nas tardes despreocupadas de sua infância feliz. Agora, as ondas bravias evocavam barcos que não retornariam à praia, maridos, filhos ou amantes tragados pelas águas sinistras e a perda de seres amados.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Subitamente, Morgana compreendeu por que a visão sempre animadora a deprimia e o refúgio aconchegante não lhe devolvia a paz. Pela primeira vez, não entrara sozinha no quarto porque a imagem de Ranulf, gravada em sua mente, a acompanhara. O marido era um intruso em sua vida, um intruso em seu mundo particular.

— Por favor... — murmurou ela, apelando para a ancestral, sábia e capaz de lhe indicar o caminho. — Por favor, evite que eu me apaixone...

Morgana não herdara o dom da bisavó, que enxergava os mistérios da alma e antecipava os caprichos do destino. Se tivesse uma gota do talento mágico da Senhora do Lago, desistiria de uma luta inútil e saberia que era tarde demais.



CAPÍTULO VIII

As janelas do quarto sempre permaneciam abertas à noite. Morgana gostava de sentir o vento perfumado do mar e adormecer ouvindo o som abafado das ondas se chocando contra as rochas. Quando o sono custava a chegar, ela ia até o parapeito do torreão admirar a beleza selvagem do mar de Gales.

Ela deixara Ranulf no salão, conversando com os seus cavaleiros, decidida a dormir cedo. Infelizmente, não conseguia afastar de sua mente os problemas acarretados por seu novo casamento. Em poucos dias, havia ocorrido tantas mudanças em sua vida que não seria fácil adaptar-se às alterações de uma rotina imutável havia décadas. A maior incógnita era o marido. O que sabia sobre aquele homem além de sua habilidade nas batalhas e... na cama? Não conhecia seu passado, ignorava seus hábitos e predi-ções.

O som de passos aproximando-se da escada do torreão assustou Morgana. Ela estava em trajes de dormir e, para não ser vista, escondeu-se à sombra das seteiras.

— ... uma gata selvagem! — dizia Perry. — Mas agora lady Morgana está ficando mais dócil.

— Lógico! — respondeu Desmond. — Ranulf sempre foi um excelente estrategista e planejou bem o cerco da fortaleza. Ele resolveu comportar-se como um conquistador galante e apaixonado. Logo a terá nas mãos, obedecendo ao seu menor desejo, e então será o verdadeiro e único senhor de Griffin.

Morgana não esperava ouvir aqueles comentários nem imaginara que ficaria tão chocada. Revoltava-se por constatar que sua vida íntima era um assunto discutido entre escudeiros, como se fosse uma mulher das tavernas. Essa falta de cavalheirismo lhe revelara um aspecto profundamente perturbador. O desejo e a paixão demonstrados por Ranulf não passavam de uma farsa, destinada a permitir que ele se apoderasse de seu coração e, através desse domínio, pudesse controlar suas propriedades.

Apesar de conhecê-lo há pouco tempo, não acreditava que Ranulf fosse um homem capaz de fingir um desejo inexistente. Ele não se rebaixaria a seduzir uma mulher visando apenas o lucro! Nunca notara sinais de dissimulação ou hipocrisia. No entanto, Morgana já fora usada uma vez e protegia seus sentimentos de novas decepções. Poderia ignorar as insinuações de Desmond e até mesmo considerá-las falsas, mas a semente da suspeita fora plantada em seu coração.

De volta ao quarto, Morgana permaneceu acordada à espera dos sons que desejava e temia ouvir: os passos de Ranulf. O que faria se ele entrasse? Como deveria agir?

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Sempre sonhara com um casamento feliz e seu maior desejo era criar uma relação onde o amor os unisse com ternura e paixão. No entanto, não podia confiar em fantasias românticas e abrir seu coração, perdendo a capacidade de reagir à destruição de suas esperanças. Ranulf não a magoaria se o mantivesse a distância, impedindo-o de envolvê-la emocionalmente. Ela só temia não ter forças para resistir ao fascínio do marido.

Morgana precisava de tempo para pensar. A cada noite que passasse nos braços de Ranulf, o encantamento a prenderia com mais vigor e logo não escaparia da prisão do amor. E, mesmo admitindo o quanto seria perigoso ceder, desejava que ele entrasse no quarto e a tomasse nos braços, arrastando-a para o mundo dos sentidos onde só existia paixão e delírio.

A decisão não estava em suas mãos.

A porta se entreabriu e Morgana, mantendo os olhos fechados, ouviu os passos leves que se aproximavam da cama. Imóvel, esperou que Ranulf se deitasse ao lado dela, mas só sentiu um toque suave em seus cabelos. Embora o desejasse muito, queria que o marido desse o primeiro passo. Precisava ter certeza de que ele também abriria seu coração sem reservas pois só assim se entregaria ao amor.

A espera foi interminável. Morgana perdeu a noção do tempo e não saberia dizer quantos minutos ou horas haviam se passado até ouvir os passos se afastarem e o ruído da porta fechando-se atrás de Ranulf.

Elva encontrou Morgana na galeria, demonstrando claramente seu nervosismo.

— Oh! Milady! Fui levar o caldo de sir Ranulf e ele já havia se levantado da cama. Procurei por toda a parte e não o encontrei.

— Não estará com sir Dyllis?

— Não, milady. Sir Dyllis ainda não o viu hoje.

Morgana suspirou, exasperada. Ranulf recusava-se a repousar e ela sabia que qualquer movimento provocava-lhe dores intensas. Tinha se resignado a não participar dos combates simulados, mas continuava acompanhando as atividades de seus homens. Só uma vez por dia, ele aceitava os chás e tônicos preparados pela esposa, mas não se conformava em descansar mais do que meia hora.

— A impaciência de sir Ranulf provocará graves consequências — declarou Morgana preocupada. — O ferimento está inflamado e meu unguento não será suficiente para impedir uma infecção!

— Se ao menos tivéssemos algumas folhas de serpentária, milady. É a única erva que não conseguimos cultivar em nosso herbário porque só se dá bem nas frestas dos rochedos próximos do mar. Talvez a velha das plantas tenha algumas para nos vender.

— Mandarei Bronwen até a cabana dela mais uma vez. Excetuando-se uma nova medicação, nada posso fazer. Sir Ranulf não pára um minuto! Ou está nas cavalaria ou percorrendo o castelo com sir Dyllis ou verificando os estragos nas muralhas. Que homem teimoso!



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Ah! teimoso e fascinante, milady — Os olhos de Elva brilhavam de admiração.
— parece um príncipe!

— Tenho a impressão de que ele a conquistou, velha Elva.

— A idade não afetou minha visão, milady. Sempre gostei de homens altos, bonitos e galantes. Não fiquei cega nem mudei de opinião.

Morgana escondeu a irritação para não magoar a velha aia, mas sua raiva aumentou diante daquela brincadeira. Ranulf enfeitiçara todas as mulheres do castelo e nenhuma percebia seus defeitos. Será que só ela notava a teimosia, a arrogância e a tendência a assumir o controle de tudo? Seu marido estava usurpando a autoridade de Sir Dyllis, que era o intendente havia mais de dez anos. Com astúcia, conquistava a lealdade de seus vassalos e criados, dando-lhes ordens e modificando uma rotina de muitas décadas. Essa situação não podia continuar

— Não se preocupe com sir Ranulf, Elva. Vá tomar um pouco de sol para ajudar seu reumatismo que eu irei procurá-lo.

— Ah! É melhor assim. — A velhinha piscou, maliciosa. — Uma jovem esposa o convencerá mais facilmente a voltar para a cama.

Uma voz irônica soou atrás das duas mulheres que não tinham ouvido o som de passos.

— Há poucos minutos, preocupava-se com minha saúde, velha Elva. Agora quer que eu esgote minhas energias... na cama?

Ranulf desceu a escada que ligava o alto do torreão à galeria ao redor do salão e aproximou-se com um sorriso insinuante.

— Sua aia tem razão, cara esposa. Vamos seguir o conselho de uma senhora inteligente e procurar alívio para meus sofrimentos... na cama.

Morgana enfureceu-se com as palavras do marido e com a própria incapacidade de controlar o rubor que demonstrava seu embaraço. A irritação intensificou-se ao notar a satisfação de Elva, que se retirou imediatamente.

Antes que pudesse encontrar uma saída, Ranulf tomou-a nos braços. O desejo envolveu Morgana, que, numa última tentativa, tentou fugir à atração irresistível de ceder e se entregar por completo ao marido.

— Milorde... Alguém pode nos surpreender e...

Ele a silenciou com um beijo possessivo e Morgana não mais resistiu. O mundo desaparecera ao redor deles, quando Ranulf a conduziu a uma alcova protegida por uma tapeçaria. O isolamento afastou as últimas barreiras e ela permitiu que o marido lhe descobrisse os seios. Seu corpo vibrava de prazer, arqueando-se de encontro aos lábios ávidos que exigiam uma entrega absoluta.

— Você é minha, Morgana...

Ao ouvir a voz rouca de desejo, ela abriu os olhos e não viu a expressão de um amante apaixonado. O rosto de Ranulf revelava a euforia da vitória, a emoção de um conquistador triunfante. As palavras de Desmond voltaram à sua mente e o choque da



realidade provocou-lhe uma angústia incontável. Todos os homens eram iguais! Ranulf, Robin ou Lindsey!

Falsos e consumados artistas, fingiam desejá-la como mulher quando apenas queriam usá-la para aumentar seu poder pessoal e satisfazer uma ambição desmesurada. O único talento masculino talvez fosse a criatividade, pois empregavam métodos diferentes para atingir o mesmo objetivo. Robin agira como um galante cortesão até o casamento ser consumado e então quase a destruíra com sua ironia cortante, negligência e infidelidade. Lindsey tentara conquistá-la através de gestos românticos e declarações apaixonadas, mas ao falhar servira-se da força para conseguir o prêmio cobiçado.

E Ranulf? Como pudera julgar íntegro um homem que pretendia escravizá-la ao desejo físico, aproveitando-se de sua solidão para dominá-la e tomar o poder de suas frágeis mãos feminina? Morgana sentia-se envergonhada por sua fraqueza e traída por um marido sem escrúpulos.

Ela lutava contra as emoções que ameaçavam destruir sua vida quando uma mão abriu a tapeçaria que servia de cortina para a alcova. Lady Winifred os encarava rubra de vergonha ao notar o vestido aberto de Morgana e a excitação de Ranulf.

— Milorde... milady... Mil perdões... — ela gaguejava, mortificada com sua intromissão. — Ouvi barulho e... nunca imaginei... pensei nos criados e... Oh, Deus!

A pobre senhora soltou a tapeçaria e antes que a cortina se fechasse, Morgana avistou Dafffyd, o harpista, alguns passos atrás de lady Winifred. A alcova voltou a ser um refúgio de penumbra e silêncio. Só se ouvia a respiração alterada de Ranulf e o som dos passos que se afastavam.

Ranulf foi o primeiro a recuperar-se.

— Talvez seja melhor usarmos a privacidade de nosso quarto na próxima vez.

A reação de Morgana tomou o marido de surpresa. Ela o empurrou com tanta violência que Ranulf precisou apoiar-se na parede para não cair.

— Talvez seja melhor não esquecer que sou sua esposa... na próxima vez! E lembrar-se que esse tipo de tratamento é dado as mulheres de vida fácil ou pobres criadas cuja posição humilde impede de reagirem à libertinagem de seus senhores.

— Você não recusou minhas carícias na outra noite. — A expressão de Ranulf endureceu. — Disse ou fez algo que a ofendesse?

A raiva de Morgana aumentou ao lembrar-se de seu abandono nos braços do marido e transformou-se em ódio pela audácia dele em mencionar aquela noite. Não podia revelar sua fraqueza nem como estivera perto de cair na armadilha que Ranulf preparara. Acima de tudo, precisava controlar as lágrimas prestes a lolar.

— Por que se preocupa com algum ato ofensivo que tenha cometido? A realidade já é ultrajante demais. Não adianta continuar essa farsa ridícula nem esforçar-se para demonstrar desejo ou afeição. Eu nunca ignorei, e você também não, que nosso casamento não foi por amor.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Se Morgana esperava que ele negasse suas palavras, sofreu uma decepção profunda. O rosto de Ranulf transformou-se diante de seus olhos em uma máscara dura e deprovida de emoções. Quando falou, sua voz revelava apenas frieza e desprezo.

— Não julguei que a intimidade conjugal a repugnasse tanto, milady. Posso lhe garantir que não a desagradarei mais obrigando-a a suportar minha presença.

Só então, Morgana percebeu que provocara uma situação irreversível. O orgulho e o temperamento explosivo haviam, como sempre, vencido seu bom senso e fora ofensiva demais. Quisera mantê-lo a distância e o afastara por completo.

— Espere, milorde — chamou-o antes que o abismo entre ambos aumentasse. — Seu ferimento precisa de novos curativos e meu unguento especial...

— Não se preocupe com esses detalhes. Elva cuidará de tudo.

— É meu dever como esposa e...

— Eu a dispenso desse dever e de todos os outros.

Algo na voz de Ranulf alertou Morgana de que ela fora excluída da vida dele. Paralisada pelo pânico, viu-o afastar-se sem coragem de segui-lo.

Ele caminhava para o quarto, prestes a perder o controle. Morgana mudava como o vento, ora suave, ora gélido, e não suportaria mais ser tratado como um amante desejável no quarto e como lacaios em público. Arrancando do dedo o anel de esmeralda, entrou no quarto da esposa.

Desde seu retorno ao castelo, Morgana ainda não fora às cachoeiras. Como terminara as obrigações internas, decidiu trocar os sapatos delicados por calçados próprios para o terreno irregular. Ela hesitou antes de entrar no quarto, temendo um novo encontro com Ranulf. Finalmente, respirando fundo, empurrou a pesada porta, disposta a enfrentá-lo com frieza.

O aposento estava vazio, mas Ranulf ou seu ajudante-de-ordens tinha estado ali durante sua ausência, pois alguém retirara todos os objetos pessoais do marido, inclusive o candelabro que ele trouxera de seu próprio quarto.

O sol da tarde, alcançando a cômoda, batia em uma peça cujo brilho atraiu a atenção de Morgana. Era o anel de ouro com uma esmeralda quadrada que ela lhe dera como presente de casamento. A mensagem não podia ser mais clara. Ranulf a repudiava definitivamente, tornavam-se novamente um casal sem ligações íntimas que continuavam unidos apenas por um documento legal. Ela retornaria à rotina que fora alterada pelas atitudes autoritárias do novo marido, como desejara desde o primeiro dia no castelo. Lutara para conseguir essa vitória.

Então, por que sentia essa melancolia inexplicável?

Como sempre, seus sentimentos pessoais vinham depois de suas obrigações como castelã. A esta altura, todos saberiam que sir Ranulf retirara-se do quarto da esposa e boatos maliciosos se espalhariam como um rastilho de pólvora. Ela teria de enfrentar os comentários com uma postura digna, fingindo que nada de anormal



acontecera. Ajudada pela disciplina férrea, sorriria, se ocuparia dos afazeres cotidianos com uma expressão bem-humorada quando seu único desejo era fechar-se no quarto e chorar até não ter mais lágrimas. Evidentemente, sua depressão devia-se apenas à situação penosa de ter sua intimidade devassada.

E, infelizmente, não haveria como disfarçar a desavença do casal. Ranulf sempre se comportara com a cortesia de um cavaleiro e não comentaria a intimidade conjugal, mas sua discrição de nada adiantaria. Em pouco tempo, até o servo mais humilde perceberia que o afastamento entre eles não tinha condições de ser transposto. Conhecendo a natureza humana, Morgana calculava que em uma ou duas semanas os seus dependentes e os de Ranulf também se indisporiam, formando dois partidos irreconciliáveis. A guerra civil se instalaria em seu castelo, abalando as noções de lealdade, minando a disciplina, e o feudo de Griffin cairia como uma fruta madura nas mãos de um inimigo astuto. Por que Edward não permitira que ela escolhesse seu próprio marido?

O treinamento de Morgana como senhora de Griffin ajudava-a não perder tempo em lamúrias. Enxugando os olhos, ela começou a planejar a salvação de sua herança. Se mantivesse uma aparência de serenidade, cumprindo suas obrigações com bom humor e tratando o marido com sorrisos e cortesia, colocaria em dúvida a veracidade dos boatos maliciosos. Portanto, a primeira atitude a tomar seria disfarçar a evidência das lágrimas e procurar Dal, o mestre dos cavalariaços.

As cocheiras ocupavam toda a extensão da muralha norte, no pátio superior, entre a segunda muralha e os muros do castelo. Morgana sentia-se culpada por não tê-las visitado antes porque era o seu dever de castelã que mais lhe agradava. Adorava montar e quando criança Dal tinha sido um verdadeiro herói porque ele tinha um misterioso dom de se comunicar com os animais.

Um cavalariaço, muito jovem e sardento, veio ao encontro de Morgana e curvou-se respeitosamente diante de sua senhora.

— Bom dia, Jovem Tris. Onde posso encontrar Dal?

— Na sala dos arreios, milady.

Ela parou à porta da sala, admirando o velho vigoroso que continuava exercendo suas funções com amor e eficiência. Dal tinha sido amigo de seu pai, um viúvo que lutara ao lado do senhor de Griffin contra os ingleses. Sua lealdade agora era dedicada a Morgana, que ele vira nascer e colocara sobre o primeiro pônei aos dois anos de idade.

— Deus a abençoe, milady. É bom tê-la de volta ao seu lar, de onde não deveria sair nunca!

— Deus o abençoe, também, Dal. Só você sabe como me sinto feliz aqui.

— Então nós dois estamos felizes, milady.

Dal examinou o rosto da mulher que ele conhecia como a pai-mãe de sua mão e notou as linhas de tensão ao redor dos olhos. Ao perceber também a expressão de



teimosia, evitou perguntar o que a perturbava. Já vira muitas vezes esse ar de obstinação e antevia sérios problemas.

Previendo que o velho amigo abordaria assuntos pessoais, Morgana apressou-se em discutir a situação das cocheiras.

— Sinto muito não ter vindo antes, Dal. Com certeza, estava à minha espera para decidirmos vários problemas, não?

Surpreso, Dal desviou os olhos, tentando disfarçar seu embaraço e escolher as palavras certas.

— Bem... não surgiu nenhum problema sério e como sir Ranulf veio ontem e já deu algumas ordens...

— Ordens? — interrompeu ela, tensa.

— Sim, milady. Ah! Sir Ranulf tem tantas idéias novas! Pretende aumentar as cocheiras e substituir os arreios antigos por outros do tipo inglês. E também decidiu cruzar a égua árabe que a senhora criou desde pequena com o cavalo dele, aquele magnífico garanhão preto. Não sei como não pensei nisso! Aposto que milorde vai nos surpreender muito com seus planos.

— Pois eu também aposto!

A arrogância de Ranulf era quase inacreditável. Com que direito ele decidia quais animais continuariam a linhagem eqüestre do Castelo de Griffin, famoso por seus cavalos? A irritação de Morgana levou-a a tomar uma decisão impulsiva.

— Infelizmente não será possível, Dal. A égua não pertence a sir Ranulf nem a mim. Durante o cerco do castelo, prometi que a doaria ao mosteiro se saíssemos vencedores. Portanto, leve-a a St. Tristan assim que tiver um tempo livre.

Se Dal desconfiou daquela história improvável, não demonstrou suas suspeitas.

Morgana retornou ao castelo, triste com a perda de sua égua favorita e aborrecida por ter mentido. Seu estado de espírito piorou ao notar que os criados já a fitavam com curiosidade. Mas a raiva ainda cresceria muito. Ao encontrar o mordomo, foi informada sobre a mudança de Desmond para um outro quarto. Ela dera ordens explícitas a que o cavaleiro deveria ocupar um dos quartos de hóspedes, no último andar do torreão. Agora soubera que Ranulf lhe destinara um apartamento idêntico ao ocupado por sir Dyllis e lady Winifred.

Sem dúvida seu marido nunca aprendera as noções mais elementares de hospitalidade e hierarquia. Ou seria arrogante a ponto de desprezá-las? O tratamento preferencial de Desmond seria considerado uma desfeita pelo intendente, que se sentiria atingido em sua posição de prestígio. A situação assumia maior gravidade porque corriam rumores que Ranulf pretendia substituir sir Dyllis pelo primo, mais jovem e vigoroso.

Aquele cavaleiro ruivo aproveitava-se da amizade de Ranulf para entrometer-se em todos os assuntos. As pretensões de Desmond atingiam todos os habitantes do castelo e principalmente a Bronwen o interesse dele na jovem dama de companhia e

essa situação a enfurecia. Sem dúvida, acreditava, como Ranulf, na impunidade de apossar-se de tudo que lhe agradasse! Pois descobriria logo o quanto se enganava. Ela tomaria providências urgentes para impedir qualquer contato entre os dois.

Os problemas acumulavam-se e Morgana previa que fossem agravar-se a cada dia. Sem perceber, seus passos a dirigiam até a capela em busca de solidão e conforto espiritual. Ela escondeu sua frustração ao encontrar lady Winifred colocando flores no altar com um sorriso nos lábios. Pela expressão satisfeita a pobre senhora ainda não fora informada da ascensão de Desmond.

— Ah, lady Morgana — exclamou ela, nitidamente satisfeita. — Vim à capela para agradecer a Deus pela bondade que tem demonstrado. Depois que a senhora voltou, também retornaram os dias felizes. Nem imagina como sir Dyllis alegrou-se com a vinda de sir Ranulf e com a ajuda de sir Desmond. Meu pobre marido já não é jovem e as responsabilidades de intendente estavam esgotando suas energias. Não acha ótimo que alguém divida as obrigações mais pesadas com ele?

Morgana perdeu a voz, perplexa com a reação de lady Winifred. Ao encontrá-la na capela, preparava-se para uma cena penosa, esperando choro, lamentações e críticas à insensibilidade de Ranulf. Não contava com agradecimentos profusos.

— Se sir Dyllis sente-se feliz com a ajuda de sir Desmond, não tenho objeções à mudança ordenada por meu marido. Só quero que se sintam seguros porque ninguém afastará sir Dyllis do corpo de intendente do castelo.

— Oh! Eu sei, milady. Sir Ranulf prometeu que manterá meu marido até o fim de nossos dias.

Morgana retribuiu o sorriso eufórico de lady Winifred com um leve curvar de lábios. Seu marido não perdia tempo e estava disposto a assumir os direitos de senhor de Griffin com muita rapidez.

Enquanto Morgana ocupava-se com seus deveres de castelã, Ranulf percorria o castelo, surpreendendo-se com a complexidade da construção. Torres e baluartes, escadarias amplas e passagens estreitas com degraus gastos, quartos secretos ou intercomunicadores, túneis subterrâneos que levavam a adegas, dispensas, masmorras e saídas de emergência.

O Castelo de Griffin nascera de um pequeno torreão cercado por uma paliçada e um fosso raso e tinha se transformado em uma poderosa e ampla fortaleza. Essa prodigiosa evolução se efetudara através de muitas gerações e infelizmente nenhum dos senhores pensara em seguir um plano racional. Ranulf estava perplexo diante de corredores que não levavam a parte alguma, pátios esquecidos entre as galerias sem finalidade e portas sem saída.

— É um verdadeiro labirinto!

— Tem toda razão, sir Ranulf. — concordou sir Dyllis. — Eu levei quase seis meses para me orientar e me perdi várias vezes.

— Não existe nenhuma planta do castelo? Ou ao menos traçados parciais?



— Infelizmente não, milorde. Restaram os projetos feitos pelo primeiro senhor de Griffin, que construiu um forte original. E também temos alguns estudos realizados nos últimos cinquenta anos. Os séculos que separam essas duas épocas permanecem uma incógnita.

— Essa situação precisa ser remediada. Temos de reunir os traçados existentes e designar alguns homens para pesquisar as construções efetuadas nesse período sem documentação. Envie uma mensagem ao mosteiro de St. Tristan, perguntando se os monges se interessariam em passar algum tempo conosco e fazer uma planta detalhada do castelo. É evidente que os recompensaremos por essa tarefa minuciosa.

Ranulf colocou o braço sobre os ombros de sir Dyllis, que sorria encantado com a manifestação de amizade do novo senhor de Griffin.

— Quero que supervisione os trabalhos, sir Dyllis. Confio em sua habilidade de liderar os encarregados e dou-lhe carta branca para requisitar tudo o que for necessário para a obtenção de resultados primorosos.

Sir Dyllis não se alegrava apenas por sentir que merecia a confiança de seu senhor. O projeto sugerido por sir Ranulf seria a realização de um sonho que ele acalentava havia muitos anos. Dessa vez, o destino tinha sido generoso com lady Morgana ao dar-lhe um marido bem diferente de sir Robin. Esse cavaleiro célebre pelas proezas nas batalhas também demonstrava uma inteligência brilhante e sabia como usar sua autoridade. O casamento da senhora de Griffin fora uma verdadeira bênção para todos os habitantes do castelo. Nem todos concordavam com sir Dyllis. Sentado na escadaria do salão, Daffyd trocava uma corda de sua harpa. O sol que se infiltrava entre as tapeçarias não aliviava seu humor sombrio, ainda sob o efeito da cena presenciada na galeria. Embora lady Morgana tivesse se esforçado para manter uma expressão de indiferença, ele entrevira, numa fração de segundo, a incontrolável repulsa que sentia pelo marido.

Pela primeira vez na vida, Daffyd revoltava-se contra o dom que lhe fora concedido pelos deuses. Trocaria o talento para a música e a poesia pela força e habilidade de um guerreiro. Se fosse mais velho e tivesse ao menos uma vaga noção de como empunhar uma espada, ele a salvaria de um marido que a repugnava. O menestrel romântico levaria sua deusa etérea para uma torre distante onde passaria os dias cantando sua beleza de corpo e alma. Seu respeito pela bem-amada o impedia de pensar nas noites ao lado dela.

Quanto a sir Ranulf... o ídolo ruíra diante de seus olhos. O paladino do rei, corajoso e iluminado por uma aura de herói místico não passava de um bárbaro grosseiro que desconhecia os ideais de um real cavaleiro. Aliás, o que se poderia esperar de um homem em cujas veias corria o sangue de viquingues selvagens e irlandeses belicosos? Se ao menos o encontrasse a sós, se tivesse coragem de encará-lo...

Daffyd não imaginou que os deuses fossem conceder-lhe seu desejo com tanta presteza. O sol que o aquecia desapareceu, bloqueado por uma sombra gigantesca. Apavorado, ele recuou, prestes a fugir.

— Não se levante por minha causa. — Ranulf fingiu não perceber o pânico do rapaz. — Continue tocando.

Infelizmente, os dedos de Daffyd tinham perdido a mobilidade e ele nunca desafinou tanto como naquele momento. A proximidade de sir Ranulf o apavorava, pois sentia a aura de força e determinação que emanava daquele homem. O "Cavaleiro Dourado" merecia sua fama e seria um rival invencível.

Ranulf também observava o jovem músico cuja fisionomia refletia suas emoções mais íntimas. Encontrara um outro súdito de Morgana que continuava desconfiado com a presença de um novo senhor e precisaria ser conquistado. Jovens trovadores sempre são românticos e se apaixonam por belas e inatingíveis damas. Sem dúvida, Morgana possuía esses dois atributos.

— Peço-lhe desculpas. Você estava concentrado em sua arte e eu o perturbei. Há três momentos sublimes que jamais devem ser interrompidos... o sono inocente de uma criança, a arte divina de um músico e as carícias apaixonadas dos amantes.

Rubro de vergonha, Daffyd concluiu que sua presença na galeria fora notada por sir Ranulf.

— Por favor, continue a tocar.

O embaraço não impediu, como o nervosismo de momentos atrás, que Daffyd demonstrasse seu talento ímpar. A melodia espalhou-se pelo salão, cristalina e doce, evocando amores perdidos e sonhos desfeitos.

— Você foi abençoado pelos deuses, jovem Daffyd — a voz de Ranulf revelava sua emoção. — A música é um bálsamo para corações magoados e não existe ouro suficiente para pagar a beleza de sua arte. Com quem aprendeu a tocar? Deve ter um bom mestre pois conseguiu ser um artista ainda na infância.

— Meu professor, o mais talentoso dos harpistas, era o avô de lady Morgana que morreu há seis anos. — Daffyd abaixou cabeça, embaraçado. — Eu sempre fui uma criança doente e inclinado à melancolia. Como não podia participar das brincadeiras rudes dos outros meninos e gostava de cantar, ele decidiu ensinar-me sua arte.

Ranulf detectou um descontentamento quase imperceptível na voz de Daffyd e imaginou o motivo.

— Aparentemente, você superou os problemas de infância, pois é um jovem bastante saudável. Sabe utilizar uma espada tão bem quanto sua harpa?

Daffyd pediu a Deus que o chão se abrisse sob seus pés e ele pudesse desaparecer nas profundezas da terra. O milagre não se realizou, abandonando-o diante da mais cruel humilhação.

— Não... eu só aprendi a ser músico. Nunca tive habilidade com armas...

— E gostaria de ter?



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Sempre desejei, mas ninguém quis ensinar-me. Tinham medo de machucar o harpista da senhora de Griffin. Sei que a música é minha vida. No entanto, um homem precisa aprender a defender sua própria vida e a de outros.

— Então vamos fazer um trato. — Ranulf tocou uma corda da harpa e sorriu com melancolia. — Há muitos anos aprendi a tocar. Infelizmente, minha vida tomou outros rumos e meus dedos se enferrujaram como uma espada que não é sempre cuidada. Se você me der lições de música, eu o ensinarei a usar uma espada. E prometo-lhe que não machucarei o harpista da senhora de Griffin.

A opinião de Daffyd sobre sir Ranulf sofreu uma nova mudança radical. Um brilho de esperança surgiu em seus olhos e logo foi empanado pela tristeza.

— Não tenho a estrutura física de um guerreiro.

— Você sempre desiste tão facilmente, rapaz? Cerdic o ensinará a desenvolver a força dos braços e das pernas em pouco tempo. Além disso, uma constituição esguia é vantajosa para quem maneja a espada, pois muitas vezes a agilidade derrota a força.

— É verdade?

Apesar de fascinado pela oferta de sir Ranulf, Daffyd sentia-se como se estivesse traindo lady Morgana e forçou-se a acreditar que ajudaria sua senhora se aprendesse a lutar.

— Agradeço-lhe humildemente, sir Ranulf. Aceito o trato.

Ranulf não esperava que o rapaz se rendesse tão rapidamente.

— Se quer me agradecer, diga-me se existe outra harpa no castelo.

— Oh! Existem muitas... mas lhe direi onde encontrar a melhor de todas.

Lady Winifred e Morgana terminavam a inspeção diária da cozinha, uma das obrigações que mais agradava as duas mulheres. Dos enormes fogões a lenha e lareiras destinadas apenas aos assados, vinham aromas tentadores que despertavam o apetite do convidado mais exigente.

Sob a direção do cozinheiro-mestre, jovens camponesas de rostos corados cortavam frutas para conserva, preparavam a massa das tortas e picavam legumes para os ensopados. Os pães saíam do forno, quentes e dourados, para serem servidos com creme azedo e mel.

Aquela era a primeira visita de Morgana à cozinha depois de sua volta ao castelo e alegrou-se que a eficiência dos criados não tivesse sofrido com sua ausência.

— Apesar do cerco, tudo foi mantido de modo impecável, lady Winifred. Devo-lhe agradecimentos e gostaria que me acompanhasse ao solário para celebrarmos a volta à normalidade com uma taça de vinho.

— Sinto-me honrada com o convite, milady. Entretanto peço-lhe desculpa por recusá-lo. Prometi a sir Ranulf que eu mesma prepararia um prato especial. Ele adora faisão e aprendi a recheá-lo com figos, maçãs e cobri-lo com um molho de vinho e manteiga. Garanto-lhe que também apreciará essa nova receita.

— Mas... não pedi que servissem leitão no jantar desta noite?



— Sim, milady — interferiu o cozinheiro, perturbado. — Já estava tudo preparado quando sir Ranulf disse que preferia vitela com molho de pimenta.

— Bem... comeremos carne de porco amanhã — disse Morgana secamente e saiu da cozinha.

Sua raiva atingira um ponto incontrolável e julgara melhor afastar-se de todos para não demonstrar seu estado de espírito. A influência de Ranulf chegara até a cozinha! Lady Winifred ia reparar-lhe um prato especial e o cozinheiro aceitara uma mu-ança de última hora, trocando porco por vitela. Que poder tinha seu marido para conseguir a lealdade de cavaleiros e criados, homens e mulheres sem o menor esforço? Ele exigia sempre mais ninguém reclamava de suas ordens, apenas sorriam felizes e obedeciam com prazer.

"Logo eu serei apenas uma hóspede em meu próprio lar", pensou Morgana, subindo as escadas para o quarto. "Os criados ignorarão minhas ordens ou as desobedecerão e suportarão minha presença só porque o castelo me pertence por direito e a lei não permite que me expulsem." Por um acidente do destino, ela nascera mulher e, por intermédio do casamento, perdia a maior parte de seus direitos que eram a herança legada por seus antepassados. Ranulf, um desconhecido que não nascera em Gales, assumia a posição e o poder de senhor do castelo, apenas por ter-se casado com a herdeira do feudo Griffin. Agora tudo lhe pertencia, terras, ouro, servos, vassalos e até a esposa que podia ser tratada com crueldade. As leis, o rei e a Igreja aceitavam e abençoavam essa situação criminosa, mas Morgana de Griffin não se submeteria!

Se Ranulf tivesse intenções de usar sua fortuna para armar seus cavaleiros e partir para batalhas custosas, ela o enfrentaria com a força que lhe fora legada pelos seus antepassados e o impediria de privar seu povo de uma vida tranqüila e sem impostos altos. O país podia ter conquistado a paz, Lindsey não os ameaçaria mais, porém no castelo haveria uma guerra sem tréguas.

A decisão de lutar acalmou Morgana, que entrou em seu quarto, cheia de otimismo. O sangue dos celtas, que corria em suas veias, alegrava-se diante de uma batalha. Ela preparava-se para trocar de roupa quando ouviu um som distante que vinha da torre leste. Alarmada, correu até as escadas e parou diante da porta do quarto. Quem estaria tocando a harpa de Merlin? Seria o espírito de Owain de Griffin?

Hesitante, Morgana empurrou a porta e espiou pela fresta, com medo de entrar. Então, o temor foi superado por um ódio incontrolável. Tranqüilamente sentado sobre a arca de Morgana do Lago, Ranulf segurava a preciosa herança da família. Mãos calejadas de um guerreiro ousavam tocar o símbolo do poder e da felicidade dos Griffin.

E o marido cometera outro crime: violara seu santuário, o lugar mais sagrado do Castelo de Griffin!

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Como ousa! — gritou ela, arrancando-lhe a harpa das mãos. — Você não tem esse direito, nunca o terá! Este instrumento não representa apenas a beleza da música, é um símbolo místico, a essência do poder. Não pode ser degradado pelas mãos cobertas de sangue de um guerreiro.

Com uma ternura infinita, Morgana envolveu a harpa no velho xale de seda e guardou-a no baú. Ainda de costas para o marido, trancou o ferrolho da tampa e prendeu a chave em seu cinto. Só então voltou-se para ele. Olhos azuis e gélidos como o mar do Norte enfrentavam olhos verdes como as impenetráveis florestas de Gales.

— Nunca mais ponha os pés neste quarto. Como senhor de Griffin você apoderou-se de todos os cantos do castelo, mas este refúgio pertence apenas a Morgana de Griffin.

— Suas atitudes me convencem de que sou um marido insatisfatório sob todos os aspectos menos um... o de amante. E mesmo assim, talvez achasse a arrogância de Lindsey mais a seu gosto.

— Talvez, milorde. Mas, se fosse assim, você não teria o poder que minha fortuna lhe proporciona e iguala sua arrogância à de Lindsey.

Por uma fração de segundo, Morgana julgou que Ranulf iria agredi-la e controlou-se para não recuar. Continuaram a sustentar em seus olhares um duelo de espíritos fortes que se recusavam a ceder. Então Ranulf quebrou o silêncio mortal que tomara conta do quarto.

— Dou-lhe minha palavra de honra que não ambiciono seus bens nem sua pessoa, milady. Este casamento está envenenando meu sangue, destruindo minha vida. Tão logo seja possível, voltarei a Londres e enviarei uma petição ao arcebispo pedindo a anulação.

Um vento gelado invadiu o refúgio de Morgana. A porta se fechou atrás do intruso que o violara. Ranulf se fora.

CAPÍTULO IX

A primavera finalmente chegara em Gales. O sol quente atraía Morgana, que ansiava por se desincumbir de suas tarefas diárias e passar o resto da manhã ao ar livre. A responsabilidade excessiva a impedia de entregar o castelo nas mãos de lady Winifred, apesar da extrema competência demonstrada durante a ausência da castelã.

Forçando-se a não se julgar relapsa ou preguiçosa, Morgana permitiu-se o luxo de algumas horas de lazer em um recanto onde se isolara muitas vezes durante a infância. Ela desceu uma escada estreita e tortuosa, atravessou um labirinto de cômodos sem utilidade que eram parte da construção original de mais de trezentos anos. Esse caminho secreto a levaria a um pequeno pátio protegido de olhares indiscretos e com uma magnífica vista para o mar.

Seus olhos encheram-se de lágrimas ao rever o antigo refúgio e ao recordar os momentos que passara no singelo banco de pedra, fitando as ondas. Quantas lembranças! Ali Morgana se escondera para chorar a morte dos avós, depois por seu pai e para pensar na mãe que não tivera. Lady Guinevere morrera ao dar à luz a única filha que a conhecia apenas através dos quadros da galeria, entre todos os membros da família Griffin.

Sem perceber Morgana tinha procurado aquele pátio onde se refugiara nos momentos de tristeza. Não estava conseguindo, como no passado, esquecer-se das tristezas e contrariedades, concentrando-se em seus afazeres de castelã. Os desentendimentos com o marido permaneciam em sua mente, e os revivia continuamente. Sentia-se sempre à beira das lágrimas ou de uma explosão de cólera, falava e agia sem ponderação, incapaz de controlar as emoções. Não compreendia o motivo de sua inquietação e, apesar de pôr a culpa em Ranulf, temia que fosse ela própria a fonte de seus problemas.

Confusa e triste, ela não percebeu o tempo passar e custou a discernir os sons doces e muito distantes. Quando o ventou mudou de direção, reconheceu a arte inconfundível de Daffyd, que devia estar bem perto dali. O romântico trovador tocava suas baladas líricas e infinitamente tristes. Como se estivesse em transe, Morgana ergueu-se, movendo-se na direção da música.

A melodia flutuava pelo túnel estreito. As notas puras e cristalinas chegavam até ela, agora evocando as cantigas de ninar e logo mais rápidas, recriando a pureza do amor. Como borboletas frágeis voando de flor em flor, as canções se modificavam a cada momento, oscilando entre a melancolia e a alegria.

O som de seus passos entrando em um pátio também isolado alertou o trovador que interrompeu sua música. .



— Por favor, continue, Daffyd — disse ela ainda antes de cruzar o arco de entrada. — Você se superou durante minha ausência. Agora não existe nenhum músico da Corte cuja arte se compare à sua.

Sorrindo, Morgana entrou no pátio e, surpresa, deteve seus passos. Sentado no banco de pedra, estava seu marido com a harpa de Daffyd nas mãos.

Ranulf não perdeu nenhum detalhe da mudança na expressão de Morgana. Ela chegara alegre e descontraída, com um sorriso nos lábios que acentuava sua beleza excepcional. Então, ficou pálida e contrariada, como se desejasse estar em qualquer lugar menos ao lado dele.

Os dois se desculparam simultaneamente:

— Sinto tê-la perturbado...

— Perdoe-me a interrupção...

Também se calaram ao mesmo tempo.

Morgana não conseguia falar porque continuava envergonhada por sua atitude de horas atrás. O homem que estava diante de seus olhos, belo e másculo como um deus nórdico, revelava a sensibilidade de um artista. Ela tirara conclusões erradas, ofendera-o com suas palavras agressivas e agora sofria com o olhar indiferente e frio do marido.

— Eu não pensei... — nunca imaginaria... — Ela apontou a harpa. — Deve julgar-me uma tola e... pior que isso, uma megera!

— Apenas exerceu seus direitos de propriedade, lady Morgana. Apesar de não ter sido intencional da minha parte, ultrapassei os limites da cortesia ao invadir seus domínios e tocar em objetos que lhe pertencem por herança. Garanto-lhe que não repetirei esse erro.

Ranulf levantou-se do banco e Morgana, prevendo que ele não mais a ouviria, tentou impedi-lo de sair do pátio.

— Toca com a perícia de um artista, milorde.

— Frequentei o Colégio de Bardos na Irlanda, quando jovem. Nasci músico, a vida tornou-me um guerreiro.

Como desculpar-se? Como reparar o erro cometido? A vergonha de Morgana atingira um limite insuportável.

— Peço-lhe perdão por tê-lo insultado, milorde. Eu me sentiria menos culpada se visse a harpa de Merlin em suas mãos. Mandarei trocar as cordas para que possa tocá-la.

A expressão de Ranulf não demonstrou seu assombro. Morgana mudava como o mar, ora suave e sedutor, ora perigosamente tempestuoso. Desde o início ela o confundira com alterações de comportamento tão inesperadas quanto surpreendentes. Agora, já não importava, ele não participaria mais daquele jogo.

— Não será necessário, lady Morgana. Se o tempo se mantiver firme, partirei com meus homens para Londres, dentro de três ou quatro dias.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Um sorriso forçado escondia a decepção de Morgana.

— Por quanto tempo permanecerá ausente?

O silêncio prolongado respondeu à pergunta de Morgana antes mesmo de Ranulf falar. Ela não tinha dúvidas, perdera o marido.

— Creio que não entendeu minhas palavras, lady Morgana. Irei a Londres com um objetivo específico. Pretendo entregar uma petição ao arcebispo e iniciar as providências necessárias para a anulação de nosso casamento. Quando eu partir do Castelo de Griffin, não mais voltarei.

Cega pelas lágrimas, Morgana não o viu afastar-se do pátio. O sol perdera o calor, e a brisa, subitamente fria, afastou a doçura da primavera. Ela vencera e chorava sua vitória.

No final da tarde, Ranulf não estava em condições nem de fazer planos para sua viagem. Uma febre súbita tirou suas energias, mas ele permaneceu na cama apenas porque Desmond ameaçou trancá-lo no quarto.

Morgana só soube da indisposição do marido na manhã seguinte, quando Desmond foi até a alcova onde ela preparava seus unguentos e poções sob os olhos atentos da dama de companhia.

— Você tem talento natural para lidar com ervas medicinais, Bronwen.

A expressão satisfeita da jovem diante do elogio alterou-se com a chegada de Desmond. Enrubescendo ela afastou-se da porta e ficou atrás de sua senhora.

— Perdeu-se pelos corredores, sir Desmond? — zombou Morgana, sem disfarçar sua antipatia. — Ou será que precisa de um calmante bem forte para amansar seu mau gênio?

— Eu não acredito nas suas misturas, milady.

— Então diga logo o que deseja. Como pode ver, estou ocupada.

— Não costumo perder tempo, portanto... saiba que seu marido é uma prova concreta da ineficiência de seus preparados. Cedric disse-me que ele passou a noite ardendo de febre e chegou a delirar.

— Por que não fui informada, sir Desmond?

A altivez de Morgana não impressionou Desmond, que a fitava com insolência.

— Não consegue adivinhar, milady! Muitos julgam que suas poções não valem nada.

— Está me ofendendo, sir Desmond! — Morgana não escondia seu choque. — Meus bálsamos são procurados por pessoas que vêm de regiões distantes e...

— E ninguém ignora que a senhora não ama seu marido. Humilhou-o publicamente, expulsou-o de sua cama e nunca escondeu o quanto o odeia.

— Não é verdade!

Desmond entrou na alcova e examinou as prateleiras ocupadas por todo tipo de medicamentos e de cremes.



— Alecrim, angélica, borragem, bardana, calêndula, funcho, hamamelis — ele lia os rótulos com um sorriso cínico. — É impossível que não haja um remédio eficaz entre tantas ervas, óleos, pastas e grãos, milady. Por que não consegue curá-lo?

Morgana enfrentou Desmond com a mesma agressividade. O cavaleiro de Orkney não escondia que a considerava uma megera e ela também demonstraria o quanto o detestava.

— Tenho confiança em meu talento. Sir Ranulf vai se recuperar quando seguir minhas ordens.

— Acho bom mesmo! Afinal, a sua vida depende da cura dele.

Controlando a vontade de atirar o pilão de estanho na cabeça do insolente cavaleiro, Morgana esperou que ele saísse para explodir.

— Desafortado! Sou obrigada a suportar ameaças e ofensas de um cavaleiro sem terras, fortuna ou educação? Detesto esse homem e darei graças a Deus quando voltar definitivamente para Londres.

Bronwen abaixou a cabeça, escondendo o rosto. Desmond a assustava e ao mesmo tempo a atraía. Calma e doce, ela se fascinava com o temperamento flamejante como os cabelos ruivos de Desmond e com os sorrisos raros, mas cativantes. Elva lhe dissera que não havia nada errado com o comportamento dele e bastariam alguns beijos apaixonados para domar as súbitas crises de raiva.

Apesar de sua perspicácia, Morgana ainda não notara a atração de Bronwen por Desmond. Continuava criticando-o enquanto terminava o tônico contra febres altas.

— Está pronto!

— Quer que eu o leve, milady!

— Não, obrigada. Preciso verificar pessoalmente o estado de sir Ranulf. Aquele idiota tinha de me avisar durante a noite!

Morgana sabia como a febre minava as energias de homens saudáveis e temia que a causa da temperatura alta fosse uma infecção. Conhecia alguns remédios para combatê-la, mas os efeitos não eram imediatos. Talvez uma longa convalescença os ajudasse a suplantiar os desacordos e recomeçar um relacionamento baseado em afeição.

— Mais uma gota de tília e...

Ouvindo a voz de Morgana, Bronwen parou de colocar o líquido no pote para observar que outra erva seria usada. Como conhecia todas, estranhou que sua senhora pegasse um frasco escuro do fundo da prateleira. Elva o mostrara uma vez dizendo que era uma poderosa poção do amor.

E ela também sabia que aquelas gostas destinadas a despertar paixões perdiam o efeito com o passar do tempo. Ela o usara no último verão, determinada a conquistar o amor de Daffyd e ele continuara ignorando-a. Aliás, não se ressentira muito com a indiferença do trovador, mas constataria a ineficácia da poção.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Bronwen hesitava em tomar uma decisão. Deveria contar que o líquido mágico já perdera suas qualidades? Se sua senhora soubesse que ela mexia nas ervas sem permissão poderia castigá-la como já acontecera com uma criada intrometida. Por outro lado, a volta de sir Ranulf para Londres significava que Desmond também partiria. Quem sabe lady Morgana teria sucesso onde ela falhara e conquistaria o amor do marido? Se os dois se apaixonassem, não perderia a presença daquele homem que a fascinava.

— Bem... irei para o quarto de sir Ranulf e, depois que terminar seu trabalho, vá me ajudar, sim?

Subitamente Bronwen teve uma idéia brilhante.

— Não quer que eu procure novamente a velha das plantas? Talvez ela possua alguma erva rara e mais adequada ao caso de sir Ranulf.

— Sim, é melhor você ir, Bronwen. Conte-lhe o problema e pergunte se sabe de um remédio que eu desconheça. — Morgana entregou uma moeda à jovem. — Não quero que vá sozinha. Peça a um dos homens para acompanhá-la.

Preocupada com os jarros- que devia levar para o quarto do marido, Morgana não notou o rubor de Bronwen. Estava aflita demais para preocupar-se com quem acompanharia a jovem e queria verificar logo a situação de Ranulf.

As críticas agressivas de Desmond não tinham preparado Morgana para o estado de saúde do marido.

O homem que estava deitado na cama não era Ranulf, o cavaleiro vigoroso e invencível. Lívido e com olheiras profundas, ele lutava para respirar e sua cabeça debatia-se no travesseiro, causando dores intensas que provocavam gemidos incontroláveis.

— Oh, Deus! Está ardendo em febre, milorde.

— Não demonstre seu talento de atriz assumindo o papel de esposa desconsolada, milady — disse Desmond, surgindo das sombras do fundo do quarto. — Todos nós sabemos quais são os seus sentimentos em relação ao marido que despreza.

Percebendo a sinceridade da emoção de Morgana, Cerdic aproximou-se dela para dar-lhe Seu apoio.

— Ele não pode ouvi-la, milady. Está delirando há horas.

— Então ajude-me a sentá-lo na cama para que eu consiga dar-lhe o remédio. — Ela virou-se para Desmond. — Se não for pedir muito, torne-se útil, cavaleiro de Orkney. Abra as janelas do quarto e diminua o fogo das lareiras.

— O quê? Pretende matá-lo? O frio provocará uma congestão pulmonar e...

— Não se intrometa em assuntos que não entende, sir Desmond. Eu concordei em não interferir nos assuntos militares que pertencem à jurisdição de meu marido e, por consequência, à sua. As decisões a serem tomadas no quarto de um doente serão apenas minhas!



Houve um momento de impasse e Desmond só cedeu quando Cerdic segurou-lhe o braço, empurrando-o em direção à janela. Mas logo ele foi obrigado a voltar porque Ranulf se debatia com tal violência que derrubou Morgana e o ajudante-de-ordens.

Desmond estava ajudando Cerdic a levantar-se quando viu Morgana aproximar-se da cama.

— Não, milady — gritou Cerdic apavorado. — Ele pode... Naquele momento Desmond teve certeza que aquela mulher era uma feiticeira. Morgana tocou o rosto de Ranulf e ele acalmou-se milagrosamente.

— Fique calmo — murmurou ela, com doçura. — Só queremos seu bem e precisa tomar o remédio. Por favor, beba e sua dor vai passar.

Como se nada tivesse acontecido, Ranulf aceitou o remédio e deixou que a esposa ajeitasse seus travesseiros, mantendo a expressão serena.

— Logo ele estará dormindo e, se Deus quiser, acordará sem febre. Enquanto isso, vamos trocar os curativos.

Apesar da antipatia, Desmond aproximou-se de Morgana para ajudá-la. Os dois não controlaram uma exclamação de horror ao verificar o estado do ferimento. A infecção tomara conta de toda a área machucada e de um lado do corte destilava um líquido amarelo.

— É esta a causa do delírio — declarou Morgana horrorizada. — Precisamos drenar o pus e cauterizar a ferida.

Após uma breve hesitação, Desmond retirou o punhal da bainha e colocou-o entre as brasas da lareira. Seu rosto revelava um sofrimento profundo e pela primeira vez Morgana notou a semelhança entre os dois primos. Ah! Como gostaria que fosse Ranulf quem estivesse a seu lado nesse momento difícil e não o insuportável cavaleiro de Orkney.

Ranulf permaneceu adormecido durante o tratamento da ferida, mas quando a lâmina incandescente pousou sobre sua pele soltou um brado de dor que ecoou pelo quarto. Morgana nunca soube se também gritara junto com o marido.

— Agradeço a ajuda de ambos — disse ela, recuperando o controle. — Ele dormirá por duas ou três horas, por isso aproveite para descansar, Cerdic. Chamarei um de meus criados para substituí-los.

— Eu a proíbo de alertar qualquer pessoa deste castelo sobre a doença de Ranulf — explodiu Desmond, segurando-a pelos ombros. — Ninguém pode saber que ele está sem condições de comandar seus homens. A notícia provocará indisciplina interna e logo chegará aos ouvidos de Lindsey, que não perderá tempo em nos atacar.

— Apesar de sua grosseria, aceito seu julgamento, sir Desmond. Nós três nos revezaremos até a febre passar. Mas agora Cerdic tem de dormir pelo menos algumas horas. — Ela dirigiu-se ao ajudante-de-ordens. — Só lhe peço mais um favor. Avise um de seus homens para que acompanhe Bronwen até a cabana da velha das plantas. Preciso de um novo remédio.

— Eu irei — declarou Desmond. — Não há necessidade de privar Cerdic de seu repouso merecido.

Desmond saiu do quarto, mas Cerdic recusou-se a se afastar de Ranulf. Deitou-se em um colchão ao lado da lareira, enquanto Morgana sentava-se em uma banqueta junto à cama do marido. Como ele estava imóvel! Após a agitação excessiva, a serenidade provocava uma impressão funesta. Pela primeira vez, ela pensou que talvez não houvesse chances de recuperação.

— Você precisa sarar — sussurrou ela, tocando-lhe a testa. — Não o deixarei morrer...

Ranulf moveu-se, inquieto e esforçando-se para recuperar a consciência. Entretanto, Morgana não se alegrou porque sabia que a agitação significava o retorno da febre.

— Morgana... — a voz era quase um gemido mas ele estava sentindo a presença da esposa ao seu lado e agarrou-lhe as mãos.

Uma nova crise começava e Morgana manteve-se de joelhos, rezando e segurando as mãos que apertavam as suas. O tempo perdeu o significado diante de um pesadelo que não terminava.

Com a rapidez costumeira do verão em Gales, o céu azul cobriu-se de nuvens quase negras. Uma tempestade violenta, mas de breve duração, não tardaria a cair e o vento frio que a precedia já começara a soprar.

Bronwen culpou-se por ter cedido a um impulso, escolhendo uma capa de cetim verde que realçava seus cabelos loiros e a pele alva. Preferira a vaidade ao bom senso e agora estava sem proteção contra o frio e a chuva. E sua elegância nem sequer fora notada pelo cavaleiro designado para acompanhá-la à cabana da velha das plantas, que se comportava como se não tivesse ninguém ao seu lado.

Qualquer companheiro seria melhor do que Desmond de Orkney. Ele não abria a boca desde que tinham saído do castelo e sua expressão sombria refletia a tormenta prestes a desabar. Bronwen nunca sentia-se à vontade na presença dele, mas nesse dia estava determinada a ignorar seu ar taciturno e demonstrar-lhe que aprendera a requintada arte da conversação e sabia agir como uma dama. No entanto, falar sobre que assunto? Eles não tinham nada em comum!

— Lady Morgana herdou de sua bisavó, a Senhora do Lago, um dom raro. — Bronwen escolheu um tema que certamente romperia seu silêncio. — Ela tem mais talento nas artes curativas do que muitas mulheres mais velhas e experientes. Logo conseguirá devolver a saúde de sir Ranulf.

— Pelo bem dela... é melhor que consiga.

— Duvida de minhas palavras?

— Não. Só tenho dúvidas sobre as intenções de sua senhora.

Como não podia argumentar sem ser ofensiva, Bronwen calou-se. Seu silêncio demonstraria a sir Desmond que ele ultrapassara os limites da cortesia essencial a um cavaleiro.

A chuva finalmente caiu, sem dar-lhes tempo de procurar um abrigo. Em poucos minutos os dois estavam ensopados e a estrada converteu-se em um mar de lama dificultando a marcha dos cavalos. Tremendo de frio e à beira das lágrimas, Bronwen aceitou a mão de Desmond que ajudou-a a desmontar e correr até a proteção de uma pequena gruta formada pelos rochedos.

— Menina tola... como sai de casa tão despreparada?

Bronwen nunca o ouvira falar com um tom de voz tão suave.

Sem coragem de fitá-lo, sentiu que ele colocava a própria capa sobre seus ombros. Ainda mais envergonhada, fixou o olhar em um ponto distante, esforçando-se para não pensar em sua aparência lastimável.

Desmond nunca convivera com jovens donzelas. Por falta de experiência, julgou que ela estivesse ofendida por causa da crítica feita à sua senhora. Rodeados pelos imponentes rochedos, Bronwen o impressionava por sua aparência frágil e delicada, que contrastava com a altivez de suas atitudes.

— Você é realmente leal à sua senhora.

— Não existe ninguém que se compare a lady Morgana. Entregaram-me aos seus cuidados quando meu pai morreu e ela foi mãe, irmã, protetora e amiga desde o dia em que cheguei chorando por estar sozinha no mundo. É a senhora mais generosa, justa e compreensiva que se pode desejar.

— Que elogio caloroso! — sorriu Desmond, sem a habitual malícia.

A chuva, parando tão subitamente quanto começara, permitiu-lhes reiniciar a jornada. Bronwen seguia feliz até que seu cavalo tropeçou e Desmond quase caiu para impedi-la de escorregar da sela.

— Menos pressa e mais cautela, menina — a voz de Desmond recuperara a costumeira rispidez. — Tome cuidado ou vai mergulhar de cabeça na lama.

Bronwen não se ofendeu com o comentário áspero e sim por ter sido chamada de "menina". Apesar de temê-lo, ela também sentia-se atraída pelo cavaleiro cujos cabelos ruivos refletiam seu temperamento inflamável. Logo depois de sir Ranulf, ele era o mais respeitado pelos outros cavaleiros e nunca ouvia nenhum comentário que o desabonasse. Intuitivamente, sabia que a aparência austera e quase rude escondia um coração de ouro. Para seu pesar, Desmond não demonstrara nenhum interesse em uma simples "menina", mas talvez acabasse notando-a se permanecesse mais tempo no Castelo de Griffin.

Os boatos afirmavam o contrário e quando sir Ranulf voltasse para Londres, ela perderia a chance de atraí-lo. Se, pelo contrário, lady Morgana e o marido conseguissem superar os desentendimentos, a situação no castelo voltaria à antiga harmonia. Embora fosse uma garota inexperiente, Bronwen estava convencida de que

os dois tinham sido feitos um para o outro. Infelizmente, aquele par de olhos teimosos não enxergava a verdade nem sabia que uma separação só lhes traria sofrimentos.

Perdida em seus pensamentos, Bronwen surpreendeu-se ao avistar a cabana quase em ruínas da velha das plantas.

— Você vai comigo? — perguntou ela a Desmond, enquanto descia do cavalo.

— Não. Dizem que essa velha é uma bruxa e pratica magia negra. Sua habilidade em lidar com ervas medicinais é um mero pretexto e eu não gosto de feitiçarias.

Bronwen entrou sozinha na cabana escura, iluminada apenas pelas chamas de uma fogueira rústica sob um caldeirão de ferro. Ela assustou-se ao sentir um animal aproximar-se, mas quando seus olhos acostumaram-se à penumbra, viu que era um cabritinho branco.

— Não tenha medo de meu amiguinho de chifres.

A voz vinha do canto da cabana e pertencia a uma velhinha mirrada, miúda como uma garotinha e, aparentemente, tão ingênua quanto qualquer criança.

— Ah! É você de novo? Chegue perto do fogo e me conte por que saiu do castelo debaixo da chuva.

Relutante, Bronwen aproximou-se da velha que, apesar da aparência inofensiva, assustava-a quando a recebia na cabana escura e quase em ruínas.

— Trouxe um homem desta vez. É seu amante?

— Não! — exclamou Bronwen, rubra de vergonha.

— Mas gostaria que fosse, não é? E quem a censuraria por entregar seu coração a um homem tão bonito?

A gargalhada estridente da velha aumentou o embaraço de Bronwen, que precisou criar coragem para desincumbir-se de sua missão.

— Minha senhora precisa de um novo remédio para curar seu marido.

— Deve ser um ferimento muito grave se não cicatrizou com a pomada que preparei. E não tenho nada mais forte para oferecer. Bronwen mostrou a moeda de ouro para a velha.

— Quem sabe isto ajuda sua memória a funcionar.

— Bem... acabo de me lembrar de uma receita — a velha agarrou avidamente a moeda. — Só que preciso prepará-la e vai demorar um pouco.

— Eu posso ajudá-la.

— Nada disso, moça. Guardo bem os meus segredos, sabe? Vá dar uma volta com seu... homem que não é seu amante.

A gargalhada aguda ecoou novamente na cabana e Bronwen saiu correndo sem olhar por onde ia.

— Não quis deixá-la sozinha com essa bruxa — a voz de Desmond soou muito próxima dela. — Achei mais seguro permanecer ao alcance de sua voz se precisasse pedir ajuda.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Então ele ouvira tudo? Perturbada, Bronwen afastou-se da cabana em direção à horta onde a velha cultivava suas plantas. O lugar transmitiria tranquilidade se não tivesse, bem no centro dos canteiros, um círculo de pedras polidas dispostas em círculo. Apesar de supersticiosa, ela não tomou conhecimento do símbolo mágico talvez por sentir-se segura na companhia de Desmond.

Ele também foi contagiado pela serenidade do lugar e falou sobre assuntos que nunca teria mencionado no castelo. Contou-lhe como Ranulf o acolhera após o assassinato de seu pai e o vingara, matando o criminoso que o privara da família.

A vida difícil de Desmond justificava sua aparência austera, assim como a máscara que escondia suas emoções. Percebendo o calor humano e alma generosa do cavaleiro, o coração de Bronwen abriu-se para ele como uma flor à luz cálida do sol.

A solidão de Desmond despertava o lado amoroso da personalidade dela e a meiguice espontânea de Bronwen respondia à Mirência afetiva dele. Entre uma palavra e outra, a garota inexperiente percebeu que nutria um sentimento verdadeiro e profundo pelo cavaleiro ríspido e de difícil convivência. Não conquistara o príncipe de seus sonhos românticos, encontrara o homem que amaria para sempre.

O silêncio harmonioso que os unia foi interrompido pela voz da velha chamando Bronwen. Ainda encantada com sua descoberta, e relutante em afastar-se de Desmond, ela mal olhou para o pote que continha o novo remédio.

— Siga as minhas instruções, moça. Junte este bálsamo ao outro até formar uma pasta grossa e a coloque sobre o ferimento quatro vezes por dia.

— Bem... eu também queria... — Bronwen hesitava em formular seu pedido. — Talvez a senhora...

— Ah! Já adivinhei o que quer! Aposto que é uma poção de amor para conquistar alguém de cabelos vermelhos, certo?

— Não... não é para mim — balbuciou Bronwen, retirando uma moeda de sua bolsa.

— Pouco me importa, moça... desde que eu receba o preço justo. Você veio ao lugar mais certo!

Remexendo entre dezenas de potes amontoados sobre uma cômoda rústica, a velha pegou um pequeno frasco.

— Este filtro do amor conquistará o coração de qualquer homem... até do rei!

— E não é perigoso?

— Inofensivo como o leite materno, moça. Basta colocar duas gotas no vinho ou na cerveja de seu amado e em três dias, ele estará apaixonado por você. É uma promessa! — A velha colocou o frasco rapidamente na mão de Bronwen e sussurrou: — Tive uma visão muito nítida quando olhei a água da bacia. Você se vestirá de noiva uma semana antes do Natal.

Desmond notou o brilho de felicidade no rosto de Bronwen quando voltavam para o castelo. Forçou-se a desviar os olhos com medo de se prender àquela jovem



encantadora. Como Ranulf pertencia a um nível inferior ao de Morgana, ele também não poderia almejar uma dama de companhia da senhora de Griffin. Qualquer relacionamento entre eles traria infelicidade e já bastava a tragédia de seu primo, que se apaixonara por uma mulher inatingível.

Bronwen nem notou a expressão taciturna de Desmond tal a sua alegria. Ela se casaria antes do Natal e não duvidava quem seria o noivo. A visão da velha dispensava o uso da poção do amor e mesmo quando a comprara, não tinha esperanças de conseguir colocá-la na bebida dele. Agora já não precisava de nenhuma magia mas... guardaria o frasco para usá-lo apenas em último caso.

Quando os dois chegaram ao castelo, Morgana estava à beira do desespero. Ranulf alternava períodos de total inconsciência com crises violentas que exigiam a força de Cerdic e a sua para impedi-lo de se ferir. Debatia-se sem cessar, com os olhos abertos e sem reconhecer ninguém. Quando um movimento mais descontrolado a atingiu no rosto, o ajudante-de-ordens decidiu tomar providências.

— É preciso impedi-lo de se mover, milady. Temos de amarrá-lo na cama.

Embora contrariada, ela ajudou-o a prender Ranulf de encontro ao colchão com uma correia de couro. Depois de se certificar que ele não corria perigo de se machucar ou atingir alguém, Cerdic entregou seu punhal a Morgana.

— Coloque-o sobre o lugar atingido e seu rosto não inchará, milady.

Desmond entrou no quarto precisamente naquele momento. Viu Morgana com o rosto ferido, um punhal na mão e o primo preso à cama. A dedução foi lógica e a cólera o enlouqueceu.

— Assassina! O que estava planejando fazer durante minha ausência?

— Prefere que seu primo se atire pela janela em uma crise de delírio? — Ela forçou-se a manter o controle diante da fúria de Desmond.

— Você é louca! Ele está quieto como um cadáver.

Ignorando-o, Morgana voltou-se para Bronwen:

— Trouxe o que eu pedi?

— Sim, milady. Use-o quatro vezes ao dia, diretamente sobre o ferimento.

— Deus seja louvado! Vou colocar o remédio agora, enquanto ele dorme. Logo recomeçarão as crises e será impossível mantê-lo imóvel.

Observando a delicadeza de Morgana ao tocar no ferimento e a ternura evidente em seu rosto, Bronwen descobriu para que seria a poção do amor. Dormiu pensando em um meio de colocá-la na bebida de sir Ranulf e criar uma paixão ardente entre os dois. Durante dois dias, ela não teve um minuto de descanso, ajudando sua senhora que não punha os pés fora do quarto do marido! As crises de delírio haviam cessado, mas Morgana, Cerdic Desmond se revezavam dia e noite ao lado do leito de Ranulf. Na manhã do terceiro dia, quando as esperanças começavam renascer, Ranulf teve uma recaída. À beira da exaustão, Morgana já não controlava as emoções e cedeu ao desespero. Então, do terminaria mais uma vez em tragédia! O casamento que ne-

hum dos dois desejara tinha sido celebrado sob o signo da fatalidade. Começara em um clima de cólera e desconfiança, terminaria num ambiente de ódio, suspeitas e morte? Seu orgulho irracional e uma loucura insensata recebiam a punição justa, as a atingida deveria ser ela, não o marido, que só agira com cortesia e fora injustamente julgado. A chuva não cessava e o céu sombrio refletia seu estado de espírito. A culpa crescia e ela reconhecia sua arrogância diante das atitudes corajosas de Ranulf, que arriscara a vida para salvar suas propriedades. E seu gesto de valentia acabaria causando-lhe a morte. Escondeu o rosto, deixou as lágrimas correrem. Não queria ler o desprezo na expressão cruel de Desmond, que não acreditava na sinceridade de seu sofrimento. O cínico cavaleiro de Orkney jamais entenderia que, embora fosse tarde demais, ela não era dona de seu coração. Se pudesse retroceder no tempo, iria de outro modo, não repetiria os erros que tinham destruído uma união antes de cultivarem o amor. Morgana apoiou a cabeça no encosto da cadeira, preocupada demais para dormir, cansada demais para pensar e sem forças para continuar implorando a piedade divina. A espera angustiante o teria fim quando a tragédia descesse sobre o quarto silêncio. Então, um suspiro, quase inaudível, alertou-a e ela abriu os olhos, certa de que se aproximava uma nova crise. O rosto de Ranulf, até minutos atrás vermelho de febre, estava lívido e até os lábios não tinham cor. Os olhos abertos, não demonstravam sinais de vida. Tão rápido quanto Morgana, Desmond chegou junto com ela ao lado da cama, ambos com o rosto molhado de lágrimas.

— Ele está...

Engasgada pelo desespero, Morgana não pôde mais falar. Enxugando o rosto com as mãos, Desmond não percebia a presença de mais ninguém no quarto.

— Ele não tem mais febre. A crise passou.

Ajoelhada ao lado da cama, Morgana ergueu-se tão rapidamente que se sentiu uma tontura incontrolável.

— Graças a Deus! Ranulf está salvo.

Ela deu um passo para abraçar Cerdic e foi vencida pelo cansaço. O corpo exausto de Morgana não lutou mais contra a exaustão e desmaiou aos pés de Desmond.

CAPÍTULO X

Nas primeiras horas da manhã, Morgana entrou no quarto do marido para levá-lo ao desjejum e não se surpreendeu ao encontrá-lo vestido e fora da cama. Ranulf era um homem de ação e sentia-se mais à vontade entre seus companheiros de batalhas ou cavalgando pelos campos do que nos ambientes fechados, geralmente restritos às mulheres. Apesar da gravidade de sua doença, ele estava com uma aparência saudável, só mais magro e perturbadoramente mais atraente.

Oito dias de convalescença, dedicados à recuperação da saúde tinham esgotado a paciência de Ranulf. Irritado com a ociosidade forçada e sentindo-se bem disposto, ele demonstrava claramente sua agressividade.

— Agradeço sua gentileza, mas pode levar embora essa droga. — Ele fez um careta de repulsa diante do mingau de aveia. — Estou farto de papinhas próprias para recém-nascidos e também não agüento mais ser tratado como um inválido. Decidi que vou sair deste maldito quarto e passar a manhã inteira caçando.

Morgana controlou a vontade de rir. Aquele homem, forte e responsável, comportava-se como uma criança que desafia a babá para desabafar sua raiva.

— Como quiser, milorde.

A concordância inesperada da esposa desorientou Ranulf. Ele se preparara para uma discussão acalorada e a atitude submissa de Morgana despertou-lhe suspeitas.

— Está muito dócil hoje, lady Morgana.

— É verdade, milorde. Decidi aperfeiçoar meus conhecimentos sobre essa virtude admirável.

— Deus nos ajude! — exclamou ele, incapaz de controlar um sorriso. — Os seus conhecimentos a esse respeito devem ser tão parcos quanto os meus. Como já havia me acostumado à sua língua afiada, acho difícil acreditar nessa transformação.

Os dois sorriam, partilhando o momento de descontração. Morgana queria prolongar a sensação de intimidade até que ambos se acostumassem a dividir suas emoções.

Era sempre Ranulf quem reagia contra um contato mais íntimo. Bruscamente, ele afastou-se na direção da janela e ficou de costas para a esposa.

— Vai chover antes de a noite chegar — disse Morgana, ao notar que ele observava as nuvens cinzentas. — Elva acha quisera uma tempestade forte e virá após o almoço, no início da tarde. Seus ossos a avisavam com antecedência...

— Com sol ou com chuva, eu não fico mais nesse quarto. Pretendo caçar e nada me impedirá.

Morgana não respondeu, ocupando-se em dobrar as roupas jogadas sobre a cama. Utilizava-se de qualquer pretexto para permanecer no quarto, enquanto



procurava desesperadamente as palavras mágicas. Palavras que apagassem os erros do passado, palavras que lhes permitissem recomeçar sem ressentimentos. Talvez nunca conseguissem superar as dificuldades criadas por seus temperamentos explosivos, mas não desistiria antes de tentar uma reconciliação.

Durante a convalescença, aprendera a conhecer melhor o marido. A inteligência brilhante, a rapidez de percepção e a excepcional habilidade administrativa despertaram sua admiração. Descobriu que considerava uma mente instruída tão importante quanto um corpo bem treinado e que, depois dos anos de vida errante, ele desejava ardentemente fixar-se e criar um lar. Ranulf adorava comidas picantes, todo tipo de doces e... a doçura feminina. O único defeito que Morgana encontrara não podia ser julgada por ela: um temperamento forte, obstinado e explosivo como o seu!

Como ansiava por desculpar-se de sua atitude grosseira em relação à harpa de Merlin! Apesar de saber que precisava desfazer esse terrível erro, não conseguia superar o embaraço nem criar coragem para abordar esse assunto penoso. Quando ouviu-o assobiar uma canção alegre, aproveitou a oportunidade de ao menos falarem sobre música e talvez a conversa tomasse o rumo desejado.

— Meu avô costumava cantar esse rondó para mim. É uma lembrança que me comove e só seria melhor se a ouvisse tocada na harpa.

— Peça a Daffyd. — Ele não enfrentou o olhar da esposa. — Seu trovador se sentirá feliz com o pedido e poderá tocá-lo hoje, durante o jantar.

O tom seco e a expressão fechada de Ranulf revelavam que aquele insulto continuava vivo em sua mente, mas não pretendia discuti-lo. Apesar da rispidez do marido, Morgana esforçava-se para encontrar uma ocupação e continuar no quarto.

Notando que o vento espalhara as cinzas da lareira, apanhou uma vassoura para retirá-las do chão.

— Que absurdo! — exclamou ele, novamente ríspido. — Não quero que desperdice seu tempo com serviço de criada quando tem afazeres de castelã à sua espera.

Apesar do tom de voz, Ranulf fora polido e tivera razão em lembrá-la de suas obrigações. No entanto, Morgana não tinha dúvidas de que a verdadeira intenção do marido era livrar-se dela e, disfarçando o desapontamento, não se deu por vencida.

— É verdade, milorde. Hoje começaremos os preparativos para as comemorações que se realizarão daqui a duas semanas.

Todos os anos durante o verão, os senhores menores e os cavaleiros se reuniam no Castelo de Griffin para renovar seus juramentos de lealdade. Os convidados permaneciam por várias semanas, em que participavam de banquetes, bailes e os tão esperados torneios.

— Não me sobrará tempo durante a manhã mas, à tarde, irei com lady Winifred e Bronwen até o mosteiro. Os monges dependem dos suprimentos que doamos a eles.

CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

— Não acho prudente que se afastem do castelo. Foram vistos cavaleiros desconhecidos rondando a aldeia.

— Devem ser peregrinos que passam por aqui quando vão para o santuário de St. Yseult. Sir Desmond afirmou que não há nenhum perigo.

— Não para um homem forte e treinado como ele. Uma dama estará se expondo a graves riscos. — Com a volta da saúde, também retornaram as atitudes autoritárias de Ranulf. — Você não sairá do castelo sem uma escolta.

— Perfeitamente, milorde. — Parada à porta do quarto, ela não demonstrava o costumeiro ressentimento diante de uma ordem. — Pedirei a Daffyd para me acompanhar.

— Daffyd? Ele não passa de um garoto mais treinado para tocar harpa do que para usar uma espada. Proíbo-a de passear pelos arredores sem proteção. Quero que seja escoltada por Cerdic e um grupo formado pelos meus homens.

— Como desejar, milorde. Agora preciso ir ou lady Winifred se cansará de me esperar.

Só quando chegou ao fim do corredor, Morgana deu rédeas livres à sua alegria. Pela primeira vez há muitos dias começava a ter esperanças. Será que Deus ouvira suas preces e estava demonstrando sua bondade? Afinal, um homem que quer anular o casamento a fim de livrar-se de uma esposa indesejável não se preocuparia com a segurança dela nem insistiria em protegê-la com uma escolta armada.

Ao analisar a atitude de Ranulf, Morgana admitiu que a distância entre eles diminuía com a convivência diária e nenhum dos dois conseguia manter-se indiferente a uma poderosa atração. As ordens autoritárias do marido só podiam ter um significado: ele sentia alguma afeição pela temperamental esposa!

Sem perceber os dois criados fascinados com seu sorriso radiante, Morgana correu para o seu quarto.

Do alto da torre leste, Ranulf contemplava Morgana e seus acompanhantes adentrarem a floresta. O grupo só seria visto novamente quando alcançassem a clareira em frente aos portões do mosteiro. Apesar do vento, ele continuaria a vigiá-los para certificar-se de que estavam em segurança dentro dos muros de St. Tristan.

Ranulf preferiria que essa visita fosse adiada até que suas forças retornassem e pudesse acompanhá-los. Só não manifestara sua opinião para evitar uma discussão desnecessária com a esposa. Pelo menos, Morgana não o desafiara, insistindo em dispensar uma escolta. A concordância imediata despertou suas suspeitas, porque não era habitual na mulher temperamental e briguenta com quem se casara. Aliás, ela se comportara com tanta docilidade durante aquela semana que devia ter algum plano secreto. A voz meiga e o súbito desejo de visitar o mosteiro indicava que ele logo teria alguma surpresa. Como prever as artimanhas de qualquer mulher, principalmente de sua esposa? Ranulf nunca conhecera nenhuma que se comparasse a ela. Frágil e delicada, ela despertava ternura e o desejo de protegê-la contra todos os perigos.



Então, a suave feminilidade desaparecia diante da castelã corajosa, responsável e dotada de uma ousadia que causaria inveja a muitos cavaleiros orgulhosos de seu valor. Morgana demonstrava o destemor de um guerreiro, sempre pronto para a batalha, só que usava palavras no lugar da espada. Ele carregava as cicatrizes que provavam as lutas sem armas.

Na verdade, compreendia e não censurava a revolta da esposa, pois Morgana de Griffin pertencia a um nível muito superior ao dele. Sua linhagem tinha origens centenárias, descendia de antigos reis celtas e, em outras circunstâncias, seria uma princesa. O sangue azul correndo em suas veias, acrescido da educação primorosa de uma genuína aristocrata, a inteligência apurada e, acima de tudo, uma fortuna pessoal e propriedades que despertavam cobiça de muitos nobres ambiciosos a tornavam uma mulher inatingível para ele.

A poderosa senhora de Griffin merecia um príncipe e, através do casamento, perdera os direitos sobre todos os seus privilégios e propriedades para um simples cavaleiro sem sangue nobre, propriedades ou fortuna, Morgana conservava apenas o direito de herança, pois o castelo e o feudo de seus ancestrais só passariam mãos dos filhos dela. Se não existissem descendentes diretos, os bens reverteriam ao mais próximo parente consanguíneo. Essa tradição dos celtas não preocupava Ranulf. Casara-se por beldade às ordens reais e nunca almejava uma esposa, rica ou sem tostão. E, a esta altura de sua vida de casado, só queria recuperar a paz de espírito.

Não! Ele precisava ser honesto ao menos consigo mesmo. Continuava desejando, desesperadamente, a altiva e indiferente Morgana.

Desde o início, até um cego veria que uma mulher bela e excepcionalmente rica jamais se submeteria com docilidade a um casamento com alguém como ele. E só um idiota desejava unir esposa que o desprezava! O caso deles apresentava aspectos ainda mais sérios. Os desentendimentos conjugais de um casal no nível que pertenciam não se limitavam apenas a comentários desagradáveis ou perturbações domésticas. Os atritos entre os dois provocaria uma divisão na unidade senhorial, formando dois campos de leais seguidores que se enfrentariam como inimigos e logo reinaria a indisciplina e finalmente o caos!

O casamento se realizara sob o domínio da força e, a partir do primeiro passo, os erros foram se acumulando. Já não considerava que a única responsável fosse Morgana, ele também assumia culpas involuntárias, mas irreversíveis. Agora admitia que Edward revelara uma inesperada sabedoria, embora na época tivesse se ressentido com a insinuação ofensiva. O melhor caminho a seguir teria sido o indicado pelo rei: engravidar a noiva antes mesmo da cerimônia nupcial. O nascimento de um herdeiro eliminaria duas facções distintas, unificando a lealdade dos súditos de Griffin e dos seus seguidores.

Maldito Edward e suas idéias brilhantes! O rei não se comportara como um amigo unindo-o a uma feiticeira que se apossara de seu corpo, coração e mente,

torturando-o dia e noite sem dar-lhe um momento de paz. Só não pensava em Morgana se algum problema exigisse toda a sua concentração. E certamente alguém precisava dele ou não subiria as intermináveis escadas como essa pessoa, cujos passos se aproximavam.

— Por São Jorge! — exclamou Desmond, irritado. — Estou procurando-o há mais de uma hora.

— Eu precisava de ar fresco depois de ter ficado preso naquele quarto durante tantos dias. E como minha ausência foi prolongada, achei melhor mostrar que estou vivo e com saúde.

— Por sorte, ninguém percebeu nada de anormal. Aliás, a responsável pela tranquilidade foi lady Morgana que permanecia em seu quarto a maior parte do tempo. Todos entendem o comportamento de recém-casados.

Desmond aproximou-se do primo, apoiando-se também sobre o vão de uma seteira.

— Vim procurá-lo por outro motivo, Ranulf. Acontecimentos inquietantes exigem sua atenção.

Imediatamente alerta, Ranulf pensou em Lindsey.

— Que acontecimentos?

— Bruxaria! Um aldeão surrou sua mulher e, ao cair, ela bateu a cabeça em uma pedra e morreu. Também comentam o caso dos dois pescadores que desapareceram ontem durante a tempestade.

— Não nego que sejam fatos bastante trágicos, mas frutos do acaso. É absurdo acreditar em bruxarias quando os fatos foram provocados por um temperamento irascível e o mar bravio.

— Eu também pensava como você. Então, lembrei-me de seu ferimento que não cicatrizava. Depois ouvi falar sobre um cachorro de duas cabeças que apareceu na aldeia e assustou várias pessoas. — Olhando à sua volta, Desmond baixou o tom de voz. — Ontem à noite, viram uma bruxa, envolvida por um fogo azulado, dançando no alto da torre sul.

— Que tolice! — exclamou Ranulf, exasperado. — Não entendo por que você perde tempo com essas superstições absurdas. Se pesquisarmos o assunto, não encontraremos nenhuma testemunha ocular. Todos ouviram a história de alguém que ouviu de outro e ninguém viu nada.

— Desta vez, o caso é diferente, Ranulf. Existe uma testemunha que jura ter visto a bruxa.

— E quem é esse idiota que presenciou um acontecimento tão espantoso?

— Uma pessoa digna de confiança. — Desmond desviou o olhar que revelava uma angústia profunda. — Eu sou a testemunha.

O grupo chegou ao mosteiro sem incidentes.

Morgana alegrou-se ao verificar que muitos irmãos leigos tinham retornado com vida das florestas e uniam-se aos monges para reparar a destruição causada pelos mercenários de Lindsey. Depois de conversar com Ranulf e sir Dyllis, ela havia enviado marceneiros, pedreiros e ferreiros a fim de orientar os religiosos, que não conheciam os elementos mais rudimentares da arte de construir.

Apesar da ajuda, todos continuavam bastante magros, e os mais idosos não tinham resistido aos dias de privação. O Mosteiro de St. Tristan perdera metade de seus religiosos e levaria alguns anos para recuperar-se do golpe sofrido.

Frei Ewen recebeu-a com um sorriso feliz.

— Como pode ver, estamos reerguendo a casa de Deus e só foi possível porque a senhora demonstrou sua generosidade. Não deixamos de incluir seu nome, o de Sir Ranulf e seus homens em nossas preces.

— Agradeço-lhe a lembrança, frei Ewen. Vim verificar o pro gresso dos trabalhos e trazer um donativo para demonstrar mi nha gratidão pela acolhida que nos deram.

Morgana entregou um saco de veludo azul com moedas de ou ro para frei Ewen e pediu que os soldados entregassem os outros donativos. Sacos de trigo, centeio e cevada, cestas de frutas, caixas de vinho e pacotes de frutas secas foram sendo espalhadas pelo pátio. Na carreta ainda restavam as cestas com carnes defumadas e peixes salgados.

— Não temos palavras para agradecer-lhe, lady Morgana. Só posso prometer que faremos uma novena, pedindo a Deus que conserve sua felicidade.

Enquanto os homens foram para o refeitório a convite dos monges que queriam oferecer-lhes vinho e frutas, Morgana pediu permissão para entrar na capela. Queria rever o lugar onde passara a noite com Bronwen, sob a proteção de Ranulf.

Ignorando as exclamações de lady Winifred, que se maravilhava com os célebres vitrais, e afastando-se de Bronwen, ela ajoelhou-se diante do altar. O verdadeiro intuito da visita tinha sido vir pessoalmente agradecer a Deus pela cura de Ranulf.

Lembrava-se com nitidez daquela noite terrível. Quando Ranulf começara a planejar um meio de salvar seu castelo, enxergara apenas um homem ganancioso, disposto a lutar para manter as propriedades que haviam caído em suas mãos ávidas através do casamento. Reconhecia agora que amadurecera e aprendera muito em pouco tempo. Morgana se considerava uma mulher diferente e só não sabia como levar Ranulf a perceber as mudanças e admitir que eram genuínas. Essa seria a maior dificuldade e uma barreira quase intransponível.

As intrigas amorosas e os ardis femininos de sedução utilizados pelas damas da Corte tinham criado uma desconfiança intensa em Ranulf. Ele suspeitava de todas as suas palavras e ações e não demonstrava o menor interesse em derrubar as barreiras

que continuavam separando-os com a mesma eficácia das muralhas do Castelo de Griffin.

Pedindo a Deus para lhe indicar o caminho, Morgana teve, subitamente, uma idéia que não lhe ocorrera antes e cuja simplicidade talvez garantisse o êxito. Se Ranulf não tomava nenhuma iniciativa, ela daria o primeiro passo, dominando o orgulho que sempre a impedira de se rebaixar. Agora, estava disposta a usar qualquer arma, inclusive abrir mão da altivez, tão prezada pelos Griffin!

Assim que admitiu seu desejo de lutar pelo homem amado, ela sentiu-se feliz como uma adolescente diante de seu primeiro amor. Impaciente, apressou todos, pois queria voltar imediatamente e colocar seu plano em ação. Em menos de dez minutos, reuniu o grupo, despediu-se de frei Ewen e deixou o mosteiro. A rapidez da partida foi conseguida com a ajuda de Cerdic, que avistara nuvens negras e queria chegar ao castelo antes da chuva.

A disciplina de Cerdic e seus homens passou por um duro teste quando Morgana deu ordens para que se desviassem da estrada e a esperassem diante da cabana da velha das plantas.

— É absolutamente necessário! Preciso de mais um pote do remédio que curou sir Ranulf!

Todos sentiam-se amedrontados, inclusive lady Winifred. Os boatos sobre bruxarias tinham se espalhado e só Bronwen mostrou que era corajosa o suficiente para entrar com sua senhora na sinistra cabana.

— Ah! Você voltou, moça? — a velha confundiu Morgana com Bronwen. — Veio buscar mais um frasco da poção do amor, não é?

— Poção do amor? Eu não me interesso por esse tipo de arte! Não sou ligada à superstição. Vim buscar a pasta cicatrizante que lhe pedi para preparar.

A velha sorriu desconfiada mas pegou um pote maior do que o primeiro e entregou-a à Morgana.

— Ouvi dizer que o novo senhor teve problemas com um ferimento. — Ela fitava Morgana com um olhar penetrante. — Espero que já esteja curado.

— Não houve nada sério. Pretendo manter esse pote guarda do para alguma emergência futura.

As palavras de Morgana surpreenderam a velha, que não demonstrou sua reação, voltando a insistir no assunto inicial.

— Não querem mesmo uma raríssima poção do amor? Recebi o frasco de um viajante que chegou da China. Ele jurou que não existe um filtro tão poderoso, capaz de derreter o coração mais duro!

— Como já lhe disse, não me agradam essas práticas ligadas à magia — disse Morgana e, depois de pagar a velha, saiu da cabana. Em sua aflição de afastar-se dali, não notou que uma lasca da porta arrancou um enfeite da barra de seu vestido.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Bronwen não demonstrou a mesma pressa em sair. Nas últimas semanas, percebera que sua senhora tinha se apaixonado pelo marido, mas não sabia se ele correspondia a esse amor. Logo sir Ranulf recuperaria totalmente a saúde e talvez continuasse determinado a anular o casamento. Se ele partisse levando seus homens, lady Morgana não seria a única a sofrer.

— Essa poção... é mais forte do que a outra?

— Ah, moça! Seria como comparar a luz de uma vela com o brilho do sol.

Sem esperar pela decisão de Bronwen, a velha entregou-lhe um frasco de cristal lapidado.

— Coloque cinco gotas na bebida durante dois dias. Depois só ponha duas, mas continue e usá-la por uma semana.

Quando Bronwen quis pagar, a velha recusou-se a aceitar a moeda de ouro.

— Guarde seu dinheiro, moça. Prefiro dá-lo a uma dama do que vender a algum camponês sujo.

Depois de inúmeras tentativas, Bronwen desistiu de convencer a velha das plantas a aceitar o pagamento. Ela sentiu-se aliviada em sair da cabana malcheirosa, e o resto do grupo também não escondeu a satisfação por finalmente afastarem-se daquele lugar agourento. A descontração de todos não durou muito, pois ainda estavam na floresta quando um homem surgiu no meio da estrada.

— Saia do caminho! — ordenou Cerdic, enquanto seus homens o rodeavam com lanças em riste.

O desconhecido, apesar das roupas humildes, demonstrava, pelas feições e pela postura, que não era um camponês. Morgana notou a expressão alerta e sem sinais de medo ou respeito pelos homens armados que o ameaçavam.

— Abaixem as lanças, cavaleiros. Não tenho más intenções, só quero entregar uma mensagem à senhora de Griffin.

Ao receber o pergaminho, Morgana reconheceu a letra e o sinete sobre o lacre. Em ocasiões como essa, ela teria guardado a mensagem e só a leria quando estivesse em seu quarto.

No entanto, um pressentimento inexplicável impeliu-a a não esperar para saber por que a entrega fora feita em circunstâncias tão intrigantes. Decidida a esclarecer o mistério diante de todos que haviam presenciado a cena, abriu uma folha onde a tinta preta destacava o traço, ousado e nitidamente masculino.

"A lady Morgana, com minhas sinceras saudações.

Chegou alé meus ouvidos a notícia de que seu casamento só lhe causa sofrimento e contrariedade. Se a verdade for tão amarga, basta enviar-me uma única palavra, meu amor. Eu a livrarei de sir Ranulf, em nome do amor que nos uniu.

Sempre seu, Lindsey"



Morgana não teve dúvidas de que a carta fora realmente escrita por Lindsey e sentiu um ódio profundo daquele homem arrogante. Voltando a encarar o mensageiro reconheceu Guy de Mikelsbury, um cavaleiro vaidoso e amigo íntimo de seu senhor.

Se tivesse prestado mais atenção no pretensu camponês, recusaria a mensagem. Também não podia revelar sua identidade sem violar o código de honra dos cavaleiros e expô-lo a uma reação imprevista por parte de Cerdic e seus homens.

— Eis a minha resposta — disse ela, rasgando a mensagem e jogando ao vento o papel picado.

A situação constrangedora foi interrompida pelo som dos clarins que anunciavam a aproximação dos caçadores. Subitamente Ranulf e sir Dyllis surgiram entre as árvores, rindo e gracejando em voz alta. Sir Guy aproveitou a momentânea distração dos homens de Cerdic e desapareceu na floresta onde um grupo o esperava com seu cavalo.

Juntando-se aos caçadores, a comitiva de Morgana dirigiu-se para o castelo. Só Garth, um soldado recentemente contratado por sir Dyllis, não os acompanhou, sob o pretexto de que sua montaria estava com uma pedra presa no casco e logo os alcançaria.

Garth seguiu um impulso inexplicável e não sabia se encontraria os pedacinhos de papel espalhados pela relva nem o que faria com eles. Como a maioria dos soldados que recebiam pagamento por seus serviços, ele não aprendera a ler ou escrever, mas demonstrava um dom inato de reconhecer boas oportunidades. Algo lhe dizia que, algum dia, descobriria como aproveitar essa chance inesperada e ainda imprecisa.

Ele perdeu muito tempo e quase desistiu de procurar, mas pressentira algum mistério no instante em que avistara o mensageiro bloquear, sem medo, a passagem de cavaleiros armados. Garth não nascera em Gales e mantinha-se distante de seus companheiros, relutando em jurar lealdade a qualquer senhor. Tinha trinta e um anos, sobrevivera à custa de sua perícia como soldado e não pretendia passar o resto da vida obedecendo ordens. Podia esperar até que um dia encontrasse alguém capaz de decifrar a mensagem reunida com tanto esforço. Talvez Melva, uma camareira que demonstrara um nítido interesse por ele fosse a pessoa ideal. Ela se vangloriava de ter aprendido a ler e escrever com a própria lady Morgana. Então julgaria se a informação era a arma que lhe proporcionaria os benefícios desejados.

Desta vez, a visão não ajudou Morgana a preparar-se. Não podia prever que, através de Garth, o destino iria interferir nos seus planos e sentiu apenas alegria ao constatar a aparência saudável do marido, apesar do esforço despendido na caçada. Contagiada pelo bom humor de Ranulf, ela contou-lhe todos os detalhes da visita ao mosteiro, evitando mencionar o encontro na floresta. Não queria destruir a harmonia que se estabelecera entre eles, mencionando a ousadia de Lindsey.

Ao aproximarem-se do castelo, poucos continuavam a conversar, concentrando-se nos próprios problemas.

Lady Winifred pensava no jantar farto e apetitoso e na pele os dois gamos que seria suficiente para vários pares de sapatos, talvez criasse coragem de pedir a lady Morgana um par de botas novas ou quem sabe, dois?

A preocupação de Morgana era bem diferente. Acreditava que Lindsey não tivera más intenções ao enviar-lhe a mensagem, desejando apenas ganhar-lhe a simpatia, insistindo em relembrar o relacionamento que pertencia ao passado. No entanto, não confiava na reação de Ranulf ao saber que ela não dera ordens a Cerdic para prender o cavaleiro inimigo. Talvez fosse melhor inventar uma história plausível para explicar sua atitude, pois pretendia manter o bom humor do marido. Se aquele amaldiçoado encontro despertasse a raiva ou a desconfiança de Ranulf, podia abandonar seus planos, que estariam fadados ao fracasso.

Evidentemente, Ranulf imaginaria que ela e Lindsey se correspondiam com freqüência, e como os homens eram criaturas irracionais e imprevisíveis, o resultado podia ser trágico. Mesmo se não desejasse a esposa, qualquer marido procuraria punir o rival, e alguém com o temperamento do "Cavaleiro Dourado" exigiria lavar a desonra com sangue! Olhando-o disfarçadamente, Morgana reconheceu mais uma vez que poucos homens se comparavam a Ranulf, tanto em beleza como em masculinidade. Era um cavaleiro destemido, que dedicara sua vida a combater os inimigos do rei e não aprendera escrever poemas de amor ou fazer elogios aos olhos incomparáveis de sua amada. Tinha outras qualidades dignas de admiração e se não agia como um apaixonado que canta sob a janela da deusa de seus sonhos, também não hesitaria em defendê-la até a morte. Ela nunca acreditara que a paixão fosse um sentimento tão inebriante.

Ranulf também disfarçava seus olhares a Morgana. A beleza esposa aumentava a cada dia e despertava-lhe o impulso incontrolável de tomá-la nos braços-e carregá-la para o quarto. Ela se abandonaria às suas carícias como naquela noite de magia? suspiraria, sussurrando seu nome?

Provavelmente, Morgana o arranharia e lutaria até o fim, mas valia a pena tentar! Diante da ponte levadiça, Morgana lembrou-se do dia em que chegara ao castelo, após uma fuga desesperada. Sentira-se revol tada, com ódio do marido e com medo da situação de seus vassallos. Hoje, reinava a paz e seus sentimentos por Ranulf tinham sofrido uma mudança radical. O guerreiro rude se transformara em um herói das antigas lendas, onde príncipes guerreiros derrotavam dragões invencíveis. E eram amantes perfeitos.

Haviam passado apenas uma noite juntos ela destruíra sua chance de ser feliz por obstinação, insensatez e medo de perder a individualidade. Seu erro fora uma consequência da experiência sombria do primeiro casamento e a certeza de que estava novamente sendo manipulada por homens ambiciosos e sem consideração por seus sentimentos.

Só precisava de uma segunda oportunidade! Suas orações pedindo pela saúde do marido tinham sido atendidas e, se as preces, feitas na capela também fossem ouvidas,

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

ela salvaria seu casamento. Morgana entrou no castelo convencida de que o futuro seria róseo e a felicidade estava próxima.

Sua confiança ruiria como um castelo de cartas se soubesse que a poucos passos dali, Garth carregava seu destino no alforje de couro gasto. Os pedacinhos de papel, retalhos inúteis de uma mensagem que só lhe causara indiferença, representavam sua felicidade, também prestes a ser despedaçada. A carta rasgada tinha o poder de destruir seu casamento e até mesmo sua vida.



CAPÍTULO XI

Uma cena inesperada aguardava-a no pátio interno, completamente tomado por carretas, cavalos, criados e um destacamento de soldados com túnicas verdes. A expressão alarmada de sir Dyllis e lady Winifred alertou Ranulf, que se preparou para dar ordens aos seus homens.

— É sir Vaughn — explicou Morgana, notando a tensão do marido. — Ele é o senhor de Llangfrod mas só o esperávamos no final da semana.

Ela também preocupava-se com a chegada imprevista e preparou-se para receber más notícias. O cavaleiro de meia-idade já não tinha o vigor da juventude e sempre surgiam homens ambiciosos que desejavam apossar-se das propriedades de um senhor cuja idade o tornara vulnerável a seus ataques. Temia por Alys, a jovem e atraente esposa de sir Vaughn, que era a adorada filha única de sir Dyllis e lady Winifred.

— Sir Vaughn antecipou sua viagem a fim de trazer Alys e as crianças para um lugar seguro. Começou uma epidemia de febre de verão em um vale próximo a Llangfrod e eles decidiram vir para Griffin antes que a doença chegasse à sua região.

Ranulf e seus homens demonstraram nitidamente seu alívio e Morgana recebeu-os com grande carinho.

— Foi ótimo que tenham vindo antes e podem ficar até a situação de Llangfrod não oferecer mais perigo.

A família Llangfrod era sempre bem-vinda a Griffin. Morgana admirava o íntegro e leal súdito em quem podia confiar como se fosse um parente. Também gostava da jovem Alys, que conhecera desde o nascimento. Ela ainda não completara seis anos quando lady Winifred dera à luz sua única filha e, até o casamento da jovem, as duas tinham sido companheiras inseparáveis.

Talvez algumas damas se ressentissem com os três garotos barulhentos e cheios de vida que agitavam a vida do castelo quando vinham com os pais para visitar os benevolentes avós. Morgana encantava-se com a alegria infantil e sentia um prazer enorme em recebê-los. A energia daquelas crianças trazia de volta as memórias de sua infância despreocupada e feliz quando a pobre Elva se desesperava com seu comportamento de moleque travesso. A presença dos saudáveis filhos de Alys sempre provocara nela o desejo intenso de criar sua própria família. Talvez agora seu sonho se realizasse!

— Já tomou providências para acomodar os Llangfrod, Eva?

— Sim, milady. Alys e os meninos foram alojados nos quartos de sempre e estão descansando dos rigores da viagem.



Daffyd aproximou-se delas com os olhos brilhando de excitação.

— Sir Vaughn trouxe alguns reprodutores de sangue árabe, milady. Mal chegou, foi mostrá-los a Dal na cocheira e quer ouvir outras opiniões sobre a excelência dos cavalos.

— Então vão ao encontro dele! — exclamou sir Dyllis, também entusiasmado. — Meu genro tem o dom de escolher cavalos de primeira qualidade. Voltaremos logo...

Sorrindo para Ranulf que demonstrava sua ansiedade em acompanhar os outros homens, Morgana controlou a vontade de ir. Todas as mulheres ainda no pátio trocaram olhares experientes, esperando que eles se afastassem para fazer seus comentários maliciosos.

— Não os veremos antes do jantar — disse Morgana, às gargalhadas. — E aposto que chegarão atrasados.

— Ai! São verdadeiras crianças! — comentou lady Winifred. — Quando começam a falar sobre cavalos e relembrar suas experiências eqüestres, os homens perdem a noção do tempo!

As mulheres entraram no castelo e quando Morgana avistou o mordomo, no fundo do salão, pediu à lady Winifred que recepcionasse a filha em seu nome, pois estava empoeirada e queria tomar seu banho.

— Preciso conversar com Arvil e tomar algumas providências, por isso vá ao quarto de Alys e transmita-lhe minhas saudações. Eu a cumprimentarei pessoalmente quando nos reunirmos no salão.

Depois de providenciar os detalhes do banquete de recepção família Llangfrod, Morgana dirigiu-se para o corredor, onde controu os dois criados que haviam preparado o banho de sir anulf ao serem avisados de sua chegada. Não imaginavam que ele fosse para as cocheiras e, disposta a não desperdiçar a preciosa água quente, ela decidiu não esperar pelas suas criadas.

A enorme tina de madeira fora colocada atrás de um biombo, que a protegeria das correntes de ar. Depois de jogar flores secas de fragrância suave na água aquecida, Morgana desfez as tranças e prendeu a longa cabeleira no alto da cabeça com um pente de tartaruga. Pretendia tomar um banho rápido e vestir o roupão de seda azul a fim de estar pronta quando o marido chegasse. Ela se ofereceria para ajudá-lo a banhar-se e talvez se criasse um momento de intimidade que lhe permitiria demonstrar seu desejo de reassumir seus deveres conjugais.

Durante o período de afastamento, Morgana tivera muito tempo para pensar. Seu orgulho provocara uma solidão da qual se ressentia e ansiava por partilhar sua vida com o marido. Também percebera que se sentia aliviada e não roubada de seus direitos quando Ranulf tomava decisões difíceis e assumia as pesadas responsabilidades de um senhor com tantos vassallos e servos.

As mudanças na organização militar do castelo tinham demonstrado a capacidade e a experiência de Ranulf em defender as vidas de seus dependentes. Por que

nunca pensara que seria gratificante dividir o poder com alguém digno de respeito e confiança? Agora reconhecia que as qualidades do marido eram tão importantes quanto seu dote. Se ela lhe proporcionara títulos e riquezas, recebera de volta força, inteligência e a liderança indiscutível de um cavaleiro perfeito. No início o considerara um rival e agora sabia que errara em não aceitá-lo como um parceiro!

Retirando o roupão, Morgana entrou no banho sem se preocupar com os passos que ecoavam no corredor. A tepidez da água relaxava seus músculos cansados pela cavalgada e a espuma perfumada do sabonete de sândalo acariciava sua pele. O barulho de seus próprios movimentos a impediu de ouvir a porta se abrindo e só percebeu que havia alguém no quarto quando sentiu o vento atravessar a seda do biombo. Não podia ser Ranulf, é claro! Ele ficaria horas nas cocheiras e não tinham se passado nem vinte minutos. Como a toalha estava fora de seu alcance, Morgana afundou-se na tina. Então soou uma voz masculina atrás do biombo.

— Quem está aí?

— Sou eu, lady Morgana. — Sua voz autoritária avisava o cria do que não se aproximasse. — Vá embora, não quero ser per turbada.

Intrigada com o silêncio, Morgana olhou para trás e avistou o rosto de Ranulf, que a fitava por cima do biombo. Em sua expressão só havia desejo, uma ânsia tão profunda que ela perdeu a capacidade de explicar sua presença no quarto dele.

Ranulf acreditou que estava sonhando. O vapor criava um halo em torno daquela mulher magnífica que surgia da água como uma sereia misteriosa. Respirando fundo, sentiu o aroma de rosas e ervas aromáticas. Teria coragem para tocar Morgana e destruir a visão sedutora?

Morgana notou a hesitação do marido como também percebera o desejo em seus olhos. Chegara a hora de dar o primeiro passo, pois Ranulf só se aproximaria se soubesse que não seria rejeitado. Ela sorriu, tímida, e ao mesmo tempo convidando-o a aceitar sua oferta.

Nos olhares que se encontraram não havia mais dúvidas. O breve momento de hesitação deu lugar a um desejo incontrollável, que só cessaria quando seus corpos se unissem. Despindo-se rapidamente, Ranulf carregou Morgana para sua cama, fascinado com a expressão de volúpia na mulher que relutara em se envolver. Agora já não existia hesitação ou inibição que limitassem o prazer, a entrega seria completa.

Como era maravilhoso ser apenas uma mulher! Morgana passara tantos anos sozinha, obrigando-se para ter forças para sobreviver e defender seu pequeno mundo, que agora regozijava-se em sentir-se frágil nos braços do homem amado. Abraçou-o com desespero como se o corpo de Ranulf pudesse defendê-la de todos os perigos e levá-la para o paraíso. Sua necessidade de demonstrar a paixão que a consumia aumentava o desejo de Ranulf, incapaz de conter-se.

Tinham-se amado apenas uma vez, levados por um desejo físico onde ainda não havia amor. Agora ambos queriam o prazer de unirem os corpos e os corações. A

primeira noite, mágica, mas distante, foi superada pela volúpia de dois amantes que haviam esperado com ânsia por uma nova fase em comum.

Entre os murmúrios apaixonados, Ranulf ouviu Morgana chamá-lo de marido e a voz acariciante apressou o clímax que os arrastou ao delírio. Os corações batiam no mesmo ritmo e os dois sentiam-se unidos pelo convicção dos apaixonados de que ninguém se amara como eles.

Morgana adormeceu nos braços do marido e seu último pensamento foi a ausência de palavras de amor nos lábios de Ranulf. Dormiu sorrindo, certa de que ele se expressara sob a forma de carícias, declarando-se através da ternura e da paixão com que a possuía.

A luz da manhã iluminou os corpos unidos e acordou Morgana. Fascinada, ela fitou o marido. Acreditando nos bons augúrios enviados pela natureza, para guiar os seres humanos, teve certeza de que alcançara a felicidade. Não podia saber que aqueles momentos mágicos eram apenas a calma antes da tormenta.

— O destino foi generoso consigo, milady Morgana! Sir Ranulf é o homem mais bonito que já vi!

Sir Vaughn e os outros homens cavalgavam à frente das damas e Alys não resistia a tentação de olhar com insistência para o novo senhor de Griffin. De cabelos negros e pele clara, ela herdara as curvas generosas de lady Winifred e apesar de bem jovem já começava a adquirir uma aparência matronal. Por sorte, tinha a mesma inteligência do pai, que a impediria de perder a atração quando desaparecesse a beleza da juventude. Aprendera a amar o marido, mas até os olhos de uma esposa dedicada notavam que a falta de exercício físico tinham transformado a antiga robustez em gordura excessiva.

Ninguém estranhava o casamento de uma jovem de treze ou catorze anos com um homem de idade de seu pai e, muito frequentemente, quase tão velho quanto seu avô. Como a maioria delas, Alys considerou-se feliz por encontrar em marido maduro com posses que lhe permitiria uma vida relativamente luxuosa. Só naquele dia, ao presenciar os olhares apaixonados entre Ranulf e Morgana, pensou em como seria a vida ao lado de um homem ainda jovem e que ela mesma tivesse escolhido.

— É uma mulher abençoada pelos deuses por ter o amor de um cavaleiro tão valoroso, milady.

— Nós duas percebemos uma bênção divina por termos maridos tão... maravilhosos — replicou Morgana, disfarçando suavenza com um sorriso. — Não imagina como fiquei aliviada ao saber que a indisposição de sir Vaughn não passava de uma cólica intestinal. A intensidade das dores assustou-me e julguei que fossem provocadas por alguma moléstia muito grave.

A lembrança daquela noite terrível desviou o rumo dos pensamentos de Alys. Sir Vaughn tinha chegado ao castelo contorcendo-se de dor e, durante a noite, todos acreditaram que ele não resistisse à misteriosa doença. Felizmente, lady Morgana

usava suas poções milagrosas e, de madrugada, seu idoso marido começara a recuperar a consciência. Após alguns dias de repouso, ele voltara ao normal e, embora ainda estivesse fraco, suas energias retornavam a cada dia.

Excetuando-se um ligeiro mal-estar que atingira Ranulf e dois cavaleiros, ninguém mais adoeceu no castelo. Logo se descobriu que a misteriosa doença fora causada pela carne de porco defumada no último inverno e que começava a se deteriorar. Sabendo como eram comuns e freqüentemente fatais os efeitos de intoxicações alimentares, Alys agradeceu a Deus por ter poupado seu marido. Sem lembrar-se do breve momento de revolta contra o destino que a unira a um velho, ela jurou dedicar-se ainda mais àquele homem generoso e gentil.

Morgana mal notara os problemas alheios, desabrochando como uma flor aquecida pelo calor da paixão de Ranulf. Respondia mecanicamente às perguntas de Alys, que queria saber todos os detalhes sobre o torneio e sobre as atividades preparadas para distrair as crianças.

As festividades começaram na manhã seguinte e foram dias de intensa felicidade para Morgana. Torneios e caçadas ocupavam as manhãs e as tardes e, apesar do cansaço, os hóspedes se reuniam à noite no salão principal para longos banquetes acompanhados pelo música celestial de Daffyd. Vários trovadores foram convidados a demonstrar sua arte lírica, acrobatas e mímicos alegravam os visitantes até que as velas derretessem nos candelabros.

Então, quando a alegria da festa chegava ao fim, e o silêncio tomava conta do castelo, iniciava-se a verdadeira comemoração do amor que florescia entre Ranulf e Morgana. Os dois se amavam, conheciam-se mais intimamente durante as longas conversas, mostravam-se sempre ávidos por aproveitar cada minuto de isolamento em seu paraíso particular. Protegidos pelas grossas paredes do quarto, perdiam o contato com o mundo exterior, que se manifestava apenas através das vozes das sentinelas anunciando o início de uma nova ronda nas muralhas.

A felicidade de Morgana seria completa se não fossem os pesadelos. Apesar dos momentos de paixão e de adormecer envolvida pelos braços do marido, ela sonhava, com uma nitidez assustadora, que uma vegetação sinistra subia pelas paredes do castelo, invadindo seu quarto e o resto do aposento com seus galhos grossos e folhas negras. Tinha a sensação de que iriam sufocá-la enquanto ouvia risadas maldosas e sussurros ameaçadores.

Quase todas as noites Morgana acordava em pânico, banhada de suor e surpreendia-se ao constatar que o quarto estava em silêncio e que ela continuava protegida pela presença reconfortante de Ranulf, dormindo tranqüilamente ao seu lado. Não entendia por que os momentos mais felizes de sua vida provocavam pesadelos tão apavorantes. A luz do sol apenas diminuía a inquietação que pairava sobre ela como uma sombra funesta.

O encantamento perdurava embora as obrigações os impedissem de passar o dia inteiro juntos como desejava. Numa quinta-feira ensolarada que os atraía para os campos floridos, Morgana forçou-se a assumir seus deveres e foi verificar a sala dos teares onde se teciam todos os tecidos usados no castelo.

Ranulf também precisava retornar à rotina interrompida pelas festividades e foi encontrar, pela segunda vez, o irmão Lewis, que viera do mosteiro para fazer um planta completa do castelo e apreciar uma demonstração de perícia dos arqueiros comandados por Owain, e Ranulf pretendia reunir-se ao grupo logo que conversasse com o monge.

O irmão Lewis escolhera uma sala no último andar da torre por ser melhor iluminada e trabalhava com afinco. Sobre uma mesa comprida, ele espalhara todos os documentos antigos e mantinha um bloco de anotações. Quando Ranulf chegou, o velho monge estava comparando duas plantas de épocas diferentes e seu rosto expressava perplexidade.

— Ah! Foi bom ter vindo, sir Ranulf. Encontrei algumas discordâncias bastante estranhas entre a planta velha e a nova. Algumas partes foram omitidas, paredes colocadas em outras posições e notei a ausência de portas que deveriam continuai existindo.

— Suponho que em trezentos anos, perde-se a noção das modificações e as inúmeras reformas acabam por confundir os registros das construções.

— Não creio que essas mudanças tenham sido feitas ao acaso, sir Ranulf. Deve haver um objetivo em alterar as plantas e confundir quem quisesse utilizar-se delas.

Ranulf inclinou-se sobre a mesa para examinar as duas plantas.

— Realmente, esta não mostra a ala inferior, ao lado da torre norte e, por outro lado, indica a existência de quartos ao longo da muralha interna. Se não me engano, não há nenhum aposento nessa parte do castelo.

— Ah! Eis o mistério, milorde! Acredito que existam quartos no interior das paredes da muralha. No entanto por que construir salas secretas? Não serviriam como defesa do castelo.

— De acordo com sir Dyllis, os Griffin sempre foram homens dados a aventuras amorosas. — Ao notar a incompreensão do monge, Ranulf explicou-se melhor. — O segundo senhor aumentou o pequeno fortim e dizem que trouxera sua amante e os filhos ilegítimos para viverem no castelo. Evidentemente, não podia acomodá-los em um lugar onde sua esposa os descobrisse e então os manteve escondidos por quase dez anos antes de ser desmascarado.

Ranulf procurou uma outra planta e mostrou-a ao monge.

— O quarto senhor de Griffin não se relacionava bem com seus familiares e temia ser assassinado por um deles. Para prevenir-se, construiu túneis secretos e quartos de difícil acesso quando aumentou o torreão do castelo. Até o avô de lady Morgana contribuiu para criar esse labirinto incompreensível, mas não sei se o seu

intuito envolvia amantes ou apenas visava a defesa de seus tesouros. Não conseguiremos visualizar a estrutura completa enquanto não tiver terminado essa tarefa de proporções gigantesca, irmão Lewis.

— A duração do tempo perde o significado quando o trabalho é fascinante, milorde. Venha comigo...

O velho foi até uma outra mesa onde colocara imenso pergaminho. Ali ele começara a traçar a planta definitiva. Já desenhara as muralhas externas e seu traço firme e preciso demonstrava a perícia de um artista. Também completara o traçado de alguns andares das torres externas e Ranulf surpreendeu-se com a perfeição dos detalhes.

— Eu não esperava encontrar um mestre projetista entre os monges de St. Tristan. Estou realmente assombrado com sua competência e só posso imaginar que não se trata de um trabalho de leigo. Por acaso aprende arquitetura, irmão Lewis?

— Eu fui o mestre de uma corporação de construtores antes de tomar os votos, milorde. Meu aprendizado começou muito cedo, antes de meu nono aniversário. Passei parte da infância e toda a adolescência ajudando a construir igrejas e abadias. Finalmente, surgiu a oportunidade de erguer uma magnífica catedral e trabalhei dez anos só nessa obra divina. Quando terminei o trabalho, escolheram-me para ser o mestre.

— Os desígnos de Deus são mesmo indecifráveis, não acha? Descobriu sua verdadeira vocação construindo igrejas, irmão?

— Agora com a sabedoria da velhice, percebo que Deus escolheu-me para ser um de seus enviados e meu lugar era num mosteiro. A confiança arrogante da juventude freqüentemente nos desvia do caminho certo e eu só pensava na vida material, nunca tomei conhecimento do lado místico de minha alma.

— E quando deu-se conta de sua espiritualidade, veio para o mosteiro?

O sorriso do velho monge revelava uma melancolia sem amargura e seus olhos se fixaram no céu muito azul, vagos e distantes, como se tivesse recuado no tempo e revivesse uma época perdida nas brumas do passado.

— Um senhor muito rico contratou-me para construir uma herdade senhorial digna de um príncipe. Então o destino colocou em meu caminho uma dama de incomparável beleza... sempre há uma mulher bonita nessas histórias, não é verdade? Essa jovem era filha dele, e sua formosura equiparava-se à sua devassidão. Como seria de se esperar, o nobre senhor nos encontrou juntos no quarto dela. Na época, senti-me perseguido pelo destino pois, apesar de conhecer a libertinagem de sua própria filha, ele ofereceu-me duas saídas... ou eu entrava para um mosteiro ou me mandaria para a cadeia.

— E a jovem? — Ranulf custava a imaginar o ascético monge agindo como um jovem dominado pela luxúria. — Ela também sofreu uma punição?

— Eu fui apenas mais um a cair em sua teia. O pai preocupado com a crescente impetuosidade da filha, obrigou-a casar-se com um nobre, muito velho, muito rico e extremamente poderoso que hoje é dominado pela esposa. Cuidado com as mulheres, sir Ranulf. Por ambição, usam e depois dispensam até o mais forte dos homens.

Ranulf deixou o velho monge voltar outra vez ao trabalho e agradeceu e Deus pela mulher que Ele lhe destinara. Morgana era uma jóia de valor inestimável.

Mas o desastre já se apressava a chegar...

A oito quilômetros de Griffin, lorde Lindsey caminhava pelo salão de seu fortim, com uma expressão de fúria no rosto moreno. Uma ave-do-paraíso soltava gritos estridentes para chamai a atenção do dono, mas seus esforços não obtiveram o resultado desejado.

Lindsey precisava de silêncio para concentrar-se e cobriu a gaiola da ave com a capa de veludo. Ele não se conformara ao saber que Morgana rasgara sua carta e jogara fora os pedacinhos de papel. Embora admitindo sua irracionalidade em segredo. Os seus espiões, que eram muitos, tinham relatado a aversão da senhora de Griffin pelo novo marido.

Todas as discussões, desentendimentos e até palavras ásperas chegaram sem demora aos ouvidos interessados de Lindsey. Ultimamente, as notícias indicavam que a situação do casal se alterara, destruindo suas esperanças de uma separação definitiva e os planos minuciosos para livrar-se do amaldiçoado "nórdico".

Se aquela maldita velha tivesse aceitado suas moedas de ouro o traísse, ele a mataria! Enquanto não recebia notícias mais animadoras, estava decidido a assumir o controle da situação. O ódio que sentia pelo marido de Morgana atingia as raias da loucura, sempre que pensava no rival, não enxergava as belas arcas entalhadas nem as luxuosas tapeçarias do seu salão, pois sua mente fixava na fortuna imensa e perdida para um usurpador. Um reles cavaleiro vindo de Orkney tinha recebido das mãos do rei um presente que não merecia. Ranulf conseguira possuir a mulher que Lindsey sempre desejara e através dela um magnífico castelo, propriedades lucrativas de um feudo poderoso. Todos esses tesouros deveriam ter sido seus se o sistema inglês de herança pela linha masculina fosse seguido em Gales. O pior insulto porém fora o desprezo de novo senhor de Griffin, que não dignara a responder ao ataque sofrido, vindo cercar o forte de Lindsey.

Ainda havia tempo para que sir Ranulf mudasse de idéia e, quando isso acontecesse, o arrogante "Cavaleiro Dourado" teia uma grande surpresa. Embora seu fortim fosse três vezes maior que o Castelo de Griffin, possuía defesas dignas de uma verdadeira fortaleza.

Os passos de Lindsey pelo salão foram interrompidos pela chegada de um laçao.

— Há um homem pedindo-lhe uma audiência, milorde. Ele diz que vem do Castelo de Griffin. — Mande-o vir ao salão, imediatamente!

Finalmente! Morgana tinha enviado em mensageiro secreto para dar-lhe um resposta. Sem dúvida, ela criara coragem para confessar que recuperara o bom senso e o amor do passado ainda existia em seu coração. O casamento com lorde Hartley não passara de uma farsa ridícula que só causara humilhação à esposa, que não ignorava as traições do marido. Afinal, comentava-se a infidelidade de sir Robin da Escócia ao canal da Mancha. Vaidoso, Lindsey olhou-se no espelho. Sim, a natureza fora generosa com ele, concedendo-lhe um rosto másculo e atraente, ormas físicas bem-proporcionadas e não existia um homem que pudesse negar sua coragem ou astúcia. Bastava um gesto de sua mão faiscando com anéis preciosos e as mulheres corriam ao seu encontro e cediam aos seus desejos, orgulhosas por conseguirem atrair a atenção de um cavaleiro tão sedutor. A facilidade da conquista aumentara a vaidade, e as vitórias nos torneios tinham dis torto sua personalidade. O guerreiro de valor e o amante sensual foi substituído por um senhor ganancioso e dominado pelo inveja.

Ao ouvir os passos do criado atrás dele, Lindsey afastou-se do espelho e agarrou o punhal. Quem era aquele homem de postura militar e quais seriam suas intenções?

— Com os diabos! Você não é um camponês nem um criado.

O desconhecido ajoelhou-se diante de lorde Lindsey.

— Ouça-me antes de julgar, milorde. Vim procurá-lo a conselho de Melva, uma criada do Castelo de Griffin.

— Não diga mais nada. — Lorde Lindsey fez um sinal para que o criado saísse e esperou a porta se fechar antes de prosseguir. — Agora que estamos a sós, diga-me seu nome, cargo e por que me procurou.

— Sou Garth, milorde. Nasci no norte e cheguei a esta região no fim da primavera, quando fui contratado por sir Dyllis como mercenário. O assunto que me trouxe até sua presença refere-se a um encontro estranho na floresta de Griffin. Eu fazia parte da comitiva de lady Morgana e presenciei a entrega de uma mensagem que minha senhora leu e rasgou, jogando os pedaços de papel ao vento.

— E por que julga que esse assunto me interessa?

— Ainda não sei. Mas, como reconheci a assinatura, levei a Melva os pedaços de papel que encontrei espalhados no chão. Ela aconselhou-me a mostrá-lo para o senhor.

Lindsey colocou os pedaços rasgados de sua carta sobre uma mesa e, depois de juntá-los, verificou que faltavam algumas partes. Mesmo incompleta, a mensagem ainda poderia ser útil e um plano diabólico surgiu em sua mente. Se não atingira seu objetivo pela força, talvez conseguisse vencer através da astúcia. Então, Morgana não teria a quem pedir auxílio e seria obrigada a procurá-lo como seu último refúgio.

— Melva sempre demonstrou sua lealdade e o fez mais uma vez. Ela é criativa e esperta. — Lindsey reuniu os pedaços e os devolveu a Garth. — Entregue-os à sua "conselheira" e diga-lhe que descubra um modo de colocá-los entre os objetos pessoais de lady Morgana. Deve escolher um lugar onde possam ser facilmente



encontrados. — O sorriso de Lindsey demonstrava uma imensa satisfação. — Tem alguma outra informação a me oferecer?

— Bem... há o irmão Lewis, um monge que foi contratado por sir Ranulf para fazer uma planta completa do castelo. Ele usa velhos documentos e mede todas as paredes. Por um mero acaso, descobriu um quarto secreto embaixo da torre leste e uma es-cada que aparentemente chega só até a base da muralha interna. Mesmo assim, Melva achou que o senhor se interessaria por esse assunto.

Lindsey colocou um saquinho de veludo cheio de moedas de louro nas mãos ávidas de Garth.

— Melva sabe exatamente sobre que assunto eu me interesso, portanto ouça sempre os conselhos dela. Você desempenhou sua função com perícia e preciso de um homem com a mente rápida, capaz de perceber as oportunidades e agarrá-las antes que seja tarde demais. Continue atento e procure aproximar-se de irmão Lewis, pois quero ser informado até dos mais insignificantes detalhes dessa planta do Castelo de Griffin.

Garth despediu-se de lorde Lindsey e voltou sem pressa ao castelo, parando várias vezes para contemplar as moedas de ouro que recebera pelo serviço mais fácil de toda a sua vida. Considerava-se esperto, mas não conseguia imaginar por que alguém mais astuto do que ele pagaria uma fortuna por uma carta rasgada e incompleta, bem como para saber de escadas sem saída!

A resposta às indagações de Garth não demoraria a chegar.

CAPÍTULO XII

Se as lanças usadas nos exercícios diários não tivessem as pontas acolchoadas, a distração de Desmond provocaria um desastre fatal. Desprovido de concentração e da habitual agilidade, ele não conseguia desviar-se dos golpes e movia-se com tanta descoordenação que Ranulf não conteve a curiosidade.

— O que houve com você, Desmond? Perdeu o treino ou a vontade de vencer?

— Não perdi nada, só o sono. Tenho dormido mal há várias noites e passo os dias lutando contra uma inquietação que nunca senti antes. Só pode ser por causa das bruxas, às soltas, neste lugar enfeitado.

— Deixe de ser enganar, companheiro. O único feitiço que o afeta é um lindo par de olhos azuis. Já notei como você está sempre fitando a bela Bronwen.

— Pois notou algo inexistente. — Apesar da negativa, Desmond enrubesceu. — Eu não costumo me encantar com donzelas jovens demais, principalmente quando são ricas e de um nível social superior ao meu.

— Se não é uma paixão que o impede de defender-se como um cavaleiro, vamos continuar o treino, pois você precisa recuperar a forma ou morrerá na primeira batalha.

Sorrindo, Ranulf enfrentou Desmond, que embora se esforçasse não conseguia afastar a imagem de Bronwen de sua mente. Ele não mencionara ao primo que o motivo principal de seu receio em aproximar-se da jovem se relacionava a lady Morgana. A senhora de Griffin, esperta demais para o seu gosto, percebera imediatamente que ele desconfiava da súbita mudança de atitude a respeito do marido. A antipatia mútua crescia a olhos vistos e jamais lhe seria permitido sequer aproximar-se da bela dama de companhia, quanto mais unir-se à jovem de seus sonhos.

A falta de concentração, essencial nos combates de lança, aca-lum levando Desmond à derrota. Ranulf atingiu-o com um golpe certo e derrubou-o ao chão.

— Por São Jorge! — gemeu Desmond, erguendo-se com dificuldade. — Você recuperou a saúde e acho até que ficou mais forte.

— Foi um ferimento banal diante de outros que recebi em inúmeras batalhas. Por sorte, agora posso contar com uma esposa jfterita em todo tipo de tratamento e seus cuidados me deixam melhor do que antes. — Ranulf tocou o ombro do primo com a lança para demonstrar sua energia. — Então, quer continuar ou desiste diante de meu renovado vigor?

— Não, basta de levar golpes violentos — resmungou Desmond, com uma expressão obstinada. — Você sarou mas continuo achando que a gravidade de sua doença foi um caso típico de bruxaria. Esqueceu-se de que quase morreu, Ranulf?

A teimosia dos dois primos sempre os colocava em conflito. Se Ranulf não acreditava em seus pressentimentos, insistiria até convencê-lo, o que não seria fácil.

— Lembra-se de sir Giles de Longleat? Ele foi emagrecendo dia a dia, perdendo os cabelos e murchando com uma rapidez espantosa. Morreu na véspera do Natal e encontraram um toco de vela embrulhado num retalho de sua camisola, sob o travesseiro onde ele repousava a cabeça.

Ranulf não sabia se a insistência do primo dava-lhe vontade de rir ou de espancá-lo. A obstinação de Desmond sobre bruxa-nas estava bloqueando por completo seu raciocínio, levando-o enxergar provas da existência de magia negra nos incidentes mais Insignificantes.

— Então force a sua memória, Desmond. Sir Giles foi emagrecendo e perdendo as forças até morrer exatamente como aconteceu com o pai e o avô dele.

— E o que significa essa coincidência estranha? Quando três homens fortes e cheios de saúde definham sem uma doença definida, sem que se encontrem remédios para esse mal misterioso e morrem antes dos trinta anos, só se pode acreditar em bruxaria.

— Você está obcecado por uma superstição nascida da ignorância. Os mouros provaram que esse definhamento é o resultado de uma doença no sangue e costuma ser hereditária, passando de pai para filho através das gerações.

— Não me fale de mouros infiéis! — esbravejou Desmond. — Pouco me importa o que esses bárbaros pensam sobre doenças sem nome. Agora... como me explica a bruxa que foi vista na torre, irradiando uma luz azul? Se não leva em conta os fatos concretos, você já foi totalmente afetado pela magia negra, caro primo!

— Pelos santos mártires! Você está agindo como uma camponesa velha e supersticiosa, culpando as bruxas por tudo o que não consegue explicar. Não existe bruxaria em Griffin, Desmond!

Ranulf se exaltara tanto com a irracionalidade de Desmond ao se obstinar naquela atitude primitiva que não percebeu o seu cachorro fazendo um buraco na base da muralha. Só quando o animal voltou, com um brilho estranho manchando seu pêlo e cheirando a peixe podre, que viu a terra espalhada ao lado das pedras.

— Que malandragem é essa, Kinis?

Seguido pelo cachorro, Ranulf aproximou-se da muralha e viu, entre a terra revolta, um brilho azulado e bastante intenso. Curioso, enfiou a mão no buraco e, para sua surpresa, retirou uma capa de lã azul, recoberta por uma gosma que perdia o fulgor à luz do sol. O cheiro de decomposição, quase sufocante, não o impediu de obrigar o primo a encarar a realidade.

— Venha ver a sua bruxa, Desmond.

— Qual a relação entre esses trapos malcheirosos com a bruxa que, por acaso, não é minha!

CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

A resposta de Ranulf foi recolocar a capa no buraco onde o escuro transformava o tecido negro em um clarão azulado e intenso.

— Como pode ver, não existe nenhum mistério. A magia negra foi produzida pela fosforescência encontrada nas escamas de peixe podres. O brilho sobrenatural não emanava da bruxa e sim da putrefação animal!

— Então... não passou de um truque? — desconcertado, Desmond franziu o nariz.
— Quem teria motivos para inventar uma brincadeira tão nojenta?

— Não creio que tenha sido uma brincadeira. — Ranulf não escondia sua preocupação. — Alguém pretende criar problemas sérios em Griffin, provocando uma onda de terror supersticioso. Estou certo de que a intenção é essa, mas não consigo imaginar qual seria o motivo. Precisaremos nos manter atentos, olhando e ouvindo todos os boatos e verificando quem se aproxima deste local sem necessidade.

Os dois foram até o lago artificial para lavar as mãos quando um grito sinistro rompeu o silêncio, crescendo assustadoramente.

— É o urro do "Banshee", o arauto da morte!

— Desisto de convencê-lo, Desmond! — Soltando uma sonora gargalhada, Ranulf passou os braços sobre os ombros do primo. — Você acaba de ouvir o uivo de um inofensivo cachorro, seu tolo supersticioso.

A explicação de Ranulf confirmou-se com o som de latidos furiosos e o grito de um rapazola. Enquanto os dois corriam para os canis, os uivos mascularam-se a ganidos de dor. Logo, uma voz mais autoritária sobrepujou-se à algazarra.

— Quietos, Lungers! Deite-se imediatamente, maldito cão dos infernos!

Eles chegaram a tempo de ajudar Floyd, o treinador dos cães a separar dois machos que rolavam pelo chão, tentando atingir a jugular do rival.

— Com os diabos — exclamou Floyd, quase sem fôlego. — Os dois se engalfinharam de verdade. Nada como uma fêmea para despertar instintos assassinos nos machos, não é verdade? Depois de prenderem os dois rivais que ainda rosnavam, Desmond e Floyd voltaram sua atenção para o rapazola ferido. Enquanto o treinador ajudava seu auxiliar a sentar-se mais confortavelmente, Ranulf examinou o ferimento.

— Foi um corte profundo, rapaz. Vou pedir a lady Morgana para lhe enviar a pomada especial que ela usou em meu ferimento. Garanto que estará em perfeitas condições dentro de poucos dias.

Atravessando os arcos de separação entre os canis e o pátio superior, Ranulf chamou a primeira criada que avistou.

— Qual é seu nome? — Melva, milorde.

— Houve um acidente, Melva. Procure lady Morgana e diga-lhe que preciso daquele remédio especial.

Os olhos alertas de Melva notaram que sir Ranulf estava armado, sujo e extremamente pálido. Seu ferimento já reabrira uma vez e talvez o acidente tivesse se repetido.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— É grave, milorde?

— Não, apenas um arranhão mas tenho urgência. Corra!

Melva realmente agiu com a rapidez e seus olhos brilhavam de excitação. O destino se dignara a interferir, ajudando os planos de Garth, que a avisara para aproveitar a primeira oportunidade. Ela não perderia a chance pois lorde Lindsey pagava regias mente seus aliados.

Desmond perdeu o interesse no problema causado por dois cães que disputavam a mesma fêmea e dirigiu-se para as cocheiras a fim de resolver vários assuntos urgentes com Dal. Ranulf ficou com Floyd e o rapaz, que era sobrinho do treinador, à espera do remédio de Morgana.

— Você costurou o corte do rapaz com muita perícia, mestre Floyd. Agora só precisamos da pomada.

Mal ele terminara de falar, Melva surgiu trazendo um pote que ofereceu a Ranulf.

— Pode deixar que eu medicarei o meu sobrinho, milorde. Não quero tomar seu tempo.

Desconcertada, Melva entregou o remédio ao treinador, afastando-se deles sem esperar por outras ordens.

— Você também sofreu alguns arranhões, mestre Floyd. Use essa pomada, é milagrosa.

— Obrigado, milorde. Dá-me permissão para desperdiçá-la em um cachorro? Um deles está bem ferido.

— É claro que sim. lady Morgana pode fazer uma nova receita se essa acabar.

Satisfeito com a solução do problema, Ranulf foi à procura da esposa e a encontrou no solário, rodeada por suas damas. Al gumas bordavam, outras desenhavam e Morgana via, junto com Alys, um livro de orações. No centro do ensolarado aposento, Daffyd tocava e cantava, sem tirar os olhos da sua senhora.

A chegada de Ranulf assustou o harpista, que desviou rapidamente o olhar.

"Garoto insolente!", pensou Ranulf, enciumado. "Daffyd sonha com a minha esposa." Controlando a irritação, ele sorriu para as damas mas foi ríspido ao cumprimentar o harpista.

— Não desejaria privar as damas do prazer causado por sua música, Daffyd. No entanto, Cerdic avisou-me que você não compareceu ao treino desta tarde.

— Achei que não teria problema. — O rapaz enrubesceu. — Afinal, foi só um dia e...

— Você adquiriu sua excelência como harpista porque praticava mesmo quando não sentia vontade de tocar, concorda? Quem quer aprender a manejar uma espada com perícia também precisa aplicar-se com a mesma dedicação. Se não é essa a sua intenção, avise Cerdic de que poderá utilizar melhor o tempo reservado aos seus exercícios.



Admitindo o seu erro, Daffyd colocou a harpa sobre a mesa. Sempre gentil, Morgana amenizou as palavras ásperas do marido com um sorriso.

— Vá treinar, guerreiro. Um bardo também precisa aprender a se defender... caso sua música não seja apreciada.

As risadas alegres aumentaram diante do rubor de Daffyd, que se retirou embaraçado.

Afastando-se com a esposa para o canto mais isolado do solário, Ranulf beijou-lhe as mãos.

— Ele é um bom rapaz, porém não o encorajarei a agir como um apaixonado quando sua bem-amada é minha mulher. Acho ótimo que Daffyd aprenda a usar armas, pois será mais um homem para defendê-la de todos os perigos.

Ranulf esqueceu-se de seu objetivo ao fitar a boca rosada da esposa. Queria levá-la para o quarto e amá-la até a manhã raiar, esquecendo-se dos deveres e obrigações que os separavam por tempo demais.

— Pela primeira vez na vida, pensei em como seria bom se fosemos dois camponeses, vivendo em uma casinha modesta, sem criados, dependentes e muito trabalho.

— Sabe como seduzir uma mulher com palavras doces, milorde. Infelizmente, sua idéia é impraticável pois temos trezentos dependentes e só nos resta a noite.

— Então vamos rezar para que o sol logo se ponha — mur murou Ranulf, com um sorriso apaixonado.

As manhãs também pertenciam aos dois enamorados que se admiravam com a paixão sempre crescente. Quando a luz rósea da madrugada começava a afastar as sombras da noite, o primeiro a despertar acordava o outro com um beijo que prenunciava as horas de amor insaciáveis.

— Bom dia, querida. — Ranulf acordou a esposa com o beijo matinal.

Sendo um homem de ação e pouco à vontade no papel de galante conquistador, Ranulf continuava sem traduzir em palavras o amor que sentia pela esposa. Também temia desafiar a sorte que lhe concedera tanta felicidade, pois ninguém recebe um presente do destino sem pagar caro pela dádiva preciosa. Sabia de inúmeros casos de homens sensatos que se fascinavam com mulheres sedutoras e nem percebiam sua caminhada para a destruição total. Por sorte, ele confiava plenamente em Morgana.

Depois que haviam destruído as barreiras, criara-se uma intimidade baseada no amor, e ambos acreditavam na força da paixão. E como duvidar dessa emoção poderosa quando seus corpos jamais se saciavam? Antes de o dia começar, exigindo que se afastassem, eles se amavam sem pressa, descobrindo as múltiplas formas de prazer.

Morgana maravilhava-se com a mulher sensual que emergira de seu íntimo nos braços do marido. Sentia-se realizada e sua intuição lhe dizia que homem algum teria conseguido despertar uma paixão desenfreada e infinita como Ranulf.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

E ele, embora não ouvisse sua intuição, percebia que sua vida tinha sido incompleta, um deserto árido e sem objetivo. Só começara a viver quando se unira a Morgana, mas ainda não conseguira encontrar as palavras certas para revelar-lhe o quanto ela era importante.

— Nunca imaginei que pudesse existir tanta felicidade e não acreditava na existência de uma mulher perfeita como você — sussurrou ele, após a paixão. — Talvez eu tivesse medo de sonhar e não atingir o ideal desejado.

— Se estamos sonhando, espero jamais acordar, amor. — Morgana acariciou o rosto do marido. — E se for um feitiço, que nunca se quebre...

Ouviam-se os primeiros ruídos indicando que as atividades matinais do castelo se iniciavam. Morgana ainda permaneceria na cama sonhando com uma vida de felicidade e paixão, mas Ranulf levantou-se porque se comprometera a cavalgar com Desmond. Depois de vestir-se, percorreu o corredor, em paz com o mundo e consigo mesmo. A expressão sombria do primo que vinha ao seu encontro, desfez seu estado de encantamento.

— Por que está tão sério? Por acaso tentou conquistar Bronwen e ela o desprezou?

Desmond não respondeu à brincadeira antes de examinar se os criados que preparavam as mesas do desjejum no salão, não se aproximavam da escada.

— É impossível conversar no meio do corredor, Ranulf. Quero falar-lhe em particular. Vamos até o solário?

Ranulf seguiu o primo, intrigado com aquela atitude misteriosa. Já vira Desmond enfurecido, impaciente ou entusiasmado centenas de vezes, mas nunca tão sério e misterioso. Algo muito grave acontecera!

— O que houve? Algum problema entre os nossos homens e os de Griffin?

— Trago notícias piores, Ranulf. O rapazola que se feriu ao eparar os cães já recebeu a extrema-unção, o treinador não tem

mais forças para levantar-se do leito e os dois machos que brigaram... estão mortos!

— Por São Jorge! — Ranulf chocou-se com a gravidade da situação. — É raiva canina?

— Infelizmente, não é o caso. Todos foram envenenados.

— Veneno? E de que modo?

— Pela pomada especial de lady Morgana. Até quando vai fechar os olhos à realidade, Ranulf? É um plano diabólico e os mínimos detalhes foram cuidados... o remédio destinava-se a você!

Que absurdo! Que motivo alguém teria para me envenenar? Minha morte não traria benefícios a ninguém e...

Desmond agarrou o primo pelo ombro, irritado com sua deliberada cegueira.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Você é um senhor poderoso e o poder sempre atrai inimigos, como todos nós sabemos, certo? Pode ser um louco que se julga prejudicado por suas atitudes ou ordens, um agente de lorde Lindsey, misturado aos homens de Griffin. Quem sabe?

Empalidecendo, Desmond apoiou as mãos sobre a mesa diante dele, antes de desferir o golpe final.

— Ou até uma mulher determinada a se livrar de um marido que lhe foi imposto à força!

— Tome cuidado com o que diz! — Os olhos de Ranulf brilhavam de ódio. — Um outro homem, que não fosse meu primo querido, perderia a vida por palavras muito menos ofensivas, Desmond.

— Acha que não me torturei antes de tomar uma decisão, Ranulf? Não posso fugir da minha própria consciência e ela me diz que você precisa me ouvir. Tente compreender a situação... se é que a bruxaria já não o envolveu a ponto de impedi-lo até de enxergar a verdade.

— Eu já lhe avisei uma vez, Desmond. Basta! A velha das plantas pode ter colocado veneno na pasta encomendada por Morgana por motivos pessoais que jamais descobriremos. Além dessa mulher, há centenas de outras pessoas com possibilidades de entrar na sala das ervas do castelo e mexer no remédio especial sem que ninguém percebesse. Portanto, não acuse minha esposa baseando-se em superstições ridículas. Não tem nada contra ela a não ser boatos sobre algumas mortes súbitas.

— Eu sabia! Você já perdeu a capacidade de raciocinar. Ela teceu um feitiço muito forte que roubou sua alma, e usa a beleza como mais uma arma para prendê-lo em seu poder e então...

— Quem não consegue mais ser coerente porque foi dominado por superstições irracionais, é você, Desmond. Está enxergando mistérios diabólicos onde não existe nada além de fatos banais e facilmente explicáveis.

— Ah! Acredita mesmo no que afirma, Ranulf? Você revoltou-se contra o casamento e só cedeu por que não podia desobedecer o rei. Desde o início, pressentiu que a geniosa senhora de Griffin seria uma fonte de problemas e sua fuga na noite de núpcias confirmou sua intuição. Presenciei sua crise de ódio e, dias depois, também fui testemunha dos riscos a que se expôs para salvar as propriedades dessa mesma mulher. Se essa transformação rápida e absoluta não é uma prova concreta de que lady Morgana usa magia negra para atingir seus objetivos, não conheço mais meu primo.

Os dois permaneciam imóveis, frente a frente, e sem conter o ódio. Desmond demonstrava sua obstinação em salvar a vida do primo mesmo se, ao tentar, perdesse a própria. Igualmente decidido, Ranulf empregaria qualquer arma para convencer o outro que estava cometendo um trágico e perigoso engano. Dominados pela emoção, nenhum deles notou a presença de uma sombra furtiva, escondida atrás da porta do solário há alguns minutos. Um pressentimento inexplicável levou Ranulf a olhar para



trás e então o homem deu um passo à frente, como se tivesse chegado naquele momento.

— O que quer, Garth? — perguntou Ranulf, disfarçando a raiva diante daquela interrupção inoportuna.

O mercenário aproximou-se, olhando com excessivo interesse para as fisionomias alteradas dos primos. Em suas mãos, trazia vários pedaços de papel rasgado.

— Uma das criadas de lady Morgana, cujo o nome é Melva, estava dobrando os bordados de sua senhora para levá-los do solário para o quarto e... encontrou esses pedaços de papel no meio das linhas. Entregou-os a mim porque não sabia se os jogava fora ou...

— Ou entregaria a lady Morgana? Essa criada está mal treinada, pois devia tê-los levado imediatamente à sua senhora.

Fingindo não notar a tensão ainda evidente nas feições dos dois valeiros, Garth continuou como se não tivesse ouvido a censura de Ranulf.

— Nunca aprendi a ler, mas sou muito observador e por isso conheci o sinete sobre o lacre. Perdoe-me se lhe pareço ousado demais, porém... creio que o senhor deveria tomar conhecimento desse assunto. Percebendo que agora era o centro das atenções, Garth sentia-se vaidoso por participar daquela conspiração. Obedecendo ao gesto imperativo de Ranulf, entregou-lhe os pedaços de papel, tendo colocado em destaque a parte à qual ainda permanecia preso o lacre que selava a carta. A destruição da mensagem não prejudicava a visão nítida do emblema de lorde Lindsey.

Colocando os papéis sobre a mesa, Ranulf encarou Garth..... um olhar enigmático.

— Ordeno-lhe que não mencione este assunto com ninguém no castelo e muito menos com Melva, a indecisa criadinha de lady Morgana. Agora pode se retirar.

Finalmente os dois ficaram a sós. Sem precisar de palavras, uniram seus esforços para montarem o quebra-cabeça formado pedacinhos de papel. Com a lentidão de um homem atingido por um golpe inesperado, Ranulf separava os pedaços, alisando-os sem pressa de encontrar a parte correspondente. E Desmond, apesar de sofrer diante da angústia evidente do primo, conseguiu recuperar um documento bastante próximo à carta destruída. Faltava uma porção significativa da margem esquerda e alguns trechos centrais. Infelizmente, sobrara o suficiente para revelar o conteúdo arrasador.

"Lady Morgana, com minhas... saudações. ..seu casamento só lhe causa sofrimento... verdade tão amarga, basta... uma única palavra, meu amor... Eu a livrarei... pelo amor que nos une..."

semprepre sen Lindsey

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

O silêncio do solário foi rompido pela exclamação abafada que Desmond não conseguira controlar, ao ler a carta por sobre os ombros de Ranulf.

— Por São Jorge! — A voz de Desmond perdera a agressividade costumeira e soava como o sibilar de um vento destrutivo. — A sua beleza é tão grande quanto a falsidade.

Ranulf não demonstrou ter ouvido o desabafo de Desmond. Custou muito a desviar os olhos da mesa e, quando ergueu a cabeça, a expressão cruel transmitia a intensidade do seu ódio.

— Não diga nada a ninguém! Absolutamente nada! Chame Cerdic e vá com ele neste instante até a cabana da mulher das ervas. Quero que a traga até minha presença.

Desmond observava a atitude controlada do primo, preocupado com aquela reação alarmante. Em uma batalha na fronteira da Escócia, ele recebera uma pancada violenta sobre o elmo e percebera apenas um amortecimento e a perda parcial da percepção do perigo. Sabia que tinha sofrido um golpe talvez fatal, porém não sentia o menor sinal de dor. A sensação de alheamento dura alguns minutos e, então, teve a impressão de que uma muralha desabara sobre sua cabeça e as pedras estavam despedaçando crânio.

Reconhecia os mesmos sintomas em Ranulf e tinha noção de como essa experiência era penosa. Penalizado, tentou encontrar um modo de conduzi-lo de volta à realidade sem tanto sofrimento.

— Ranulf?

Ele olhou para Desmond, surpreso com a presença do primo que imaginara bem longe dali.

— Deixe-me em paz, Desmond. Preciso pensar e quero ficar completamente sozinho.

A missão de Desmond foi executada com mais rapidez do que Ranulf calculava. Ele se isolara na sala das armas, seu refúgio predileto, e pesquisava os livros de despesas com Kinis, o cão favorito, deitado aos seus pés. O Castelo de Griffin contava com empregados de raro valor, especialmente sir Dyllis, cuja honestidade só se comparava à sua eficiência. Infelizmente, ele não conseguia concentrar-se, torturado por pensamentos conflitantes e possibilidades que escapavam do controle de sua mente, sempre disciplinada.

O tinir das esporas de Desmond avisou-o de que terminara o período de conjecturas e começava a fase de tomar decisões.

— Trouxe a velha?

— Sim, e deixei-a com as lavadeiras ao lado da ponte levadiça externa. Julguei mais prudente não revelar sua presença aos habitantes do castelo antes de conversarmos sobre ela.



Uma discreta tosse, avisando-os de uma presença à porta, brigou-os a interromper a conversa. Irmão Lewis, o visitante inesperado, trouxera um pergaminho e seus olhos brilhavam de excitação.

— Perdoe-me por interferir em seu trabalho, sir Ranulf. Descobri mais algumas discordâncias nas medidas do torreão e gostaria que as examinasse junto comigo. Tenho certeza de que o fascinarão.

— Sem dúvida, irmão. Infelizmente o prazer deve vir depois do dever, concorda? — A expressão de Ranulf não revelava seu tormento íntimo. — Peço-lhe um pouco mais de paciência e tão logo eu me desincumba de algumas obrigações prementes irei procurá-lo e discutiremos esse assunto que nos interessa tanto.

— Aguardarei ansiosamente a sua visita, sir Ranulf. A espera será proveitosa, pois, em um dia ou dois, terei elementos mais concretos bem como surpreendentes.

Subitamente, o irmão Lewis, sempre sorridente, demonstrou que não procurara Ranulf apenas para discutir um assunto sem grande urgência.

— Na verdade, foi um outro problema que me afastou de minha torre de marfim, milorde. Encontrei um de seus soldados, aparentemente mercenário, no quarto que me foi concedido para ser meu escritório. Sou um monge e orgulho não faz parte da minha personalidade. Costumo responder as perguntas dos curiosos, que são muitos, porém não admito estranhos onde guardo os documentos. Este homem, sem pedir licença para entrar, invadiu um aposento privado, examinou todos os papéis e os largou na mais completa desordem.

— É capaz de reconhecê-los?

— Sim, milorde. Nunca me esqueço de um rosto.

— Obrigado por avisar-me, irmão Lewis. Tomarei providências a respeito dessa desagradável invasão de seus aposentos.

Ranulf suspirou aliviado quando a saída do monge permitiu-lhe voltar ao assunto que ameaçava a paz do Castelo de Griffin.

— Então? O que descobriu?

— Infelizmente, a velha confirmou a mais grave das teorias.

Abrindo a mão, Desmond mostrou o botão dourado, com o emblema de Griffin em brilhantes e uma pequena esmeralda.

— Aquela bruxa provoca-me arrepios, porém não posso negar as evidências. Ela disse que esse botão precioso lhe foi dado em pagamento por um remédio especial.

— Irmão Lewis acredita que todas as mulheres são falsas por natureza. Para fugir das tentações que acabam com um homem, ele decidiu isolar-se em um mosteiro.

Apoiando a cabeça no encosto da cadeira, Ranulf forçou-se a disciplinar seus pensamentos desordenados. Decisões importantes precisavam ser tomadas e não havia um minuto a perder. Entretanto, antes de qualquer providência, tinha de encontrar Morgana.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Pelo bem da justiça, não convém julgar antes de verificar os fatos. Vou falar agora com lady Morgana.

Empurrando Desmond que estava à sua frente, ele saiu à procura da esposa. Ao atravessar o salão, avistou Bronwen e dirigiu-se com passos rápidos até ela. A jovem estremeceu diante da expressão ameaçadora de sir Ranulf.

— Onde está lady Morgana?

O tom de voz aumentou o temor de Bronwen, que pressentiu o início de mais um período dramático na vida de sua senhora. O que ela teria feito para provocar um ódio tão profundo no marido?

— A esta hora, lady Morgana costuma ir ao roseiral para verificar o trabalho dos jardineiros, milorde. Se ainda não estiver lá, chegará em pouco tempo.

A pressa de Ranulf ao deixar o salão provocou um início de pânico em Bronwen. Tinha enganado deliberadamente seu senhor para poder alertar lady Morgana. Sabia que ela não iria ao roseiral pois estava na sala das ervas e precisava preveni-la antes de ir ao encontro do marido.

A última vez que a fúria de sir Ranulf atingira essa intensidade assustadora tinha sido quando ele ameaçara abandonar a esposa e pedir a anulação do casamento. Um desentendimento tão grave como esse para um casal ainda em lua-de-mel deveria ser um assunto particular, que não ultrapassaria os limites da intimidade conjugal. Entretanto, em um castelo com tantos criados, nada era mantido em segredo; em menos de vinte e quatro horas, todos discutiam os problemas em voz baixa e maliciosa.

Então, por que não ouvira nenhum comentário sobre uma nova rusga entre os dois? Ultimamente, comportavam-se como apaixonados, incapazes de disfarçar o desejo de se afastarem do salão para usufruir a intimidade do quarto. Apesar dessa demonstração de encantamento, lady Morgana conseguira destruir o período de convivência amorosa, pois despertara a fúria do marido que estava nitidamente descontrolado. Tocando o frasco de cristal que permanecia guardado em seu bolso, Bronwen tomou uma súbita resolução.

Morgana realmente continuava na sala das ervas, distilando a essência da dedaleira. A concentração de sua senhora obrigou Bronwen a controlar a ansiedade, esperando que a minuciosa tarefa terminasse e ela pudesse avisá-la da tormenta iminente.

— Recebi boas notícias, Bronwen. Eu tinha escrito a sir Meridith de Caerphilly, comunicando-lhe que sentiria muito prazer em receber as filhas dele, pois as duas jovens perderam a mãe há seis meses.

Morgana continuava colocando a preciosa essência em pequenos frascos e falava sem tirar os olhos do trabalho minucioso.

— Ele respondeu à minha carta e trará pessoalmente Glady e Deirdre, que serão excelentes companhias para você, pois têm quase a mesma idade e...



Em outras circunstâncias, Bronwen se alegraria com a chegada de jovens de sua idade. Naquele momento, novas amigas não significavam nada diante do perigo que ameaçava sua senhora.

— Miladyl Desculpe-me interrompê-la, mas sir Ranulf está à sua procura e... muito perturbado. Enviei-o ao roseiral a fim de avisá-la antes de se encontrarem e com esperanças de que a beleza do jardim acalme a fúria dele.

Morgana enxugou as mãos, intrigada com a irritação do marido que se despedira há poucas horas com um beijo apaixonado.

— Irei encontrá-lo agora. Se puder termine de encher os frascos para mim.

— Sim, eu me encarregarei disso. Quanto a sir Ranulf... não acha melhor levar-lhe um copo de vinho? Eu irei buscá-lo rapidamente.

Despreocupada, Morgana aceitou o oferecimento de Bronwen e minutos depois entrou no roseiral à procura do marido. As rosas perfumadas e o calor agradável do sol de verão aumentaram sua confiança. Ninguém permaneceria bravo num dia tão lindo! Ela o acalmaria ouvindo com atenção o problema que o perturbava e o aconselharia com tanta descrição, que Ranulf acabaria acreditando ter resolvido o dilema sozinho. Esse método nunca falhara, e naquele momento também teria bons resultados.

Ela o avistou ao lado do muro de pedras caminhando impacientemente de uma ponta à outra da aléia entre os canteiros floridos. Seus cabelos brilhavam como fios de ouro à luz do sol e Morgana sentiu a emoção que crescia a cada dia: amava desesperadamente aquele homem! No entanto, seguindo os conselhos da velha aia, ainda não confessara a intensidade de seu sentimento.

Será que ele se irritara novamente com a óbvia adoração de Daffyd? Os sentimentos do harpista se revelavam com tanta clareza que provocavam zombarias maliciosas no castelo. Entretanto, ao aproximar-se, percebeu que Bronwen não se assustara sem motivo e o encantamento de um trovador romântico por sua senhora não teria inspirado uma reação tão violenta. Só um problema muito grave causaria essa cólera prestes a explodir.

— Trouxe-lhe uma taça de vinho, milorde. É da última safra e...

Quando Ranulf virou-se de frente ao ouvir sua voz, ela não deu mais um passo. O rosto do marido, pálido e tenso, não tinha a menor semelhança com a fisionomia sedutora e terna das últimas semanas.

— O que houve, milorde? Sua aparência demonstra que uma tragédia o atingiu!

— Sim, milady. É bem mais dramático do que pode imaginar.

Morgana entregou a taça de vinho ao marido que agarrou a haste frágil com um gesto brusco.

— O mal apossou-se do Castelo de Griffin, cara esposa. Acusações de natureza alarmante foram trazidas à minha presença e antes de tomar decisões sobre a veracidade dos fatos, preciso ouvir o que tem a me dizer sobre elas.

— Acusações? — Morgana ainda sorria, certa de que o marido decidira envolvê-la em alguma brincadeira estranha. — Explique-se melhor, milorde.

— Acusações de traição! — Ele deu um passo à frente e, jogando a taça no chão, segurou-lhe os ombros com firmeza. — Acusações de tentativa de assassinato.

Pálida e perplexa, Morgana o fitava, testemunhando a transformação do marido terno em um desconhecido hostil. A expressão era tão ameaçadora que ela sentiu-se à beira de uma catástrofe.

— Ainda não entendo... quem foi acusada desses crimes?

— As acusações foram feitas contra você, Morgana.

Desligado do drama que se desenrolava a seu lado, o cão de Ranulf farejou a taça de vinho caída sobre o cascalho da aléia. Uma pedra mais alta impedira que todo o líquido se perdesse e Kinis, sempre guloso, lambeu o restante da bebida. Após alguns segundos, o animal começou a ganhar baixinho, mas o casal, envolvido em seu conflito pessoal, não ouviu nada.

No outro extremo do jardim, Desmond procurava o cão e avistou-o arrastando-se em sua direção. Preocupado com a morte de mais um cachorro, ele correu para a aléia onde Morgana e Ranulf continuavam, frente a frente, sem saber como fugir de uma armadilha criada pelo destino.

Desmond estava a poucos passos de Ranulf quando o altivo perdigueiro conseguiu erguer-se soltando um uivo de dor caiu novamente ao chão, tremendo convulsivamente.

Os dois primos ajoelharam-se ao lado do cachorro tentando descobrir um modo de salvá-lo, mas a agonia do animal foi breve. O focinho, coberto por uma espuma branca, indicava claramente o motivo de sua morte.

Ainda mais transtornado, Ranulf olhou para o primo, para Morgana e depois apontou o animal morto aos seus pés.

— Dizem que o cão é o melhor amigo do homem e meu pobre Kinis talvez seja uma prova dessa crença popular. Embora involuntariamente, ele morreu por mim.

Atônita, Morgana fitava o marido. Estaria enlouquecendo ou aquela situação absurda não passava de um pesadelo do qual logo acordaria?

A atitude de Desmond era exatamente o contrário da reação de perplexidade da senhora de Griffin. Aquele episódio confirmava suas suspeitas, agora certezas, diante de mais uma evidência. No entanto, não abria a boca antes de ouvir o julgamento de Ranulf.

— O perigo é bem maior do que imaginávamos — disse ele, sem dirigir-se especialmente a nenhum dos dois. — O vinho que matou meu cachorro foi preparado para ser bebido por mim.

CAPÍTULO XIII

O aroma inocente, as cores alegres e a pureza das rosas tinham sido maculados pela presença da morte. Chocada e sem compreender nem a situação nem as palavras do marido, Morgana reagiu impulsivamente e segurou-lhe o braço, tentando ler na expressão de Ranulf uma resposta para o mistério.

— Quem... o que... Por Deus! O que está acontecendo?

Ranulf desviou os olhos, incapaz de encarar a esposa.

— Pretendo investigar a fundo esse enigma. Durante o período de averiguação dos fatos, garanto a sua segurança. — Ranulf exprimia-se com a precisão de um militar, não como um marido. — Desmond! Escolte lady Morgana até o quarto e tome providências para que dois guardas permaneçam diante de sua porta, dia e noite.

Sem que fosse preciso chamá-lo, Cerdic surgiu inesperadamente e, depois de pegar a taça caída, juntou-se a Desmond para escoltar lady Morgana.

— Será que podem me dar alguma explicação? — Morgana continuava atordoada.

— Que mistérios são esses?

— A situação me parece bastante clara, milady. — Desmond não disfarçava o sarcasmo. — Só um cego não veria que o vinho de sir Ranulf foi envenenado.

— O quê? Não acredito! Seria inadmissível.

— Infelizmente, não restam dúvidas sobre esse ponto, milady. Só precisamos descobrir se o veneno foi colocado por um descuido ou deliberadamente.

— Então... só pode ter sido um acidente. Quem cometeria esse ato hediondo contra sir Ranulf?

Não houve resposta. Desmond e Cerdic trocaram um olhar enigmático, cujo significado só ficou claro para Morgana no isolamento de seu quarto. Subitamente, deu-se conta da gravidade do problema. Aquela taça de vinho só fora manipulada por duas pessoas: ela e Bronwen. A inocência da leal dama de companhia era uma verdade tão indiscutível quanto a sua própria, portam o alguém mais estava envolvido. Ansiosa por descobrir o culpado, chamou Melva, que acendia a lareira.

— Vá procurar Bronwen e peça-lhe para vir conversar comigo imediatamente.

— Sim, milady. — Melva apressou-se em obedecer sua senhora, mas não antes de trocar rápidas palavras com os guardas à porta do quarto.

O tempo demorava a passar e Bronwen não chegava. A excessiva demora inquietou Morgana, que abriu a porta e, para sua surpresa, foi barrada por um guarda.

— Sinto muito, milady. A senhora deve permanecer em seu quarto por ordem de sir Ranulf. Ele pediu-lhe que seja paciente, pois logo virá informá-la sobre a situação.

Morgana não se acalmou com aquela explicação. Embora sua sensação de segurança aumentasse ao saber que Ranulf preocupava-se em protegê-la, os homens diante de sua poria assemelhavam-se a carcereiros e não a simples guardas. Censurando-se por seus pensamentos ridículos fechou novamente a porta, decidida a não desrespeitar as ordens do marido durante uma fase de evidente perigo. Afinal, havia um assassino entre os habitantes do castelo!

Se ao menos Ranulf não demorasse tanto para colocá-la a par dos detalhes daquela situação ameaçadora!

As horas se arrastavam e ninguém vinha até seu quarto. A preocupação crescia a cada minuto e logo a fome e a sede aumentaram o desconforto e o nervosismo. Um pajem chegou com uma bandeja de comida. Depois de se alimentar, recomeçou a espera solitária. Uma inexplicável sensação de esgotamento físico abateu-se sobre Morgana, que adormeceu ao encostar a cabeça no travesseiro.

O quarto estava às escuras quando ela abriu os olhos. Acordada com um ruído a sua porta e, certa que era Ranulf, correu para recebê-lo. Foi difícil conter o desespero ao deparar com Cerdic, que se curvava diante dela.

— Milady, venho em nome de sir Ranulf. Ele suplica-lhe que vá encontrá-lo para esclarecer um assunto de importância vital.

Morgana sentia-se exausta e com dores de cabeça que quase impediam de enxergar:

— Será que ele não pode vir até meu quarto?

— Sinto muito, milady. É preciso que a senhora veja com seus próprios olhos e sir Desmond insistiu na urgência de sua presença.

— Está bem... eu vou.

— Leve um agasalho, milady. O lugar para onde iremos costuma ser frio.

Entorpecida, Morgana apanhou a primeira capa que encontrou. Não notou que era leve demais, nem percebeu os olhares curiosos dos guardas à sua passagem. Mal podia acompanhar os passos rápidos de Cerdic, mas apesar da tontura ainda lhe restavam forças para tentar descobrir por que o marido não a procurara.

— Onde está sir Ranulf, Cerdic?

— Não sei, milady. Passei as últimas horas ao lado de sir Desmond e...

— E sir Desmond não ficou junto com meu marido? Onde iremos encontrá-lo?

— Em um dos antigos depósitos da torre sul, milady.

Eles percorreram a galeria deserta e cruzaram o salão também vazio. A ausência de criados alertou Morgana de que devia ser muito tarde. Por que Desmond precisaria dela em um lugar tão estranho e no meio da noite? Intrigada, ela seguiu Cerdic pelos corredores estreitos e frios, percebendo que estavam se dirigindo à parte mais antiga do torreão.

— Você errou o caminho! — Ela foi mais rude do que pretendia. — A torre sul, fica para o outro lado.



CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

— Eu mencionei a torre sul, milady! Peço-lhe desculpas... queria dizer torre norte e me enganei.

Morgana não discutiu, assustada com a preferência àquela parte do castelo. Ninguém usava os quartos escuros e vazios, provavelmente porque temiam a enorme porta de ferro que fechava a entrada dos antigos calabouços.

— Não é possível! — exclamou Morgana, quando entraram em uma sala cheia de armaduras enferrujadas. — Por que sir Desmond precisaria de minha presença tarde da noite, em um lugar abandonado onde não pode haver nada de importante para me mostrar?

— Não tenho idéia, milady. Sir Desmond não explicou os motivos, apenas deu-me ordens.

A inquietação de Morgana aumentava a cada passo. Logo chegariam ao pátio onde se abria o portão do calabouço e, para não pensar no local sinistro, imaginou que Desmond descobrira quem colocara o veneno no vinho.

— Por aqui — disse Cerdic, apontando o pátio escuro à sua frente.

A luz das estrelas iluminava vagamente as pedras do chão e a sombra sinistra da porta de ferro inesperadamente aberta...

— Precisamos entrar, milady.

O pânico que Morgana vinha controlando desde o início da caminhada no labirinto deserto da torre norte não pôde mais ser contido. Ela parou, decidida a não se mover do centro do pátio.

— Não! A escuridão é excessiva para prosseguirmos com segurança. Onde está sir Desmond?

— Estou aqui.

A voz soou atrás de Morgana, que se virou em tempo de enxergar a figura atlética emergir das sombras. Ele aproximou-se com tanta rapidez que não houve tempo para fugir ou gritar por socorro.

Morgana não se rendeu sem luta. Mordeu, esmurrou e deu pontapés, mas nada impediu que Desmond a jogasse sobre o ombro, levando-a para o calabouço escuro e abafado. Ela quase perdeu a voz de tanto gritar, e à medida que desciam as intermináveis escadas, seu pavor crescia. Estavam mergulhando nas profundezas da terra, por um corredor gotejante e coberto de limo.

A viagem ao fundo do inferno terminou quando Desmond a largou sobre um monte de feno coberto de bolor. Uma lanterna pousada no chão da cela criava sombras aterrorizantes e aumentava as proporções daquele homem gigantesco, acentuando a crueldade de suas feições.

— Por quê? — Ela ficara rouca com os gritos. — Por que me trouxe a este lugar sinistro?

Em pé, Desmond a fitava com um ódio que já não precisava mais ser controlado.



CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

— Não gosta de seus novos aposentos, madame? Talvez seja melhor assim porque... em vista de sua tentativa de assassinar sir Ranulf, não permanecerá muito tempo aqui.

As palavras de Desmond provocaram um horror tão intenso que Morgana perdeu a fala. Incapaz de acreditar que alguém a imaginasse pérfida a ponto de planejar a morte do marido, permaneceu imóvel, fitando-o com uma expressão de choque.

— Ainda não entendeu, senhora de Griffin? Tentarei ser mais claro, está bem? Se quis eliminar seu marido através da magia negra ou veneno, não fará a menor diferença. Bruxaria ou assassinato são punidos... com a morte.

Bruxaria... assassinato... morte... as palavras ecoavam no silêncio sepulcral. Apavorada com a escuridão, Morgana tentou erguer-se para seguir Desmond que subia as escadas.

— Você quase me convenceu de que realmente amava Ranulf, mas agora percebo como minha intuição era verdadeira.

Desmond parara no último degrau da escada onde deixou o lampião. Ele e Cerdic afastaram-se sem olhar para trás e logo Morgana ouviu o ranger do ferro sobre a pedra. Ela estava sozinha e presa em uma sinistra masmorra.

Morgana perdeu a noção do tempo que ficou imóvel, chocada demais até para pensar. Então, o desespero da sua situação provocou uma crise de choro incontável e perguntas sem respostas aumentavam sua angústia. Por que Ranulf não fora a seu quarto? Saber onde estava a esposa? O mundo todo enlouquecera ou apenas ela ficara louca?

Aos poucos, o espírito indomito de Morgana foi superando o desalento e ela forçou-se a encarar a situação com otimismo. Sem dúvida alguma Ranulf ignorava a perfídia de seu primo querido, e quando descobrisse a verdade viria salvá-la desse pesadelo. Enquanto o marido não soubesse de seu paradeiro, ela teria de sobreviver até ser encontrada.

Em primeiro lugar, foi buscar a lanterna e verificou que continha duas velas inteiras, portanto teria luz por dez ou doze horas. Então a manhã raiaria. Será que o sol chegava até aquele lugar destinado a criminosos sem direito à claridade?

Talvez suas damas de companhia percebessem logo o seu desaparecimento. Ninguém acreditaria, como Desmond, que seu amor pelo marido fosse apenas fingimento. Mesmo sabendo que o início do casamento fora desastroso, todos tinham presenciado o enlevo do casal nas últimas semanas. Se o cruel cavalheiro de Orkney imaginava que iria convencer seus vassallos a aceitarem a falsidade de sua senhora, estava muito enganado! Fiéis à família Griffin, eles jurariam por sua inocência e se uniriam a Ranulf para provar que a caluniavam sem piedade. Bastaria ter paciência!

A melhor solução para suportar a longa espera seria dormir, o que também ajudaria a recuperar as energias. Infelizmente, o sono fugia diante da sujeira do feno, do cheiro sufocante de mofo e dos ruídos inquietantes de animais da noite.



— O sol já raiou! — exclamou Morgana, apenas para ouvir sua própria voz.

Realmente, o teto muito alto da masmorra se tingira de um cinza mais tênue, embora a claridade mal iluminasse o relevo das ogivas. Apesar de já ter amanhecido, Morgana ainda demoraria a ser encontrada. Ela imaginava o grupo de busca com tochas e lampiões, percorrendo os incontáveis cubículos, corredores, quartos vagos do imenso castelo. Só depois de muito tempo, alguém se lembraria da masmorra e a salvaria. O importante era manter a sanidade mental.

O sono tomou Morgana de surpresa e ela adormeceu por alguns minutos que só lhe causaram um despertar angustiado. Sonhara novamente com a vegetação sinistra que se infiltrava pelas janelas, invadindo o quarto e se enrolando em torno de seu pescoço. O perigo formava um círculo inescapável à sua volta. A repetição do pesadelo a intrigava, pois não sabia se se tratava apenas de uma simples coincidência ou se tivera novamente uma visão. A sensação era idêntica à que sentira quando tinha visto Ranulf se debatendo sob as águas do lago artificial. O pressentimento do perigo crescia de modo alarmante, quase impedindo-o de respirar.

E o tempo continuava a se arrastar, as horas idênticas em sua lentidão silenciosa. Só uma ligeira mudança na claridade acinzentada indicava que o universo seguia seu ritmo imutável, enquanto o seu mundo de sombras permanecia estático. As velas haviam se consumido, logo a escuridão voltaria e desta vez ela passaria uma noite de terror, mergulhada nas trevas.

Então um ruído vindo do alto da escada eliminou a letargia de Morgana como por milagre. Apesar de as pernas estarem doloridos, ela subiu as escadas correndo e chegou ao alto no momento em que a porta se entreabria.

— Graças a Deus! Oh, meu Deus, estou salva!

As lágrimas impediam Morgana de distinguir as feições de seus salvadores. Notou apenas a luz do crepúsculo banhando o pátio e, disposta a demonstrar que a senhora de Griffin não se dobrava ao sofrimento, enxugou as lágrimas e então o pânico retornou com mais vigor. Não fora libertada por seus fiéis vassalos! Eram os homens de Desmond que a rodeavam, com expressões frias e armados como se fossem enfrentar um prisioneiro perigoso.

— Exijo que me conduzam até meu marido!

Um sargento de cabelos grisalhos deu um passo à frente.

— A senhora deve nos acompanhar.

Sem fitá-la ou responder suas insistentes perguntas, os guardas escoltaram Morgana pelo longo caminho de volta. A sensação de perigo a envolvia com mais intensidade e não adiantava convencer-se de que tudo não passava de um terrível engano. Ela estava sendo conduzida do salão principal como uma prisioneira.

Morgana custou a descobrir o que a inquietava tanto. Só quando aproximou-se do corredor que levava ao salão percebeu o silêncio à sua volta e estremeceu. Normalmente, naquela parte do castelo ouviam-se risos, música e conversas abafadas.



Agora, soavam apenas os passos ritmados dos soldados, que percorriam um lugar deserto. Onde estariam os criados?

Então, Morgana entrou no salão, que não estava deserto como imaginara. O silêncio resultava da expectativa ansiosa de uma multidão que permanecia imóvel à sua espera. As pessoas se afastavam para lhe dar passagem e ela logo notou que a maioria dos presentes pertencia ao destacamento de Ranulf e eram os únicos a carregarem suas armas.

Onde estariam Dal, Owain e Ardil? E por que a ausência deles a perturbava?

Finalmente Morgana chegou diante da plataforma e viu as três cadeiras vagas. Tinha sido conduzida ao salão para ser julgada, mas quem seria seu juiz? Se Desmend ocupasse a poltrona mais alta, podia dizer adeus à vida.

Um movimento furtivo chamou sua atenção. Com o canto dos olhos, viu lady Winifred, Bronwen e Alys em um banco à direita do estrado. Naquele salão onde não cabia mais nenhuma pessoa, as três tinham sido as únicas a encará-la sem desviar o olhar. Seus rostos pálidos e tensos revelavam uma emoção que Morgana não conseguira decifrar. Quando a esposa de sir Dyllis mordeu os lábios e abaixou a cabeça, ela perdeu as últimas esperanças. No castelo onde tinha sido senhora, fora reduzida a uma prisioneira sem poder ou direitos. No salão onde vivera rodeada de amigos, vassalos e dependentes, ficara sozinha e sem ninguém.

Os clarins soaram anunciando a entrada dos juízes. Dois guardas conduziram sir Dyllis e sir Vaughn, que sentaram-se nas duas cadeiras mais baixas. Nenhum deles tinha coragem de fitá-la e Morgana, percebendo os olhares que fugiam do seu, admitiu a derrota. Ali os mais fiéis se voltavam contra ela. Como? E por que motivo?

Novamente ouviram-se os clarins e um silêncio respeitoso recebeu o juiz principal. Quando Morgana avistou os cabelos dourados de seu marido, sentiu que o pesadelo terminara. Ranulf a salvaria! Tudo seria explicado e o mundo voltaria a ser um lugar feliz e cheio de amor.

Então, a figura majestosa de sir Ranulf surgiu sobre a plataforma, vestido como príncipe e usando um colar que Edward lhe dera, um símbolo de poder e autoridade. A sensação de segurança desapareceu e Morgana enxergou com mais clareza o homem que amava. Frio e indiferente, ele sentara-se na cadeira mais alta e a fitava com a expressão implacável de um juiz sem emoções.

Sir Dyllis levantou-se e deu início ao julgamento.

— A corte da Justiça foi reunida para o caso de lady Morgana, senhora do Castelo de Griffin, acusada de tentativa de assassinato de seu marido. Quem a acusa?

— Eu! — exclamou sir Desmond, parando diante dos juízes. — Eu a acuso desse crime.

— Então que se iniciem os procedimentos usuais.

Incapaz de se controlar, Morgana deu um passo à frente e estendeu as mãos para o marido.



CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

— Ranulf... milorde...

Seu apelo foi recebido com um olhar de fria indiferença. Duas lanças cruzaram-se à sua frente, impedindo-a de aproximar-se mais daquele desconhecido de expressão dura e insensível.

Sir Dyllis bateu o bastão sobre o estrado.

— A acusada terá direito de falar em horas adequadas. — Ele voltou-se para Desmond. — Enuncie suas denúncias contra lady Morgana.

— O caso não apresenta aspectos complexos, é bastante simples. Desde o início, lady Morgana não se preocupou em esconder uma profunda repulsa pelo casamento forçado e sua aversão por sir Ranulf. Essa união causava-lhe tanta repulsa que, renegando os juramentos proferidos diante de um padre, fugiu do leito nupcial a fim de evitar a consumação do matrimônio.

A voz de Desmond transmitia uma raiva intensa, mas controlada, e demonstrava sua convicção.

— Ao chegar em Gales, ela precisou da experiência militar do marido e, para salvar seu castelo, propôs uma trégua durante a qual disfarçou sua aversão. Depois de atingir seu objetivo, tentou livrar-se de sir Ranulf através de magia negra e veneno.

Um murmúrio percorreu o salão, obrigando sir Dyllis a bater novamente o bastão, pedindo silêncio:

— Como se defende das acusações, lady Morgana?

— Sou inocente! Juro por Deus e todos os santos que sou inocente e amo meu marido, um homem digno de admiração e respeito.

Morgana tremia como se estivesse com febre e mal conseguia manter-se em pé.

Pela primeira vez desde o início do julgamento, ouviu-se a voz de Ranulf.

— Tragam uma cadeira para lady Morgana.

Um criado apressou-se a obedecê-lo, mas ela forçou-se a recuperar o controle. Recusou o privilégio com uma voz firme e clara.

— Prefiro ficar em pé.

— Então, comece a convocar as testemunhas, sir Desmond ordenou Ranulf, ignorando a recusa de Morgana sentar-se

— Chamo Bronwen de Landelly.

Pálida e trêmula, a jovem aproximou-se da plataforma.

— Não é verdade que lady Morgana não queria casar-se com Ranulf, o nórdico, e fugiu da corte para não recebê-lo no leito nupcial?

A resposta da jovem foi incompreensível.

— Fale mais alto e com clareza — ordenou Ranulf. — Todos precisam saber se sir Desmond disse a verdade. Sim ou não?

— Sim, é verdade.

Para o desespero de Bronwen, Desmond não terminava de torturá-la.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— E quando sir Ranulf alcançou a esposa insubmissa em uma hospedaria... ela tentou escapar no meio da noite e desceu do sótão usando os galhos de uma árvore para chegar ao chão?

— Sim, é verdade.

— Não tenho mais perguntas. Pode voltar à sua cadeira.

Descontrolada, Bronwen cedeu ao pranto. Soluçava tanto que Arvil foi chamado para retirá-la do salão.

— Agora chamo Daffyd, o harpista do castelo.

O jovem músico não reagiu como Bronwen à exigência de Desmond. Pouco à vontade e nitidamente furioso ele dirigiu-se com lentidão a seu posto.

— É verdade que presenciou um encontro amoroso entre sir Ranulf e lady Morgana em uma das alcovas da galeria e a viu lutando contra as carícias de seu marido?

— Sim.

Dispensando o rapaz, Desmond voltou-se para multidão.

— Agora chamarei Cerdic, ajudante-de-ordens e capitão dos soldados de sir Ranulf. Ele nos dará o testemunho de tudo o que viu e ouviu.

— Sir Desmond enviou-me em uma missão secreta ao forte de lorde Lindsey. Sir Bryce reuniu um grande número de cavaleiros, arqueiros e mercenários para aumentar a força de seu exército regular. Aparentemente, sem intenções de vir ao castelo de Griffin.

— Para tomá-lo através de batalha? — perguntou Desmond, maliciosamente.

— Não... dizem que ele encontrará as portas abertas e será recepcionado por lady Morgana.

Sir Vaughn não conteve sua revolta.

— Tem alguma prova dessa história absurda?

— Os pedaços de uma carta rasgada provarão a veracidade dos rumores — respondeu Desmond, retomando a liderança. — Eu os reuni nesta bandeja e gostaria que lesse a mensagem em voz alta, sir Vaughn.

Contrariado, o velho cavaleiro não pôde furtar-se à desagradável incumbência.

"Lady Morgana, minhas saudades. Seu casamento só lhe causa sofrimento, uma verdade tão amarga. Basta uma única palavra, eu a livrarei, pelo amor que nos une. Sempre seu, Lindsey. "

O silêncio reinou por alguns segundos, logo rompido por um murmúrio que cresceu até ecoar como um trovão distante. Atordoada e sem reação, Morgana seguia com os olhos a movimentação agitada de Desmond diante da plataforma.

— Seria difícil negar que lady Morgana mudou de idéia e decidiu unir-se a lorde Lindsey, seu amante, antes do primeiro casamento.



Novamente, a multidão manifestou desaprovação e Morgana sentiu que não teria como se defender. Desmond distorcera os fatos, construindo uma história falsa sobre acontecimentos verdadeiros. Como poderiam acreditar em sua inocência?

— Chame Gwyn — continuou Desmond. — Ela é mais conhecida como a velha das plantas.

Perplexa, Morgana não entendia o que aquela mulher poderia dizer sobre o seu caso. Ela apenas lhe vendera alguns remédios que usara em seus medicamentos para curar Ranulf.

— Lady Morgana foi à sua cabana para encomendar-lhe algo especial?

— Oh, ela foi. A bela dama me pediu um preparado especial e eu não me recusei a entregar o tal remédio... para poupar um cão doente de viver mais tempo sofrendo dores terríveis.

Um grito ecoou no salão e estabeleceu-se uma algazarra, que custou a ser controlada. Quando finalmente o silêncio voltou a reinar, Desmond dirigiu sua atenção para Morgana.

— Nega que serviu vinho a sir Ranulf nesta taça, lady Morgana?

— Servi, mas...

— Então chamarei minha última testemunha. É mister Carcy, o barbeiro e físico de sir Dyllis.

Como Daffyd, Carey revoltava-se com o julgamento público de uma dama de alta estirpe.

— É um perito em ervas, certo? Examinou o conteúdo que restou na taça e também o cadáver do cão morto, não foi?

— Sim, sir Desmond.

— E pode nos dizer o que havia no vinho, destinado a sir Ranulf e lambido pelo cão?

— Bem... havia uma mistura de ervas, flores e raízes como dedaleira, poejo e um pó feito de pele de um sapo.

Com a ferocidade de um carrasco, Desmond apertava o nó da corda com que enforcaria Morgana. Ninguém ignorava que ela estivera destilando a essência da dedaleira quando o vinho fora envenenado.

— Seria bom esclarecer as propriedades curativas desta mistura, mestre Carey.

— Não se trata de um preparado com efeitos curativos, senhor. O uso desses elementos em conjunto provoca a parada imediata das batidas do coração. Em qualquer parte do mundo, sabe-se que é fatal.

Desmond sorria, triunfante, e Morgana sentiu um impulso incontrollável de agredi-lo quando Ranulf se manifestou.

— Como pode provar que esse veneno existia realmente em minha taça de vinho?

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— A primeira delas foi a morte de seu cão logo após ter lambido o líquido que havia no fundo da taça. Em seguida, testamos o veneno em dois ratos e ambos morreram imediatamente.

Desmond esperou a multidão demonstrar sua habitual agitação e então fitou os três juizes com um sorriso complacente.

— Não tenho nada a declarar, senhores.

Chegara o momento de Ranulf assumir a direção do julgamento.

— Ouviu todas as evidências contra a sua pessoa, lady Morgana. Tem algo a dizer em sua defesa?

— Se eu estivesse sendo julgada por arrogância, orgulho ou rebeldia, admitiria meus crimes e suplicaria de joelhos o seu perdão, milorde. No entanto, as acusações sobre magia negra e envenenamentos para livrar-se de meu marido, peço-lhe que pergunte ao seu coração se sua esposa poderia ser culpada desse ato desprezível.

Com a cabeça erguida e o olhar desafiante, Morgana aproximou-se mais, encostando as mãos na plataforma.

— Se as circunstâncias exigem uma admissão de culpa de minha parte, eu não me negarei a cooperar. Confesso que o amei demais e a paixão me cegou, não me permitiu notar o ódio de seus amigos nem o perigo ao meu redor. No entanto, vejo em seu rosto e em todos os outros desta multidão reunida no salão do castelo que já fui julgada e considerada culpada antes mesmo de o julgamento se iniciar. A opinião do mundo não afeta minha vida e posso continuar a mesma pessoa, apesar de ser vista como uma bruxa ou uma esposa capaz de assassinar o marido. Mas, se perdi o seu amor e a sua confiança, nenhuma sentença de morte será tão trágica quanto meu desespero por saber que já não tenho mais nada.

Franzindo a testa, Ranulf fitou a esposa por longos minutos. Só lhe restava a dignidade, a única herança que jamais lhe seria roubada.

Como Morgana, todos esperavam ansiosamente pelo veredito de Ranulf. A multidão observava o casal, que o destino colocara em uma situação penosa, mas seu terror por manifestações de magia negra pedia a condenação da acusada. Finalmente, o senhor de Griffin levantou-se da cadeira.

— Lady Morgana não está em condições físicas adequadas para suportar os rigores de um julgamento que, para ser justo, exige o exame de cada minúcia do caso. Seu cansaço é evidente para todos, portanto não continuaremos os procedimentos legais. Ela deve ser escoltada para seu quarto com a cortesia devida à sua posição como senhora de Griffin. Após uma noite bem-dormida e com as forças refeitas por refeições nutritivas, a acusada voltará a este salão e recomeçaremos a verificar a veracidade dos fatos.

A tensão contida e o súbito alívio, aliados à fome e à falta de sono, atingiram Morgana no instante em que Ranulf terminou de falar. Silenciosamente como uma rosa que tomba na relva macia do jardim, ela desmaiou aos pés de Ranulf.



CAPÍTULO XIV

Ao lado da cama, Ranulf olhava o rosto pálido de Morgana e a sombra azulada sob seus olhos fechados. Ele a carregara para o quarto ainda desmaiada e esperava pela chegada das damas de companhia. Embora não demonstrasse qualquer sinal de emoção, lamentava que o relacionamento entre os dois fosse terminar de forma trágica.

Lady Winifred chegou ao quarto sem fôlego, seguida por Bronwen, que também viera de seus aposentos, correndo para ajudar sua senhora. Agora Ranulf podia retirar-se e deixou os dois guardas que o tinham acompanhado como sentinelas diante da porta.

— Permaneçam em seus postos a noite inteira.

— Não se preocupe, milorde. Ela não escapará do quarto. As palavras dos guardas aumentaram o desespero de Bronwen.

Sua senhora estava sendo tratada como uma prisioneira! Com os olhos inchados de tanto chorar e à beira de uma crise de histeria, ela só esperava pela saída de Ranulf para dar vazão ao seu horror diante daquela calamidade.

— Eu não me conformo! Como podem submetê-la a tanta humilhação? Nem imagino a que ponto a insultaram para provocar um desmaio!

— Deus nos ajude! — suspirou lady Winifred. — Ela foi acusada de tentativa de assassinato. Comprou um potente veneno da velha das plantas e o serviu ao marido misturado com vinho.

Bronwen levou alguns segundos para se recuperar do choque e, quando pôde falar, não conseguiu expressar-se com coerência.

— O vinho? Veneno na taça... Oh, Deus... Não! Não é possível... Destrancando a porta, ela gritou para lady Winifred. — Tenho de encontrá-lo! Preciso urgentemente avisar sir Ranulf que está havendo um terrível engano! O vinho não continha veneno, e sim uma poção do amor. Fui eu quem comprou esse preparado da velha das plantas e o coloquei na taça que lady Morgana levou para ele.

Lady Winifred tentou detê-la e obrigá-la a encarar a gravidade da situação.

— Por Deus, Bronwen! Não percebe que sua confissão apenas a tornará cúmplice de lady Morgana? Você também será julgada e dirão que fez tudo seguindo as ordens de sua senhora. As duas estarão perdidas...

— Talvez... mas pouco me importo se me enforcarem por bruxaria. Eu não posso permitir que lady Morgana seja punida no meu lugar. Prefiro morrer a carregar essa culpa pelo resto da vida.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

A tragédia que se abatera sobre o castelo afetara a habitual serenidade de lady Winifred. Ela não se sentia em condições de cou vencer Bronwen nem conseguiria impedi-la de cometei esse alo insensato. Resignada a passar por mais um sofrimento, deixou a jovem sair e voltou para o lado da cama.

Os olhos de Morgana, abertos e sem expressão, fitavam algum ponto na parede à sua frente.

— Querida menina — murmurou lady Winifred, aliviada e comovida. — Você não voltava a si e eu estava me desesperando. Quer tomar uma sopa? Ou talvez um chá calmante?

Morgana continuava alheia a tudo, com o olhar parado que contrastava com sua expressão enraivecida.

— Se ao menos eu pudesse conversar com ele... explicar-lhe tudo. Falam de veneno quando na verdade foi a mente de Ranulf que eles envenenaram. Conseguiram colocá-lo contra mim.

Assustada com a voz quase alucinada de sua senhora, lady Winifred segurou-lhe a mão, numa tentativa de acalmá-la. Morgana reagiu ao toque suave e sentou-se na cama, ainda mais agitada.

— Encontre Ranulf! Tem de achá-lo em algum lugar do castelo e o traga até mim! Pelo amor de Deus! Se for preciso, obrigue-o, use qualquer argumento, mas convença-o a vir.

O pedido desesperado de Morgana colocou lady Winifred face a um dilema de difícil solução. Não lhe agradava nem um pouco deixar sua senhora sozinha e num estado de lastimável descontrole. Bronwen ainda não retornara e essa demora começava a despertar-lhe um pânico intenso, porque confirmava um presentimento que se recusava a admitir. A pobre garota provavelmente não voltaria: como lady Morgana, sua fiel dama de companhia tinha agora dois soldados guardando a porta de seu quarto.

No entanto, se não tomasse uma providência urgente, a situação do Castelo de Griffin se agravaria. Enérgica e decidida, lady Winifred não pretendia ser apenas uma expectadora do drama prestes a destruir o berço da família Griffin, que superara catástrofes muito mais graves. Chegara a hora de intervir e investigar minuciosamente aquele assunto. Elva a ajudaria, porque prometera contar-lhe todos os boatos e intrigas comentadas entre os criados e eles sempre sabiam melhor do que ninguém as verdades ocultas de seus senhores. Portanto, se permanecesse ao lado de lady Morgana lhe estaria sendo menos útil!

— Está bem milady. Eu irei, mas só depois que a senhora se alimentar bem, tomar um banho e lavar esses cabelos cobertos por teias de aranha e trocar de roupa.

Com muito esforço, Morgana levantou-se da cama para olhar-se ao espelho. O rosto sujo, os cabelos emaranhados e os olhos rodeados por olheiras profundas não pertenciam à senhora de Griffin. Ela estava realmente diante de uma bruxa.



— Como sempre é mais sensata do que eu, lady Winifred. Aceitarei seu conselho pois preciso apresentar-me a Ranulf como uma dama. Pertencço à Casa de Griffin e nós não cedemos ao desespero ou nos entregamos à melancolia. Privaram-me do poder e alienaram meus protetores, mas lutarei com as armas que me restam... orgulho e dignidade.

Com a ajuda de lady Winifred, em menos de uma hora Morgana novamente era uma dama de alta estirpe. Escolhera o vestido predileto de Ranulf, de brocado verde e rebordado com delicadas pérolas. Seus cabelos brilhantes como cobre polido não precisavam de enfeites, e ela só colocou um antigo colar de esmeraldas quadradas. Aquela jóia de valor incalculável pertencera a legendária Morgana do Lago e infundia-lhe confiança e serenidade. Receberia o marido investida da dignidade que lhe fora legada pelos ancestrais, como a verdadeira senhora de Griffin e não como uma prisioneira indefesa e amedrontada. Tinha muitas vidas a defender além da sua.

Satisfeita com a imagem de Morgana, lady Winifred preparou-se para enfrentar sir Ranulf, que relutaria em conceder-lhe uma audiência privada.

— Não se desespere se eu demorar, milady. Tenho de insistir até esgotar a resistência e a paciência dele. Só sairei da frente de sir Ranulf quando meu pedido for atendido.

Prevendo uma longa espera, Morgana tentou descansar, mas sua ansiedade a impelia a andar de uma ponta a outra do quarto. Se Ranulf estivesse em uma reunião com Desmond e sir Dyllys, lady Winifred teria de aguardar muito tempo até conseguir transmitir-lhe sua mensagem. E como as horas custavam a passar!

Ela tentou concentrar-se em seu livro de orações, sem sucesso. Tocou o alaúde mas seus dedos sempre hábeis só tiravam sons desafinados do delicado instrumento musical. Nada prendia sua atenção porque só conseguia pensar na trágica situação que ameaçava suas vidas no Castelo de Griffin.

O choque causado pelo envenenamento do cão de Ranulf, seguido por um tenebroso período na masmorra e acrescido pela ansiedade e tensão do julgamento tinham provocado o primeiro desmaio da vida de Morgana. Sentira-se como se o mundo estivesse desabando ao seu redor e nem a intervenção divina a salvaria da destruição. Agora, começava a recuperar sua habitual capacidade de raciocínio e suspeitava de uma conspiração secreta que visava eliminá-la.

Um terrível perigo pairava sobre sua vida, e embora fosse uma acusação muito clara, a mente que arquitetara esse plano diabólico para destruí-la continuava a ser um enigma. Quem desejava destruí-la? E por quê?

Involuntariamente, vinha-lhe à mente o marido. Testemunhara vezes sem conta o inato senso de justiça que guiava as decisões de Ranulf. Essa integridade porém contrastava com certas atitudes. Não raro ele despertava a cólera da esposa, como se pudesse lucrar com seu descontrole diante de seus próprios vassalos.

O som distante de um trovão levou Morgana até a janela. Ela amava as tempestades e talvez, em harmonia com a fúria da natureza, conseguisse libertar a raiva contida em seu peito. Para sua surpresa, avistou um céu limpo e cheio de estrelas. Ela teria julgado que perdera o controle sobre sua imaginação se não ouvisse novamente o ruído agora mais próximo.

Voltando para o centro do quarto, tentou descobrir de onde vinha o barulho. Logo o estrondo repetiu-se e o ruído inexplicável ecoava na parede ao lado da lareira. Intrigada com aquele mistério, ela aproximou-se. Diante de seus olhos a centenária tapeçaria flamenga ondulava como se fosse um estandarte a tremular no alto da torre. Subitamente, uma lufada de vento frio invadiu o quarto.

A persistência de lady Winifred era digna de louvor. Depois de percorrer todo o castelo, finalmente encontrara Ranulf isolado nos aposentos da torre que tinham sido destinados ao irmão Lewis. Com uma caneca de cerveja nas mãos, ele examinava as plantas antigas do castelo que o monge conseguira reunir.

— Não há nada que lady Morgana tenha a dizer com possibilidades de alterar a situação. Os fatos são claros demais.

— Ao menos, vá ao encontro dela, ouça-a por alguns minutos, milorde. Conceda-lhe esse favor em consideração às promessas que trocaram diante de Deus e dos homens.

— Nada irá mudar a realidade — insistiu Ranulf, começando a impacientar-se após quase uma hora de apelos incessantes.

— Eu lhe imploro, milorde. O desespero de minha senhora alcançou um ponto perigoso. Temo por sua sanidade mental e até por sua vida.

— Ranulf permaneceu um longo tempo em silêncio, fitando as próprias mãos. Seu rosto não evidenciava nenhuma emoção e apenas uma veia latejando em sua têmpora revelava que não estava tão indiferente quanto queria demonstrar.

— Aconselho-a dar um sedativo a lady Morgana, pois assim se sentirá mais tranqüila a respeito da sanidade de sua senhora. Só a verei amanhã durante o julgamento. É mais seguro e evitará que eu seja influenciado.

— Conversou com Bronwen, milorde?

— Infelizmente, não pude escapar dela.

— E então?

— Foi uma perda de tempo. Todos sabem de sua devoção a lady Morgana e que seria capaz de qualquer perjúrio para salvar a vida de sua senhora. Eu revelei a Bronwen a verdade sobre os fatos e proibi-a de voltar ao quarto.

— Não a deixe esperando em vão, milorde! — lady Winifred não continha as lágrimas. — Ela só quer que ouça sua versão dos acontecimentos.

— Não posso! — Ranulf suspirou desanimado. — Ela me prendeu em sua teia, não consigo me libertar! Mas talvez tenha razão, lady Winifred. Preciso enfrentá-la, não é? Embora seja contra meus princípios, irei até o quarto de Morgana.



Aliviada, lady Winifred seguiu para a capela a fim de agradecer a Deus pela intervenção divina, enquanto Ranulf dirigia-se ao quarto de Morgana.

Os dois guardas afastaram-se da porta e ele entrou no aposento profusamente iluminado. As chamas da lareira e os candelabros com todas as velas acesas permitiam uma visão completa do aposento vazio. Enfurecido, Ranulf chamou seus homens.

— Procurem por toda parte! Ela não pode ter desaparecido em pleno ar!

A busca foi minuciosa e infrutífera. Apavorados, os guardas persignavam-se e só não saíam do quarto para não provocar a ira de sir Ranulf. Afinal, por que tanta surpresa? Lady Morgana desaparecera em pleno ar como é costume das bruxas!

A menos de três metros de seu quarto, Morgana permanecia imóvel ao lado de seu salvador, um mercenário chamado Garth. Como pudera perder a confiança na lealdade do fiel sir Dyllis? Ela devia ter imaginado que seus amigos jamais a abandonariam!

Os dois não se moveriam antes dos ruídos vindos do quarto se aquietarem. Não tinham conseguido fechar por completo a entrada secreta e restava uma fresta que poderia revelar aos homens de Ranulf o esconderijo deles.

Finalmente voltou o silêncio e Garth começou a conduzi-la para a salvação. A escada estreita e coberta de pó muna foi a desço berta por Morgana, que percorrera todas as passagens secretas do castelo. Investigara o quarto oculto entre as paiedes da muralha externa, a escada que ligava o solário à louc sul c loia usada como rota de fuga em casos de emergência, mas não encontrou no comentário dos criados sobre outros quailos e limeis misteriosos.

Evidentemente, esse caminho fora feito para que os senhores do castelo fugissem sem precisar cruzar outras salas. A entrada era no quarto tradicionalmente ocupado pelo castelão e sua esposa, que seu pai ocupara até morrer. Sem dúvida, ele pretendia revelar-lhe o segredo mas não tivera tempo, pois falecera antes dos quarenta anos durante uma viagem de Morgana ao condado de York.

Morgana supôs que o túnel terminasse no subterrâneo de uma das torres por onde chegariam à praia. No entanto Garth mudava constantemente de direção e logo ela se desorientou. Só percebia que estavam muito abaixo do nível do chão, pois as paredes gotejavam, havia poças de água no piso irregular e a descida não terminava nunca!

— A saída ainda está longe? — perguntou ela, preocupada com o aumento da água escorrendo pelas paredes do túnel.

Garth apenas sorriu e continuou andando em silêncio.

Pelos cálculos de Morgana, eles já tinham percorrido quase cinco quilômetros, mas a rota fora tão tortuosa que ela perdera a noção de onde poderiam estar. Na verdade, pouco lhe importava em que ponto sairiam porque seu coração permanecera cativo no castelo. Sofria ao pensar na inconstância de Ranulf, que a amara com uma paixão aparentemente verdadeira e no julgamento a fitara como se ela fosse uma



desconhecida. Conhecera dois homens diferentes e o guerreiro frio e cruel vencera o poeta apaixonado.

Finalmente a descida terminou e eles começaram a subir uma rampa. A esta altura, Morgana sentiu que suas forças a abandonavam. Por sorte, avistava-se uma claridade bastante próxima, indicando o fim do túnel. Reunindo as energias que lhe restavam, ela apressou-se a seguir Garth já diante de uma abertura ladeada por dois soldados.

Garth parou à soleira da porta.

— Eis a senhora de Griffin, milorde. Como lhe prometi, consegui salvá-la.

Morgana entrou em uma adega profusamente iluminada por tochas. Após a escuridão do túnel, ela custou a acostumar a vista e não enxergava seu intendente.

— Sir Dyllis?

— Seja bem-vinda, lady Morgana.

Uma figura surgiu diante dela, sorrindo ameaçadoramente.

— Lindsey? Onde está sir Dyllis? O que você veio fazer aqui?

— Bem... pelo que imagino, sir Dyllis deve estar ocupado com os preparativos para sua execução. Será a espada ou a força milady? Ou as bruxas são sempre queimadas na fogueira? — Lindsey aproximou-se, com uma expressão arrogante. — Quanto à minha presença, não há mistério algum. Eu moro aqui, bela Morgana. Você está na fortaleza de Lindsey.

Ele tentou segurar-lhe o queixo mas Morgana o repeliu com violência.

— Fortaleza de Lindsey? Fui traída!

— Se existe traição, não a encontrará na minha casa e sim no Castelo de Griffin. Sem dúvida, você perdeu a noção da realidade quando perdeu o poder e acabou no cativeiro.

— Explique-se melhor!

— Eu prefiro lugares mais confortáveis para conversar, milady. Acompanhe-me e logo terá as explicações que deseja. E, como se referem à sua vida com sir Ranulf, imagino que não gostaria de ouvi-las diante de testemunhas.

Com exagerada cortesia, Lindsey conduziu Morgana a um quarto no terceiro andar do forte. Uma jovem de cabelos negros e olhos azuis curvou-se respeitosamente quando ele entrou no luxuoso aposento.

— Esta é Jenet. Será sua criada de quarto.

Morgana nem notou quando Lindsey dispensou a criada, concentrada na suntuosa decoração daquele quarto, claramente destinado a uma mulher. A cama com cortinas de damasco rosa tinha almofadas de cetim em tons vivos e o divã ao lado da janela repetia o mesmo requinte e variedade de cores.

Com um sorriso de orgulho, Lindsey começou a abrir cômodas e armários, repletos de vestidos luxuosos e roupas inúmeras de linho bordado. Não satisfeito com a demonstração de seu requinte na escolha de trajes femininos, ele abriu um pequeno



baú e despejou seu conteúdo sobre o tapeie. Pérolas, brilhantes e esmeraldas em forma de colares, pulsciias e natas se espalharam pelo chão, irradiando seu brilho precioso.

Diante da expressão perplexa de Morgana, Lindsey deu uma gargalhada que demonstrava sua satisfação.

— Não há nenhuma amante escondida no armário, querida Morgana. Eu preparei este quarto com todos os detalhes para a mulher que um dia partilhará minha vida. — Ele tocou-lhe a mão. — Para a mulher que será minha esposa... para você!

Lindsey abriu os braços, num gesto que abrangia os vestidos e as jóias.

— Tudo lhe pertence, Morgana. As roupas foram feitas sob medida e usei um vestido seu como modelo. — A expressão de Lindsey revelava a alegria do vencedor de uma longa batalha. — Comecei a planejar o nosso futuro no dia em que lorde Hartley foi preso na torre de Londres.

— Deus do céu! Você é louco! Eu já sou casada.

— Com um homem que pretende destruí-la. Revoltada, Morgana afastou-se em direção da janela, mas ele a seguiu, mantendo o tom de voz intenso e quase hipnótico.

— Ainda não descobriu qual era a intenção dele? Ah, foram planos astutos, e à prova de erros! Ranulf se vingaria da mulher que o desprezou, mantendo para si a fortuna e as extensas propriedades da esposa.

Exausta e confusa, Morgana não queria ouvir mais nada nem tinha forças para enfrentar um debate acalorado. Aquelas insinuações maldosas a transtornavam, agravando seu estado de depressão.

— O cansaço me impede de discutir com você. Seja mais claro ou esqueça o assunto, Lindsey.

— Seu desejo é lei, querida. — Ele a conduziu até o divã, obrigando-a a sentar-se. — Você foi submetida a um julgamento sob a acusação de tentativa de assassinar seu marido, certo? Pois eu diria que a visão dos fatos foi invertida. Sua intuição feminina não a enganou quando fugiu de sir Ranulf, em Londres.

Sentindo-se mais confiante, Lindsey segurou as mãos de Morgana.

— Você é tão ingênua, querida. Tente imaginar como deve se sentir um cavaleiro sem ancestrais nobres, sem dinheiro, terras ou títulos, que participa do grupo de amigos íntimos do rei e não tem um centavo para manter-se no nível dos outros.

— Recuso-me a ouvir suas mentiras, Lindsey.

— Ora! Ao menos espere até o final da história. Garanto-lhe que vai gostar.

Desta vez, ele usou mais violência, forçando-a a permanecer sentada.

— Então esse cavaleiro, desprovido de bens, recebe de presente uma rica herdeira com a qual se casará porque o rei a obrigará a aceitá-lo. Seus problemas financeiros terminaram, mas ele descobre que a união não lhe agrada. A esposa o humilha fugindo na noite do casamento e, embora ele tente tudo, o boato se espalha,

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

provocando zombarias e expondo-o ao ridículo. Acha que algum homem suportaria uma ofensa tão grave à sua masculinidade?

Finalmente, Morgana sentiu-se atingida. Ela agira mal com o marido e demonstrara um orgulho reprovável. Como mudaria seu comportamento se tivesse a chance de recomeçar!

— Ele a persegue, disposto a punir a esposa rebelde. Então, chegam a Gales e descobre a extensão da riqueza que caiu em suas mãos e muda os planos. O primeiro passo é fingir-se apaixonado e não provocar a desconfiança dos súditos fiéis à sua senhora. O segundo... é fingir-se de vítima, alegando que ela tentou envenená-lo.

— Não acredito. Por que o meu marido se rebaixaria tanto?

— Esse é um motivo que provocou os maiores crimes desde o início dos séculos. Ele quer a posse e o controle absoluto de suas propriedades. Eu descobri a trama, querida. Quem subornaria a velha das plantas para testemunhar contra você? Quem lucraria com isso?

— Você é tolo demais ou pérfido ao extremo, Lindsey. Acha que aceito essa teoria absurda?

— Então, apesar de tudo, continua apaixonada por seu marido? — Ele não escondeu o ódio que a atitude de Morgana lhe causava. — Pois a grande tola é você! Talvez o travesseiro seja um bom conselheiro, milady. Durma bem!

— Mais uma vez, Morgana ouviu sua porta sendo trancada por fora. Lindsey saía do quarto enfurecido e ela continuava sendo uma prisioneira só que de um homem a quem odiava. Entre muitas falsidades, ele havia declarado uma grande verdade: ainda estava apaixonada pelo marido. Apesar de todas as evidências não conseguia aceitar que Ranulf fosse um falso, capaz de fingir com tanta habilidade. Ou existia um mistério que ainda seria esclarecido ou ela era realmente uma tola e caminhava de olhos fechados para o abismo.

Morgana não tinha certeza de mais nada. Só sabia que ao buscar a liberdade, apenas trocara uma prisão por outra.

— Não quer mais vinho, milady!

Como resposta, Morgana pousou a mão sobre a taça. Quanto menos falasse com Lindsey, menos riscos correria!

— Você mal tocou os pratos especiais que foram preparados em sua honra. Está sem apetite? Notei que também não comeu nada quando nos serviram o desjejum no jardim. Quem sabe a música ajudará a despertar sua alegria? — Ele fez um gesto para o criado a seu lado. — Mande entrar os trovadores.

A aparente indiferença de Morgana à solicitude de Lindsey custava-lhe um esforço sobre-humano. No fundo, sentia um medo irracional daquele homem de temperamento instável. Comportava-se como o mais perfeito dos anfitriões, colocando os melhores pedaços dos assados no prato dela e oferecendo-lhe petiscos dignos da



mesa de um rei. Então, por que esse pressentimento funesto, esse terror incontrolável?

Embora breve, a convivência obrigatória e constante aumentava suas suspeitas sobre a sanidade mental de seu anfitrião. Fosse ele louco ou apenas moralmente corrupto, o resultado final era o mesmo. Seria difícil enumerar seus vícios, porém o mais evidente era uma vaidade que distorcia sua capacidade de enxergar a realidade. Aliás, fora essa presunção que a salvara de ser violada. O convencimento de Lindsey o impedia de forçar uma mulher porque acreditava piamente que ela não resistiria a seus encantos e logo se entregaria à paixão inspirada por um homem tão sedutor.

Realmente, Lindsey realçava sua beleza morena através de trajes suntuosos e jóias preciosas com o intuito deliberado de demonstrar a aparência de um príncipe de sangue azul. O exterior talvez fascinasse muitas mulheres, mas Morgana enxergava a podridão escondida atrás da fascinante fachada. Em Londres e até na remota propriedade de Robin, na Escócia, ela ouvira histórias chocantes a respeito dele. Comentavam a imoralidade de seu estilo de vida, as agressões de violência inesperada e uma arrogância revoltante. A realidade se mostrara ainda mais aviltante. Morgana comparava-o a uma criança de mente corrupta e extremamente perigosa porque tinha em suas mãos o poder de vida e morte.

Como se não bastassem tantos defeitos ameaçadores, Lindsey estava bebendo em excesso. Morgana notava que o copo dele nunca permanecia vazio e seus olhares se tornavam mais ousados, pousando com crescente frequência no decote pronunciado do vestido que fora obrigada a usar.

Lindsey escolhera suas roupas para o jantar daquela noite, sem descuidar-se de nenhum detalhe. Morgana recusara-se a aceitar aquela imposição e só cederia diante da ameaça de ser vestida à força pelo seu "prestimoso", anfitrião.

— Você tem cabelos brilhantes como a seda bizantina — murmurou ele, tocando uma mecha que escapara da rede de ouro e brilhantes redondos. — Quando soltos devem levar um homem à loucura.

A volúpia evidente nos olhares de Lindsey apavorava Morgana. Usara todos os artifícios para mantê-lo a distância e percebia agora que dificilmente teria sucesso. Apesar da excessiva presunção, ele não se conformaria em esperar e, com mais uns copos de vinho, mudaria suas táticas costumeiras: em vez da persistente persuasão, usaria de força para satisfazer seus desejos.

— Você está muito pensativa, amor. Por acaso, ainda sofre ao pensar no marido que pretendia condená-la à morte na fogueira? — Ele agarrou as mãos de Morgana, beijando-as repetidas vezes. — Essa lealdade me comove, embora eu considere sua dedicação um erro trágico.

Soltando as mãos com um gesto brusco, Morgana o encarou com ódio.

— E eu considero suas atitudes indesejáveis e repulsivas!

Ele reagiu com um sorriso, mas os olhos refletiam uma emoção ameaçadora.



— Seja mais gentil, doce Morgana. Um homem exige submissão para poder saborear os encantos femininos de sua consorte.

— Consorte?

Ela levantou-se da cadeira tão bruscamente que derrubou a taça de vinho sobre Lindsey. O líquido espalhou-se no precioso veludo branco da túnica, manchando-a como se fossem gotas de sangue. Conhecendo a fama de violência daquele homem, Morgana preparou-se para o pior.

No entanto, a raiva incontrolável de Lindsey recaiu sobre o criado, que aproximou-se para limpá-lo. Com o punho cerrado, atingiu o pobre homem que foi jogado de encontro à parede e então saiu do salão para mudar de roupa. Pela indiferença geral, ela deduziu que cenas desse tipo não chocavam ninguém!

— Mal Lindsey deixou o salão, Morgana tentou descobrir um modo de aproveitar a ausência dele em seu próprio benefício. Não podia voltar ao Castelo de Griffin, mas também não permaneceria como prisioneira desse homem perigoso. Por sorte, lembrava-se de uma saída de emergência que ele lhe mostrara quando ambos ainda eram adolescentes a fim de impressioná-la. Se conseguisse fugir, o único refúgio possível seria o mosteiro de St. Tristan, onde os monges não lhe negariam abrigo.

Forçando-se a manter a calma, ela esperou até que Lindsey tivesse tempo de percorrer o corredor e então atravessou o salão. Foi uma caminhada longa e penosa, acompanhada por olhares hostis ou simplesmente indiferentes em meio a um silêncio absoluto. Com a cabeça erguida e a descontração de uma dama passeando em seu jardim, Morgana alcançou a porta. Ninguém a impediu de abri-la, mas, para sua surpresa, dois guardas barraram-lhe a passagem, cruzando as lanças diante dela.

Fora derrotada e precisaria de forças para disfarçar o desespero e rumar novamente até o salão, de volta a seu lugar na mesa principal. Mal sentou-se, Lindsey surgiu atrás dela, vindo de alguma outra entrada mais próxima da plataforma.

— Espero que não tenha a intenção de retirar-se tão cedo, Morgana. A noite ainda é uma criança e planejei com esmero um entretenimento para prender sua atenção. — Ele bateu palmas. — Que entrem os músicos!

As pesadas portas de carvalho maciças foram abertas pelos criados e dois homens entraram no salão. Um deles, velho e corcunda, segurava o braço de um rapazola ruivo e ambos usavam roupas gastas e pouco limpas.

— Perdoe-nos, milorde, por estarmos com nossos trajes sujos e empoeirados pela longa viagem — falou o velho de barbas grisalhas. — Viemos de muito longe...

— Ora! Dizem que um bardo mesmo sem sapatos, tem direito a sentar-se ao lado de reis. — Lindsey sorriu com benevolência. — Não é verdade, lady Morgana?

Morgana concordou com um movimento de cabeça, incapaz de falar. Uma idéia fantástica e inacreditável criara raízes em sua mente, embora seu bom senso a impedisse de acreditar em tal absurdo. Ela não moveu um músculo do rosto controlado enquanto os músicos retiravam as capas de seus instrumentos. Então, o impossível

aconteceu: a harpa de Merlin brilhava nas mãos do trovador mais velho. A luz das tochas iluminava o desenho familiar e o tão conhecido anel de esmeralda que uma esposa ainda revoltada dera ao marido por quem finalmente se apaixonara.

— O que deseja ouvir, milorde?

— Uma história de amor e traição, onde um cavaleiro procura em vão por sua bem-amada. As damas adoram esse tipo de canção, mas hoje, por cortesia, pedirei a lady Morgana que escolha sua melodia preferida.

Com um sorriso trêmulo e olhos brilhando de emoção, Morgana fitou os dois trovadores.

— Vocês conhecem... "Ah, se meu amor viesse me procurar?" O harpista mais velho curvou a cabeça e as notas cristalinas da harpa juntaram-se à sua voz sonora, enchendo o amplo salão com um som angelical.

"Ah, se meu amor viesse me procurar, Com doce magia, pureza e formosura, As tentações mundanas eu abandonaria, e em seus braços o paraíso encontraria. No mundo só nosso, sem tristeza e amargura, a felicidade plena jamais teria fim. Ah, se meu amor não pode vir a mim, Então eu terei que partir à tua procura. Ah, se não vens, amor, eu irei te encontrar".

Até os criados pararam para ouvir o som mágico daquela harpa magnífica. Morgana mal ouvia a música, examinando cada detalhe do disfarce que transformara Ranulf em um velho corcunda e Daffyd em um ruivo sardento.

Se Morgana sentira-se confusa desde o início de toda a tragédia que a envolvera, agora já não conseguia mais coordenar seus pensamentos. Um marido que acreditava na culpa da mulher não arriscaria a própria vida por ela, entrando desarmado na fortaleza do inimigo. Ou Ranulf tinha outro motivo para enfrentar Lindsey? Será que queria certificar-se da traição e ver com seus próprios olhos a esposa nos braços do amante? Era um perigo grande demais apenas para confirmar uma história da qual certamente não duvidava. A esperança e a dúvida se alternavam em sua mente, e nenhuma saía vencedora. Então a esmeralda brilhou, como se enviasse um sinal a Morgana. Ranulf retirara aquele anel, abandonando-o no quarto dela e nunca mais o procurara. A esperança renasceu, imaginando que o marido voltara a usar o presente de casamento para demonstrar-lhe confiança em sua inocência. Então, o raciocínio frio destruiu mais uma vez a ilusão. Há menos de vinte e quatro horas, ele acreditara que a esposa era uma criminosa que por um mero acaso não o assassinara. Em tão pouco tempo, nada poderia tê-lo convencido do contrário, principalmente depois de ouvir tantos testemunhos que a incriminavam.

Lindsey não tirava os olhos de Morgana, que se esforçava para disfarçar o nervosismo. Se ele desconfiasse da verdadeira identidade dos dois bardos "errantes", ele os mandaria matar.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Bela canção! — aplaudiu Lindsey no final da música. — Sirvam comida e bebida a nossos hóspedes inesperados e depois eles nos agradecerão com outras melodias.

Sentado no banco em frente à mesa principal, Ranulf observava Morgana. Não imaginara que ela estivesse tão tranqüila ao lado de seu raptor. Ou não teria sido forçada a acompanhá-lo?

A voz de Lindsey interrompeu sua divagação.

— Percebi que gostou muito da música, querida. — Ele aproximou-se mais de Morgana. — Confesso que também me agradou, embora ignorasse esse excepcional talento de sir Ranulf.

— Como? — Percebendo que revelara seu choque, Morgana tentou disfarçá-lo. — Não compreendo o motivo de sua associação de idéias.

— Então serei mais claro, querida. — Lindsey continuava a falar no mesmo tom de voz enganadoramente calmo. — Sir Ranulf e esse garoto magrela foram reconhecidos ao se apresentarem no portão de minha fortaleza. Sem dúvida, eles esperavam passar por desconhecidos e, durante a noite, a levariam embora daqui.

Agora Daffyd demonstrava seu talento, tocando uma canção triste que prendia a atenção de todos. No enorme salão, ninguém se deu conta do drama que se desenrolava na mesa principal. À beira do pânico, Morgana não conseguia controlar o tremor da voz.

— Quais são suas intenções a respeito deles?

— Ora, querida... a decisão cabe apenas a você. — E passou-lhe o braço pela cintura. — Basta uma palavra e darei ordens a meus soldados para matarem os dois aqui e agora. Eu nunca me esquecerei como seu marido a maltratou, mas... se você continua apaixonada pelo galante sir Ranulf, é só me pedir que os liberte e seu desejo será concedido.

Morgana sabia que Lindsey estava mentindo e lhe preparara uma armadilha.

— Pensei muito sobre o que me contou ontem e embora seja penoso admitir, acredito em suas afirmações. Sir Ranulf elaborou um plano perfeito para se livrar de mim e não posso amar um homem que deseja minha morte. Pretendo pedir a anulação de meu casamento e exigirei que seja concedida com toda a rapidez!

Infelizmente, a canção terminou enquanto Morgana ainda falava e parte de suas palavras foram ouvidas claramente por todos. Ranulf parou de reajustar as cordas da harpa por uma fração de segundo, mas controlou-se, continuando a demonstrar uma calma indiferente. No entanto, não devia surpreender-se com as palavras da esposa e muito menos sentir-se tão ferido.

Observando Ranulf com o canto dos olhos, Lindsey acariciava o braço de Morgana. Ela lutava para não revelar a repulsa que aquele contato odioso lhe causava e provocar a morte do marido e do pobre Daffyd.

— Não imagina como me alegro por saber que você recuperou o bom senso, querida.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Só Morgana notou o movimento da mão de Lindsey, um sinal para que os soldados se aproximassem disfarçadamente dos trovadores. Alarmada, ela tentou levantar-se da mesa, mas foi impossível soltar-se dos dedos que prendiam seu pulso com firmeza.

— Eu a vingarei, amor. É só pedir e eu os matarei diante de seus olhos.

— Eu detesto violência. — Ela estava pálida e a ponto de desmaiar. — Embora minha união com sir Ranulf tenha sido uma farsa, não quero estragar uma noite festiva com derramamento de sangue. Prefiro a anulação do casamento a uma outra viuvez.

— Ah! Você se acha muita esperta, não é? Eu quero uma prova concreta, não confio em suas palavras, Morgana querida! Mostre-me que não ama sir Ranulf... demonstre através de um beijo!

As vidas de Ranulf e Daffyd dependiam de sua decisão e Morgana só poderia salvá-los se aceitasse o desafio de Lindsey. Erguendo a cabeça, controlou a repulsa enquanto sentia os lábios ávidos deslizarem sem pressa sobre seu rosto até se apossarem de sua boca. O beijo foi longo, possessivo e ardente, uma demonstração pública de domínio.

Mesmo com os olhos fechados, Morgana sentia que todos os olhares fixavam-se nela. Sem dúvida, muitos divertiam-se com a atitude de sir Lindsey, que tratava sua hóspede, uma dama de alta estirpe, como se ela fosse uma amante sem pudor Ou uma prostituta. Quanto aos pensamentos de Ranulf, preferia não imaginar quais fossem ou perderia o controle que a ajudava a suportar aquela infâmia.

Quando Lindsey soltou-a, a primeira reação de Morgana foi olhar para o marido. A expressão de Ranulf revelava um desprezo tão intenso e uma fúria tão indisfarçável que ela não suportou a vergonha e abaixou a cabeça para não vê-lo mais.

— Chega de brincadeiras idiotas! — zombou Lindsey, rindo da situação que criara. — Soldados! Prendam estes falsos trovadores!

CAPÍTULO XV

Os únicos a se moverem no imenso salão, onde estavam todos paralisados pela surpresa, foram os soldados que obedeciam ordens sem vacilar.

Imóvel, Morgana não controlou o gemido de horror, diante das espadas que tocavam os pescoços de Ranulf e Daffyd. Se eles estremecessem, seriam degolados.

Lindsey apertou-a mais junto a si, quase impedindo-a de respirar. Ele punia sua demonstração de angústia, segurando-a com violência.

— Suas emoções são transparentes como a água, querida! Ainda ama seu marido e não conseguiu fingir com muita habilidade. Talvez o melhor seja matá-lo agora, eliminando meu rival mais odiado e também o único empecilho para que nos casemos em poucos dias.

Enquanto Morgana tentava, desesperadamente, encontrar um argumento que o impedisse de cumprir a ameaça, Lindsey a fitou com uma expressão diabólica.

— Ah! Eu realmente não gostaria de iniciar nossa eterna união com um ato sangrento. Com a sua cooperação, querida, seus trovadores talvez sobrevivam...

Lindsey a tomou nos braços, mas desta vez não se limitou a beijá-la. Suas mãos cobriam-lhe os seios afastando o tecido até tocarem a pele macia. Revoltada com o tratamento humilhante a que ele a submetia diante de centenas de olhares maliciosos, Morgana sentiu um impulso incontrollável de reagir àquela violação pública. Então, quando desviou a cabeça para fugir do contato, viu os guardas aproximarem ligeiramente as espadas dos pescoços de Ranulf e Daffyd. Ela desistiu de lutar e aceitou a vergonha.

— Ah! Agora você me excitou, querida. Eu sabia que logo a convenceria a aceitar o meu ponto de vista sobre a única realidade possível.

Sem soltá-la, Lindsey forçou-a a tomar um gole de vinho de sua taça.

— Nós nascemos um para o outro! Quando a levaram para Londres, obrigando-a a casar-se com lorde Hartley, eu senti um ódio capaz de me transformar em um criminoso. Felizmente, fui salvo de cometer um assassinato porque logo soube dos rumores sobre as atividades subversivas de seu irresponsável marido. Percebi que bastaria esperar e logo a teria só para mim. Nunca tive dúvidas de que você voltaria para os meus braços.

A voz de Lindsey já revelava um início de embriaguez. Morgana ofereceu-lhe sua taça de vinho, na esperança de que se embebedasse ainda mais e perdesse a capacidade de raciocinar. Ele não caiu na armadilha, afastando a bebida com um sorriso sarcástico.

CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

— Está querendo me embebedar, não é? Desista, querida. Eu só não continuarei bebendo hoje porque pretendo seguir meus planos. Esta noite você se entregará a mim... de livre e espontânea vontade.

— Se eu ainda tinha alguma dúvida, agora estou certa... você é louco, Lindsey!

— Louco, de desejo por você, querida. — Ele deslizou as mãos pelos quadris de Morgana, antes de dar mais um passo na direção de seu objetivo. — Para provar-lhe que não sou um homem sem piedade ou incapaz de ceder aos anseios secretos da mulher amada, colocarei a decisão em suas adoráveis mãos. Libertarei sir Ranulf e seu jovem harpista, mas, como todos sabem, a vida tem um valor inestimável. Eu não exigirei muito... apenas um preço simbólico que você poderá pagar sem a menor dificuldade.

Ninguém se movia no salão, não se ouvia nenhum som. Todos fitavam imóveis o drama que se aproximava do desenlace.

— Quero você na minha cama esta noite, Morgana. Seja sensata! Afinal, não se trata de um favor tão grande se pensar que sua submissão salvará duas vidas. Entregue-se voluntariamente e eu permitirei que os dois partam incólumes.

Certa de que Lindsey era mesmo louco, Morgana desconfiava daquela oferta, aparentemente simples.

— Não confio em você, Lindsey. Deve haver alguma armadilha a espera deles e de mim!

— Ah, querida, ainda não posso controlar seus pensamentos, não é? No entanto, você não tem muitas opções.

Angustiado, Morgana olhou novamente para os prisioneiros. Ranulf permanecia ereto e absolutamente alheio ao perigo, mas Daffyd temia e lágrimas brilhavam em seus olhos. Lindsey conseguira prender os três em uma trama diabólica e da qual não havia como fugir.

— Leve-os para a masmorra! — gritou Lindsey, decidido a apressar a decisão de Morgana.

Ela o encarou, com o rosto transtornado pelo desespero, os olhos brilhando no rosto pálido.

— Jure por Deus e por sua alma imortal, que honrará a promessa feita diante de tantas testemunhas, Lindsey.

— Eu juro, querida. E para provar-lhe minhas boas intenções, permitirei que assista a partida deles.

Os soldados já conduziam Ranulf e Daffyd para a masmorra e eles não tinham meios de lutar contra dezenas de homens armados. Só ela podia salvá-los e nenhum preço seria alto demais.

— Você venceu, Lindsey. Quando eu enxergar com meus próprios olhos que eles estão suficientemente distantes de sua fortaleza... cumprirei minha parte e pagarei o preço combinado.



CLR - A Senhora das Ruas - Marianne Willman

— Não pedirei que jure por sua alma imortal, querida. Acho bem mais apropriado que jure por algo cujo valor talvez seja maior para você. Prometa, pela vida de seu marido, que não voltará atrás quando ele estiver livre.

— Eu juro por Deus, e por todos os santos.

— Ótimo! Só resta mais um detalhe a ser esclarecido. Não quero que sir Ranulf volte dentro de alguns dias para atacar minha fortaleza, disposto a salvar a pobre esposa prisioneira. Você precisa avisá-lo que permanece ao meu lado por vontade própria e esforçar-se por convencê-lo. Se ele não acreditar em seus argumentos, querida... juro que não sairá vivo dos meus domínios.

Segurando-a pelo braço, Lindsey arrastou Morgana até uma sala que se abria para o pátio externo. Daffyd estava de joelhos, vomitando, e Ranulf, que se curvara para apoiá-lo, soltou-o ao ouvir passos. Ele fitou a esposa com um olhar frio e sorriu cinicamente.

— Julgando por sua excelente aparência, as perigosas aventuras em que se envolveu só lhe fizeram bem, milady.

Morgana sentia uma dor no peito como se um coração pudesse realmente se partir em mil pedaços. Naquele momento, ela renegava todos os princípios honrados por seus ancestrais e, dando o braço a Lindsey, cometeu uma traição da qual jamais se perdoaria.

— Ignoro o motivo de sua aventura insensata nem por que correu tantos riscos ao entrar na fortaleza de um inimigo declarado... a não ser que tenha vindo espionar-me. Seus problemas chegaram ao fim, sir Ranulf. Já não precisa preocupar-se com minha rebeldia e pode conseguir a anulação de nosso casamento com a rapidez que nós dois desejamos. Você ficará livre de uma esposa sobre a qual paira o estigma de bruxaria e eu... poderei unir-me a um homem cuja posição é mais compatível com a minha.

O ódio de Ranulf atingiu-a com o impacto de uma agressão física.

— A feiticeira de Griffin... a Loba de Gales encontrou seu parceiro, não é? Seja sincera uma vez na vida, Morgana: Sentiu alguma afeição por mim ou tudo não passou de fingimento, falsidade e mentiras?

— Foi uma farsa e desempenhei meu papel com perfeição. Sempre tive o dom da dissimulação.

— Eu era um homem feliz até o maldito dia em que a conheci e você me envolveu numa teia de encantamento. Eu a amei muito, Morgana. Agora, quero que vá para o inferno, o lugar ideal para falsos, mentirosos e bruxas sem coração.

Incapaz de suportar a visão do rosto que tanto amava distorcido por emoções conflitantes e violentas, Morgana soltou o braço de Lindsey e fugiu.

Lindsey permaneceu, sorrindo para o rival derrotado.

— Leve os prisioneiros até o pátio e abra os portões para libertá-los quando eu lhe der o sinal.



O vento cortante que soprava no alto da muralha não afetava

Morgana. Ela perdera a capacidade de sentir qualquer emoção após ter ferido Ranulf com crueldade, destruindo a sua dignidade e desonrando-o com sua traição.

Na noite escura e sem lua, os dois prisioneiros foram escoltados até a ponte levadiça. Apesar da distância, ela reconheceu Ranulf, agora ereto, e a cabeleira tingida de Daffyd. Recusou-se a afastar-se do parapeito, suspeitando de algum truque secreto preparado por Lindsey. Só acalmou-se quando alcançaram o campo aberto e começaram a galopar na direção do Castelo de Griffin.

Com os olhos cheios de lágrimas, despediu-se para sempre de uma vida que findava. Mesmo se seus homens atacassem Lindsey para salvá-la, seria tarde demais. Morgana nunca se livraria da vergonha de ter pertencido a um homem que só merecia desprezo. E se por milagre sua inocência fosse provada e Ranulf acreditasse que ela nunca tivera culpa, como se sentiria? Seu orgulho masculino não suportaria a vergonha de aceitar de volta uma esposa que dormira com outro homem, mesmo se o objetivo do adultério fosse salvar-lhe a vida. Se não a repudiasse de imediato, jurando que o relacionamento entre eles permaneceria igual, o tempo se encarregaria de afastá-lo. Cada toque, cada carícia o lembraria que seu corpo se unira ao de Lindsey.

"Adeus, Ranulf, adeus meu único amor... Que Deus o ajude a esquecer porque perdoar minha traição nem eu mesma conseguirei..."

Morgana teria permanecido no alto da torre até o amanhecer, mas Lindsey não pretendia esperar tanto tempo. Abraçando-a com avidez, tentou despi-la, apesar de estarem à vista dos arqueiros a postos com suas seteiras.

Enfurecida, ela lutou para impedir que ele a possuísse, humilhando-a diante de seus soldados. Seu vestido estava rasgado e Lindsey não tomava conhecimento dos golpes de Morgana que o atingiam com violência.

— Não adianta resistir, minha cara. — Finalmente ele reconheceu a força da resistência dela. — Nós fizemos um acordo e você prometeu cumpri-lo.

— Prefiro quebrar uma promessa de que violar os juramentos sagrados do casamento!

— Que casamento? Você realmente tem o dom da dissimulação, Morgana. Representou tão bem seu papel que Ranulf a repudiará abertamente, acusando-a de criminosa e... prostituta.

Morgana recusava-se a se intimidar com essa violência verbal. Se demonstrasse medo, apenas excitaria a paixão animal daquele homem que usava a crueldade para aumentar o desejo.

— Sinto vontade de gargalhar quando lembrou que foi seu própria marido quem contratou o irmão Lewis e pediu-lhe para fazer uma planta completa do Castelo de Griffin. Ele me ajudou muito.

— Meus homens não permitirão que eu permaneça para sempre como sua prisioneira e logo organizarão um ataque. Descobrirão que Desmond mentiu e virão socorrer-me.

— Mesmo arriscando-se à cólera de sir Ranulf? Eu pago muito bem meus espões, entre eles o mercenário Garth e sua amante... conhece Melva, não? Eles se encarregaram de espalhar o boato que nós dois somos amantes. E a velha das plantas tem pavor de ser acusada de bruxaria e adora minhas moedas de ouro, portanto, continuará jurando que você comprou um veneno destinado ao seu marido.

— Então... você participou dessa infâmia?

— Ora! Nunca pensou nisso, querida? Só uma inteligência brilhante pode criar um plano à prova de erros. Eu fui o arquiteto oculto e manipulei todos os fantoches. O último dos rumores que mandei espalhar foi a respeito do túnel entre o seu castelo e minha fortaleza. Agora todos já sabem que nós dois usávamos essa passagem secreta para nossos encontros clandestinos. Enfrente a realidade, Morgana. Você não tem mais nada nem ninguém... só eu existo em sua vida.

Atordoadas pelas revelações de Lindsey, Morgana só conseguia pensar que nada importava a não ser a vida de Ranulf e Daffyd. Realmente, perdera tudo e nunca mais poderia voltar ao mundo em que vivera antes da tragédia, mas salvara seu amor.

— Nada que você faça ou diga poderá alterar seu destino, Morgana. Conformer-se à sua nova vida e seja honesta. Eu cumpri minha parte... agora chegou a sua vez!

Dois soldados de aparência sinistra escoltaram Morgana para um quarto próximo ao que ela usara até aquela noite. A tímida Jenet a esperava e conduziu-a a um aposento ainda mais faustoso e exoticamente decorado. Aliás, só vira esse estilo extravagante em gravuras vindas do Oriente.

Azulejos dourados cobriam o chão e as paredes, havia divãs espalhadas pelo quarto e uma imensa cama com almofadas de seda e brocado. Morgana não se surpreendeu com a excentricidade de Lindsey. Lembrava-se de que ele viajara para a terra dos sarracenos e tinha se apaixonado pelos costumes orientais. Aliás, a roupa que Jenet lhe trazia para vestir demonstrava essa obsessão pela Ásia distante e misteriosa.

— Lorde Lindsey pediu-lhe que usasse este traje. Morgana não deu uma gargalhada porque sua situação estava mais próxima da tragédia de que de uma farsa cômica. Só um louco como Lindsey imaginaria que ela fosse vestir aquele colete curto e aberto na frente e a saia de seda verde, transparente sem forro.

— Ele perdeu a cabeça! — exclamou Morgana, revoltada. — Eu estaria menos nua com o véu que uso para ir à missa.

— Mas não acha nem bonita? — Jenet estendeu a roupa sobre a cama. — Vieram dos bazares do Oriente e pertenciam a Alfreda, a última senhora de Lindsey antes de sua chegada, milady.

— Não acredito que lady Lindsey aceitasse usar esses trapos escandalosos.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Oh, não! Não estou falando dessa pobre mulher. Pertenciam a Alfreda, que veio de Londres e costumava dançar para lorde Lindsey com esses trajes transparentes quando os dois se encontravam a sós. Ele quer que a senhora faça o mesmo.

— Ah! Esse homem é completamente louco! Recuso-me a fantasiar-me de prostituta e muito menos dançar seminua diante dele!

— Por Deus! Não o desafie, milady! Alfreda sempre me tratou bem e vivia sorrindo porque sentia-se segura de seu lugar ao lado de lorde Lindsey. Então... há três meses, ela o contrariou pela primeira vez e descobriu o poder de sua cólera. Não queria dançar na frente de seus convidados...

A expressão de pavor no rosto da criada aumentou a tensão de Morgana. Mesmo com medo do que iria ouvir, precisava saber qual fora o destino da pobre Alfreda.

— Ele a puniu muito severamente, Jenet?

— Foi uma tragédia, milady. Lorde Lindsey desembainhou sua espada e ameaçou matá-la se não o obedecesse. Alfreda teve de ceder, é claro. Então, depois da dança, ele a ofereceu a seus convidados para que satisfizessem seus desejos carnavais. A pobre mulher não sobreviveu àquela noite terrível.

Aquele comportamento revoltante que provocaria incredulidade e dúvidas sobre a sanidade mental da criada apenas confirmou os pressentimentos de Morgana. Ela percebera, por pura intuição, que Lindsey criara um mundo à parte, no qual ocupava uma posição de poder absoluto, dispondo da vida de seus vassallos como se fossem peças de um jogo de xadrez. Senhor supremo de seu império particular, exigia obediência total e, se fosse contrariado, transformava-se em um monstro capaz de ultrajantes punições.

Morgana imaginava o terror de Alfreda ao ser tocada pelas mãos brutais de Lindsey e estava decidida a não se submeter a essa degradação. A criada não notara o punhal que sempre carregava no bolso de seu vestido. Feito para cortar carne à mesa, tinha centenas de outras utilidades na rotina doméstica, mas não podia ser considerado uma boa arma de defesa.

No entanto, serviria para ferir gravemente um ser humano e seria usado antes de a noite findar.

Escondendo-o sob o colchão, Morgana ainda não sabia se utilizaria a arma contra Lindsey ou se mataria antes de cumprir sua parte no acordo revoltante. Sua promessa fora obtida através de coação. Apenas cedera a Lindsey para salvar a vida de dois seres humanos a quem amava. As circunstâncias de seu juramento a dispensavam de honrá-lo. Depois do desempenho convincente daquela noite, não poderia contar com a ajuda de Ranulf e dependia de suas próprias forças. Se não conseguisse ferir Lindsey e fugir, não viveria mais do que algumas horas. Nada porém a impediria de tentar!

Mais confiante, ela deixou que a criada a vestisse e colocasse as jóias retiradas de um cofre de ébano. Quando olhou-se no espelho, ficou trêmula e pálida com o que



viu. A seda translúcida realçava a pele alva e o contorno suave de seu corpo. Morgana sentiu um medo nunca antes imaginado.

— Oh! Milady! Vai deslumbrar lorde Lindsey — exclamou a criadinha, fascinada.

— A senhora é muito mais bonita e seu corpo mais bem-feito do que o de Alfreda. Só imploro, mais uma vez, que não o contrarie. O temperamento dele piorou nos últimos meses e sua brutalidade aumenta a cada dia que passa.

— Por que continua aqui se o teme tanto, Jenet?

— Não tenho para onde fugir, milady. Vim com Alfreda, que me contratou em Londres onde eu vivia na miséria depois de perder toda a minha família. Não fiz amigos por aqui e sinto um pavor incontável de lorde Lindsey e... de sir Guy. Esse cavaleiro desejava a minha senhora e, depois da morte dela, começou a prestar atenção em mim. Vivo em pânico, mas sei que não escaparei do meu destino, pois não me resta ninguém no mundo.

Retirando o anel com seu emblema, Morgana entregou-o à criada.

— Não se desespere, Jenet. Se você conseguir escapar desta fortaleza, vá para o Castelo de Griffin. Procure por lady Winifred, a esposa do intendente, e entregue a ela o meu anel, mas o faça em segredo. Pelo amor que ela teve por mim, a acolherá com carinho.

Abismada, Jenet mal acreditava no que ouvia. Em sua vida de sofrimento e servidão, nunca encontrara ninguém que demonstrasse tanta bondade.

— Diga-me o que fazer para auxiliá-la — Jenet ajoelhou-se aos pés de Morgana. — É só pedir...

— Agora já não existe ninguém no mundo que possa me ajudar. Ao menos, meu sacrifício não será em vão porque salvei a vida de meu marido. Eu o queria vivo e em liberdade a qualquer preço e pagarei o combinado, suportando a degradação.

A criada fitou-a com espanto e moveu os lábios como se fosse falar. Então, mudando de idéia, curvou-se diante de Morgana e saiu correndo do quarto.

Sozinha, Morgana concentrou-se em seus planos. O objetivo daquelas roupas transparentes era despertar o desejo dos homens e, embora não pretendesse satisfazer a luxúria de Lindsey, usaria seu corpo seminu para distraí-lo. Precisava ganhar tempo suficiente para descobrir um modo de escapar.

Lindsey já bebera em excesso e, se o convencesse a tomar mais algumas taças de vinho, talvez ele perdesse a consciência. Então, procuraria o túnel por onde viera e, por mais difícil que fosse, acabaria encontrando a saída. Só que não poderia entrar no mosteiro com roupas tão escandalosas!

Jenet levava seu vestido e naquele quarto só estavam as roupas de Lindsey. Ela escolheu uma calça e uma camisa de tons sombrios, uma ampla capa preta e escondeu-as junto com o punhal. Conseguira completar os preparativos para a primeira parte de seu plano e só pensaria na etapa seguinte quando chegasse ao mosteiro. Aliás, nem

teria tempo porque nesse momento ouvira vozes e passos aproximando-se pelo corredor.

Afobada, Morgana apagou as velas e deitou-se na cama, tentando controlar o nervosismo. A luz fraca das lamparinas orientais ajudaria a disfarçar algum sinal involuntário de suas intenções de fuga. Assumindo uma postura de languidez, observou-o atravessar o quarto, cambaleante e ainda com a taça de vinho nas mãos.

Então, o imprevisto forçou Morgana a mudar seus planos. Não contara com a avidez de Lindsey em possuí-la, e, antes que pudesse oferecer-lhe mais vinho, ele já se despira e aproximava-se rapidamente da cama. Como não conseguiria distraí-lo e usar um dos candelabros de bronze para desmaiá-lo, só restava uma opção. Virando-se na cama, apanhou o punhal e enfrentou-o.

— Não ouse chegar perto de mim!

— Pretende enterrar essa arma ridícula no seu peito ou no meu? — Lindsey agora movia-se com mais lentidão. — Como eu previa, você nunca pretendeu cumprir sua promessa. Quer saber por que sua falsidade não me surpreende nem me decepciona? Sempre acreditei que nós dois somos idênticos, e formaríamos um casal bem combinado. Afinal, também não honrei minha palavra.

— O quê?

O choque causado pela declaração de Lindsey abalou Morgana com tal intensidade que não conseguiu reagir com rapidez suficiente. Quando recuperou a lucidez, já fora dominada pela força e perdera sua única arma. Forçando-a de encontro ao colchão, ele sorria com ar de triunfo.

— Tente me ouvir, Morgana. Não fará a menor diferença se você pretende ou não cooperar comigo. Eu perderei o tempo que for preciso, mas acabarei dominando-a e talvez até aprenda a amar.

— Nunca! Amarei Ranulf até o último dia de minha vida.

— Ou o último dia da vida delel — Lindsey deu uma gargalhada sinistra. — Você confia demais nas pessoas e não é astuta o suficiente, Morgana. Dois de meus homens atravessaram a ponte levadiça e, por terem um físico semelhante, você acreditou que estava vendo seu marido e o harpista. Pois enganou-se, querida. Seu amado Ranulf foi jogado em uma cela, amarrado por grossas correntes.

— É mentira! — Morgana mal podia falar. — Nem você seria capaz de um ato tão infame.

— Garanto-lhe que não estou mentindo. Eu pretendia matá-lo imediatamente e então achei que a morte seria uma vingança rápida demais. Ele passará as últimas horas imaginando a sua esposa em meus braços.

Sem conter as lágrimas, Jenet esgueirou-se pelos corredores sombrios, tentando passar despercebida pelos guardas. Apesar de seu desinteresse pela situação dos criados, lady Alfreda sempre fora gentil com ela e nunca a castigara como lorde Lindsey, que punia com brutalidade quem o desagradasse. Depois da morte

trágica de sua senhora, ela não controlava mais o terror, que crescia diariamente. A timidez excessiva e a aparência modesta tinham evitado que despertasse muito interesse, mas também não se livrara de ocasionais violações. Nenhuma criada jovem escapava da luxúria dos rudes mercenários de lorde Lindsey.

Sempre alerta, Jenet escondeu-se no canto mais escuro do corredor ao ouvir vozes masculinas. Quando o ressoar das botas sobre o chão de pedra aproximou-se de seu esconderijo, ela arriscou-se a espiar, intrigada com o movimento naquela ala pouco freqüentada. Reconhecendo os guardas designados para retirar sir Ranulf e o harpista do salão, deduziu que os prisioneiros não tinham sido levados para as masmorras subterrâneas e sim para a sinistra torre negra. Ao amanhecer, seriam atirados do alto da torre sobre as rochas pontiagudas à beira-mar, onde os abutres e os animais marinhos eliminariam o pouco que restaria dos corpos esfaqueados pela queda.

Jenet começou a chorar pensando nos dois homens atraentes e corajosos que esperavam a morte, sem possibilidade de encontrar um amigo que os ajudasse a fugir. E a pobre lady Morgana a única pessoa a lhe oferecer a chave para sair de uma vida de terror e servidão, acreditava que eles estavam em liberdade.

Finalmente o som dos passos desapareceu a distância e Jenet prosseguiu a rota tortuosa que a levaria a seu esconderijo. Nenhum criado sabia que ela descobrira aquele quarto em total abandono. No passado, tinha sido uma sala destinada às costureiras, depois o transformaram em depósito de armaduras velhas e agora, sem qualquer utilidade, era apenas dela.

Jenet espantava-se por não terem desconfiado de seu segredo porque os criados sempre sabiam muito mais do que seus senhores imaginavam. Nunca diziam nada, mas descobriam como furar os barris de vinho e cerveja e retirar a bebida sem deixar vestígios ou como lady Whitfield encontrara um modo de receber lorde Lindsey em seu quarto depois que o marido dormira ou... onde se guardava a outra chave da torre negra, usada apenas por amantes clandestinos.

Levantando-se da cama improvisada, Jenet hesitou por uma fração de segundo. Se fosse apanhada em flagrante, ela certamente morreria. No entanto, apesar dos perigos, valia a pena tentar, pois significava a liberdade de quatro prisioneiros. Decidida a se arriscar, correu até a porta da torre, deslocou a pedra certa e pegou a chave. Estava empurrando a porta pesada, quando ouviu passos no corredor.

A resistência feminina sempre aumentava a excitação de Lindsey e Morgana não desistia de lutar. Além disso, desejava-a havia muitos anos e queria saborear o gosto da vitória, usufruindo cada segundo daquela posse que fantasiara milhares de vezes.

— Que pensamentos ocuparão a mente de seu marido nas últimas horas à espera da morte? Que emoções sentirá ao imaginar que estamos nus e vibrando de prazer?

— Eu vou matá-lo, Lindsey.

Morgana não tinha muitas esperanças de cumprir essa ameaça. Estava perdendo as forças e logo não conseguiria mais se defender.



— Não se debata tanto, querida. No salão, você comportou-se com uma doçura ímpar. Por que não demonstra agora como pode ser meiga?

Lindsey beijou o pescoço de Morgana que, reunindo suas últimas energias, conseguiu escapar daquele contato repugnante.

— Solte-me! Eu fingi apenas para salvar a vida de Ranulf. Agora ele morrerá pensando que sou uma adúltera e suas últimas palavras serão para me amaldiçoar.

— Pobre tola! Ele lutou desesperadamente enquanto o retiravam do salão porque pretendia libertá-la de minhas garras! Nenhum homem arrisca a vida entrando na fortaleza de um inimigo para salvar uma mulher que despreza.

Com o punhal de Morgana, ele cortou o cordão dourado que unia as duas partes do colete. Ainda resistindo, ela tentou agarrar a arma e, com os movimentos bruscos, a ponta afiada arranhou superficialmente seu seio esquerdo. Atordoada, custou a perceber que o sangue escorrendo em seu peito vinha de um ferimento na mão de Lindsey.

— Miserável!

Enlouquecido, ele deu-lhe um tapa no rosto, manchando a pele alva de Morgana com o sangue que escorria profusamente do corte em sua mão. Sem calcular a extensão de sua violência, agrediu-a novamente e, desta vez, ela não reagiu mais.

Desmaiada, Morgana não poderia saber que a porta se abriu com estrondo e Ranulf entrou no quarto. Atrás dele ficaram o corpo de um guarda desacordado e Jenet, encostada na parede do corredor, com uma expressão de pânico.

Ranulf sentiu uma angústia profunda ao verificar que chegara tarde demais. Morgana estava imóvel e coberta de sangue, enquanto Lindsey mantinha ainda o punhal em suas mãos.

— Você a matou, covarde! Agora pagará com sua própria vida!

Os dois homens se enfrentaram em condições desiguais. Ranulf era mais forte e o ódio aumentava sua violência, mas Lindsey conhecia todos os truques desonestos para vencer uma luta. Só havia uma certeza comum: ambos sabiam que apenas um sairia vivo daquele quarto.

Lindsey percebeu rapidamente que não resistiria por muito tempo à violência do oponente. Rolando pelo chão, alcançou um dos candelabros de bronze e atingiu Ranulf de surpresa. Aproveitando a momentânea imobilidade do outro, ele agarrou a espada, mas não tinha mais tempo. Sons vindos do corredor indicavam que os homens de Griffin estavam dentro de sua fortaleza e preferia salvar sua pele a perder minutos preciosos matando seu rival.

Segurando a cabeça, Ranulf levantou-se e correu na direção de Lindsey, que parara ao lado da lareira. Subitamente, não havia mais ninguém diante de seus olhos! Ainda estonteado, ele foi até a parede, disposto a perseguir o assassino de Morgana. O Castelo de Griffin e a fortaleza Lindsey tinham sido construídos pelos mesmos homens e não seria difícil encontrar o segredo para encontrar a entrada do túnel.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

Realmente, Ranulf não gastou nem cinco minutos até deslocar uma das pedras na base da lareira e contemplar o retângulo escuro que o levaria a Lindsey. Antes de entrar, olhou mais uma vez para Morgana, prometendo-lhe que sua morte seria vingada.

Um ligeiro movimento na cama levou Ranulf a pensar que o golpe de Lindsey afetara sua visão. Mas haveria também atingido sua audição? Ele tinha certeza que ouvira um gemido!

— Morgana? — Ele tocou o rosto pálido onde já se notava uma mancha negra. — Está me ouvindo?

Entreabrindo os olhos, ela acreditou que morrera e estava reencontrando seu amor também assassinado por Lindsey. Só quando sentiu os lábios quentes tocarem seu rosto, entregou-se aos braços que a protegeriam de todos os perigos.

— Amor... eu pensei que você estivesse morta.

— E eu achei que você me odiava depois de ter ouvido tantas mentiras... Você não...

— Precisamos fugir logo deste lugar, querida. Esclareceremos tudo quando estivermos em segurança.

— Mas como escapou da masmorra?

— Jenet arriscou sua vida para nos salvar.

Então Morgana notou a jovem que continuava parada à porta do quarto.

— Ninguém me tratou com tanta bondade, milady. Eu voltaria a correr os mesmos riscos, morreria para ajudá-la.

— E você, Ranulf? Por que veio até a fortaleza de Lindsey?

Estava enfrentando um inimigo que dificilmente conseguiria vencer em seu próprio território.

— Que tipo de marido abandonaria a mulher nas mãos de um bandido sem tentar salvá-la? Achávamos que ninguém descobriria nosso disfarce até o final da noite, quando abriríamos a saída do túnel por onde entrariam sir Dyllis, Desmond e meus homens. Não conseguimos, mas agora Jenet ajudou Daffyd e nossos soldados estão invadindo a fortaleza de Lindsey. Apesar disso, ainda corremos perigo!

— Pelo menos estamos juntos. Abrace-me para provar que o pesadelo terminou, amor.

Ranulf tomou-a nos braços, mas não pelo tempo que Morgana desejaria.

— Sinto muito, querida. Não podemos perder nem mais um minuto. É capaz de se vestir sozinha enquanto verifico a situação nesta ala da fortaleza?

— Eu a ajudarei — disse Jenet, entrando no quarto. — Temos mesmo de nos apressar porque devem ter incendiado o salão. Vi fumaça no fundo do corredor.

Enquanto Jenet vestia Morgana, que ainda não se recuperara completamente, Ranulf foi até o final do corredor onde ficava a escada para o salão. Ele retornou tossindo e, fechando a porta do quarto, apressou as duas.



— O fogo se alastrou demais e nossos homens não conseguirão chegar até aqui. Como não poderemos pular a janela, que é alta demais, só nos resta usar a mesma saída de Lindsey.

— Ele está armado. — A lucidez de Morgana retornava e sua primeira reação foi pegar seu punhal.

— Sim, mas acredito que Lindsey prefira salvar sua pele a enfrentar o menor risco. A esta hora já deve estar a caminho da fortaleza de algum dos seus aliados. Eu cuidarei dele assim que resolvermos os nossos problemas.

A fumaça já invadia o quarto e Ranulf entrou no túnel, levando uma tocha. Jenet o seguia e Morgana vinha por último com uma vela. No início da caminhada pelas passagens escuras, a luz que traziam não os ajudava a enxergar um passo à frente, por causa da fumaça. Estavam passando perto do salão: sentiam o cheiro de madeira queimada, o calor irradiando-se da parede.

Atrás deles, o estrondo de pedras caindo indicava que a fortaleza se desmoronava.

Finalmente a brisa perfumada do mar chegou até eles. Entravam em outro túnel que Morgana não reconheceu, mas devia ter saída para fora da fortaleza, porque era possível avistar a distância.

— Cuidado! — sussurrou Ranulf, parando bruscamente.

Ele ouvira um ruído muito baixo que poderia ser apenas a passagem de um dos animais daquele mundo sombrio. No entanto, só um tolo prosseguiria sem certificar-se de que não corriam perigo. Os três permaneceram imóveis e em silêncio. Um vento repentino apagou a tocha e então, tudo aconteceu rapidamente.

Ranulf escorregou nas pedras molhadas e antes que Morgana pudesse aproximar-se, ouviram uma voz muito próxima.

— Você nunca a terá, miserável!

Em plena escuridão, ecoou o grito agudo de Jenet e Morgana foi derrubada ao chão, sem saber o que a atingira. A poucos passos dali, soavam ruídos característicos de um combate corpo-a-corpo e mais longe uma voz chamando alguém. O eco, porém, distorcia os sons.

Então Morgana avistou uma figura que corria em sua direção, carregando uma tocha. Já estava com o punhal na mão para enfrentar mais um inimigo quando reconheceu o uniforme de seus homens.

A luz da tocha iluminou uma cena macabra. Jenet estava caída no chão, com a garganta cortada e logo adiante Ranulf e Lindsey, de espada na mão, fitavam-se prestes a iniciar a batalha final.

Os dois homens usaram toda a sua perícia e nenhum deles conseguia superar a habilidade do oponente. Angustiado, Morgana cruzou a caverna para pedir socorro ao soldado que permanecia imóvel e notou o choque de Lindsey ao vê-la.

Trêmula, conscientizou-se de que Jenet morreria em seu lugar, porque Lindsey preferira matá-la a saber que Ranulf a teria. Fora salva por suas roupas masculinas.

Os sons de espadas se chocando ecoavam na caverna. O chão escorregadio impedia uma movimentação mais rápida, mas Ranulf avançava, passo a passo, forçando o rival de encontro à parede rochosa. Morgana não suportava mais a angústia, rezando em desespero pela vida do marido.

A exaustão atingiu Lindsey antes de diminuir as energias de seu rival. Ele perdeu uma fração de segundo, ao aparar o golpe de Ranulf, e quando se envaidecia por ter escapado, foi fatalmente atingido. A espada, atravessando seu corpo, bateu na pedra às suas costas e o som que ressoou na caverna assemelhava-se ao sino de uma capela distante.

A expressão de Lindsey revelava sua surpresa diante de uma derrota inconcebível. A espada soltou-se de sua mão e fitou Morgana com a mesma incredulidade, antes de cair silenciosamente ao chão.

Ranulf também abandonou a arma e abriu os braços para Morgana.

— Tudo terminou, Ranulf. Finalmente tudo acabou!

— Sim, amor. Agora os pesadelos acabaram e uma nova vida espera por nós.

O vento do mar trazia o perfume agreste das praias de Gales. Sem esperar pelo final do combate, que continuava dentro da fortaleza, os dois se encaminharam para a saída. As barreiras finalmente ruíam e nada conseguiria separá-los. A longa jornada de sofrimento daria lugar agora a uma aprazível viagem guiada pelo amor.

EPÍLOGO

Os sons se alçavam no espaço levando ao alto da torre a sinfonia primitiva da natureza: o estrondo das ondas de encontro aos rochedos e os gritos agudos das aves marinhas em busca de alimento. As notas cristalinas da harpa acompanhavam com uma melodia singela o canto de louvor à primavera.

Encostada no parapeito, Morgana fitava o marido, feliz pelo raro momento de solidão a dois. A torre oeste, de frente para o mar, estava sempre deserta pois já não se temiam os ataques repentinos dos viquingues que surgiam sorrateiramente no meio da neblina como dragões assustadores esculpidos nas proas de seus navios. O patamar suspenso no espaço substituíra os outros esconderijos do casal e ninguém descobrira ainda onde procurá-los durante as longas e misteriosas desapareições.

E, por algumas semanas, eles não poderiam escapar para seu refúgio e saborear a felicidade de ficarem juntos e distantes do mundo. O campo, a leste do castelo, estava coberto por tendas multicoloridas e os mais diversos estandartes flutuavam ao vento. Todos os senhores e vassallos do suserano de Griffin já haviam chegado para a grande festa.

A cerimônia que comemorava o início de uma linhagem de destemidos príncipes celtas trazia a Griffin toda a nobreza da região. A solenidade do acontecimento devia-se à sagração de novos cavaleiros e à renovação dos juramentos de lealdade. A alegria, porém, durava dias, entre banquetes, bailes, competição de trovadores que vinham de todos os cantos de Gales e o mais esperado dos eventos: o torneio. E todos sabiam que este ano seria especial, pois a fama de sir Ranulf era conhecida de norte a sul.

Pousando a harpa de Owain de Griffin numa almofada, Ranulf-segurou as mãos da esposa com a mesma reverência com que tocara as cordas do tesouro mais precioso da família. Para ele, a herança envola pela magia de Merlin talvez representasse a perpetuação do poder, mas o símbolo da felicidade era Morgana.

— Infelizmente, não podemos continuar saboreando a doçura da música, querida. Logo notarão nossa ausência prolongada e acabarão descobrindo nosso refúgio.

— Ai, você está certo — suspirou Morgana, relutante.

— O dever nos espera e há trabalho demais a ser executado em pouco tempo. Mas como não teremos outra oportunidade de nos isolarmos nos próximos dias, poderemos perder mais alguns minutos, concorda? Vamos esquecer as obrigações e imaginar que somos apenas um casal apaixonado e não os responsáveis senhores de um castelo.

CLR - A Senhora das Ruínas - Marianne Willman

De mãos dadas, eles caminharam ao longo do parapeito da torre, contemplando a paisagem. Apesar de não avistarem as ruínas da fortaleza de Lindsey, Morgana continuava afetada pelos acontecimentos sinistros que quase haviam destruído sua vida. Aquela tragédia deixara marcas profundas, mas benéficas. Ela amadurecera e dominava com mais facilidade seu temperamento explosivo. O efeito mais gratificante porém fora a nova percepção da realidade, que intensificara sua capacidade de demonstrar amor e de encontrar a felicidade nos menores detalhes do dia-a-dia.

Ranulf também mudara. Lembrava-se sempre da angústia que sentira ao ser apresentado à sua futura esposa no salão do palácio de Edward. Quem acreditaria que ambos encontrariam uma felicidade tão intensa após um início desastroso?

— Veja, Morgana!

Ela olhou na direção indicada pelo marido e avistou Bronwen atravessando o pátio, seguida por um cavaleiro de cabelos ruivos.

— Acha que Bronwen perdoará Desmond por ter acusado você de bruxaria e assassinato?

— E por que não? Eu o perdoei, querido.

Ranulf sentou-se em um dos bancos ao longo do parapeito e puxou a esposa, acomodando-a em seu colo. Apesar da resposta de Morgana, sua expressão demonstrava uma angústia profunda.

— Você não imagina quanto sofro ao pensar no sofrimento que lhe causei. Eu tentei de todos os modos encontrar uma saída para poupá-la de tanta humilhação, mas...

— Não se torture, amor. Tudo pertence a um passado que nunca mais será lembrado.

Morgana preferiria esquecer aquele assunto penoso. Infelizmente, Ranulf não conseguia conformar-se por ter submetido a esposa a uma situação degradante por falta de confiança. Insistia em recordar os acontecimentos, renovando sempre sua culpa e tentando encontrar uma justificativa.

— Eu precisava de tempo para descobrir como mudar a opinião geral e mantê-la em segurança. E não tive outra opção a não ser prendê-la em seu quarto, pois estava certo de que alguém queria destruí-la. Além disso, a multidão se exaltara e não é possível controlar uma turba decidida a queimar uma bruxa.

Acariciando o rosto do marido, Morgana tentou afastar aquelas lembranças angustiantes.

— Só o irmão Lewis sabia da existência de uma passagem secreta. E Lindsey logo foi informado por Garth, que lhe entregou a planta detalhada dos túneis. Eu estava tranqüilo porque nunca pensei que você corresse perigo na segurança de seu quarto. Tratei-a como uma prisioneira apenas para garantir sua proteção.

— E continuo sendo sua prisioneira, querido.



CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Engana-se, amor. — Ranulf beijou a testa da esposa. — O prisioneiro sou eu e só me libertarei desse cativeiro quando morrer. Desista de livrar-se de mim.

— E acha que tentarei? Se eu o perdesse, você levaria metade de minha vida.

— E eu...

O som estridente dos clarins interrompeu a magia daquele momento, tão raro e precioso. Eles se apoiaram no parapeito, procurando a distância o visitante inesperado. Para surpresa dos dois, uma comitiva luxuosa aproximava-se pela estrada do leste e os estandartes dourados indicavam a presença do rei.

— Edward veio verificar a situação do casamento que realizou contra a vontade dos noivos — disse Morgana, maliciosa — Com certeza, quer saber se ainda estamos vivos ou se já nos matamos!

— Ele nem imagina a surpresa que o espera. Se corrermos para o quarto, ainda teremos tempo para alguns beijos antes de a comitiva chegar aos portões do castelo.

A comitiva real entrou no Castelo de Griffin quarenta minutos depois de ser vista pelo casal. Morgana e Ranulf, corados e com um brilho inconfundível nos olhos, receberam Edward com a alegria dedicada a um amigo, não a um rei. E ele não precisou mais do que um olhar para constatar o sucesso de seu plano.

Liderados pelos senhores de Griffin, todos os habitantes do castelo ajoelharam-se diante do rei. A aparência majestosa de Edward, realçada por trajes requintados e jóias magníficas, causava sempre um impacto inesquecível em seus súditos.

— Nós não pretendíamos visitar Gales antes do final do ano, mas a curiosidade nos obrigou a mudar os planos. À primeira vista podemos perceber que a união da Rosa Branca de Orkney à ruiva flor de Gales produziu resultados excelentes.

— Sem dúvida, majestade. — Morgana continuava irreverente diante do rei. — Se tivesse seguido seus planos e chegado sete meses mais tarde encontraria um resultado mais... visível!

Atônito, Ranulf fitou a esposa, que enrubescceu depois de revelar seu segredo.

— Sete... Então... Deus do céu, Morgana! Por que não me disse nada?

— Bem... eu quis ter certeza e achei que a festa da colheita seria a ocasião ideal para contar-lhe.

Esquecendo-se da presença do rei, Ranulf tomou a esposa nos braços, abraçando-a com ardor. Então, soltou-a subitamente, segurando-a como se tivesse uma frágil peça de porcelana nas suas rudes mãos de guerreiro.

— Realmente! — A alegria de Ranulf contagiou Edward.

— É preciso reconhecer nosso talento em escolher parceiros ideais para casamentos bem-sucedidos. Por acaso, há algum outro cavaleiro que necessite de nossa ajuda?

Morgana fitou o marido antes de tomar a iniciativa de dirigir-se ao rei.



— Creio que vossa intervenção seja importante sempre, mas temos um problema recente e ainda não foi possível resolvê-lo. A fortaleza de Lindsey está em ruínas e desprovida de um senhor. Precisa ser reconstruída e entregue a um cavaleiro com autoridade e força para mantê-la.

Aproveitando a oportunidade proporcionada pelo pedido de Morgana, Ranulf também se manifestou.

— Sir Desmond e a dama de companhia de minha esposa formariam um casal perfeito e talvez eu não tenha o vosso talento para convencê-los de que foram feitos um para o outro. Como aconteceu conosco, eles também ainda não descobriram que seriam felizes juntos.

— Ah! Nada nos agrada tanto como realizar um casamento feliz. — Edward abraçou Morgana e, depois, colocou o braço sobre os ombros de Ranulf. — Quanto ao outro problema, doaremos a fortaleza de Lindsey e as propriedades que lhe devem vassalagem ao Castelo de Griffin e seus herdeiros. Como senhores, cabe a vocês escolherem o cavaleiro que indicarão para ser o castelão.

A expressão de Edward indicava que ele continuava a arquitetar planos inesperados e surpreendentes.

— Ainda nos resta decidir qual será o presente de casamento que não tivemos tempo de oferecer na época certa, devido à pressa excessiva... dos noivos! Nós gostaríamos que cada um de vocês confesse seu maior desejo e prometemos concedê-lo.

O primeiro a manifestar-se foi Ranulf, que abraçou mais fortemente a esposa antes de expressar seu pedido.

— A aldeia sofreu muitos danos com o ataque de Lindsey ao castelo e teria de ser restaurada. Se nos auxiliar a reconstruí-la, será o suficiente. Eu tenho tudo o que desejo, não preciso de nada para aumentar minha felicidade.

Ranulf imaginava que sua esposa fosse demonstrar submissão, respeitando a decisão do marido, sem pedir nada além da ajuda financeira. Como sempre, Morgana surpreendeu-o com sua ousadia ao enfrentar o rei.

De acordo com os costumes de Gales, o filho que logo nascerá seria o herdeiro do castelo, ocupando uma posição superior à do pai. Por ser um simples cavaleiro, sem títulos ou propriedades, ele continuaria sendo apenas o consorte, sem poder de decisão.

— Eu tenho um outro pedido a fazer, majestade. O meu marido é o senhor do Castelo de Griffin, pois o governa com sabedoria e justiça. Infelizmente, esse título não lhe pertence por direito e eu gostaria de regularizar a situação.

— Nós temos uma idéia ainda mais interessante! — O sorriso radiante de Edward revelava o quanto o alegrava o pedido de Morgana.

Com um gesto autoritário, ele chamou seu secretário, que se aproximou com um pergaminho lacrado com o sinete real.

CLR - A Senhora das Rosas - Marianne Willman

— Sir Dyllis, lady Winifred e todos os homens e mulheres do castelo devem aproximar-se. Quero que saúdem o conde e a condessa de Grifyth.

Os olhos de Morgana encheram-se de lágrimas. Alegrava-se com a atitude do rei, que reconhecia o valor de Ranulf e lhe concedia um título de nobreza. No entanto, sua emoção mais intensa nascia da restauração da dignidade de sua família.

Edward IV devolvia a Morgana de Griffin e a seus vassalos e senhores menores o título e o nome céltico que lhes fora retirado por Edward I, havia mais de trezentos anos.

Sir Dyllis e lady Winifred foram os primeiros a se curvar diante dos novos condes de Griffyth. Seus olhos também brilhavam de lágrimas contidas e não escondiam a felicidade de testemunharem a restauração da lendária linhagem de guerreiros celtas.

Uma hora mais tarde, Morgana e Ranulf voltaram a seu refúgio na torre, aproveitando o período de repouso de Edward. Lado a lado, eles fitavam as terras que agora os uniriam ainda mais.

Ranulf lia os pensamentos da esposa, transparentes como as águas do mar de Gales. Ele enfrentara o casamento com o estado de espírito de um homem condenado à prisão perpétua e tinha agido como se estivesse dirigindo uma campanha militar. Morgana o enfeitiçara, e com sua doçura abria-lhe as portas de um mundo de amor que não sonhava existir.

Ela também reconhecia como dificultara a descoberta do amor com seu orgulho insensato. Tinha lutado contra o casamento desde o primeiro dia, acreditando que perderia tudo sem nada receber além de um marido indesejável. E o destino, caprichoso e indecifrável, colocara em suas mãos um tesouro de paixão, ternura e infinita felicidade. A jóia mais brilhante seria sempre o "Cavaleiro Dourado", seu presente divino.

Duas partes de uma rara moeda, duas metades perfeitas de uma valiosa obra de arte, duas peças límpidas de um cristal precioso finalmente tinham unidas e o resultado fora o retrato da essência do amor!

Fim

